

FLÁVIA SANTOS MARTINS

**VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO  
NA FALA DOS HABITANTES DO ALTO SOLIMÕES  
(AMAZONAS)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Izete Lehmkuhl Coelho

Coorientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luíza de Carvalho Cruz-Cardoso

Florianópolis – Santa Catarina  
2013

FLÁVIA SANTOS MARTINS

**VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO  
NA FALA DOS HABITANTES DO ALTO SOLIMÕES  
(AMAZONAS)**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do Título de DOUTOR EM LINGUÍSTICA e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de dezembro de 2013.

**Membros da Banca de Defesa de Tese**

---

Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (Universidade Federal de Santa Catarina)- orientadora

---

Profa. Dra. Maria Luíza Cruz- Cardoso (Universidade Federal do Amazonas)-coorientadora

---

Profa. Dra. Sílvia Figueiredo Brandão (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

---

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

---

Prof. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott (Universidade Federal do Amazonas/ Universidade Federal de Santa Catarina)

---

Prof. Dr. Paulino Vandresen (Universidade Federal de Santa Catarina)

---

Prof. Dra. Sueli Costa (Instituto Federal de Santa Catarina)

A Sebastiana dos Santos Carvalho e Francisco das Chagas Martins (meus pais). A Fabiana Santos Martins, Ingrid Santos Martins e Flávio Santos Martins (meus irmãos). À dona Nega (minha vó, *in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda a experiência que já me permitiu adquirir em minha vida.

A minha família que em toda minha formação acadêmica esteve sempre de perto dando o apoio necessário, direta ou indiretamente, ao compreender “minhas” escolhas.

Aos amigos que Deus permite que encontremos durante nossa vida.

À Universidade Federal do Amazonas, ao Colegiado e aos alunos do Curso de Letras-Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola (INC-Benjamin Constant) pelo apoio na realização deste doutorado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas pela concessão de bolsa de estudos durante nove meses.

À Universidade Federal de Santa Catarina pela realização do Doutorado Interinstitucional em Linguística com a Universidade Federal do Amazonas.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC pelas contribuições no curso de Doutorado.

À Izete Lehmkuhl Coelho, minha orientadora, e Maria Luíza Carvalho Cruz-Cardoso, minha coorientadora, por toda contribuição não só na minha formação acadêmica, mas enquanto ser humano.

Aos informantes entrevistados nesta pesquisa que não só nos permitiram conhecer sua fala, mas, sobretudo, compartilharam suas experiências de vida durante o tempo que dispuseram para conversar comigo. E também às pessoas que me ajudaram a chegar a esses informantes em cada cidade que investiguei.

À Banca Examinadora pela disponibilidade em ler meu texto e, conseqüentemente, em contribuir na melhoria dele.

“Tudo posso Naquele que me fortalece”  
(Filipenses 4, 13)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar o fenômeno da *concordância nominal de número* no falar dos habitantes do alto Solimões a fim de contribuir para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras através de um registro sistematizado do falar amazonense, à luz da Teoria da Variação e Mudança e da Dialetoлогия Pluridimensional. A fim de entendermos o funcionamento do objeto em estudo controlamos, nesta pesquisa, as seguintes variáveis independentes linguísticas: *posição em relação ao núcleo/núcleo, posição linear, classe gramatical, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, marcas precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente e características dos itens lexicais*; e as seguintes variáveis independentes extralinguísticas: *idade, escolaridade, sexo/gênero, diatopia, ocupação, mobilidade e localismo*. Quanto à amostra, foram entrevistados 57 informantes em cinco das nove localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa). Foram transcritos das entrevistas um total de 4.458 SNs plurais dos cinco municípios investigados, resultando, após a devida categorização de cada elemento do SN, em um total de 7.270 dados submetidos ao programa estatístico Goldvarb 2001. Desses dados, 4.264 foram da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 58% dos dados, e 3006 foram da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 42% dos dados. Quanto às variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas, considerando a rodada estatística sem a variável *classe gramatical*, todas se mostraram significativas na regra de funcionamento da *concordância nominal de número* na microrregião do alto Solimões. Também foram realizadas rodadas estatísticas para cada cidade investigada, mostrando que a maioria delas, de maneira geral, apresentam os mesmos efeitos restritivos, principalmente no que diz respeito às variáveis independentes linguísticas. Elas se diferenciam mais quanto à hierarquia de atuação dos fatores de cada variável. Esperamos com esta pesquisa ter mostrado como é realizada a *concordância nominal de número* na fala dos amazonenses entrevistados, assim como ter evidenciado a partir da análise das variáveis independentes quais delas condicionam o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Dialetoлогия Pluridimensional. Concordância Nominal de Número. Alto Solimões.

## ABSTRACT

This research had as main objective to investigate the phenomenon of *nominal number agreement* in alto Solimões inhabitants' speech in order to contribute to the knowledge on Brazilian dialect areas through a systematic record of the Amazon speech, according to the Theory of Variation and Change and to the Pluridimensional Dialectology. In order to understand the functioning of the object studied, we controlled in this research the following linguistic independent variables: *position relative to the core/core, linear position, grammatical class, morphophonological processes of plural formation and stress of lexical items, previous marks, phonetic/phonological subsequent context and lexical items characteristics*; and the following extralinguistic independent variables: *age, education, sex, diatopy, occupation, mobility and localism*. Regarding the sample, 57 informants were interviewed in five of the nine localities belonging to the alto Solimões micro-region (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaf e Fonte Boa). A total of 4.458 plural Noun Phrases (NPs) were transcribed from the interviews in the five municipalities investigated, resulting, after proper categorization of each element in the NP, a total of 7.270 data submitted to Goldvarb 2001 statistical program. Among these data, 4.264 were the variant "presence of formal/informal plural marks", corresponding to 58% of the data, and 3.006 were the variant "absence of formal/informal plural marks", corresponding to 42% of the data. In regard to the linguistic and extralinguistic independent variables controlled, considering the statistical round without *grammatical class* variable, all variables were statistically significant at the operating rule of nominal number agreement in alto Solimões micro-region. Statistical rounds for each municipality investigated were also carried out, what showed that most of them, in general, have the same restrictive effects, especially with regard to the linguistic independent variables. They differ more on the hierarchy of action of the factors of each variable. We hope this research have shown how it is made the nominal number agreement in the speech of amazon people interviewed, as well as having evidenced, from the analysis of the independent variables, which of them condition the use of the variant "presence of formal/informal plural marks".

**Keywords:** Sociolinguistics. Nominal Number Agreement. Alto Solimões.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

<b>Figura 1-</b> Frequência de uso das variantes da <i>concordância nominal de número</i> em alguns trabalhos realizados no Brasil	76
<b>Figura 2-</b> Forma de onda, espectrograma com indicação das regiões de maior concentração de frequências que correspondem as consoantes fricativas alveolar, alveopalatal e labiodental	84
<b>Figura 3-</b> Exemplo de SN (JT 003 AF)	84
<b>Figura 4-</b> Exemplo de SN excluído dos dados- FB 001 BM	85
<b>Figura 5-</b> Mapa da divisão em mesorregião no Amazonas	89
<b>Figura 6-</b> Mapa da divisão em microrregiões no Amazonas	90
<b>Figura 7-</b> Mapa da Microrregião do alto Solimões	91
<b>Figura 8-</b> Mapa de São Paulo de Olivença	92
<b>Figura 9-</b> Foto da praça principal da cidade (Igreja São Paulo Apóstolo)	95
<b>Figura 10-</b> Mapa de Santo Antônio do Içá	97
<b>Figura 11-</b> Praça da cidade (Igreja de Santo Antônio)	100
<b>Figura 12-</b> Mapa de Tonantins	103
<b>Figura 13-</b> Praça principal da cidade, Colégio São Francisco e Igreja de São Pedro Apóstolo	106
<b>Figura 14-</b> Porto de Tonantins	111
<b>Figura 15-</b> Mapa de Jutai	112
<b>Figura 16-</b> Praça Principal da cidade (Igreja de São José)	118
<b>Figura 17-</b> Mapa de Fonte Boa	119
<b>Figura 18-</b> Vista aérea de Fonte Boa	121
<b>Figura 19-</b> Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural” na microrregião do alto Solimões (Amazonas)	163

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

<b>Quadro 1-</b> Alguns trabalhos realizados no Brasil sobre a variação na <i>concordância nominal de número</i>	38
<b>Quadro 2-</b> Estratificação social dos informantes da microrregião do alto Solimões	81
<b>Quadro 3-</b> Legenda dos informantes por localidade	81
<b>Quadro 4-</b> Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 001 AF	93
<b>Quadro 5-</b> Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 001 AF	94
<b>Quadro 6-</b> Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 002 AM	95
<b>Quadro 7-</b> Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 002 BF	96
<b>Quadro 8-</b> Trecho da entrevista realizada em STO da informante 001 BM	98
<b>Quadro 9-</b> Trecho da entrevista realizada em STO da informante 001 BM	99
<b>Quadro 10-</b> Trecho da entrevista realizada em STO da informante 001 BM	100
<b>Quadro 11-</b> Trecho da entrevista realizada em STO da informante 002 AF	101
<b>Quadro 12-</b> Trecho da entrevista realizada em STO da informante 002 BF	102
<b>Quadro 13-</b> Trecho da entrevista realizada em TNT do informante 003 BM	103
<b>Quadro 14-</b> Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 002 BF	104
<b>Quadro 15-</b> Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 001 AF e 002 AM	107
<b>Quadro 16-</b> Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 001 BF e 002 AF	109
<b>Quadro 17-</b> Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 003 BF	109
<b>Quadro 18-</b> Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 003 BF	111
<b>Quadro 19-</b> Trecho da entrevista realizada em JT da informante 003 AF	113
<b>Quadro 20-</b> Trecho da entrevista realizada em JT da informante 001 BF e 003 AM	114
<b>Quadro 21-</b> Trecho da entrevista realizada em JT da informante 002 BF	116
<b>Quadro 22-</b> Trecho da entrevista realizada em JT da informante 003 AF	118

<b>Quadro 23-</b> Trecho da entrevista realizada em FB da informante 003 BF	120
<b>Quadro 24-</b> Trecho da entrevista realizada em FB da informante 001 BF	122
<b>Quadro 25</b> – Grupo de fatores da variável <i>posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo</i>	126
<b>Quadro 26</b> – Grupo de fatores da variável <i>posição linear ocupada no SN</i>	126
<b>Quadro 27</b> – Grupo de fatores da variável <i>classe gramatical</i>	127
<b>Quadro 28</b> – Grupo de fatores da variável <i>marcas precedentes</i>	128
<b>Quadro 29</b> - Grupo de fatores da variável <i>processos morfofonológicos da formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</i>	129
<b>Quadro 30-</b> Grupo de fatores da variável <i>contexto fonético-fonológico subsequente</i>	130
<b>Quadro 31-</b> Grupo de fatores da variável <i>características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)</i>	132
<b>Quadro 32-</b> Grupo de fatores da variável <i>ocupação</i>	135
<b>Quadro 33-</b> Exemplos do grau <i>mobilidade</i> dos informantes pertencentes à microrregião do alto Solimões	137
<b>Quadro 34-</b> Exemplos do sentimento de pertencimento ( <i>localismo</i> ) dos informantes da microrregião do alto Solimões	137
<b>Quadro 35-</b> Exemplos de SNs produzidos por informantes da microrregião do alto Solimões	144
<b>Quadro 36-</b> Exemplos de SNs produzidos por informantes da microrregião do alto Solimões	145
<b>Quadro 37-</b> Exemplos SNs de três ou mais elementos produzidos por informantes da microrregião do alto Solimões	153
<b>Quadro 38-</b> Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 003 AF	167
<b>Quadro 39-</b> Trechos das entrevistas realizadas em JT com os informantes 001 BM e 002 BF	168
<b>Quadro 40-</b> Trechos das entrevistas realizadas na microrregião do alto Solimões (Amazonas)	173
<b>Quadro 41-</b> Comparação da ordem de seleção estatística das variáveis controladas entre os municípios da microrregião do alto Solimões	182

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)

<b>Gráfico 1-</b> Distribuição da variável dependente <i>concordância nominal de número</i> na microrregião do alto Solimões (Amazonas)	139
<b>Gráfico 2-</b> Efeito da variável <i>posição em relação ao núcleo/núcleo</i> em SPO, JT, STO, FB e TNT	210
<b>Gráfico 3-</b> Efeito da variável <i>processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</i> (formas irregulares) em SPO, JT, STO, FB e TNT	211
<b>Gráfico 4-</b> Efeito da variável <i>processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</i> (formas regulares) em SPO, JT, STO, FB e TNT	212
<b>Gráfico 5-</b> Efeito da variável <i>marcas precedentes</i> em SPO, JT, STO, FB e TNT	213
<b>Gráfico 6-</b> Efeito da variável <i>ocupação</i> em SPO, JT, STO e TNT	214
<b>Gráfico 7-</b> Efeito da variável <i>mobilidade</i> em SPO, JT, STO e TNT	215
<b>Gráfico 8-</b> Efeito da variável <i>idade</i> em JT, STO e TNT	216
<b>Gráfico 9-</b> Efeito da variável <i>sexo/gênero</i> em JT, FB e TNT	217

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES (TABELAS)

<b>Tabela 1-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo</i>	141
<b>Tabela 2-</b> Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis <i>posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo e posição linear</i>	142
<b>Tabela 3-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>posição linear</i>	143
<b>Tabela 4-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</i>	146
<b>Tabela 5-</b> Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis <i>processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais e escolaridade</i>	148
<b>Tabela 6-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>marcas precedentes</i>	150
<b>Tabela 7-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>contexto fonético-fonológico subsequente</i>	154
<b>Tabela 8-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>contexto fonético-fonológico subsequente</i>	155
<b>Tabela 9-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>contexto fonético-fonológico subsequente</i>	156
<b>Tabela 10-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)</i>	158
<b>Tabela 11-</b> Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis <i>características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos) e escolaridade</i>	159
<b>Tabela 12-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável <i>escolaridade</i>	161
<b>Tabela 13-</b> Frequência da variante “presença de marcas	161

formais/informais de plural”, segundo as variáveis *escolaridade e sexo/gênero*

**Tabela 14-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *escolaridade e ocupação* 162

**Tabela 15-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *diatopia* 163

**Tabela 16-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais de plural”, segundo as variáveis *mobilidade* 166

**Tabela 17-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *idade* 169

**Tabela 18-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *idade e sexo/gênero* 170

**Tabela 19-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *localismo* 171

**Tabela 20-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *localismo e mobilidade* 172

**Tabela 21-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *ocupação* 174

**Tabela 22-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *ocupação e sexo/gênero* 175

**Tabela 23-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *ocupação e idade* 176

**Tabela 24-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *sexo/gênero* 177

**Tabela 25-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *sexo/gênero e escolaridade* 178

**Tabela 26-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *sexo/gênero e ocupação* 178

**Tabela 27-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de SPO, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes 184

<b>Tabela 28-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de SPO, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes	186
<b>Tabela 29-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de JT, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes	188
<b>Tabela 30-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de JT, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes	191
<b>Tabela 31-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de STO, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes	193
<b>Tabela 32-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de STO, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes	196
<b>Tabela 33-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de FB, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes	199
<b>Tabela 34-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de FB, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes	202
<b>Tabela 35-</b> Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural” em FB, segundo as variáveis <i>sexo/gênero e ocupação</i>	203
<b>Tabela 36-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de TNT, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes	204
<b>Tabela 37-</b> Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de TNT, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes	207

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b>	19
<b>1.1 Teoria da Variação e mudança</b>	19
1.1.1 A língua como um sistema heterogêneo	19
1.1.2 A importância dos fatores externos	24
1.1.3 Axiomas metodológicos da Teoria da Variação e Mudança	33
<b>1.2 A Dialectologia Pluridimensional</b>	34
<b>1.3 Sobre a variação na concordância nominal de número</b>	37
1.3.1 Síntese	75
<b>1.4 Objetivos, questões e hipóteses</b>	77
1.4.1 Objetivo geral	77
1.4.2 Objetivos específicos	78
1.4.3 Principais questões	78
1.4.4 Principais hipóteses	78
<b>1.5 Síntese</b>	79
<b>CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b>	80
<b>2.1 A pesquisa de campo</b>	80
2.1.1 Perfil dos Informantes	80
2.1.2 As entrevistas	82
2.1.3 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo	83
2.1.4 As localidades	86
2.1.4.1 Perfil sócio-histórico das cidades pertencentes à microrregião do alto Solimões (Amazonas)	88
2.1.4.1.1 O Amazonas e sua divisão político-administrativa	88
2.1.4.1.2 São Paulo de Olivença	92
2.1.4.1.3 Santo Antônio do Içá	97
2.1.4.1.4 Tonantins	103
2.1.4.1.5 Jutáí	112
2.1.4.1.6 Fonte Boa	119
<b>2.2 A variável dependente e as variáveis independentes</b>	123
2.2.1 Grupo de fatores linguísticos	123
2.2.1.1 Relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e a posição dos elementos nucleares no SN, posição linear e classe gramatical	124

2.2.1.2	Marcas precedentes	127
2.2.1.3	Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidades dos itens lexicais	129
2.2.1.4	Contexto fonético-fonológico subsequente	130
2.2.1.5	Características lexicais dos substantivos e adjetivos (diminutivo/aumentativo/normal)	131
2.2.2	Grupo de fatores extralinguísticos	132
2.2.2.1	Idade	132
2.2.2.2	Escolaridade	133
2.2.2.3	Sexo/gênero	133
2.2.2.4	Ocupação	134
2.2.2.5	Diatopia	136
2.2.2.6	Redes sociais	136
<b>2.3</b>	<b>Síntese</b>	138
<b>CAPÍTULO 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>		139
<b>3.1</b>	<b>A variação da concordância nominal de número no alto Solimões</b>	139
3.1.1	As variáveis independentes linguísticas	141
3.1.1.1	Posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/ núcleo e posição linear	141
3.1.1.2	Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais	146
3.1.1.3	Marcas precedentes	150
3.1.1.4	Contexto fonético-fonológico subsequente	154
3.1.1.5	Características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)	158
3.1.2	As variáveis independentes extralinguísticas	160
3.1.2.1	Escolaridade	160
3.1.2.2	Diatopia	162
3.1.2.3	Mobilidade	165
3.1.2.4	Idade	169
3.1.2.5	Localismo	171
3.1.2.6	Ocupação	174
3.1.2.7	Sexo/gênero	177
3.1.3	Reflexões sobre os resultados da análise da <i>concordância nominal de número</i> na microrregião do alto Solimões	179
<b>3.2</b>	<b>Variação na concordância nominal de número por localidade</b>	181
3.2.1	São Paulo de Olivença	183
3.2.2	Jutaí	188
3.2.3	Santo Antônio do Içá	193

3.2.4 Fonte Boa	198
3.2.5 Tonantins	203
3.2.6 Reflexões sobre os resultados da análise da <i>concordância nominal de número</i> por localidade	209
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	219
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	224
<b>ANEXOS</b>	231



## INTRODUÇÃO

Desde meados do século XX, estudos sobre a língua têm evidenciado seu caráter social e heterogêneo, seja através da elaboração de atlas linguísticos ou de outros estudos de descrição linguística a partir da observação empírica de dados. Esses estudos estão conseguindo evidenciar a sistematicidade que rege a fala que, a princípio, era vista como aleatória, na concepção estruturalista.

No Brasil, especificamente, já existem inúmeros trabalhos que atestam a variabilidade sistemática do português nos vários níveis de análise: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico e discursivo. Mas sabemos que há muito o que se fazer, pois ainda existem localidades que precisam ser investigadas a fim de contribuir para o conhecimento da estrutura e também da evolução da língua portuguesa falada e escrita no Brasil.

No Amazonas, por exemplo, ainda conhecemos pouco sobre as peculiaridades da fala dos moradores desse Estado. Para citar, já temos conhecimento, principalmente, de características fonético/fonológicas e semântico-lexicais dos falares de moradores de algumas cidades, através de estudos sociolinguísticos como o de Sandra Campos (2009) e de estudos dialetológicos, como o de Hydelvídea Corrêa em 1980, o de Maria Luíza Cruz em 2004 que resultou na elaboração do Atlas Linguístico do Amazonas (doravante ALAM) e o de outros trabalhos (iniciação científica, dissertações). Também encontramos um trabalho de cunho morfológico de Germano Martins (2010) que investiga a alternância dos pronomes “tu e você” numa cidade do interior do Amazonas.

Como observamos, ainda faltam estudos que levem em consideração outros níveis de análise da língua. Dessa forma, com o objetivo de conhecer um pouco mais essa região pouco explorada do ponto de vista linguístico, procuramos nesta pesquisa investigar um fenômeno morfossintático que já vem sendo estudado por vários pesquisadores no Brasil (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; CAMPOS e RODRIGUES, 2002, entre outros) e que também já foi investigado por esta pesquisadora, em 2010, na cidade de Benjamin Constant (AM), utilizando dados provenientes do ALAM: a *concordância nominal de número*.

A gramática normativa trata esse fenômeno como regra categórica, já que prescreve para o português padrão que os adjetivos, pronomes, artigos e numerais devem concordar em gênero e número com os substantivos aos quais se referem.

Os pesquisadores, porém, têm evidenciado que a *concordância nominal de número* trata-se de um fenômeno variável no português do Brasil, tendo em vista que existe mais de uma maneira de se referir a sintagmas nominais que denotam pluralidade: com “presença de marcas formais” em todos os itens lexicais flexionáveis (“As casas bonitas”) ou “com ausência de marcas formais” em alguns itens lexicais flexionáveis (“As casas bonitaØ”; “As casaØ bonitaØ”). Evidenciam também que essa variação não é aleatória, há condicionadores a regendo, por exemplo: há uma tendência a *elementos não nucleares antepostos* favorecerem o uso da variante “presença de marcas formais de plural” e a de *núcleos e elementos não nucleares pospostos* favorecerem o uso da variante “ausência de marcas formais de plural”.

Ressaltamos que o uso variável da *concordância nominal de número* já é exposto em alguns livros didáticos de Língua Portuguesa no Brasil, mas encontramos uma certa rejeição para o uso de uma das variantes, pelo menos na escrita, “a ausência de marcas formais de plural”. Um exemplo claro disso foi a polêmica ocorrida em 2011 a respeito de um desses livros didáticos. Os falantes da língua ao observarem essa variante exposta na escrita declararam que estavam ensinando o aluno a falar errado.

Para investigar esta variável, *concordância nominal de número*, na fala dos moradores do Estado do Amazonas à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística e da Dialectologia Pluridimensional, ampliamos a investigação realizada em 2010 na cidade de Benjamin Constant pertencente à microrregião do alto Solimões, selecionando um maior número de cidades pertencentes a essa microrregião (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa). Foram realizadas no total 57 entrevistas. Os informantes foram estratificados da seguinte forma: um homem e uma mulher, na faixa etária de: 18 a 35 anos de idade, 36 a 55 anos de idade e 56 anos em diante, controlando dois níveis de escolaridade: de quatro a oito anos e de nove a onze anos. Vale lembrar que a escolha dessa área de investigação também está relacionada a uma área de mais facilidade de acesso por parte desta pesquisadora, uma vez que reside nessa região em função do trabalho: Universidade Federal do Amazonas, *campi* localizado na cidade de Benjamin Constant.

Para análise do fenômeno controlamos variáveis independentes que já mostraram atuar de maneira significativa em dados de fala de outros Estados do Brasil a fim de verificar se atuam ou não da mesma forma nos dados de fala aqui investigados e também outras variáveis independentes que ainda não foram observadas nesse fenômeno

específico, mas que se mostraram importantes em outros fenômenos variáveis correlacionados.

No nível linguístico controlamos: *posição em relação ao núcleo/núcleo, classe gramatical, marcas precedentes, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, contexto fonético-fonológico subsequente e características dos itens lexicais*. No nível extralinguístico: *idade, escolaridade, sexo, ocupação, diatopia, mobilidade e localismo* (redes sociais). Ressaltamos que utilizamos o programa Goldvarb 2001 para realizar essa análise.

Esta tese está organizada em três capítulos que nos ajudarão a entender a pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que adotamos nesta pesquisa: Teoria da Variação e Mudança Linguística e Dialetoлогия Pluridimensional; delimitamos o fenômeno aqui investigado através de uma breve revisão bibliográfica de alguns trabalhos realizados sobre ele no Brasil: Scherre (1988), Fernandes (1996), R. Carvalho (1997), H. Carvalho (1997), Lopes (2001), Campos e Rodrigues (2002), Baxter (2009), Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkál (2009), Santos (2010), F. Martins (2010), Silva (2011), Brandão (2011) e Castro e Pereira (2012). A partir dessa revisão, foi possível definirmos nossos objetivos, elaborarmos questões e hipóteses que se encontram ao final dessa primeira parte do texto.

No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos desta pesquisa: o perfil social dos informantes que foram entrevistados, o caráter das entrevistas, o tratamento do áudio, a transcrição dos dados, o suporte quantitativo e a descrição sócio-histórica das localidades investigadas. E ao término dele, apresentamos, caracterizamos e levantamos hipóteses para cada variável independente que foi controlada para análise da *concordância nominal de número* nesta pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos resultados que estão subdivididas em duas partes: na primeira seção, mostramos as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que se mostraram estatisticamente relevantes no uso da variante “presença de marcas formais de plural” na microrregião do alto Solimões (AM) e, na segunda seção, verificamos se são as mesmas variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que atuam em cada localidade investigada.

Enfim, com a realização desta pesquisa espera-se ter conhecido uma parte do aspecto da variedade linguística das cidades de São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa,

pertencentes à microrregião do alto Solimões (Amazonas), contribuindo, assim, de maneira geral, para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras e, especificamente, para o entendimento das regras que regem a variação na *concordância nominal de número* nos sintagmas nominais.

# CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo está subdividido em quatro seções. Na primeira, trataremos dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança que adotamos para discutir a variável dependente aqui sob investigação, *concordância nominal de número*. Na segunda, discorreremos sobre a Dialetoлогия Pluridimensional, já que nos apoiará nesta investigação através do mapeamento do fenômeno em estudo. Na terceira seção, observaremos alguns trabalhos realizados sobre o português brasileiro (doravante PB), no que diz respeito ao objeto investigado nesta pesquisa, a fim de mostrar que se trata de um fenômeno variável regido por regras. E por fim, na quarta seção, apresentamos os objetivos, as questões e as hipóteses desta pesquisa.

## 1.1 Teoria da Variação e Mudança

Nesta seção, delimitaremos o estudo da língua de acordo com a visão da Sociolinguística Variacionista, mostrando a importância de considerar a língua como um fato social e como um sistema heterogêneo passível de sistematicidade. Elucidaremos também que a mudança linguística está correlacionada ao ordenamento das regras variáveis das línguas.

### 1.1.1 A língua como um sistema heterogêneo

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], doravante WLH) a fim de atestarem a língua como um sistema heterogêneo e, ao mesmo tempo, ordenado, apresentam fundamentos empíricos para uma nova perspectiva de estudo da linguagem. Eles fazem isso a partir de evidências de dados empíricos dos estudos realizados na geografia linguística, do estudo do contato entre línguas e dialetos e do estudo de variedades urbanas.

A partir desses estudos, WLH (2006 [1968]) conseguem observar a língua de fato como ela é, sem abstrações dedutivas (irrealistas). Também, segundo eles, “estes estudos empíricos têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo em que a escolha entre alternativas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social” (WLH, (2006 [1968]), p. 99).

Ainda, a observação dos dados empíricos levou os autores a proporem problemas a serem resolvidos no estudo da variação e da mudança linguística que levam em conta a variação sistemática das línguas que são: problema de restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e problema da implementação.

Quanto ao problema de restrição, WLH (2006 [1968]) discutem a necessidade de se observar nos estudos das línguas se podemos fazer generalizações a partir do conjunto de condições possíveis para mudança, isto é, dos grupos de fatores linguísticos e sociais que contribuem para possíveis mudanças. Para entendermos o funcionamento da variação na *concordância nominal de número* no falar dos moradores do alto Solimões (Amazonas) tentaremos observar esse problema ao controlarmos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que estão favorecendo ou restringindo a variação.

No que se refere ao problema do encaixamento, os autores propõem que as mudanças linguísticas sob investigação devem ser vistas tanto “encaixadas no sistema linguístico como um todo” (WLH, (2006 [1968]), p. 122), como encaixadas na estrutura social. Procuraremos observar esse problema nesta pesquisa correlacionando-o ao problema de restrições para entendermos o que pode estar levando ou não a uma possível mudança do fenômeno aqui em estudo.

Em relação ao problema da transição, os autores tentam observar como as mudanças passam de um componente da gramática a outro, de um estágio a outro, de uma comunidade a outra. Segundo eles, essas mudanças não são discretas. É importante observar os estágios intervenientes de uma possível mudança. Nesta pesquisa, observaremos, em especial, como as variantes da *concordância nominal de número* estão distribuídas no que diz respeito à faixa etária, pois isso poderá nos mostrar se os resultados encontrados apresentam um padrão curvilinear (variação estável) ou um padrão linear indicando se realmente as variantes estão em uma possível fase de mudança (conhecida como mudança em tempo aparente) caminhando para o desaparecimento ou não de uma das variantes.

Naro (2008) expõe duas posições a respeito do estudo da mudança em tempo aparente: a primeira rotulada como clássica e aceita pela maioria dos teóricos postula que “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável” (p. 44). Assim, a gramática do indivíduo não pode sofrer mudanças significativas, tendo em vista que o acesso “aos dispositivos cognitivos

que possibilitam a sua manipulação fica bloqueado” (p. 44). Qualquer provável mudança seria esporádica: troca de uma pronúncia por outra etc. Naro (2008) explica que sob a hipótese atual clássica,

o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada ‘gradação etária’. Ela corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real (p. 45).

A partir dessa posição teórica a relação entre mudança e idade tem o seguinte postulado: “o processo de mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias” (p. 46). A segunda posição teórica explica que o falante muda a sua língua com o passar dos anos. Assim, podemos encontrar, não necessariamente, mudança em progresso, mas um processo de variação estável revelado pelo padrão curvilíneo das faixas etárias (“os extremos -os jovens e os velhos- apresentam o mesmo comportamento, contrastando com o grupo de meia-idade”, p. 47). Naro (2008) explica essa hipótese a partir do estudo da variável {-ng} em Norwich, na Inglaterra. Os resultados mostram as realizações dentais em números mais altos em relação à realização velar da língua padrão. Segundo Naro (2008), o aumento da velar acontece no momento da vida em que

diminuem as pressões sociais do círculo imediato de amigos do adolescente e aumentam os contatos ditados por necessidade profissionais ao entrar efetivamente no mercado de trabalho. Nesta nova etapa da vida, os valores da sociedade começam a se impor e o círculo social se alarga com novos contatos. Finalmente, ao se retirar do mercado de trabalho quando da aposentadoria, as pressões da sociedade e do mercado deixam de agir (p. 47-48).

Enquanto a hipótese clássica prevê a estabilidade do sistema linguístico do falante, mas instabilidade da comunidade de fala com o passar do tempo, a segunda hipótese prevê mudança no sistema linguístico do indivíduo, mas não na comunidade, representando um padrão característico da estratificação por faixa etária que se repete em cada geração (HOCKETT, 1950 *apud* LABOV, 1994). Por exemplo, para a hipótese clássica, “daqui a vinte anos, os falantes de 70 anos de idade então estarão falando como os de 50 anos hoje, e não como os de 70 anos hoje” (p. 48). Já para a outra hipótese, “daqui a vinte anos, os falantes de 70 anos de idade terão o mesmo sistema que os de 70 anos hoje, apesar de terem que mudar os seus padrões linguísticos durante o intervalo de vinte anos entre os 50 e os 70 anos de idade” (p. 48).

Os postulados levantados pelas duas hipóteses expostas acima sobre a mudança em tempo aparente nos faz lembrar o que Labov (1994) chama a atenção para esse tipo de estudo. Para ele, deve-se olhar a gradação etária a partir de uma análise multivariada que leve em conta o efeito de outros fatores sociais. Por exemplo, no estudo da centralização do ditongo /aw/ na Filadélfia, os resultados levando em consideração o fator social *ocupação*, mostraram que os informantes da faixa etária de 30 a 39 anos apresentam um sistema consideravelmente mais avançado do que as faixas etárias de 15 a 29 anos e que os de 70 anos apresentam um rápido avanço em comparação com os grupos de 50 a 69 anos. Segundo Labov (1994), o grupo de 30 a 39 anos e 70 contêm os grupos ocupacionais que favorecem a mudança (correspondem ao grupo da classe trabalhadora considerada qualificada).

Dessa forma, nesta pesquisa, observaremos o processo de transição também quando constataremos o grau de correlação entre *faixa etária* e outras variáveis sociais, como *ocupação* e *redes sociais*. Segundo WLH (2006 [1968]), a mudança de uma forma para outra depende do prestígio social, pressão estrutural ou utilidade funcional.

No que tange ao problema da avaliação, os autores levantam a questão da importância do nível da consciência no processo de mudança linguística. Segundo eles,

correlatos subjetivos da mudança linguística são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação desse correlato aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo contínuo de mudança (WLH, 2006 [1968], p. 124).

É importante, assim, observar os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua. No que diz respeito ao fenômeno aqui em estudo, sabemos que uma das variantes parece ser estigmatizada, pelo menos, na escrita e no uso formal do PB, “ausência de marcas formais de plural no SN”.

Retomemos a questão sobre o livro didático anunciada na Introdução. Em 2011, no Brasil, houve uma polêmica em relação ao livro didático intitulado “Por uma vida melhor”, da coleção “Viver, aprender”, distribuída pelo Programa Nacional do Livro Didático do MEC, cuja autora expôs dados de uso da língua, mostrando a importância de considerá-la numa nova perspectiva já em discussão no Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa desde a década de 1990. Ao dizer que existe tanto a possibilidade de o falante usar “as meninaØ” e/ou “as meninas” dependendo da situação de uso, muitos falantes indignaram-se com essa afirmação expondo, dessa forma, a avaliação que fazem sobre o uso da variante “ausência de marcas formais de plural”, pelo menos, quando observam esse dado exposto na escrita. Isso pode ser observado, por exemplo, na afirmação explicitada no título da nota do portal IG: “Livro usado pelo MEC ensina aluno a falar errado”<sup>1</sup>, reportagem que gerou diversos desdobramentos.

Quanto ao problema da implementação, os autores levantam questões que dizem respeito a quais fatores pode se atribuir a mudança e por que ela ocorre numa língua em um determinado tempo e não em uma outra língua ou em um outro tempo. Não observaremos esse problema nesta pesquisa, já que a implementação provavelmente será melhor observada quando a mudança já estiver sido completada. Mas sabemos que esse problema se correlaciona com os outros, uma vez que observaremos grupos de fatores que podem estar restringindo a variação e outros que podem estar rompendo restrições, bem como o grau de correlação entre fatores internos e externos e também o grau de consciência social sobre o fenômeno aqui investigado, que podem nos indicar uma possível mudança em progresso (tempo aparente) ou não.

Enfim, pretendemos mostrar que a variação na *concordância nominal de número* não é caótica e que a mudança linguística em progresso, observada através do controle da *faixa etária*, que pode estar ocorrendo ou não, resulta de um sistema de variação sistemático. Ainda,

---

<sup>1</sup><http://poderonline.ig.com.br/index.php/2011/05/12/livro-usado-pelo-mec-ensina-aluno-a-falar-errado/>

que fatores sociais podem estar atuando de maneira significativa nesse processo: segundo Labov “[...] não se pode fazer nenhum avanço importante rumo ao entendimento do mecanismo da mudança linguística sem o estudo sério dos fatores sociais que motivam a evolução linguística” (2008, p. 291). Observaremos com mais detalhes as regras que regem o fenômeno em estudo no PB na Seção 1.3 deste capítulo.

A seguir, apresentaremos alguns resultados de pesquisas salientando a importância dos fatores externos no processo de variação e mudança de uma língua.

### 1.1.2 A importância dos fatores externos

Os estudos de Labov, desde a década de 1960, a partir da observação dos dados de fala mostram que fatores sociais também atuam fortemente sobre determinados fenômenos linguísticos em variação, principalmente sob fenômenos fonológicos, mostrando assim a sistematicidade da variação que existe nas línguas<sup>2</sup>. A seguir apresentaremos alguns dos fatores sociais discutidos por Labov (2008 [1972]) em suas pesquisas, assim como outros fatores sociais que se mostraram importantes em trabalhos sociolinguísticos, como as redes sociais (MILROY, 2004 [2002]).

Labov (2008 [1972]) procurou estudar a língua levando em consideração tanto sua estrutura quanto sua evolução dentro do contexto social da comunidade de fala. Antes, porém, de elucidar os fatores externos que se mostraram importantes em alguns estudos de Labov faz-se necessário entender o que ele define como comunidade de fala, já que é esse o foco do seu trabalho (não lhe interessa a variação no indivíduo). Para ele, uma comunidade de fala é definida tanto pelo compartilhamento das mesmas formas numa língua quanto pelo compartilhamento dos mesmos padrões normativos em relação a ela. No entanto, para Labov o mais importante para se delimitar uma comunidade de fala são os padrões normativos que os falantes compartilham em relação à língua que seriam homogêneos. Segundo ele, “os membros de uma comunidade de fala compartilham [...] um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real” (p. 225), ou seja, para

---

<sup>2</sup> WLH (2006 [1968]) também mostram a importância de se estudar as restrições linguísticas que podem estar regendo a sistematicidade da variação de um determinado fenômeno linguístico, como vimos no questionamento dos problemas empíricos para uma teoria da variação e mudança.

delimitar uma comunidade de fala o julgamento intuitivo sobre um determinado fenômeno é de suma importância, mas isso só é possível para variáveis que são percebidas conscientemente. Essa definição de comunidade de fala nos deixa com algumas dúvidas, pois por essa definição ainda não conseguimos estabelecer seus limites, já que a percepção dos falantes sobre determinados fenômenos linguísticos é difícil de medir (existem avaliações que estão abaixo do nível da consciência). Na tentativa de estudar a estrutura e a evolução da língua no contexto social da comunidade de fala, Labov acaba buscando a uniformidade de padrões abstratos de uso e acaba deixando de lado as especificidades.

Para Guy (2000), o modelo de comunidade de fala tem duas funções: i) fornecer “uma base fundamentada para explicar a distribuição social das semelhanças e diferenças, a razão porque certos traços linguísticos os distinguem de outros grupos” (p. 18); ii) fornecer “uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas)” (p. 18).

Ao tratar da comunidade de fala como modelo explicativo de semelhanças e diferenças, Guy (200) a define, assim, segundo as seguintes características: i) “características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela” (p. 18); ii) “densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele” (p. 18); iii) “normas compartilhadas, isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas” (p.18).

Para Guy (2000), é a primeira dessas características que organiza as semelhanças e as diferenças linguísticas no uso da língua. Segundo ele, “a participação como membro em uma comunidade de fala é definida por contraste, em função do uso de traços específicos da comunidade: usá-las mostra que você é um membro, e não os usar mostra que você é um intruso” (p. 18). Por exemplo, ser membro da comunidade de Filadélfia significa, segundo Guy (2000), em parte, usar a centralização do /ay/ em *fight*, realizar a fusão de *sure* e *shore*, vocalizar o /l/ em *dólar*, usar *anymore* em construções afirmativas e usar o complexo padrão de tensionamento do /a/. Segundo Guy (2000), o compartilhamento de características linguísticas de uma comunidade de

fala inclui também as restrições do processo de variação. Por exemplo, uma das diferenças fonológicas entre Nova Iorque e Filadélfia é o efeito do contexto *pausa seguinte* no apagamento de oclusivas coronais finais: “Na Filadélfia, em palavras como *west* e *bold* em posições anteriores à pausa, as oclusivas finais são preferencialmente mantidas, ao passo que em Nova Iorque elas são preferencialmente apagadas (*wel’, bol’*)” (p. 19). Guy (2000) ressalta ainda que apesar do valor do contexto diferir de uma comunidade de fala para outra, dentro da mesma comunidade os falantes são extremamente coerentes. Ressalta-se que esses efeitos restritivos podem ser universais ou definidos localmente para cada comunidade.

Guy (2000) explica ainda que a definição dos traços linguísticos compartilhados tem a ver com as outras duas características da comunidade de fala: a densidade de comunicação e as normas compartilhadas. Em relação à densidade de comunicação,

Uma densidade relativamente alta em um grupo significa que os falantes têm mais acesso e exposição aos usos linguísticos de outros membros do grupo. Logo, podem mais prontamente ouvir o que outros membros da comunidade estão fazendo com a linguagem, o que cria a possibilidade de adquirir deles certos traços linguísticos. Em contraste, o nível relativamente baixo de comunicação com não-membros torna menos provável que se adquiram usos de fora da comunidade de fala (GUY, 2000, p. 20).

Guy (2000) chama a atenção que só a mera exposição a um traço linguístico, no entanto, “não é suficiente [para] propiciar a acomodação e a aquisição do mesmo” (p. 20). Por exemplo, “os falantes de cidades fronteiriças do Canadá como Windsor e St. Catherine’s têm acesso imediato e maciço às comunidades de fala americanas de Detroit e Buffalo, muito maiores e mais poderosas economicamente, mas não mostram sinais de abandonar a maneira tipicamente canadense de falar” (p. 20-21). Assim, percebe-se que há também a questão das atitudes e vontades dos falantes: “os falantes QUEREM se acomodar a outros?” (p. 21, grifo do autor), terceira característica que define comunidade de fala para Guy (2000).

Sobre a segunda função de comunidade de fala, a de modelar a conexão entre idioleto e língua, Guy (2000) discute que esse modelo,

primeiro, postula que os falantes não variam aleatoriamente uns dos outros, ou ao menos não variam aleatoriamente em todos os tipos de variáveis. A participação em uma comunidade e o processo de acomodação garantem que muitos traços linguísticos serão mantidos em comum nessa comunidade. Segundo, o modelo de comunidade fornece uma base social e externa para investigar quem compartilha com quem que traço com quem (p. 21).

Por fim, segundo Guy (2000),

o modelo de comunidade de fala implica graus de semelhanças e diferenças, bem como distribuições concentradas, cruzadas ou sobrepostas de traços linguísticos compartilhados por falantes. Assim, uma comunidade de fala local, com características locais distintas, pode, no próximo nível ascendente, compartilhar características dialetais regionais, a seguir, pertencer a uma comunidade de fala nacional mais ampla e, finalmente, no nível mais alto, participar de uma comunidade internacional de falantes de uma mesma língua (p. 21).

Dessa forma, segundo Guy (2000), a preocupação dos sociolinguistas é entender como os efeitos das restrições variáveis se encaixam nesse processo e se a partir dos pesos relativos podem-se discernir padrões significativos ou interpretáveis.

Guy (2000), portanto, amplia o conceito delicado de comunidade de fala proposto por Labov e acrescenta, como vimos anteriormente, que, além dos membros de uma dada comunidade compartilharem normas de uso, eles têm que compartilhar características linguísticas e tem que haver uma densidade de comunicação interna relativamente alta. Nessa definição observamos que Guy chama atenção para as especificidades dos indivíduos, ou melhor, para as características particulares das comunidades de fala: sugere não só uma visão macro dos fenômenos sociais, mas uma visão micro, o que aproxima esse pesquisador do conceito de redes sociais já exploradas na sociolinguística como nos estudos de Milroy (2004 [2002]) e que achamos interessante explorar nesta pesquisa também.

Após essa breve discussão a respeito do estudo social de uma comunidade de fala, voltaremos agora as duas visões dos fatores sociais que pretendemos explorar nesta pesquisa e que se mostraram importantes na análise de um fenômeno linguístico: tanto uma visão macro, preocupada com a estratificação social dos indivíduos a fim de apreender os padrões de uso de uma comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]) quanto uma visão micro (MILROY, 2004 [2002]), observando a frequência de interação dos indivíduos.

Quanto à visão macro, Labov (2008 [1972]) em suas pesquisas mostrou que a observação de variáveis sociais como *idade*, *ocupação*, *classe social*, *formalidade do discurso* e *sexo* atuam de maneira significativa nos fenômenos linguísticos variáveis.

Na pesquisa realizada por ele, por exemplo, em Martha's Vineyard, Massachusetts, em 1962, foi constatado que a centralização dos ditongos /ay/ > [əi] e /aw/ > [əu] quanto à *faixa etária* era mais favorecida por informantes de 31 a 45 anos, faixa que se mostrava mais conservadora já que eles apresentavam um alto grau de pertencimento à ilha, avessos, portanto, à presença dos turistas. Os mais jovens, por quererem sair da ilha, centralizavam menos esses ditongos, revelando-se menos conservadores do falar local. A *ocupação* também foi um fator interessante já que os pescadores de um lugarejo chamado Chilmark, cujos moradores eram descendentes de ingleses, mostraram-se favorecer mais a centralização dos ditongos. Esses resultados evidenciam a questão da identidade e da atitude dos falantes perante à ilha. O estudo desse fenômeno revelou, assim, a importância da motivação social, já que a centralização dos ditongos mencionados estava correlacionada à história social da comunidade.

Numa outra pesquisa realizada por Labov, em Nova York, sobre a realização do /r/ em coda silábica que podia ser realizado com apagamento (variante conservadora) ou não (variante inovadora), o autor mostrou um resultado interessante quanto à variável *classe social*: os empregados da loja de classe média alta (*Sacks Fifth Avenue*) eram os que mais favoreciam a presença do /r/ nos contextos linguísticos investigados. Dessa forma, esse resultado evidenciou o *status* de prestígio da variante presença de /r/ em coda silábica e, mais uma vez, constatou a importância de se olhar para fatores externos à língua.

Labov (2008 [1972]), em outros trabalhos, também mostrou a importância da *escolaridade*, *formalidade do discurso* e *sexo*, como no estudo da pronúncia do {-ing} na fala de adultos nova-iorquinos brancos, cujas variantes são: “presença da velar final” *versus* “ausência

da velar final”. Seus resultados constataram que a velar era mais apagada na fala menos monitorada, o que ele chama de *estilo casual*, independente da classe social do informante (embora com mais frequência na fala da classe baixa). E as mulheres, na forma monitorada, usam mais presença da velar (forma menos estigmatizada) que os homens, mostrando que são mais sensíveis que eles ao padrão de prestígio. É importante lembrar que o conservadorismo no uso de uma determinada forma linguística é dependente da organização social de cada comunidade de fala (PAIVA, 2008).

O controle desses fatores na investigação de um fenômeno variável tem-se mostrado importante não só na investigação de fenômenos fonético-fonológicos, como na de fenômenos morfossintáticos como é o caso da *concordância nominal de número*.

Quanto à visão micro das variáveis sociais, Milroy (2004 [2002]) salienta a importância de olhar as relações individuais cotidianas num trabalho sociolinguístico, como vimos anteriormente, um dos aspectos levantados por Guy (2000) ao propor uma definição de comunidade de fala. Enfim, nessa visão mais específica do cotidiano dos indivíduos, Milroy não está preocupada com o *tipo social* como Labov. Ela esclarece o seguinte: “[...] a análise de redes sociais oferece um procedimento para tratar da variação entre falantes individuais, em vez de entre grupos construídos com referência a categorias sociais predeterminadas” (p. 556)<sup>3</sup>. Para ela, a estratificação social é algo já preestabelecido, é interessante também olhar para as relações que os indivíduos vão construindo, ou melhor, para as escolhas que vão fazendo no cotidiano (trabalho, lazer etc.).

Esse tipo de estudo começou a ser observado na antropologia social na década de 1960. É uma abordagem que procura olhar mais qualitativamente os fenômenos linguísticos. Milroy trabalha com quatro aspectos das redes sociais estabelecidas pelos indivíduos: *densidade, plexidade, mobilidade e localismo*.

A *densidade* se refere à quantidade de ligações entre os indivíduos. Milroy (2004 [2002]) mostra que os indivíduos podem estabelecer relações mais densas ou não no seu dia-a-dia: quanto mais os indivíduos se conhecem uns aos outros mais densa é a configuração da rede. Os estudos que consideram essa variável têm evidenciado que

---

<sup>3</sup> “[...] network analysis offers a procedure for dealing with variation between individual speakers, rather than between groups constructed with reference to predetermined social categories” (p. 556).

indivíduos que fazem parte de uma rede mais densa tendem a adotar os valores locais e linguísticos do grupo ao qual pertencem.

A *plexidade* refere-se à qualidade das ligações entre os indivíduos. Fazem parte de redes uniplexas os indivíduos que se relacionam de uma única forma entre si (parentes, vizinhos, colegas de trabalho etc.) e de redes multiplexas os indivíduos que se relacionam em diversas situações (podendo ser ao mesmo tempo parentes e vizinhos, ou ainda parceiros no trabalho e no lazer). A *densidade* e a *plexidade* das redes sociais mostram influenciar nas “escolhas” linguísticas dos indivíduos. Milroy, num estudo de um fenômeno fonético em Belfast (Irlanda), evidenciou que indivíduos pertencentes a redes sociais multiplexas tendem a adotar os valores sociais e linguísticos do grupo a que pertencem.

A *mobilidade*, ainda segundo Milroy (2004 [2002]), refere-se ao grau de deslocamento dos indivíduos do seu local de origem. Os estudos evidenciam que indivíduos com alto grau de deslocamento tendem a adotar valores de um grupo externo, ao passo que os que saem pouco tendem a valorizar seu lugar de origem.

O *localismo*, de acordo com Milroy (2004 [2002]), refere-se ao sentimento de pertencimento dos indivíduos ao local onde residem. Os estudos indicam que aqueles indivíduos que gostam do seu lugar de origem tendem a reforçar seus valores sociais e linguísticos, enquanto os que não gostam tendem a adotar valores de um grupo externo de referência.

Alguns trabalhos no Brasil também têm atestado essas influências das redes sociais sobre as escolhas linguísticas dos indivíduos. Sobre fenômenos fonético-fonológicos encontramos o trabalho de Batisti et al. (2007) a respeito da palatalização das oclusivas alveolares na fala de moradores do município gaúcho chamado Antônio Prado (situado num antiga região de colonização italiana).

Nesse trabalho, mostra-se que a frequência de palatalização nessa comunidade é de apenas 29%. Além da questão estrutural, *status da vogal seguinte* (fonológica ou fonética)<sup>4</sup>, Batisti et al. (2007) explicam o maior favorecimento da palatalização na *zona urbana* em relação à *zona*

---

<sup>4</sup> A preservação do /e/ átono final em Antônio Prado pode ser explicada em decorrência do contato com a fala dialetal italiana. Na língua italiana e seus dialetos, uma mudança de vogal média para alta pode ter valor morfológico, o que acaba sendo estendido para os bilíngues ao português (ROVEDA, 1998 *apud* BATISTI et al, 2007).

*rural* na referida cidade pela análise das redes sociais no que diz respeito à *densidade* e à *plexidade* das relações entre os indivíduos.

A oposição *urbano* e *rural* revelou resultados interessantes, mostrando que os informantes da *zona rural*, por participarem de uma rede mais densa e multiplexa, tendem ao uso da variante conservadora, ou seja, a não-palatalização; os de *zona urbana* também participam de redes densas, mas não multiplexas, dessa forma, acabam não reforçando os valores locais e linguísticos, no caso a não-palatalização, principalmente os mais jovens<sup>5</sup>. Eles tendem a usar, portanto, a variante não conservadora (palatalização).

Esses resultados ainda revelam que as interações em rede *urbana*, de maneira geral, em sua densidade e qualidade menos íntima, difundem o novo, a palatalização, enquanto as interações em rede na *zona rural*, na mesma densidade que os da *zona urbana*, porém numa qualidade mais íntima, mantêm o tradicional, a não-palatalização. Segundo Batisti et al. (2007), “é da tensão entre esses padrões interacionais em rede e a consequente difusão ou bloqueio à regra que resulta, entre outros, a estabilização da alternância no sistema [...]” (p. 25).

Essa configuração das redes sociais reflete os aspectos históricos, sociais e econômicos que caracterizam os dois grupos de informantes de Antônio Prado: “essas práticas associam-se a características do próprio município [...] que vive num momento de transição entre o tradicional e o moderno, mas que preserva com alguma força o tradicional” (p. 25).

Com respeito a fenômenos morfossintáticos, encontramos a pesquisa de Monguilhott (2009) sobre a *concordância verbal de terceira pessoa do plural* no português do Brasil e no português europeu.

Quanto ao PB, o controle das redes sociais também evidenciou resultados interessantes: a oposição *zona urbana* e *zona não urbana*<sup>6</sup> mostrou que os informantes da primeira por constituírem redes menos densas e uniplexas tendem ao uso da variante mais valorizada socialmente, no caso a marca de concordância, ao passo que informantes da segunda por constituírem redes mais densas e multiplexas, tendem ao uso da variante mais valorizada localmente, no caso a não-concordância.

---

<sup>5</sup> Em relação à variável *idade*, de maneira geral, mostra-se nesse estudo que os mais jovens tendem ao uso da palatalização em relação aos mais velhos. No entanto, não se percebe uma mudança em progresso, mas uma certa estabilidade da variável palatalização, pois entre as duas faixas etárias mais jovens não há um aumento de frequência (15-30: 42%; 31-50:43%; 51-70: 26%;71 ou mais:7%)

<sup>6</sup> Terminologia utilizada por Monguilhott (2009).

Os resultados sobre o *localismo*, de forma geral, revelaram que os informantes mais ou menos integrados ao bairro a que pertencem utilizam um pouco mais a variante prestigiada socialmente (85%), marca de concordância, do que os informantes bem integrados (78%).

Quanto à *mobilidade*, os resultados não atestaram o que se esperava na pesquisa, os informantes considerados de *média mobilidade* foram os que mais marcaram a concordância (90%); depois, os informantes de *pouca mobilidade* foram os que preservaram mais a concordância (80%); e os informantes que menos preservaram a concordância foram os de *muita mobilidade* (70%).

Para entender melhor esses resultados, Monguilhott (2009) cruzou os fatores *localismo* e *mobilidade* com diazonalidade.

Em relação ao cruzamento do grupo de fatores *localismo* com o fator *diazonalidade*, os resultados gerais mostraram que tanto os informantes considerados bem integrados da *zona urbana* quanto da *zona não urbana* apresentam o mesmo comportamento, utilizam com a mesma frequência a variante concordância (78%).

Em relação ao cruzamento do grupo de fatores *mobilidade* com o grupo de fatores *diazonalidade*, os resultados não foram muito diferentes quanto aos resultados da variável *mobilidade* considerada isolada. Tanto os informantes da *zona urbana* e *não urbana* considerados com *pouca mobilidade* apresentam o mesmo comportamento, isto é, utilizam com a mesma frequência a variante considerada de prestígio, o que não era esperado. Os informantes com *muita mobilidade* pertencentes à *zona urbana* tendem à marcação de concordância o que era esperado, mas em relação aos da *zona não urbana* esperava-se que tendessem ao uso de padrões linguísticos de referência, mas os resultados mostram o contrário, pois apresentam baixa frequência de marcação de concordância.

Nesta pesquisa, buscamos observar tanto a *estratificação social* dos informantes quanto as *características individuais* das relações estabelecidas entre eles. Em relação ao primeiro, selecionamos as variáveis *escolaridade*, *sexo*, *idade* e *ocupação*. Em relação ao segundo, selecionamos as variáveis *mobilidade* e *localismo*. Não trabalhamos com as variáveis *densidade* e *plexidade* por não termos adotado um questionário que medisse a quantidade e a capacidade de ligações entre os indivíduos. Esperamos que a investigação da *concordância nominal de número* sob essas duas perspectivas nos dê uma visão mais clara dos efeitos do comportamento social sobre a regra variável no falar dos moradores da microrregião do alto Solimões (Amazonas).

### 1.1.3 Axiomas metodológicos da Teoria da Variação e Mudança

Antes de ser uma teoria de observação de fatos linguísticos correlacionados aos sociais, a Sociolinguística Variacionista procura oferecer uma metodologia para a coleta e análise de dados numa “comunidade de fala”. No livro *Padrões Sociolinguísticos*, Labov elucida o seguinte: “o objetivo aqui não é necessariamente prover à linguística uma nova teoria da língua, mas, antes, um novo método de trabalho” (2008 [1972], p. 242).

Os resultados de pesquisas de campo realizados a partir de dados de fala, como as pesquisas do próprio Labov, levaram-no a isolar cinco axiomas que consideramos na coleta de dados na microrregião investigada neste estudo, são eles: a alternância de estilo, a atenção, o vernáculo, a formalidade e os bons dados.

Quanto à alternância de estilo, Labov esclarece que não existe falante de estilo único. Segundo ele, conforme mudam o contexto social e o tópico, o falante exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas. Isso pode ser detectado em pequenas autocorreções feitas pelo falante.

Quanto à atenção, Labov evidencia que os “estilos podem ser dispostos ao longo de uma única dimensão, medida pelo grau de atenção prestada à fala” (p. 243). Segundo ele, o audiomonitoramento da própria fala é o modo pelo qual se exerce essa atenção. Para ele, os estilos em que há pouca monitoração da própria fala são a fala casual (contexto de menor envolvimento) e a fala excitada (contexto de maior envolvimento).

Quanto ao vernáculo, Labov chama a atenção para o fato de que nem todos os estilos são de interesse para o linguista, pois nem todos apresentam um padrão fonológico e gramatical regular, mas sim um grande número de “hipercorreções”. Para ele, o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala é o que oferece dados mais sistemáticos da estrutura linguística, “onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente” (p. 244). A esse estilo, Labov chama de vernáculo.

Quanto à formalidade, Labov mostra que qualquer observação sistemática de um falante envolve um contexto formal, no qual é conferida à fala mais que um mínimo de atenção. Dessa forma, esclarece que numa entrevista não se pode esperar que o informante use o vernáculo, uma vez que é uma situação na qual ele não se comporta da mesma forma como se comportaria com seus amigos e/ou familiares, por mais que se deixe ele à vontade, criando uma situação mais informal.

Quanto aos bons dados, para Labov, a melhor maneira de se obter bons dados de fala em quantidades suficientes é através da observação sistemática, isto é, através da entrevista individual (gravação).

O levantamento desses axiomas leva Labov ao chamado *Paradoxo do Observador*, pois segundo ele, “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas - no entanto, só podemos obter tais dados por meio de observação sistemática” (p. 244). Para evitar isso, Labov sugere que o pesquisador crie estratégias para desviar a atenção do falante e permitir que o vernáculo emergja. Uma das estratégias sugerida é que a entrevista seja feita com vários intervalos e pausa para que a pessoa em algum momento não perceba que está sendo gravada. Uma outra estratégia é envolver a pessoa com perguntas e assuntos que tragam à tona emoções fortemente vivenciadas pela pessoa. Segundo Labov, uma pergunta que tem dado mais resultados é sobre o risco de vida.

## 1.2 A Dialetoologia Pluridimensional

Ao estudar a *concordância nominal de número* nesta pesquisa, procuramos observá-la levando-se em consideração o fator *diatopia* muito explorado em trabalhos dialetológicos desde o século XIX. Nesta seção, mostraremos como surgiu esse tipo de investigação linguística e a evolução de seu método de pesquisa ao adotar fatores controlados pela Sociolinguística Variacionista, bem como apresentar alguns trabalhos realizados no Amazonas sob essa perspectiva.

A Dialetoologia é um ramo da Linguística que surge no final do século XIX e tem como método, por excelência, a Geografia Linguística ou Geolinguística para um melhor conhecimento da diversidade linguística de um país, uma região. O referido método foi difundido por Jules Gilliéron, entre 1902 a 1910, com a publicação do *Atlas Linguístico da França* (ALF), considerado o marco dos estudos dialetais. Esse método permite uma visão ampla de um dado fenômeno linguístico, pois, através da utilização de mapas, distribui espacialmente os fenômenos linguísticos da área estudada, como a pronúncia e os meios de expressão de que uma determinada comunidade dispõe. A Geolinguística constitui-se em um dos métodos mais significativos para o registro e análise da variedade linguística, sobretudo na Europa e nas Américas, como confirmam não só os inúmeros atlas linguísticos regionais e nacionais já publicados que abrangem família de línguas -

como o *Atlas Linguístico Roman* (ALIR) - ou um conjunto de países - como o *Atlas Linguarum Europae* (ALE).

No Brasil, o desenvolvimento de estudos dialetológicos deve-se, principalmente, a Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha. Segundo Nascentes (*apud* CRUZ, 2004), os estudos dialetais, no Brasil, são divididos em duas fases: a primeira tem como marco inicial o ano de 1826 e a segunda o ano de 1920, com a publicação, respectivamente, de um estudo realizado por Borges de Barros e *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral. Cardoso e Ferreira (1994) acrescentam uma terceira fase: a que se inicia no ano de 1952 com o objetivo de elaborar o *Atlas Linguístico do Brasil* (Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa). A partir desse ano, a Geografia Linguística avança, acabando por redundar no primeiro atlas linguístico regional do país, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), coordenado por Nelson Rossi e publicado em 1963. Mota e Cardoso (2005), por sua vez, propõem uma quarta fase que é marcada pela retomada em 1996 do projeto do *Atlas Linguístico do Brasil*. Essa etapa é caracterizada pelo aumento da elaboração de atlas linguísticos regionais que já incorporaram na sua metodologia princípios da Sociolinguística, como o controle sistemático de grupos de fatores sociais, como *idade, escolaridade, sexo* etc. Ainda, essa nova fase incorpora preocupações de outras ciências, como da Etnolinguística.

Essa nova fase dos estudos dialetológicos no Brasil é conhecida como Dialetologia Pluridimensional já que as pesquisas passam a abandonar a visão monodimensional da coleta de dados da Dialetologia Tradicional. Thun (1998) discute que a Dialetologia tradicional (areal), por ser monodimensional, constitui uma sociolinguística limitada, pois considerava em seus trabalhos apenas um tipo de informante: homem mais velho, de nível cultural baixo, de zona rural, com restrito movimento no espaço e poucos contatos. Por outro lado, para ele a Sociolinguística tradicional, por não trabalhar com a *diatopia*, constitui uma sociolinguística limitada. Segundo Thun (1998), sem a realização não se pode reconstituir analiticamente o espaço variacional. Observando isso, os dialetólogos passaram a “dialetalizar” a sociolinguística, surgindo assim a Dialetologia Pluridimensional, que trata de uma abordagem da variação linguística e das relações entre variantes e variedade por um lado e falantes por outro.

No Amazonas, desde 2004 já encontramos trabalhos elaborados seguindo essa nova metodologia de coleta de dados. O primeiro deles é o *Atlas Linguístico do Amazonas*, elaborado por Cruz (2004) como tese de doutoramento. Ela investigou 9 localidades no Amazonas,

controlando como variáveis sociais *idade*, *sexo* e *escolaridade*. Foram entrevistados 6 informantes em cada localidade, sendo um homem e uma mulher em cada faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Todos os informantes tinham até quatro anos de escolaridade.

Além desse trabalho, encontramos também as pesquisas de Martins (2006, 2007), Maia (2006), Dias (2007), Quara (2007) que investigaram em projetos de iniciação científica fenômenos fonético-fonológicos dos dados de elocução livre<sup>7</sup> provenientes do ALAM (CRUZ, 2004) que não foram utilizados pela pesquisadora em virtude de a pesquisa ter seguido os passos metodológicos para elaboração de Atlas: a aplicação de questionários fonético-fonológicos e semântico-lexicais. Encontramos ainda um trabalho de cunho monográfico resultante de um curso de especialização de Maia (2009) sobre as vogais médias pretônicas em Itacoatiara utilizando os dados do ALAM (CRUZ, 2004).

No Amazonas, outros trabalhos resultantes de dissertações de mestrado também seguiram a metodologia da Dialectologia Pluridimensional. Podemos citar (entre outros), a pesquisa de Torres (2010) que investigou a realização das variantes palatais /ʎ/ e /j/ nos municípios de Itapiranga e Silves; a pesquisa de Silva (2010) que investigou o comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves; a pesquisa de Brito (2010) que elaborou o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas; o trabalho de Maia (2012) que estudou a realização do /S/ pós-vocálico nos municípios pertencentes à microrregião do Purus; o estudo de Quara (2012) que investigou as vogais médias pretônicas no município de Manaus.

Como se vê, no Amazonas, já se tem um começo de pesquisas dialetais que levam em consideração grupos de fatores muito caros em trabalhos sociolinguísticos, como o controle de informações sociais dos informantes (*idade*, *escolaridade*, *sexo* etc.).

Nesta pesquisa, observaremos a *concordância nominal de número* tanto verticalmente, através da observação das características sociais dos informantes, quanto horizontalmente, ao adotarmos o método, por excelência, da Dialectologia Pluridimensional: a Geolinguística.

---

<sup>7</sup> Cruz (2004) coletou tanto dados a partir de questionário como elocução livre (este para pesquisas futuras).

### 1.3 Sobre a variação na concordância nominal de número no Brasil

Vários estudos no Brasil já foram realizados a respeito da *concordância nominal de número*, mostrando que, principalmente, na fala, existem possibilidades de construções como:

a) “porque eu trabalho com meus/ MINHAS PEÇAS de...” (STO 001 BF)<sup>8</sup>: o sintagma em destaque é caracterizado pela marcação formal de plural em todos os elementos linguísticos flexionáveis;

b) “porque eu já morei... em TODOS ESSES MUNICÍPIOØ já...” (SPO 001 AM)<sup>9</sup>: o sintagma em destaque é caracterizado pela não marcação formal de plural em um dos elementos linguísticos flexionáveis;

c) “a gente fazia AS COISAØ ERRADAØ também” (FTB 002 AF)<sup>10</sup>: o sintagma em destaque é caracterizado pela não marcação formal de plural em dois elementos linguísticos flexionáveis.

Essas possibilidades de construções mostram que a *concordância nominal de número* é um fenômeno variável no PB falado, o que vai de encontro com o que os gramáticos prescrevem para o português padrão: “os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem” (CEGALLA, p. 438).

Como mencionado na seção que tratou sobre o problema da avaliação que deve ser levado em conta numa pesquisa baseada na Teoria da Variação e Mudança, a “ausência de marca formal de plural” no SN é uma possibilidade que não é considerada prestigiada no uso escrito e formal da língua, apesar de ser bastante usada no vernáculo dos

---

<sup>8</sup> Dado de informante entrevistado nesta pesquisa. Para STO lê-se: Santo Antônio do Itá (cidade do interior do Amazonas). Para 001: 18-35 anos (1ª faixa etária). Para B: 9 a 11 anos de escolaridade. Para F: feminino. Maiores detalhes serão expostos no segundo capítulo quando tratarmos do perfil dos informantes desta pesquisa.

<sup>9</sup> Dado de informante entrevistado nesta pesquisa. Para SPO lê-se: São Paulo de Olivença (cidade do interior do Amazonas). Para 001: 18-35 anos (1ª faixa etária). Para B: 9 a 11 anos de escolaridade. Para M: masculino. Maiores detalhes serão expostos no segundo capítulo quando tratarmos do perfil dos informantes desta pesquisa.

<sup>10</sup> Dado de informante entrevistado nesta pesquisa. Para FTB lê-se: Fonte Boa (cidade do interior do Amazonas). Para 002: 36-55 anos (2ª faixa etária). Para A: 4 a 8 anos de escolaridade. Para F: feminino. Maiores detalhes serão expostos no segundo capítulo quando tratarmos do perfil dos informantes desta pesquisa.

falantes do PB, como atestam os trabalhos que apresentaremos ainda neste capítulo. Segundo os falantes, é “errado” não fazer a concordância, como observado na polêmica gerada pelo livro didático “Por uma vida melhor”, da coleção “Viver, aprender”.

Doravante, definiremos a primeira construção como variante “presença de marcas formais de plural” e a segunda e a terceira como “ausência de marcas formais de plural”.

Dentre os estudos realizados no Brasil sobre esse fenômeno, destacam-se os seguintes trabalhos que seguem no Quadro 1, por ordem cronológica:

**Quadro 1-** Alguns trabalhos realizados no Brasil sobre a variação na *concordância nominal de número*

<b>Pesquisadores</b>	<b>Informações gerais sobre o estudo</b>
Scherre e Braga (1976 <i>apud</i> SCHERRE, 1988, 1994).	Analisaram a fala de sete moradores do Rio de Janeiro, controlando classe social e origem geográfica.
Braga (1977 <i>apud</i> SCHERRE, 1988, 1994).	Analisou a fala de sete moradores do triângulo mineiro em sua dissertação de mestrado.
Scherre (1978 <i>apud</i> SCHERRE 1988, 1994).	Analisou a fala de dez moradores da zona urbana do Rio de Janeiro, em uma dissertação de mestrado, distribuídos em três níveis de escolaridade: semi-escolarizados (alunos do Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL), com onze anos de escolarização e universitários.
Ponte (1979 <i>apud</i> SCHERRE 1988, 1994)	Analisou a fala de vinte moradores de Porto Alegre (RS), todos analfabetos, em sua dissertação de mestrado.
Nina (1980 <i>apud</i> SCHERRE 1988, 1994)	Estudou a fala de vinte moradores de Bragantina (PA) em sua dissertação de mestrado.
Guy (1981)	Analisou sob coordenação da professora Miriam Lemle dados da pesquisa <i>Competências Básicas</i> , cujo perfil dos informantes eram: vinte cariocas semi-escolarizados, da área urbana.
Scherre (1988)	Estudou a fala de moradores do Rio de Janeiro a fim de reanalisar esse fenômeno comparando com os

	resultados de outras pesquisas.
Dias (1993 <i>apud</i> SCHERRE, 1994)	Estudou a fala de moradores de Brasília, distribuídos em zona urbana e rural, todos com 4 anos de escolarização.
Fernandes (1996)	Analisou a fala de moradores da Região Sul do Brasil em sua dissertação de mestrado, controlando <i>sexo, escolaridade, etnia e nível de formalidade</i> .
R. Carvalho (1997)	Investigou a fala de informantes de classe baixa da cidade de Rio Branco (AC), estratificados de acordo com <i>sexo e escolaridade</i> .
H. Carvalho (1997)	Analisou a fala de moradores de João Pessoa (PB), observando <i>idade, escolaridade e sexo/gênero</i> dos informantes.
Lopes (2001)	Estudou em sua tese de doutorado a fala dos moradores de Salvador (Bahia), controlando como variáveis sociais <i>idade, escolaridade, sexo/gênero e etnia</i> dos informantes.
Campos e Rodrigues (2002)	Analisaram a fala de informantes com nível superior completo ou em curso a partir dos dados coletados no Projeto Norma Urbana Culta (doravante NURC) que observa fatores como <i>idade, origem geográfica e nível de formalidade</i> .
Baxter (2009)	Investigou duas comunidades rurais de afrodescendentes, uma no Brasil: a comunidade de Helvécia (Bahia), e uma na África: a comunidade dos tongas, da roça Monte Café, na República de São Tomé e Príncipe. Os informantes dessas comunidades foram distribuídos de acordo com <i>faixa etária e gênero</i> .
Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkall (2009)	Investigaram a fala de nativos de Irati (PR), controlando <i>faixa etária, sexo e escolaridade</i> .
Santos (2010)	Analisou em sua dissertação de mestrado a fala de moradores do

	município Pedro Leopoldo (Minas Gerais), observando <i>idade, escolaridade, sexo e classe social</i> .
F. Martins (2010)	Analisou a fala de moradores do município amazonense Benjamin Constant, controlando <i>faixa etária, sexo/gênero e escolaridade</i> .
Silva (2011)	Investigou a fala de moradores de Vitória (ES), observando <i>idade, escolaridade e sexo/gênero</i> dos informantes.
Brandão (2011)	Investigou a fala de informantes de duas variedades urbanas do português, uma do Brasil (Nova Iguaçu-RJ) e outra em São Tomé e Príncipe, controlando <i>sexo, escolaridade e idade</i> dos informantes.
Castro e Pereira (2012)	Analisaram a fala de informantes com nível superior completo da cidade de Cuiabá (MT).

Fonte: Própria autoria.

Como observamos no Quadro 1, tratam-se de trabalhos que consideram a língua como um fato social já que na coleta dos dados levam em conta o lugar social de cada indivíduo: procedência geográfica (*diatopia, diazonalidade*), *etnia, escolaridade, classe social, idade, sexo* etc. Esses grupos de fatores extralinguísticos controlados nessas pesquisas mostraram condicionar, de certa forma, a variação na *concordância nominal de número*. Acrescentamos que nessas pesquisas, além desses condicionadores geográficos e sociais, foram observados também condicionadores linguísticos.

A seguir descreveremos sucintamente as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas e as que foram selecionadas pelo programa estatístico utilizado em algumas das pesquisas mencionadas no Quadro 1, a de Scherre (1988, 1994, 1997, 1998a, 1998b, 1998c, 2003), a de Fernandes (1996), a de R. Carvalho (1997), a de H. Carvalho (1997), a de Lopes (2001), a de Campos e Rodrigues (2002), a de Baxter (2009), a de Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2009), a de Santos (2010), a de F. Martins (2010), a de Silva (2011), a de Brandão (2011) e a de Castro e Pereira (2012), a fim de entendermos melhor como se manifesta o fenômeno da *concordância nominal de número* no Brasil (que variáveis independentes atuam sobre

esse fenômeno) e assim definirmos as variáveis independentes que serão controladas nesta pesquisa.

Começaremos pelo trabalho de Scherre (1988), por apresentar um estudo comparativo com os trabalhos pioneiros realizados no Brasil, como o de Braga (1977, *apud* SCHERRE, 1988), o de Ponte (1979, *apud* SCHERRE, 1988), o de Nina (1980, *apud* SCHERRE, 1988), o de Guy (1981), propondo novas variáveis independentes para melhor entender a variação existente no SN no que diz respeito à variável *concordância nominal de número*, e que até hoje serve de referência para as pesquisas sobre esse fenômeno.

O *corpus* da pesquisa de Scherre (1988) foi constituído de 64 informantes residentes no Rio de Janeiro (RJ). As entrevistas totalizaram 64 horas de fala gravada: 48 delas foram realizadas no período de 1982 a 1984 com informantes entre 15 a 71 anos de idade e 16 delas no período de 1983 a 1985 com informantes entre 7 a 14 anos.

É importante lembrar que para a realização das entrevistas primeiramente se estabelecia um primeiro contato a fim de preencher uma ficha social para coletar informações importantes para a pesquisa e só depois as entrevistas eram gravadas com o objetivo de, segundo Scherre (1988, p. 42, grifos da autora), “minimizar o conhecido Paradoxo do Observador”.

A primeira amostra foi estratificada de acordo com três variáveis sociais clássicas:

**a) Anos de escolarização:** 1 a 4 anos; 5 a 8 anos e 9 a 11 anos. Também foram entrevistados informantes com nível superior (completo ou não), mas a pesquisadora os deixou de lado por já estarem sendo estudados na época em um projeto específico: projeto NURC;

**b) Sexo:** feminino e masculino;

**c) Faixa etária:** 15 a 25 anos (adolescentes e adultos já se iniciando no mercado de trabalho); 26 a 49 anos (adultos maduros já plenamente exercendo seu potencial no mercado de trabalho) e 50 anos em diante (falantes já saindo do mercado de trabalho).

A segunda amostra que completa a primeira foi estratificada de acordo também com três variáveis sociais clássicas:

**a) Anos de escolarização:** 1 a 4 anos e 5 a 8 anos;

**b) Sexo:** feminino e masculino;

**c) Faixa etária:** 7 a 14 anos.

Para descrição e análise dos dados, Scherre (1988) utilizou o programa computacional denominado VARBRUL.

No que se refere às variáveis linguísticas controladas nessa pesquisa, Scherre fez dois tipos de análises após a coleta dos SNs transcritos (7.193) das entrevistas: *atomística* que consiste na observação da relação entre os elementos do SN e *não atomística* que consiste na observação da relação entre os SNs no plano oracional.

Na primeira análise, das dez variáveis linguísticas controladas e algumas correlações entre variáveis realizadas, as selecionadas pelo programa estatístico utilizado pela pesquisadora, por ordem de seleção, foram: *marcas precedentes em função da posição, saliência fônica* (a partir da correlação entre processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais), *relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN, formalidade dos substantivos e adjetivos, grau dos substantivos e adjetivos, animacidade dos substantivos, contexto fonético-fonológico seguinte e função resumitiva*. As variáveis que não se mostraram significativas foram: *número de sílabas dos itens lexicais singulares e processos morfofonológicos de formação de plural*. Nessa etapa foram obtidos 13.229 dados após a devida categorização.

A seguir, apresentaremos alguns resultados estatísticos com base apenas nos dados dos informantes adultos no que dizem respeito apenas às variáveis selecionadas (amostra 1) pelo VARBRUL.

No que se refere à variável *marcas precedentes e posição*<sup>11</sup>, após todas as rodadas feitas pela autora, chega-se à conclusão de que em SNs de três ou mais elementos a presença de marcas formais nos dois primeiros elementos leva à presença de marca formal nos terceiro e quarto elementos. Scherre (1998a, p. 38) no texto que trata sobre paralelismo formal<sup>12</sup> mostra que a aplicação da regra (“presença de marcas formais de plural”) para este fator é de 0,68.

- a) aS meninaS \_\_\_\_\_
- b) aS meninaS todaS \_\_\_\_\_

---

<sup>11</sup> A correlação entre essas duas variáveis se mostrou mais relevante para a interpretação da variável dependente.

<sup>12</sup> Nesse texto, Scherre denomina as variáveis *marcas precedentes* (plano sintagmático) e *pluralidade do contexto* (plano oracional) de paralelismo formal.

E, ao contrário, em um SN de três ou quatro elementos a “ausência de marca formal de plural” a partir do segundo elemento leva à “ausência de marca formal de plural” nos elementos seguintes. Scherre (1998a, p. 38) no mesmo texto referido no parágrafo anterior mostra que a aplicação da regra é apenas de 0,07.

- a) essaS panelaØ \_\_\_\_\_  
 b) umaS pessoaØ todaØ \_\_\_\_\_

Esses resultados vão de encontro, portanto, à visão funcionalista kiparskiana da língua, tema discutido pela pesquisadora, segundo a qual há uma tendência nas línguas de se eliminar informação redundante. Ressalta-se que essa interpretação funcionalista foi defendida por Guy (*apud* SCHERRE, 1988, p. 171) para essa mesma variável num trabalho realizado em 1981. Scherre (1988, p. 510) prefere explicar essa variável em função “do Princípio do Processamento com Paralelismo, que subjaz à tendência de formas semelhantes se agruparem, através de processos mentais associativos presentes no desempenho linguístico”.

No que diz respeito à *saliência fônica* (a partir da correlação entre as variáveis *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*), chega-se à conclusão de que formas mais salientes favorecem mais a presença de marcas de concordância do que as menos salientes. Os resultados a que Scherre (1988, p. 135) chega para essa variável, considerando processos e tonicidade como uma só variável (Análise 3), é a de que nomes com formação de plural duplo (*novo/novos*), nomes terminados em -l (*casal/ casais*) e terminados em -R (*cor/ cores*) favorecem nitidamente a “presença de marcas formais de plural” por apresentarem maior diferenciação fônica na relação singular e plural (0,68, 0,69 e 0,65, respectivamente), ao passo que nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos (*meu/ meus, pé/pés*), regulares proparoxítonos (*fábrica/ fábricas*) e regular paroxítono (*caro/caros*) desfavorecem a “presença de marcas formais de plural” por apresentarem menor diferenciação fônica na relação singular/plural (0,38, 0,21 e 0,17). Enfim, Scherre (1988) explica a atuação dessa variável pelo Princípio da Saliência Fônica que consiste em elucidar que formas mais salientes por serem mais perceptíveis tendem a ser mais marcadas.

No que tange à variável *relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN*<sup>13</sup>, Scherre (1994, p. 4) mostra que elementos não nucleares antepostos são mais marcados (0,87) do que os pospostos (0,26) e os núcleos na primeira posição (0,70) são muito mais marcados que os de segunda e terceira posição. Ressalta-se que os núcleos de segunda e terceira posição não são da mesma forma marcados: os de terceira posição recebem mais marcas formais do que os de segunda (0,25 e 0,21, respectivamente).

- 1) Elementos antepostos: *novas escola, aquelas cruzinha toda.*
- 2) Elementos pospostos: *essas estradas novaØ, essas besteira todaØ.*
- 3) Núcleos na primeira posição: *coisas lindas.*
- 4) Núcleos na segunda posição: *essas misériaØ todinha.*
- 5) Núcleos na terceira posição: *os outros colégioØ.*

Scherre (1988) explica esse resultado através do Princípio da Iconicidade no que diz respeito ao grau de coesão que se estabelece entre os elementos do SN: quanto maior o grau de coesão mais marcas. Os elementos antepostos por não permitirem a inserção de muitos elementos entre eles são mais coesos, portanto, recebem mais marcas formais, ao passo que os elementos pospostos por permitirem maior inserção de elementos entre eles são menos coesos, portanto, recebem menos marcas formais.

Quanto à *formalidade e ao grau dos substantivos e adjetivos*, o estudo de Scherre (1988) evidencia que tanto itens lexicais informais<sup>14</sup> quanto itens lexicais no grau diminutivo/ aumentativo desfavorecem a

---

<sup>13</sup> Essa variável surge da correlação entre as variáveis posição ocupada no SN e classe gramatical. Segundo Scherre (1988), o fenômeno da concordância nominal é melhor interpretado quando se considera essa correlação, contendo os seguintes fatores: nomes não nucleares antepostos ao núcleo (primeira e segunda posição), nomes não nucleares pospostos ao núcleo, núcleos na primeira posição, núcleos na segunda posição.

<sup>14</sup> Scherre (1988) considera como itens lexicais informais os substantivos do tipo *cara, outro* (de emprego substantivado), *besteira, bobagem, grilo, lance, papo, merda, goró*, tipicamente usados como gírias. Também foi considerada como informal a palavra *coisa* quando sem função sintática, assim como estruturas como “um montão de”, “uma pá de”, “um bando de”, “um monte de”. Quanto aos adjetivos, a autora não elucida quais foram os considerados informais.

presença de marcas formais de plural: a aplicação da regra em substantivos [+ informal] é de apenas 0,39 (p. 267); em substantivos no grau diminutivo/ aumentativo é de apenas 0,40 (p. 270) e em adjetivos diminutivo/ aumentativo informal é de apenas 0,37 (p. 271). Ela explica esses resultados por um fator extralinguístico denominado situação (estilístico): se é formal a tendência é que se coloquem mais marcas e se é informal a tendência é que se coloquem menos marcas. Os itens no aumentativo/diminutivo tendem a ocorrer nas situações mais informais.

No que se refere à *animacidade dos substantivos*, a pesquisa de Scherre (1988) mostra que substantivos com o traço [+humano] favorecem a presença de marcas (0,55), enquanto com o traço [-humano] a desfavorecem (0,45). Ela explica a atuação dessa variável também pelo Princípio da Saliência que consiste em explicitar que formas mais perceptíveis, no caso com o traço [+humano], favorecem a presença de marcas e as menos perceptíveis, no caso com o traço [-humano], desfavorecem a presença de marcas. Ressalta-se como veremos mais adiante que na análise *não atomística* essa variável não foi selecionada. Scherre (1988) explica isso pela escassez de sintagmas analisados no plano discursivo: “como a análise atomística envolve um número de dados consideravelmente maior, podemos concluir que a modesta influência desta variável só se mostra estatisticamente relevante quando há grandes massas de dados envolvidas” (p. 511).

No que tange ao *contexto fonético-fonológico seguinte*, Scherre (1988) mostra que quando o *contexto seguinte* ao item analisado é uma consoante com traço [+surdo] (0,54, p. 252), [+velar] (0,56, p. 252) ou [-nasal] (0,54, p. 253), assim como quando o *contexto seguinte* é uma pausa (nos itens regulares: 0,56, p. 252; nos terminados em -S: 0,81, p. 252) há maior probabilidade da “presença de marcas formais de plural”. A não atuação da vogal é explicada pelo efeito da dissimilação (haplologia sintática), principalmente em itens lexicais terminados em -S (0,14 de aplicação da regra, p. 252), o que não era esperado: a expectativa era a de que os itens lexicais seguidos de vogal favorecessem mais marcas devido à busca pelo padrão silábico (CV). O que acontece nesses casos é uma tendência a eliminar sílabas iguais ou semelhantes como: quantas vezes eu (“quantaz vez eu”, p. 251), fato puramente sintático. Scherre (1988) salienta, ainda, que a baixa influência dessa variável evidencia que a variação na *concordância nominal de número* é um fenômeno “essencialmente morfosintático” (p.512) tendo em vista a forte influência das variáveis *marcas precedentes, relação e saliência*, apresentadas anteriormente.

No que diz respeito à *função resumitiva* que consiste na observação de SNs que funcionam como resumo de ideias anteriores ou não (função de sujeito, complemento, adjunto etc):

a) SN em função resumitiva: “já saímos de melindrosa, de Pedrita, de (...) Que mais? Essas besteira toda.” (SCHERRE, 1988, p. 254)

b) SN em função não resumitiva: “os cara começa a correr” (SCHERRE, 1988, p. 255)

essa variável não se mostrou tão relevante, porém realizando uma análise binária a autora diz que há uma tendência a que SNs de função resumitiva desfavorecessem a “presença de marcas formais de plural” (0,38), enquanto que SNs de função não resumitiva a favorecessem (0,62). Scherre (1988) explica a atuação dessa variável pelo Princípio da Topicidade ou Baixa Tensão, tendo em vista que SNs resumitivos não são o ponto de referência no discurso, ocorrem frequentemente à direita da oração. Scherre descarta, portanto, o Princípio da Economia de acordo com a hipótese funcionalista kiparskiana de que informações redundantes são menos marcadas.

A análise, por sua vez, dos SNs na perspectiva *não atomística* constatou que apenas sete das nove variáveis controladas atuam nesse fenômeno. São elas: *pluralidade do contexto*, *configuração sintagmática do SN*, *saliência fônica* (dimensão processos), *grau/formalidade do SN*, *pluralidade do SN*, *função textual do SN* e *localização do SN em relação ao verbo ou à oração*. Não se mostraram significativas as variáveis: *status informacional do SN* e *animacidade do SN*. Nessa etapa foram obtidos 948 SNs de mais de dois elementos (SCHERRE 1994, p. 5).

Quanto à *pluralidade do contexto*, à semelhança de marcas precedentes no nível *atomístico*, Scherre (1998) chega à conclusão de que sintagma precedido de sintagma com variante(s) explícita(s) de plural favorece a presença de variante(s) explícita(s): 0,68 (p. 35), enquanto SN precedido de sintagma com variante(s) zero de plural a desfavorece: 0,21 (p. 35). Esses resultados evidenciam, mais uma vez, o Princípio do Processamento Linguístico com paralelismo discutido por Scherre em sua tese e em outros trabalhos científicos, segundo o qual: marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

No que tange à *configuração sintagmática*, Scherre (1994) chega à conclusão de que determinadas estruturas sintagmáticas favorecem SNs com todas as marcas de plural, enquanto outras não. Das estruturas analisadas, a configuração sintagmática que mais favorece a aplicação

da regra é a que apresenta [+ artigo definido, + categoria substantivada] (0,80: “*os melhores* possíveis”) e a que desfavorece é a que apresenta [- artigo definido, - substantivo] (0,57: “*aquelas renda*Ø *toda*Ø”).

Assim como a variável *saliência fônica* na análise *atomística*, Scherre (1994) explica a atuação da variável configuração sintagmática pelo Princípio da Saliência Fônica, uma vez que o traço [+ definido] por ser considerado mais perceptível é mais marcado: formas salientes favorecem a presença de marcas. Uma outra hipótese levantada por Scherre para essa variável diz respeito à Coesão Sintagmática (Princípio da Iconicidade): “mais coesão sintagmática mais marcas; menos coesão sintagmática menos marcas” (1994, p.8). Segundo a pesquisadora, as estruturas cuja última posição é constituída por um [+ substantivo] (“os meus *filhos*”, p. 8) aceitam menos elementos intervenientes e isso mostra o alto grau de coesão nesse tipo de sintagma, ao passo que construções cuja última posição é constituída por um [-substantivo] aceitam mais elementos intervenientes, comprovando seu baixo grau de coesão e, conseqüentemente, de menos marcas formais de plural (“as conta  *muito* certa”, p. 8, grifo da autora).

No que se refere à *saliência fônica* (dimensão processos morfofonológicos de formação de plural), Scherre (1988, p. 357) mostra que SNs que apresentam pelo menos um elemento de formação de plural irregular tendem a vir totalmente marcados, por exemplo: nomes com formação de plural duplo, “os dois últimos *jogos*”, 0,85 (p. 348, 357), enquanto SNs que contenham uma estrutura composta por formação de plural regular desfavorecem a marca de plural em todos os elementos do SN, a não ser o primeiro elemento, caso seja flexionável, por exemplo: nomes com formação regular de plural, “meus filhoØ *casado*Ø”, 0,16 (p. 348, 357). Mais uma vez, à semelhança da *saliência fônica* na análise *atomística*, essa variável é explicada pelo Princípio da Saliência Fônica.

No que diz respeito ao *grau/ formalidade do SN*, Scherre (1988) conclui que um SN que contenha pelo menos um elemento no diminutivo/aumentativo ou informal tende a desfavorecer a “presença de marcas formais de plural” (PR 1<sup>15</sup>: 0,28, PR 9<sup>16</sup>: 0,37, p. 341). À semelhança da análise realizada no nível *atomístico*, a explicação que se dá para essa variável é de natureza estilística, ou seja, não gramatical.

Quanto à *pluralidade do SN*, Scherre (1988) chega à conclusão de que “se o SN se refere a fatos, eventos, entidades que comumente se

<sup>15</sup> Probabilidade considerando as variáveis isoladas.

<sup>16</sup> Probabilidade considerando a correlação com as variáveis configuração sintagmática e função.

apresentam no plural- tanto que a forma singular tem significado diverso da forma plural (as minhas raízes não é simplesmente plural de a minha raiz) - ele tende a ter todas as marcas de plural” (p. 345): PR 1: 0,76, PR 9: 0,78, ao passo que se o SN se refere a partes do corpo ele tende a desfavorecer todas as marcas de plural: PR 1: 0,23, PR 9: 0,14. Scherre chama a atenção para esse tipo de construção, pois é também usado muitas vezes no singular com o sentido de plural (p. 345). A autora ressalta que seria interessante fazer um estudo dessa variável fazendo uma análise dos “SNs plurais em relação às suas possíveis contrapartes singulares” (p. 513) a fim de “verificar os graus de cristalização de determinadas estruturas que ocorrem predominantemente no singular ou no plural” (p. 513).

No que se refere à *função textual*, Scherre (1988) mostra que não foi uma variável tão relevante. A ideia de que a concordância se faz menos em situações de informações relevantes não foi confirmada (ela é aparente, constituindo apenas um reflexo do efeito da *configuração sintagmática* e da *formalidade do SN*), uma vez que estatisticamente não houve uma grande diferença entre sintagmas de função fática ou resumitiva (quase vazios de significado) e as demais funções: respectivamente, (0,40) e (0,51) (SCHERRE, 1997, p. 191). Segundo Scherre (1997), essa variável apresenta sobreposição com outras variáveis (*configuração sintagmática* e *formalidade do SN*) já que a frequência mostra uma tendência à eliminação de marcas em construções redundantes, mas o peso relativo mostra outra situação.

No que diz respeito à *localização do SN* no plano oracional, Scherre (1997, p. 195) conclui que os SNs à esquerda tendem a ser mais marcados (0,61). Ela explica isso à semelhança da variável função resumitiva na análise *atomística* pelo princípio da Topicidade ou Baixa Tensão.

A análise das variáveis extralinguísticas, por sua vez, controladas de forma isolada, primeiramente, mostrou que *sexo* e *grau de escolaridade* exercem um papel importante no fenômeno estudado: as mulheres tendem a usar mais a “presença de marcas formais de plural” (0,58, SCHERRE 1998c, p. 254) do que os homens (0,42), tendo em vista que são mais sensíveis a essa variante, considerada de prestígio; as pessoas com maior grau de escolaridade usam também mais a “presença de marcas formais de plural” (2º grau: 0,59, SCHERRE, 1998c, p. 242) do que os menos escolarizados (0,40), uma vez que estão por mais tempo expostas às regras da gramática normativa (variante explícita de plural). A faixa etária, por sua vez, não se mostrou tão relevante, ela apresentou um padrão curvilíneo (15-25 anos: 0,50; 26-49 anos: 0,56;

50-71 anos: 0,49, SCHERRE 1998c, p. 251). Esses resultados, num primeiro momento, pareciam refletir um estágio de variação sociolinguística estável.

Uma análise desse fenômeno observando outros fatores sociais como origem social de cada informante relacionado ao seu grau de concordância (alto ou baixo) revelou duas tendências interessantes, uma vez que os resultados mostraram uma maior influência da faixa etária. Assim, Scherre (1988, p. 441; 515) evidencia:

a) variação sociolinguística estável, com gradação etária, para os falantes de ambiente não humilde e de concordância alta (15-25 anos: 0,44; 26-49 anos: 0,64; 50-71 anos: 0,41)<sup>17</sup>;

b) processo de mudança linguística, caminhando em direção a um sistema sem concordância, para os falantes de ambiente humilde e concordância baixa (15- 25 anos: 0,38; 26-49 anos: 0,59; 0,53).

Esses resultados não atestam a hipótese de descrioulização<sup>18</sup> levantada por alguns autores, já que não evidenciam nenhum padrão

---

<sup>17</sup> Scherre e Naro (2003) no estudo desse fenômeno em tempo real (painel e tendência) observaram que, de forma geral, passados vinte anos que separam as duas amostras, há um aumento da concordância sem mudança no ambiente estrutural analisado. Quanto ao aspecto social, “falantes com aumento de escolarização (ou idade inicial mais baixa) tendem a ultrapassar os falantes sem aumento de escolarização (ou idade inicial mais alta), mas no interior de cada um dos grupos não há mudança da ordem que prevalecia desde o início” (p. 62).

<sup>18</sup> Scherre e Naro (2007) no livro *Origem do Português Brasileiro* discutem a controvérsia que existe quando se fala da origem do fenômeno de concordância variável no PB. De um lado, expõem a corrente de pensamento que defende a crioulização resultante do contato do português com línguas africanas e outras línguas não-europeias (GUY, 1989; SILVA-NETO, 1986; CÂMARA JR., 1975; JEROSLOW, 1975; HOLM, 1992; BAXTER e LUCHESI, 1993; FERREIRA, 1994). De outro lado, expõem e defendem a deriva (SAPIR, 1949/1921). Para eles, tanto no português europeu quanto no PB há variação na concordância: “as diferenças são uma questão de grau, não de tipo” (p. 65). Assim, concluem que o português atual do Brasil é resultado da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal e que sem dúvida foi “exagerada” no Brasil pela diversidade do “contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens e, pela nativização desta língua pelas comunidades formadas por estes falantes” (p. 69).

aquisitivo da variante “presença de marcas formais de plural”. O que se observa é a influência da exposição à escola e também da cotação alta no mercado de trabalho, conforme veremos a seguir. E, ainda, os resultados das variáveis linguísticas evidenciam que as marcas não tendem a ocorrer somente na primeira posição do SN, como atestam os pesquisadores que defendem a visão contatista do PB.

Ainda, na análise desse fenômeno observando *mercado de trabalho, mídia e sensibilidade linguística*, segundo Scherre (1998c, p. 254), variáveis sociais não convencionais, foi possível chegar aos seguintes resultados:

Quanto ao *mercado de trabalho*, “quanto maior a cotação na escala do mercado ocupacional, mais sobe a probabilidade de aplicação da regra (0,67) e quanto menor, menos ela sobe (0,35)”. Essa variável se mostrou mais importante do que a *idade*, foi selecionada em terceiro lugar. Correlacionando essa variável ao *sexo*, os resultados estatísticos mostram que os homens são mais influenciados pelo *mercado de trabalho* (selecionada em primeiro lugar) do que pela escola e as mulheres recebem mais influência da escola do que do *mercado de trabalho* (selecionada em terceiro lugar);

No que tange à *mídia*, embora selecionada em último lugar, os resultados mostram que os informantes mais expostos à televisão e/ ou à leitura de jornais usam mais a “presença de marcas de plural” (forte: 0,55; média: 0,52; fraca: 0,44, SCHERRE 1998c, p. 258). Na correlação dessa variável com *sexo*, observa-se que nas mulheres a influência da mídia é maior (0,61, p. 259) do que nos homens (0,44);

No que diz respeito à *sensibilidade linguística*, o efeito dessa variável não se mostrou tão relevante: ela se mostra mais marcada quando relacionada ao *sexo* e à *idade*. Os homens considerados como linguisticamente sensíveis são influenciados mais por essa variável do que as mulheres (0,68 e 0,49, respectivamente, p. 262) e essa variável atua mais na faixa etária de 15 a 25 anos (0,77, p. 262) do que na de 26 a 49 anos (0,45) e 50 a 71 anos (0,52).

A pesquisa de Scherre realizada em 1988 como tese de doutorado e seus demais trabalhos que discutem os resultados em forma de artigos (1997, 1998a, 1998b, 1998c, 2003) mostram que há variáveis linguísticas e extralinguísticas regendo a variação na *concordância nominal de número*; mostram, ainda, resultados que evidenciam a contra-funcionalidade desse fenômeno no sentido do funcionalismo kiparskiano, principalmente no que diz respeito ao Princípio da Economia: a tendência nas línguas de se eliminarem informações redundantes. O que se observa nos resultados de Scherre (1988), na

verdade, é a repetição atuando nesse fenômeno (e também em outros), para isso ela levanta a hipótese do Princípio do Processamento Linguístico com Paralelismo, além dos princípios da Iconicidade e da Saliência Fônica.

A referida autora mostra, ainda, no que se refere às variáveis sociais convencionais que há duas motivações em competição atuando nesse fenômeno: uma que indica variação sociolinguística estável e outra que indica processo de mudança linguística. Ainda, os resultados de variáveis sociolinguísticas não convencionais revelam resultados interessantes, principalmente no que diz respeito ao *mercado de trabalho*; e, por fim, mostram que a variação é inerente ao sistema linguístico, uma vez que os resultados das variáveis linguísticas atuam de maneira uniforme sobre os subagrupamentos de falantes: “através dos resultados das variáveis Marcas e Relação, e também, da Pluralidade do Contexto, pudemos concluir que as diferenças entre os diversos subagrupamentos de falantes são mais propriamente quantitativas do que qualitativas, ou seja, a variação é inerente” (SCHERRE, 1988, p. 515).

Dando continuidade à discussão das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas por algumas pesquisas realizadas no Brasil sobre o fenômeno em estudo, passemos à descrição do trabalho de Fernandes realizado em 1996 como dissertação de mestrado.

Essa pesquisadora considerou duas situações de uso na análise dos dados: uma informal e a outra formal. No que se refere à primeira, investigou a fala de 47 informantes da Região Sul do Brasil utilizando o *corpus* do projeto VARSUL<sup>19</sup> e no que se refere à segunda, investigou a fala de 19 informantes de diferentes regiões do Brasil coletados através de comentários esportivos, entrevistas em televisão e defesas de dissertações de mestrado.

Foram coletados 5.424 SNs da primeira amostra e 1.521 da segunda amostra. Para a análise dos dados, assim como Scherre (1988), utilizou o programa computacional VARBRUL.

A amostra da situação informal foi constituída de 30 minutos de fala de cada um dos informantes estratificados da seguinte maneira: 12 informantes de Florianópolis/SC (etnia açoriana, 6 homens e 6 mulheres), 12 informantes de Chapecó/SC (etnia italiana, 6 homens e 6 mulheres), 12 informantes de Panambi/RS (etnia alemã, 6 homens e 6 mulheres) e 11 informantes de Irati/PR (etnia eslava, 5 homens e 6 mulheres), o que totalizou 24 horas de gravação e 5.424 dados

---

<sup>19</sup> Variação Linguística da Região Sul do Brasil, projeto que se iniciou em 1989.

analisados (FERNANDES, 1996, p.15). Controlou também três níveis de escolaridade (primário, ginásio e colegial) e duas faixas etárias (25 a 49 anos; mais de 50 anos).

A amostra da situação formal foi constituída: i) de 15 minutos da fala de 5 comentaristas esportivos de programas televisivos gravados em fitas de vídeo, totalizando 368 dados analisados; ii) da gravação da fala de 4 entrevistadores de diferentes canais de televisão, totalizando 415 dados analisados e iii) da gravação de 10 defesas de mestrado de diferentes áreas, totalizando 738 dados. Para essa amostra não foi controlado o perfil social dos informantes<sup>20</sup>.

Para os dados de situação informal foram retomadas algumas das variáveis linguísticas controladas por Scherre (1988) no nível *atomístico*, ou seja, observando apenas a relação dos elementos no SN, a fim de atestar ou não suas hipóteses: *posição linear, classe gramatical, relação com o núcleo, marcas precedentes, saliência fônica* (processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais), *contexto fonético-fonológico seguinte* e *características lexicais dos substantivos e adjetivos*.

As variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas pelo programa estatístico, por ordem de seleção foram: *distribuição dos elementos do SN em função de sua posição e de sua relação com o núcleo, níveis de escolarização, marcas precedentes, saliência fônica, idade, etnia, grau dos substantivos e adjetivos, sexo, contexto seguinte e tonicidade dos itens lexicais*.

Os resultados das variáveis linguísticas vão ser descritos a seguir.

No que se refere à *distribuição dos elementos do SN em função de sua posição e de sua relação com o núcleo*, selecionada em primeiro lugar, Fernandes (1996) chega aos mesmos resultados de Scherre (1988), pois evidencia que “elementos não nucleares na primeira e segunda posição antes do núcleo são muito marcados, com uma queda significativa para os elementos de segunda e terceira posição pospostos” (p. 49). Levando em consideração a aplicação da regra (“presença de marcas formais de plural”), o peso relativo de alguns dos fatores ficou assim distribuído: 0,85 para a classe não nuclear na primeira posição, 0,72 para a classe não nuclear anteposta na segunda posição, 0,32 para a classe não nuclear posposta na segunda posição e 0,25 para a classe não nuclear posposta nas demais posições. É importante lembrar, que assim

---

<sup>20</sup> Não apresentaremos os resultados da amostra formal por nos interessarmos pelos dados de fala informal que nos proporcionará uma comparação mais sistemática com nossa amostra.

como Scherre (1988), Fernandes (1996) fez a análise da *posição* e *classe gramatical* como variáveis isoladas, mas chegou à conclusão também de que a melhor análise é a que leva em consideração a correlação delas.

No que diz respeito à variável *marcas precedentes*, selecionada em terceiro lugar, a partir da correlação com a variável *posição*, os resultados evidenciam também que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, já que, por exemplo, considerando a terceira posição de análise, a “presença de marcas formais de plural” na primeira posição favorece mais marcas nos elementos seguintes (0,61) e zero formal a partir da primeira posição as desfavorece (0,10). Algo a acrescentar no estudo de Fernandes (1996) é que ela separa numerais terminados em /S/ de numerais não terminados em /S/ e chega à conclusão de que os primeiros levam mais à aplicação da regra do que os segundos (0,64 e 0,56, respectivamente). O que ela constata com essa subdivisão é que não é só o /S/ morfêmico que leva a outras marcas, mas também o /S/ não morfêmico. Em função disso, Fernandes (1996) sugere que sejam feitas entrevistas com informantes iletrados a fim de se observar até que ponto esses informantes têm a noção de carga semântica de plural. Sugere, ainda, que se repense a variável *marcas precedentes* em função da quantidade de elementos dentro do SN: ela levanta a hipótese de que SNs de dois elementos devem se comportar de maneira diferente dos de três ou mais elementos.

No que tange à *saliência fônica*, selecionada em quarto lugar, na sua relação com processos morfofonológicos e tonicidade, a autora também conclui que formas mais perceptíveis são mais marcadas: nomes terminados com formação de plural duplo e terminados em -L, por exemplo, favorecem mais as marcas de plural (0,81 e 0,77, respectivamente), enquanto nomes regulares proparoxítonos as desfavorecem (0,45). Fernandes (1996) considera, assim como Scherre, a melhor análise a que leva em conta processos e tonicidade num só grupo de fatores.

No que se refere ao *grau dos substantivos e adjetivos*, selecionado em sétimo lugar, Fernandes (1996) chega à conclusão de que elementos no grau normal (0,51) apresentam mais marcas formais de plural do que elementos no grau diminutivo/ aumentativo (0,22). Mesmo não trabalhando com a formalidade dos substantivos, como fez Scherre, Fernandes também atribui a não aplicação da regra nos diminutivos/ aumentativos pelo traço [+ informal]. A animacidade dos substantivos e adjetivos não se mostrou relevante nos seus dados.

Quanto ao *contexto fonético-fonológico seguinte*, variável selecionada em nono lugar, a *pausa* é o fator que mais condiciona a

“presença de marcas formais de plural” (0,56) do que a *consoante* (0,48) e a *vogal* (0,51), embora de maneira não tão significativa. Fernandes (1996), assim como Scherre (1988), conclui que não há uma tendência de preservação do padrão silábico. O que acontece, na verdade, com itens terminados, principalmente em -S e -R seguidos de vogal, é o fenômeno da haplologia: tendência de eliminar sílabas iguais ou semelhantes. Ressalta que essa é a última variável selecionada tanto nas rodadas isoladas quanto cruzadas.

Os resultados das variáveis extralinguísticas vão ser descritos a seguir.

No que se refere ao nível de *escolarização*, variável selecionada em segundo lugar, Fernandes (1996) conclui também que quanto maior o nível de escolaridade dos informantes mais eles utilizam marcas formais de plural (colegial: 0,66; ginásio: 0,48; primário: 0,32), resultado semelhante ao de Scherre (1988).

No que tange à *idade*, variável selecionada em quinto lugar, diferentemente de Scherre (1988), os resultados de Fernandes (1996) mostraram que os mais velhos utilizam mais as marcas formais de plural (0,55) do que os mais jovens (0,45). Lembramos que a referida pesquisadora comparou duas faixas etárias apenas: 25 a 49 anos e mais de 50 anos. Esperava-se que os informantes da primeira faixa etária utilizariam mais a variante “presença de marcas formais de plural” por estarem inseridos no *mercado de trabalho*. Na pesquisa de Scherre, como elucidado anteriormente, essa variável não foi tão relevante: foi constatado um padrão curvilíneo ao analisar essa variável isoladamente o que indicou que a *concordância nominal de número* é uma variável sociolinguística estável.

No que diz respeito à *etnia*, selecionada em sexto lugar, os resultados de Fernandes (1996) não atestaram a hipótese por ela levantada: a de que os descendentes de origem açoriana (dados dos moradores de Florianópolis/SC), por terem o português como a língua materna, tenderiam mais ao uso da “presença de marcas formais de plural” no SN (0,47). O que se constatou, na verdade, foram os descendentes de origem alemã e eslava, que apresentaram na língua materna uma marcação de concordância diferente da língua portuguesa, aplicando mais a regra (“presença de marca formais de plural”): ambos com o peso relativo de 0,55. A autora tenta explicar isso pelo fator *escolarização*.

Quanto ao *sexo*, variável selecionada em oitavo lugar, os resultados de Fernandes (1996) evidenciaram, assim como em Scherre (1998), que as mulheres são as que mais fazem uso das marcas formais

de plural (0,53) do que os homens (0,46). Ressalta-se que no estudo de Scherre essa variável se mostrou mais relevante do que a *idade*.

Os resultados da pesquisa de Fernandes (1996) como percebemos e como a própria autora afirma não divergem muito dos resultados de Scherre (1988)<sup>21</sup>:

as variáveis mais significativas que atuaram neste estudo foram as mesmas constatadas por Scherre. Mostrando, portanto, que os condicionamentos da aplicação ou não da regra de concordância não diferem de acordo com a região, sendo, de certa forma, uniformes no português do Brasil (p. 116).

O estudo de Fernandes (1996) também mostra a importância de se olhar para outros grupos de fatores sociais além dos clássicos como *idade*, *escolaridade* e *sexo*. Nesse estudo, ela mostrou resultados interessantes no que diz respeito à *etnia* e também à *formalidade*, mesmo que essa última variável não tenha sido selecionada pelo programa (na situação mais formal, 0,82, a aplicação da regra é maior do que situações informais, 0,43).

Um outro estudo realizado no Brasil sobre a variável dependente aqui em discussão é o de H. Carvalho (1997). A referida pesquisadora investigou a fala de 60 informantes de João Pessoa (PB) a partir das entrevistas realizadas para o Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (doravante VALPB). Os informantes estão distribuídos nos seguintes níveis de *escolaridade*: analfabetos, 1 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos e nível universitário; nas seguintes faixas etárias: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos; e de acordo com o *sexo/gênero*: homem e mulher.

H. Carvalho (1997) utilizou o programa estatístico VARBRUL para a análise de seus dados. De maneira geral, a análise dos SNs (8.505) mostrou que os informantes de João Pessoa utilizam com maior frequência a variante “presença de marcas formais de plural” (65%). A pesquisadora considerou como aplicação da regra a variante “presença de marcas formais de plural”.

Quanto aos condicionadores linguísticos, dos sete controlados, três foram significativos para o fenômeno em estudo, em ordem de seleção: *classe e posição em relação ao núcleo*, *marcas precedentes em*

---

<sup>21</sup> O objetivo de Fernandes (1996) era o de atestar ou não as hipóteses de Scherre (1988) nos dados de fala da Região Sul do Brasil.

*função da posição e saliência fônica* (processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais). Os que não se mostraram significativos foram: *posição linear ao elemento analisado*, *contexto fonético-fonológico subsequente* e *classe gramatical do elemento sob análise*.

No que se refere à variável *classe e posição em relação ao núcleo*, H. Carvalho (1997) chega à mesma conclusão de Scherre (1988) e Fernandes (1996) a de que os elementos antepostos ao núcleo (primeira posição: 0,88, segunda e terceira: 0,80) apresentam maior índice de aplicação da regra do que os da direita do núcleo (segunda: 0,28; terceira: 0,18 e demais: 0,15). H. Carvalho (1997), assim como Scherre (1997) e Fernandes (1996), explica que a melhor interpretação do fenômeno se dá quando *classe* e *posição* são consideradas correlacionadas. Isoladamente, por exemplo, a posição nem é selecionada pelo programa estatístico.

No que tange à variável *marcas precedentes* em função da posição, Hebe Carvalho (1997) atesta o princípio do paralelismo formal discutido por Scherre (1988), principalmente, quando o elemento de terceira ou quarta posição é precedido por elementos que a partir da primeira posição apresentam a “variante presença de marcas formais de plural” (“as boas *meninas*”: 0,67). Quando em SNs de dois elementos a primeira posição é formalmente marcada, a probabilidade de o elemento seguinte ser pluralizado cai para 0,48. E quando há mistura de marcas, há favorecimento quando o elemento sob análise é precedido de elemento formalmente marcado (“as *minhas* três *filhas*”: 0,51) do que por elemento formalmente não marcado (“as *minha*Ø três *menina*Ø”: 0,22). Quando o elemento sob análise é precedido por um numeral (terminado ou não em /S/) há um favorecimento da “presença de marca formal de plural” (“seis *irmãos*”: 0,51; “cinco *meninos*”: 0,62). Observa-se que, ao contrário de Fernandes (1996), nos dados de João Pessoa (PB) são os numerais não terminados em /S/ que favorecem mais a aplicação da regra.

No que diz respeito à *saliência fônica*, Hebe Carvalho (1997) mostra que, assim como nos trabalhos de Scherre (1988) e Fernandes (1996), os itens lexicais que realizam o plural de forma irregular, portanto, mais salientes, favorecem mais a variante explícita de plural do que os regulares, menos salientes.

A pesquisadora considera a *saliência fônica* conforme Scherre (1988), pois correlaciona as variáveis processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais singulares. Assim, na categoria dos irregulares, a autora considera palavras formadas com

plural duplo (0,88), itens terminados em -l (0,88), itens terminados em -r (0,86), itens terminados em -ão com mudança morfofonêmica (0,70) e itens terminados em -s (0,95). Na categoria dos regulares, H. Carvalho (1997) considera itens regulares oxítonos (0,64), itens regulares proparoxítonos (0,50) e itens regulares paroxítonos (0,45). O único resultado que diverge do de Scherre (1988) e de Fernandes (1996) é que na fala de João Pessoa (PB), os itens em /S/ favorecem mais a marca formal de plural do que os itens com plural duplo. A autora salienta ainda que há uma constante oscilação dos itens que realizam o plural de forma irregular em função dos anos de escolarização.

Quanto às variáveis sociais, as selecionadas pelo programa foram *escolaridade e idade*.

No que tange à *escolaridade*, constatou-se, mais uma vez, que quanto maior o nível de escolaridade maior é a tendência de uso da variante “presença de marcas formais de plural” (analfabeto: 0,20; 01-04: 0,28; 05-08: 0,51; 09-11: 0,68; mais de 11: 0,86), assim como constataram Scherre (1988) e Fernandes (1996).

Quanto à variável *faixa etária*, observou-se que os falantes de 15 a 25 anos e os de mais de 50 anos apresentam maiores índices de aplicação da regra (0,61 e 0,48, respectivamente) do que os falantes de 26 a 49 anos (0,39). Para entender se está provavelmente acontecendo em João Pessoa (PB) uma mudança em progresso, já que os dados evidenciam uma mudança para um sistema de “presença de marcas formais de plural”, a pesquisadora correlacionou essa variável ao *sexo* e, realmente, os resultados apontam que são os jovens/sexo feminino e os velhos/ sexo feminino que “concentram as probabilidades de uso da concordância, variante de prestígio, o que pode ser um indício de um processo de mudança” (p.139). Para isso ser confirmado, segundo a autora, é necessário fazer um estudo em tempo real. Ressalta-se que esse resultado diverge do de Scherre (1988) que observou dois processos ao correlacionar a variável *idade* com outras variáveis não convencionais: um de variação sociolinguística estável e outro de mudança no sentido de perdas de marcas formais de plural. E também diverge do de Fernandes (1996) que observou uma possível mudança também no sentido de perda de marcas formais de plural.

Um outro resultado que chama atenção no estudo de H. Carvalho (1997) é que os informantes entre 26 a 49 anos (faixa etária intermediária) são os que menos favorecem o uso da variante “presença de marcas formais de plural”. O que se esperava era que por se tratar de uma faixa etária cujos informantes estão inseridos no *mercado de trabalho*, eles apresentassem um maior uso da variante de prestígio.

Talvez esse resultado fosse melhor esclarecido caso se observasse em que tipo de ocupação os informantes entrevistados estão envolvidos. Segundo Scherre (1998c), como vimos anteriormente, quanto maior a cotação na escala do *mercado ocupacional*, mais sobe a probabilidade de aplicação da regra e quanto menor, menos ela sobe.

A partir dessa pesquisa, H. Carvalho (1997) consegue mostrar que a variação existente na *concordância nominal de número* é sensível tanto a fatores internos à língua quanto a fatores externos. E como percebemos, são, basicamente, os mesmos fatores que condicionam essa variação nas outras regiões do Brasil anteriormente apresentadas (Rio de Janeiro, Florianópolis, Chapecó, Irati e Panambi).

Um outro estudo realizado no Brasil sobre a variação existente na *concordância nominal de número* é o de R. Carvalho em 1997. A referida pesquisadora analisou a fala de moradores da cidade de Rio Branco (AC). Foram entrevistados 24 informantes de classe baixa da comunidade urbana dessa cidade, estratificados de acordo com a *escolaridade* (analfabetos, 1ª à 4ª série e 5ª à 8ª série) e o *sexo/gênero*. Todos informantes tinham entre 20 a 35 anos. Ainda controlou o grau de formalismo. Isso foi feito quando a pesquisadora no final das entrevistas perguntava questões metalinguísticas a fim de observar o grau de monitoramento dos entrevistados. Essas entrevistas passaram a fazer parte do Projeto Estudo da fala urbana de Rio Branco.

Cada entrevista teve duração de 60 minutos, mas para essa pesquisa foram analisados apenas 20 minutos de cada uma. Foram codificados, no total, 3.001 dados. Para a análise dos dados foi utilizado o programa estatístico VARBRUL 2 S. Como aplicação da regra, R. Carvalho (1997) considerou a variante “presença de marcas formais de plural”. De maneira geral, os resultados mostraram que os informantes de Rio Branco (AC) tendem ao uso da variante “presença de marcas formais de plural” (67%).

Dos sete grupos de fatores linguísticos controlados, três foram selecionados: *saliência fônica* (processos de formação de plural), *posição* e *classe gramatical*. Não se mostraram significativos: *tonicidade dos itens lexicais*, *número de sílabas*, *marcas precedentes* e *contexto fonético-fonológico subsequente*.

Quanto à *saliência fônica*, considerando a dimensão processos de formação de plural, a pesquisadora constatou, assim como Scherre (1988), Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997), que formas com formação de plural mais salientes por serem mais perceptíveis são favorecedoras da aplicação da regra. Ressalta-se que, quando essa variável é correlacionada à *escolaridade*, os analfabetos comportam-se

diferentemente dos demais, contrariando o princípio da saliência fônica, pois, para eles, o fator que se mostrou mais condicionador da “presença de marcas formais de plural” foi o plural regular (os meninos), portanto, menos saliente.

Quanto à *posição*, a primeira posição ocupada pelo elemento linguístico no SN é mais favorecedora da “presença de marcas formais de plural” em relação às demais posições. Resultado semelhante ao de Scherre (1988) e Fernandes (1996), considerando essa variável de maneira isolada.

Quanto à *classe gramatical*, foram os elementos determinantes que mais favoreceram a aplicação da regra. Ressalta-se que para Scherre (1988), Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997) essa variável mostrou-se mais relevante quando correlacionada à variável *posição ocupada pelo item lexical no SN*. Por isso, à semelhança dessas pesquisadoras, R. Carvalho (1997) também chama a atenção para a correlação entre as variáveis *posição*, *classe* e *marcas precedentes*. Esta última não foi selecionada quando olhada de maneira isolada.

Quanto aos grupos de fatores sociais, os que se mostraram mais significativos para a aplicação da regra foram *escolaridade* e *sexo/gênero*. Quanto à *escolaridade* atesta que os mais escolarizados, no caso os informantes de 5ª à 8ª série (0,76), são os mais favorecedores do uso da variante “presença de marcas formais de plural” em relação aos demais (analfabetos: 0,28; 1ª à 4ª série: 0,46). Resultado que converge para os resultados das outras pesquisas já discutidas neste capítulo. Quanto ao *sexo/gênero*, chama atenção o fato de os homens (0,60) tenderem ao uso da variante considerada de maior prestígio, “presença de marcas formais de plural”, em relação às mulheres (0,42) o que vai de encontro aos trabalhos de Scherre (1988) e Fernandes (1996). Ressalta-se que na pesquisa de H. Carvalho essa variável não foi selecionada.

R. Carvalho (1997) esclarece que isso pode estar relacionado a outros fatores sociais, como a *ocupação* dos informantes. Segundo a ficha dos informantes, dos 12 informantes homens, 10 trabalham fora e 2 são estudantes e das 12 mulheres, 9 são donas de casa e/ou domésticas e apenas 3 trabalham em outras profissões. Portanto, segundo R. Carvalho (1997), os homens apresentam um grau de integração maior do que as mulheres. Isso pode explicar o uso da variante de prestígio que poderia estar sendo mais utilizada por classes sociais mais altas as quais os homens teriam mais contato.

R. Carvalho (1997), nessa pesquisa, mostra também a variação sistemática da *concordância nominal de número* e uma de suas

conclusões caminha numa direção funcionalista de visão dos fatos linguísticos, pois, considerando as variáveis de maneira isolada, o que se parece, para a referida pesquisadora, é que há uma tendência a eliminar informações redundantes.

Um outro trabalho realizado no Brasil sobre o fenômeno da variação na *concordância nominal de número* é o de Lopes (2001) que investigou as falas popular e culta de moradores de Salvador (Bahia). A referida pesquisadora controlou como variáveis sociais em sua pesquisa quatro faixas etárias diferentes: 15 a 24 anos, 25 a 35 anos, 45 a 55 anos, mais de 65 anos; três graus de escolarização: 1 a 5 anos de escolarização, 11 anos de escolarização, mínimo de 15 anos de escolarização; dois gêneros e diferentes grupos étnicos.

Em relação a essa última variável, Lopes (2001) considerou dois grupos: um de descendente de africanos e outro não. Ela fez isso com o auxílio do grupo de pesquisa em genética da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e adotou como critério o sobrenome dos informantes a fim de identificar a descendência de cada um. Os informantes com sobrenomes de origem religiosa foram considerados descendentes de africanos e os informantes cujo sobrenome não remete a uma origem religiosa ficaram em outro grupo.

Além de observar quais dessas variáveis sociais mais condicionam o uso de uma ou outra variante da *concordância nominal de número* na sincronia, Lopes (2001) procurou também comparar os dados de fala culta de Salvador em dois *corpora* provenientes do projeto NURC/ Salvador (Bahia), um da década de 1970 e o outro da década de 1990, a fim de identificar se há uma variação estável ou um processo de mudança linguística nesse fenômeno.

A autora utilizou para a análise dos dados o programa estatístico VARBRUL. Segundo ela, pelo menos quatro variáveis linguísticas das oito controladas se mostraram relevantes para o fenômeno da variação na *concordância nominal de número* no SN: *saliência fônica, marcas precedentes, classe gramatical associada à posição linear e posição relativa ao núcleo e contexto fonético-fonológico subsequente ao elemento do SN*. Não se mostraram tão relevantes: *posição linear, categoria morfológica, grau de substantivos e adjetivos e a coexistência de “tudo”*.

Quanto à *saliência fônica*, assim como em Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997) e R. Carvalho (1997), o resultado geral de Lopes (2001) mostrou que elementos mais salientes favorecem a “presença de marca formal de plural” do que elementos menos salientes. Para essa análise, a pesquisadora também considerou essa

variável correlacionada: processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, seguindo a maioria dos fatores adotados por Scherre (1988), apenas diferenciando-se ao separar os dados de palavras terminadas em {-ão} com formação de plural regular como um fator.

Quanto à *classe gramatical relacionada à posição linear e à posição do elemento em relação ao núcleo*, os dados de Lopes (2001) corroboram os resultados de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Hebe Carvalho (1997), uma vez que na fala dos moradores de Salvador (Bahia) também os elementos mais à esquerda do SN, pré-nucleares, favorecem a “presença de marca formal de plural” do que os elementos mais à direita, pós-nucleares.

No entanto, diferentemente de Scherre (1988), Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997), Lopes (2001) observa os elementos flexionáveis do SN em relação ao núcleo quanto ao seu grau de adjacência, se mais à esquerda imediatamente seguidos do núcleo ou à esquerda não seguido do núcleo, como por exemplo: *as meninas, as minhas meninas*.

O que Lopes (2001) constata é que a posição à esquerda do núcleo, adjacente a ele, favorece bem mais a “presença de marcas formais de plural” (“as *mesmas* chances”) do que a posição à esquerda, não adjacente ao núcleo (“*do*Ø outros *dia*Ø”).

A autora explica esse resultado pela teoria dos 4M, proposta por Myers-Scotton e Jake (2000a, p.1055 *apud* LOPES, 2001), que trata dos quatro tipos de morfemas envolvidos na aquisição da língua. Em ordem de aquisição: a) os *content morphemes* (morfemas de conteúdo); b) *os early system morphemes* (morfemas gramaticais precoces) e os *late system morphemes* (morfemas gramaticais posteriores); c) os *bridge system morphemes* (morfemas-ponte) e d) os *outsider system morphemes* (morfemas exteriores).

De acordo com essa teoria, a ordem em que os morfemas aparecem é adquirida tanto na primeira quanto na segunda língua. *Grosso modo*, os elementos não nucleares imediatamente adjacentes ao núcleo são *morfemas gramaticais precoces*, isto é, elementos que são gerados juntamente com *os morfemas de conteúdo* (o núcleo do SN), no nível funcional, por isso há uma tendência maior de não serem apagados. Os demais elementos não nucleares por serem morfemas adquiridos posteriormente (*late system morphemes*), por atenderem apenas a estrutura sintática apresentam uma menor probabilidade da “presença de marcas formais de plural”.

Em relação ao núcleo do SN, há um maior favorecimento da variante “presença de marca formal de plural” quando está em primeira

posição do que em segunda, terceira e quarta. Ressalta-se que nos dados de Lopes (2001), os elementos que ocupam a quinta posição apresentam mais a “presença de marcas formais de plural” do que os de segunda, terceira e quarta. Resultados semelhantes aos de Scherre (1988) e Fernandes (1996).

Quanto às *marcas precedentes*, Lopes (2001) mostra que nos elementos de segunda posição há favorecimento de marca formal de plural quando eles são antecidos por elementos não marcados formalmente e por numeral (“meuØ irmãos”, “três meninos”). Nos elementos de terceira posição há um favorecimento de “presença de marcas formais de plural” quando antecidos por elementos que tenham marca e há um desfavorecimento quando antecidos de elementos que não têm marca (“as minhas irmãs”, “os meuØ irmãoØ”), atestando o que Scherre (1988) explica para esse tipo de SN: “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Ressalta-se que assim como Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997), Lopes (2001) separa os numerais terminados em /S/ dos não terminados em /S/, mas os resultados não mostraram muita diferença, pois ambos favorecem a “presença de marca formal de plural” no elemento sob análise (0,53 e 0,56, respectivamente).

Quanto ao *contexto fonético-fonológico subsequente*, Lopes (2001) mostra que o contexto mais favorecedor é a *pausa final* (0,62), seguido de *consoante surda* (0,52) e depois pela *vogal* (0,54). Como se observa, esses resultados são semelhantes aos de Scherre (1988) e Fernandes (1996). Algo que a autora destaca é que há uma diferença estatística relevante entre os dados de *pausa interna* e *pausa final*, pois ao separá-los nota-se que o último contexto é mais favorecedor da aplicação da regra do que o primeiro (0,50). Ainda destaca que, principalmente, em elementos terminados em /S/ não há uma tendência à manutenção do padrão silábico como se esperava (“os mês em”). Ela concorda com Scherre (1988) e Fernandes (1996) que explicam essa situação pelo fenômeno da haplologia.

No que diz respeito às variáveis sociais, *escolaridade*, *idade* e *etnia* se mostraram relevantes na variação da *concordância nominal de número*, principalmente quando correlacionadas.

A *escolaridade* é a primeira variável selecionada dentre as sociais pelo programa estatístico utilizado por Lopes (2001). Assim, o que se observa é que a “presença de marca formal de plural” é favorecida pelo maior grau de *escolaridade*, no caso os universitários. Resultado que vai ao encontro dos resultados das pesquisas anteriormente apresentadas.

Quanto à *idade*, de maneira geral, os mais velhos são os mais favorecedores da “presença de marca formal de plural” (0,59) e os jovens os mais desfavorecedores (0,49). Resultado que converge para os resultados de Fernandes (1996) e diverge dos resultados de Scherre (1988)<sup>22</sup> e H. Carvalho (1997).

Entretanto, quando se correlaciona ao grupo de fatores *etnia*, percebe-se que no grupo de informantes com sobrenome religioso (descendentes de africanos) há um processo de aquisição da “presença de marca formal de plural”, pois os resultados mostram que os mais velhos são mais desfavorecedores do uso dessa variante do que os mais jovens. Já no grupo de informantes com sobrenome não religioso (não descendentes de negros) há um processo de perda da “presença de marca formal de plural” já que os mais velhos são mais favorecedores da “presença de marca formal de plural” do que os mais jovens. Esse último resultado é semelhante ao de Scherre (1988) quando correlaciona a variável *idade* ao ambiente de origem dos informantes (humilde ou não).

Quanto à *etnia*, de maneira geral, são os informantes de sobrenome não religioso os favorecedores do uso de “presença de marca formal de plural” (0,53) do que os de sobrenome religioso (0,46). Essa variável mostrou-se bem relevante nessa pesquisa, uma vez que evidencia dois possíveis tipos de mudança em tempo aparente: uma que caminha em direção a um processo aquisicional da variante “presença de marcas formais de plural” (descrioulização) e outra que caminha num processo de perda de marcas formais de plural.

Lembramos que Lopes (2001) também fez uma análise diacrônica da variação na *concordância nominal de número* na fala dos moradores de Salvador (Bahia). Mas isso só foi possível observando os dados dos informantes universitários, como exposto anteriormente. E o que a pesquisadora constata é que parece haver uma mudança que caminha no processo de perda de “presença de marcas formais de plural”, pois os resultados mostraram que os informantes entrevistados na década de 1970 são mais favorecedores dessa variante do que os da década de 1990 (0,55 e 0,47, respectivamente).

Os resultados de Lopes (2001) como se verifica, de maneira geral, constata em sua maior parte os resultados já encontrados por Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997) e R. Carvalho (1997) ao estudarem esse fenômeno em outras regiões do Brasil, principalmente, no que diz respeito aos condicionadores linguísticos.

---

<sup>22</sup> Variável idade de maneira isolada.

Ressalta-se também a importância de a pesquisadora ter olhado para outra variável social não clássica, pois, como vimos, a *etnia* dos informantes revelou resultados importantes para esse fenômeno em Salvador (Bahia), assim como na região sul do Brasil no estudo de Fernandes (1997).

Campos e Rodrigues em 2002 estudaram também a *concordância nominal de número* considerando a indicação de pluralidade dos elementos flexionáveis do SN na fala de informantes com nível superior completo ou em curso. Para esse estudo utilizaram dados do projeto NURC que controla grupo de fatores sociais (*idade, escolaridade, sexo/gênero*), geográficos (informantes de cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife) e estilísticos (elocução formal, EF; Diálogo entre dois informantes, D2; diálogo entre informante e o documentador, DID<sup>23</sup>).

A análise dos 3.011 SNs mostrou, de maneira geral, que os informantes entrevistados utilizam com maior frequência a “presença de marcas formais de plural” (97%), mostrando que “os falantes cultos tendem a aplicar as regras de pluralização preconizadas pela gramática normativa” (p. 103).

Para entender melhor a aplicabilidade ou não da regra (3%), as pesquisadoras controlaram como variáveis linguísticas:

a) *Saliência fônica*, observando processos morfofonológicos de formação de plural, tonicidade dos itens lexicais e número de sílabas. A *saliência fônica*, segundo elas, foi “inoperante”, o que significa que formas mais ou menos salientes não interferem na fala de informantes cultos, resultado que vai de encontro aos de Scherre (1988), Fernandes (1996) e R. Carvalho (1997) que mostram uma atuação importante dessa variável nos dados de falantes com até 11 anos de escolarização, assim como aos de H. Carvalho (1997) e Lopes (2001) que também mostraram uma atuação importante dessa variável tanto na fala de informantes com pouca escolaridade quanto na fala de informantes de mais escolaridade (nível superior);

b) *Posição do elemento no SN* que se mostrou a variável mais atuante assim como nos dados de Scherre (1988), Fernandes (1996), R. Carvalho e Lopes (2001) considerando essa variável de forma isolada;

c) *Classe gramatical* que não foi selecionada como estatisticamente relevante, assim como não foi para a maioria dos trabalhos expostos neste capítulo, considerando essa variável de maneira isolada.

---

<sup>23</sup> Os DIDS e as EFS constituem depoimentos de um único informante.

Para entender a aplicabilidade ou não da regra, as pesquisadoras observaram também o peso estatístico dos dados considerando os grupos de fatores extralinguísticos controlados pelo projeto NURC.

Para a variável estilística *formalidade* mostraram que, realmente, situações de maior formalidade levam a maior utilização das marcas formais de plural (EF: 0,97; D2: 0,11; DID: 0,22) e que itens lexicais considerados [- informal] desfavorecem marcas formais de plural (0,47).

Para as variáveis linguísticas sociais:

Quanto à *idade*, tanto os informantes da primeira faixa etária quanto os da terceira utilizaram de forma categórica a variante “presença de marcas formais de plural”, não se mostrando, assim, um grupo de fatores relevante, assim como não foi na pesquisa de Scherre (1988) e R. Carvalho (1997).

Quanto ao *sexo*, essa variável se mostrou relevante, uma vez que assim como na pesquisa de Scherre (1988) e Fernandes (1996), as mulheres tendem mais ao uso da “presença de marcas formais de plural”.

Para a variável *procedência geográfica*, observou-se que das cinco capitais investigadas são os informantes de São Paulo que tendem mais à aplicação da regra (0,97), enquanto os informantes de Porto Alegre e Salvador são os que menos aplicam a regra (0,18 e 0,25, respectivamente). Essa não aplicação da regra deve-se ao comportamento individual que interferiu no comportamento do grupo, pois os percentuais de alguns indivíduos (DID-SSA e DID-POA) destoam dos demais informantes, o que leva a pensar em “um comportamento idiossincrático destes indivíduos, caracterizando a existência de gramáticas particulares” (p.118).

Como se observa nessa investigação realizada por Campos e Rodrigues (2002), a variação na *concordância nominal de número* também se mostra sistemática, assim como nas outras pesquisas acima discutidas.

Baxter (2009) também investiga o fenômeno da *concordância nominal de número* no Brasil. Ele faz isso a partir de dois *corpora* de comunidades rurais de afrodescendentes: uma no Brasil, a de Helvécia (Bahia), e outra na África, a dos tongas, da roça Monte Café, na República de São Tomé e Príncipe<sup>24</sup>.

Nessa pesquisa ele retoma dois aspectos pertinentes ao debate desse fenômeno no PB: um referente à linha contatista que

---

<sup>24</sup> Apresentaremos nesta seção somente os dados referentes ao PB.

atribui um papel fundamental ao contato linguístico no Brasil e à atuação de potenciais processos de crioulização no desenvolvimento do PL no SN, e correlaciona essa variável com outros fenômenos morfossintáticos no PB considerados indícios de reestruturações que teriam as mesmas fontes (p. 269);

e outro referente à linha derivista que “aponta para a presença de um padrão de concordância variável no SN em variedades do Português Europeu (PE) que teriam fornecido modelos para o PB [...]. As populações de falantes de português L2 teriam exacerbado esse modelo europeu” (p.269).

A partir disso, ele lança as seguintes perguntas:

- a) até que ponto um modelo baseado na fala urbana dá conta da variação plural em variedades de português faladas por afrodescendentes em contextos rurais?
- b) se essas variedades não poderiam ter desenvolvido a variação plural, havendo ou não variação nos modelos europeus?

O *corpus* de Helvécia é composto dos dados estudados por Andrade (2003 *apud* BAXTER, 2009) que analisou a fala de 18 informantes, distribuídos em três faixas etárias e por gênero: 21 a 40 anos (faixa 1), 41 a 60 anos (faixa 2), mais de 60 anos (faixa 3). Baxter (2009) para fazer uma reanálise desses dados incorporou mais uma faixa etária: a de mais de 85 anos (faixa 4).

Os dados foram analisados a partir do programa computacional Goldvarb X. As variáveis independentes controladas nesse estudo foram: *saliência fônica do morfema PL, marcas de plural precedentes ao item em análise, configuração estrutural do SN, gênero do falante e faixa etária do falante.*

As variáveis discutidas nesse trabalho são, principalmente, *posição linear do item PL em relação ao núcleo* que foi selecionada em primeiro lugar pelo programa estatístico utilizado. O pesquisador complementa essa discussão com a variável *marcas precedentes de PL* que segundo ele é considerada por Scherre (1988) como essencial para a caracterização da variação na *concordância nominal de número*, e com as variáveis sociais, sobretudo, *faixa etária, etnia dos pais e gênero.*

A variável *posição do item em relação ao núcleo no SN* seguiu a mesma configuração de Scherre (1988), mas distinguindo as posições pré-nucleares em termos de adjacência ao núcleo como foi feito por Lopes (2001) ao analisar a fala dos moradores de Salvador (BA). As rodadas realizadas, de cada faixa etária e global de todas as faixas etárias, mostraram que há um declínio no grau de marcação da esquerda para a direita do SN. Os resultados corroboraram, dessa forma, os de Scherre (1988), Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997), pois mostram que há mais “presença de marcas formais de plural” na área pré-nuclear do que no núcleo ou nas posições pós-nucleares e que núcleo em segunda posição é bastante desfavorável ao uso dessa variante.

As rodadas independentes de cada faixa etária mostram que há regras de atribuição de marcas formais de plural diferentes nas sucessivas faixas etárias. Baxter (2009) atribui isso à complexificação estrutural dos SNs. Segundo ele, nas faixas mais avançadas, os SNs são constituídos basicamente de apenas dois elementos.

No que se refere à variável *marcas precedentes*, os resultados de Baxter (2009) mostram que no dialeto de Helvécia (Brasil) a “presença de marcas formais de plural” na segunda posição do SN é favorecida pela “ausência de marcas formais de plural” na primeira posição ou pela “presença de um numeral” nessa posição (do *meus* pais, *dez* filhos), assim como em Lopes (2001) e H. Carvalho (1997). Já a “presença de marca formal de plural” em elementos de terceira posição é desfavorecida tanto pela *presença de uma mistura de marcas com marca formal precedente* (do meuS dois paiØ) quanto pela *presença de mistura de marcas com zero formal precedente* (essaØ duas coisaØ). Somente esse segundo resultado converge para os de Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997) e Lopes (2001).

A partir desses resultados, o autor conclui que o princípio de “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” não é relevante para o dialeto de Helvécia quando se trata de marcas flexionais precedentes.

No que diz respeito às variáveis sociais *faixa etária, gênero, estada fora da comunidade e escolaridade*, os resultados mostram que a variável *faixa etária* sugere que a flexão de plural está em processo de mudança aquisicional em Helvécia (Brasil). Nas faixas mais avançadas a marcação é mínima, ao passo que nas demais a marcação aumenta. Ressalta-se que essa variável foi selecionada em primeiro lugar. Como se observa, esse resultado é semelhante ao de Lopes (2001) quando mostra que é nos informantes de descendência africana que parece haver um processo de mudança aquisicional e também é semelhante ao de H. Carvalho (1997).

Baxter explica esse resultado a partir da origem dos pais, se nascidos de pais africanos ou não. Por exemplo, no caso do *corpus* de Helvécia, a faixa 4 trata-se de falante que nasceu quando na comunidade ainda havia um certo número de ex-escravos. Teriam como DLP, os modelos linguísticos afro-brasileiros da mesma comunidade.

Para os jovens, o aumento do uso da variante “presença de marcas formais de plural” estaria ligado à influência de diversos fatores socioeconômicos atuantes na segunda metade do século XX. Segundo Lucchesi (2000a, p.286 *apud* Baxter, 2009),

[...] em Helvécia são significativos os seguintes acontecimentos: a migração periódica dos homens à procura de trabalho, a abertura de rodovias, a presença das grandes empresas agroindustriais de celulose, a chegada dos meios de comunicação de massa e a educação pública (p. 284).

Quanto ao *gênero* dos falantes, embora não muito significativos, os resultados mostram que os homens tendem ao uso da variante “presença de marcas formais de plural”. Isso é explicado pelo fato de os homens terem um maior grau de integração social, portanto, tendo um maior contato com outros padrões linguísticos de outras comunidades. Como percebemos, esses resultados vão de encontro aos resultados discutidos até então neste capítulo em dados de fala de comunidades urbanas, já que nessas apontam a mulher como a que usa com mais frequência a variante “presença de marcas formais de plural”. Esse resultado da pesquisa de Baxter (2009) é semelhante ao de R. Carvalho (1997) com os informantes de Rio Branco (AC).

Ainda nesse estudo, Baxter (2009) discute a relevância do processo de aquisição de segunda língua e a transferência estrutural, já que os resultados das variáveis sociais mostraram uma mudança no processo de aquisição da *concordância nominal de número*.

Ele conclui que se houve um modelo inicial com plural variável baseado no PE, ele concorda com as ideias de Naro e Scherre (2007) de que os africanos e os seus descendentes exageraram bastante esse modelo original. Segundo ele,

ao mesmo tempo, à luz do que se sabe hoje em dia a respeito do papel do processo de transferência e reestruturação que operam a aquisição de L2, e de como características de L2 podem permear o desenvolvimento de uma L1 quando essa recebe

DLP de L2, parece bastante lógico assumir que o africano (ou, em outros contextos, o índio) teria influenciado o desenvolvimento do PL nos dois dialetos estudados, havendo ou não variação no modelo original (BAXTER, 2009, p. 293).

Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2009) investigaram a fala de 32 informantes de Irati (PR) dando ênfase à interferência de fatores extralinguísticos na variação da *concordância nominal de plural no SN*, principalmente a *faixa etária*.

O *corpus* da referida pesquisa foi estratificado da seguinte forma: 24 informantes de ensino fundamental e médio, distribuídos em duas faixas etárias (20 a 35 anos e 35 a 50 anos); 8 informantes de nível superior completo, distribuídos de acordo com as mesmas faixas etárias. Ressalta-se que parte desse *corpus* é proveniente do projeto VARSUL. Para análise dos sintagmas categorizados, as pesquisadoras utilizaram o programa estatístico VARBRUL.

Os resultados evidenciaram, assim como já observado em outros trabalhos realizados no Brasil, que a *escolaridade* é o grupo de fatores que mais interfere no fenômeno em estudo, já que mostraram que quanto maior o grau de escolaridade maior o uso da variante “presença de marcas formais de plural”.

Quanto à *faixa etária*, variável de maior interesse para Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2009), os resultados mostraram que os informantes mais jovens com nível fundamental/ensino médio são os que mais favorecem o uso da “presença de marcas formais de plural” do que os mais velhos (0,57, 0,42, respectivamente). Resultado semelhante ao de H. Carvalho (1997), Lopes (2001)<sup>25</sup> e Baxter (2009). No entanto, a comparação da *faixa etária* com informantes de nível superior não mostrou a mesma atuação das variantes: 0,51 para os mais jovens e 0,48 para os mais velhos.

Santos (2010) realiza em sua dissertação de mestrado um estudo sobre a ausência da *concordância nominal de número* na fala de informantes da cidade de Pedro Leopoldo (MG). Para esse estudo foram entrevistados 27 informantes estratificados da seguinte forma: *grupo social* (classe alta, média e baixa), *sexo*, *idade* (17 a 23 anos; 40 a 47 anos; mais de 60 anos) e *escolaridade* (ensino fundamental, médio e superior, completos ou não).

---

<sup>25</sup> Para os informantes de sobrenome de origem religiosa.

Foram extraídos dessa amostra 1.297 SNs. A análise desses sintagmas foi realizada com o apoio do programa estatístico VARBRUL. Os resultados mostraram, de maneira geral, que os informantes da cidade investigada utilizam com maior frequência a “ausência de marcas formais de plural” (52%), o que era esperado pela pesquisadora. Vale ressaltar que foi considerada pela pesquisadora como aplicação da regra a variante “ausência de marcas plural de plural”.

No que se referem aos condicionadores que atuavam ou não sobre o fenômeno, dos nove controlados (elemento nuclear do SN: *posição*; elemento nuclear do SN: *classe gramatical*; elemento não nuclear do SN: *posição*; elemento não nuclear do SN: *presença/ausência de flexão de plural*; elemento não nuclear do SN *classe gramatical*; *sexo*; *idade*; *escolaridade e grupo social*), Santos (2010) evidenciou que apenas cinco foram relevantes na “ausência de marcas formais de plural”:

Dos linguísticos, apenas dois se mostraram atuantes: *classe gramatical dos elementos não nucleares do SN* (os adjetivos são altamente favorecedores da “ausência de marcas formais de plural”) e *presença e ausência de flexão de marca plural nos elementos não nucleares do SN*. Considerando a correlação sugerida por Scherre (1998, 1996) entre *posição/ classe gramatical* e *relação de anteposição e posposição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo*, os resultados de Santos (2010) caminham na direção já esperada: elementos não nucleares antepostos ao núcleo do SN são mais marcados do que os elementos não nucleares pospostos. É importante salientar que quando a autora se refere à variável *posição* de forma isolada ela caminha em direção a uma interpretação funcionalista já que afirma que há uma tendência na língua de se marcar a informação plural somente na primeira posição para se evitar a redundância, assim como R. Carvalho (1997) constata.

Dos extralinguísticos, três grupos de fatores foram selecionados: *sexo/gênero, escolaridade e grupo social*. No que diz respeito à variável *sexo/gênero*, os informantes homens mostram-se favorecedores da “ausência de marcas formais de plural”, atestando os resultados das pesquisas de Scherre (1988), Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997), mas contrariando a hipótese levantada por Santos (2010), pois ela esperava que as mulheres utilizassem com mais frequência a ausência devido ao fator ambiente social já que acreditava que a mudança no papel social da mulher influenciaria também na escolha da variante não padrão. No que diz respeito à variável *escolaridade*, assim como evidenciado nas pesquisas aqui citadas, os resultados mostraram que informantes de baixa escolaridade tendem a usar mais a variante

“ausência de marcas formas de plural”. No que diz respeito à variável *grupo social*, Santos (2010) atesta a hipótese que levantou nessa pesquisa, a de que os informantes de classes mais baixas tenderiam ao uso da variante “ausência de marcas formais de plural” (0,67). O que surpreende nessa variável é o comportamento diferenciado das classes alta e média, pois se esperava que a primeira fosse menos favorecedora da ausência, mas foi o oposto que aconteceu: os informantes de classe média tendem ao uso de menos “ausência de marcas formais de plural” (0,33) em relação à classe alta (0,45).

Ainda, a não seleção da faixa etária, na análise desses resultados, segundo Santos (2010), revelou que a *concordância nominal de número* é uma variável estável, não constituindo, portanto, uma mudança em progresso, como ela esperava. Esse resultado atesta a hipótese levantada por Scherre (1988) e comentada por Fernandes (1996). Essa variável também não foi selecionada na pesquisa de Campos e Rodrigues (2002).

F. Martins (2010)<sup>26</sup> realiza um estudo sobre a *concordância nominal de número* na fala de seis informantes do município amazonense Benjamin Constant. O *corpus* utilizado pela pesquisadora é proveniente de parte do banco de dados do ALAM (CRUZ, 2004) que controla os seguintes grupos de fatores sociais: *sexo*, *idade* (18-35 anos, 36-55 anos e 56 em diante) e *escolaridade* (até a 4ª série).

Os resultados de elocução livre analisados mostraram que os falantes do município investigado utilizam mais a “presença de marcas formais de plural” (57%). A análise de grupos de fatores condicionantes realizada mostra os seguintes resultados:

a) A 1ª *posição ocupada no SN* é o elemento que mais privilegia o uso de marcas explícitas de plural, assim como os elementos determinantes à esquerda (artigo, numeral e pronome: 100%);

b) A *saliência fônica* mostrou-se como um dos condicionadores que mais provocam a “presença de marcas formais de plural” (+ saliente: 66%);

c) Quando o *contexto fonético-fonológico seguinte* é *vogal* (50%), em relação à *pausa* (44%) e às *consoantes* (36%), há preservação da marca de plural. Resultado que diverge do encontrado por Scherre (1998), Fernandes (1996) e Lopes (2001), pois nesses estudos a *pausa* foi o fator que se mostrou mais favorecedor da aplicação da regra;

---

<sup>26</sup> Foi investigado o município de Benjamin Constant (AM) que pertence à microrregião do alto Solimões. Nesta pesquisa ampliaremos a investigação dessa região, realizando entrevistas sociolinguísticas em mais cinco localidades pertencentes a essa microrregião.

d) As mulheres tendem ao uso da norma padrão, portanto, fazem uso da “presença de marcas formais de plural” (mulher: 50%, homem: 7%);

e) Quanto à *idade*, os jovens utilizam com a mesma frequência tanto a variante ausência quanto a presença assim como os mais velhos (ambos com a frequência de 50%). Resultado semelhante ao encontrado por Scherre (1988) ao considerar essa variável de maneira isolada. Os resultados de F. Martins (2010) chamam atenção para o fato de a segunda faixa etária (36 a 55 anos) usar com maior frequência a variante ausência de marca (92%), assim como foi na pesquisa de H. Carvalho (1997). Esses resultados vão de encontro, portanto, ao estudo de Scherre (1988) que evidenciou que informantes dessa faixa etária tenderiam ao uso da variante presença por se tratar da faixa etária que está inserida no *mercado de trabalho*. O que se pode levantar como hipótese no trabalho de F. Martins (2010) é que esse resultado tenha talvez relação com a cotação no *mercado de trabalho*. Por não trabalhar com nenhum programa estatístico não se pode saber quais variáveis independentes atuaram com maior significância nos dados dos falantes amazonenses.

Brandão (2011) investigou a fala de informantes pertencentes a variedades urbanas do português falado no Brasil e em São Tomé, a fim de determinar quais grupos de fatores convergem e/ou divergem nos padrões variantes encontrados nos dois países em relação ao fenômeno em discussão<sup>27</sup>.

No Brasil, o *corpus* da pesquisa é constituído por 18 entrevistas de informantes de Nova Iguaçu, um dos municípios que integra a região metropolitana do Rio de Janeiro. Os informantes estão estratificados de acordo com *sexo*, *faixa etária* (18 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 a 75 anos) e *nível de escolaridade* (fundamental, médio e superior). Esse *corpus* foi coletado em 2008-2009.

Além das variáveis sociais mencionadas no parágrafo anterior, Brandão (2011) controlou também variáveis linguísticas que até então se mostram relevantes para o fenômeno em estudo, como a *posição linear e relativa dos elementos constituintes no SN*, *saliência fônica*, *contexto fonético-fonológico subsequente e animacidade do núcleo*.

A análise dos 1.933 SNs mostrou que os informantes entrevistados utilizam com mais frequência a variante “presença de marcas formais de plural” (91,1%)<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> Apresentaremos somente os resultados dos dados referentes ao Brasil.

<sup>28</sup> Brandão (2011) utiliza como aplicação da regra o “cancelamento de marca formal de plural”. No entanto, apresentamos os resultados considerando como

Quanto aos grupos de fatores que se mostraram relevantes para a implementação do “cancelamento das marcas formais de plural”, para o Brasil, em ordem de seleção, foram: *posição linear e relativa dos constituintes no SN, nível de escolaridade, processo morfofonológico de formação de plural e animacidade do núcleo*.

Em relação à *posição linear*, os elementos pré-nucleares são mais marcados do que os nucleares e pós-nucleares; os núcleos são mais marcados na primeira posição e a terceira é mais marcada que a segunda, assim como aconteceu nos dados da maioria das pesquisas discutidas neste capítulo.

Em relação ao grau de *escolaridade*, verificou-se que quanto maior o grau de escolaridade, maior o uso da variante considerada de prestígio, a “presença de marcas formais de plural”. Resultado semelhante aos das pesquisas anteriormente citadas. Ressalta-se que no Brasil, nos dados de Brandão (2011), os informantes de Ensino Médio utilizaram um maior “cancelamento de marcas formais de plural” do que os de nível fundamental.

Quanto à *animacidade*, os resultados mostram que vocábulos com traço [+animado], em que predomina o traço [+humano] são mais favorecedores da “presença de marcas formais de plural” do que os com traço [-animado], apesar de os índices probabilísticos serem quase neutros. Resultado que converge para o de Scherre (1988) e Fernandes (1996).

Em relação à *faixa etária*, os resultados mostraram que os jovens é que favorecem mais uso da “presença de marcas formais de plural” do que os mais velhos. Resultado semelhante ao de H. Carvalho (1997), Lopes (2011) e Baxter (2009).

Quanto à *saliência fônica*, constatou-se que quanto mais saliente for a marca de plural no item lexical maior é o favorecimento de sua presença, assim como foi constatado na maioria das pesquisas já discutidas neste capítulo.

Silva (2011) realizou a pesquisa sobre o uso variável da *concordância nominal de número* na fala de moradores da cidade de Vitória (ES). A referida pesquisadora fez uso do *corpus* do Projeto Português Falado da Cidade de Vitória (doravante Portvix) que é composto por 46 entrevistas, estratificadas de acordo com *idade* (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos), *escolaridade* (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Universitário) e *sexo/gênero*. Ressalta-se

---

a aplicação da regra a “presença de marcas formais de plural” a fim de comparar com os outros trabalhos aqui apresentados.

que para esse estudo a autora não fez uso de todo esse *corpus*, pois foram analisadas 43 entrevistas, o que contabilizou 9.766 dados categorizados de elementos que envolvem a *concordância nominal de número*. A análise dos dados foi realizada a partir do programa estatístico GoldVarbX.

Para essa pesquisa, além das variáveis sociais explicitadas, a pesquisadora observou a influência de dois grupos de fatores linguísticos no fenômeno em discussão: *posição do elemento em relação ao núcleo e saliência fônica*.

Quanto à variável *posição do elemento no SN*, os resultados de Silva (2011) convergem para a maioria dos resultados encontrados em outros trabalhos discutidos neste capítulo, uma vez que evidenciam que os elementos antes do núcleo são os que mais favorecem a “presença de marcas formais de plural” (0,81) diferentemente dos que se encontram depois do núcleo (0,15). Em relação ao núcleo, os de primeira posição são os que mais favorecem a aplicação da regra em relação aos demais. A pesquisadora chama a atenção para o fato de que elementos de terceira e quarta posição serem mais marcados do que os de segunda. Ela explica isso pelo fato de o núcleo em segunda posição, de maneira geral, ser formado “por sintagmas curtos como *os cara*, o que desfavorece a concordância visto que essa marcação já terá ter sido feita no determinante” (p. 3, grifo nosso).

Quanto à variável *saliência fônica*, de maneira geral, os resultados encontrados por Silva (2011) não diferem da maioria dos resultados aqui já apresentados sucintamente, pois os elementos mais salientes são os que mais favorecem o uso da “presença de marcas formais de plural” (0,61) em relação aos menos salientes (0,47).

No que diz respeito às variáveis sociais controladas, Silva (2011) encontrou os seguintes resultados:

a) Quanto à *idade*, os resultados mostram que os mais jovens (7-14 anos: 0,84) são os que favorecem o uso da variante “presença de marcas formais de plural” em relação aos demais (15-25: 0,61; 26-49: 0,37; mais de 50: 0,34). Esse resultado indica, segundo a autora, um fluxo de aquisição de marca de concordância, já que há um aumento de acordo com a diminuição das faixas etárias. Como observamos, é um resultado que converge para o de H. Carvalho (1997), Lopes (2001), Baxter (2009) e Brandão (2011);

b) Quanto à *escolaridade*, os resultados corroboram os das pesquisas já discutidas neste capítulo, uma vez que também o aumento da escolaridade se mostrou favorecedor do uso da variante “presença de

marcas formais de plural” (Universitário: 0,65; Ensino Médio: 0,54; Ensino Fundamental 0,32);

c) Quanto ao *sexo/gênero*, os resultados vão ao encontro do estudo de R. Carvalho (1997) e Baxter (2009), já que evidenciou que são os homens os que mais favorecem a “presença de marcas formais de plural” no SN (0,58) do que as mulheres (0,43).

Por último, destacamos o trabalho de Castro e Pereira (2012) que realizaram uma pesquisa com 30 informantes de curso superior (em andamento ou concluído) na cidade de Cuiabá (MT). Os informantes, homens e mulheres, tinham entre 19 a 60 anos.

Foram coletados 818 SNs. A análise deles mostrou que os informantes de Cuiabá utilizam com maior frequência a variante “presença de marcas formais de plural”. A frequência foi de 96%, mostrando, assim, uma tendência a informantes mais escolarizados utilizarem mais a variante apresentada na educação formal, assim como encontramos em outras pesquisas que investigaram a fala de informantes com nível superior.

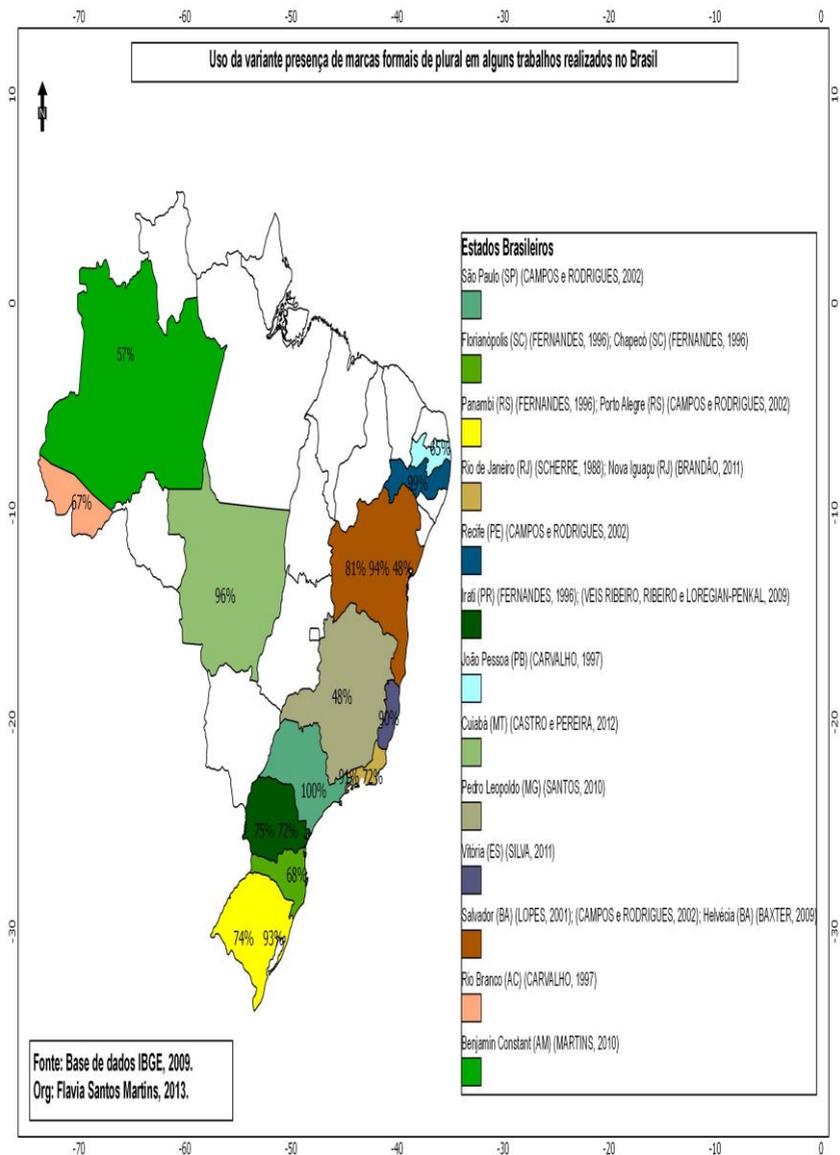
Além de observar esse fator social, os pesquisadores também controlaram a *distribuição dos elementos no SN de acordo com a classe gramatical*. O que se constatou foi que determinantes (84%) são mais marcados do que o núcleo (33%) e os adjetivos (97%).

Como observamos, a maioria dos resultados dos estudos aqui discorridos sucintamente converge, embora cada pesquisador categorize de uma determinada maneira seus dados. Ressalta-se, também, que todos eles têm como base o trabalho de Scherre (1988), embora cada um deles controle diferentemente os grupos de fatores extralinguísticos (geográficos, sociais e estilísticos).

### 1.3.1 Síntese

Como observamos na seção anterior, a *concordância nominal de número* é um fenômeno variável no PB e já vem sendo estudada à luz da Teoria da Variação e Mudança desde a década de 1970. Abaixo apresentamos um mapa que sintetiza as cidades onde essa variável já foi investigada no Brasil, assim como a frequência de uso da variante “presença de marcas formais de plural” em cada uma, considerando os trabalhos discutidos neste capítulo:

**Figura 1-** Frequência de uso das variantes da *concordância nominal de número* em alguns trabalhos realizados no Brasil



Também observamos que a variação na *concordância nominal de número* não acontece aleatoriamente, pois vimos que existem grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos regendo sua sistematicidade, ou seja, o estudo desse fenômeno, mais uma vez, aponta que a fala que a princípio parecia um “caos” (TARALLO, 2003) apresenta-se, na verdade, como uma heterogeneidade ordenada (WLH, 2006 [1968]). Esses grupos de fatores mostram, portanto, que a variação é inerente ao sistema linguístico.

Dessa forma, já podemos observar, a partir dos trabalhos percorridos na seção anterior, que as variáveis independentes linguísticas que atuam de maneira significativa na *concordância nominal de número* são: *relação de anteposição e posposição de elementos não nucleares em relação ao núcleo, marcas precedentes e saliência fônica*, grupo de fatores que controlamos também nesta pesquisa a fim de observar se atuam da mesma forma no falar dos habitantes de uma microrregião do Amazonas (alto Solimões); e as extralinguísticas que se mostraram significativas nos trabalhos discutidos são: as variáveis sociais clássicas *escolaridade e sexo*.

Além disso, vimos também a importância de olhar para outras variáveis sociais nesta pesquisa, como *mobilidade e localismo* (redes sociais), pois variáveis desse tipo mostraram resultados, embora indiretos, bem interessantes, por exemplo: na pesquisa de Scherre (1988) o controle da variável *mercado de trabalho, sensibilidade linguística e mídia*; na pesquisa de Fernandes (1996) o controle da variável *etnia e formalidade*; na pesquisa de Lopes (2001) e Baxter (2009) o controle da *etnia*; na pesquisa de Santos (2010) o controle da *classe social*.

Na próxima seção deste capítulo, definimos os objetivos, questões e hipóteses que nortearão nossa pesquisa e, no próximo capítulo, discutiremos sobre o nosso aparato teórico-metodológico.

## 1.4 Objetivos, questões e hipóteses

### 1.4.1 Objetivo geral

Investigar o fenômeno da *concordância nominal de número* no falar dos habitantes do alto Solimões a fim de contribuir para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras através de um registro sistematizado do falar amazonense.

#### 1.4.2 Objetivos específicos

- a) Descrever e analisar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que regem a variação na *concordância nominal de número* na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas);
- b) Discutir se o fenômeno da *concordância nominal de número* é uma variável estável ou se há indícios de um processo de mudança através do estudo de tempo aparente (*faixa etária*) na sua relação com fatores extralinguísticos tradicionais (*sexo*) e não tradicionais (*redes sociais, ocupação*);
- c) Observar o fenômeno da *concordância nominal de número* à luz de alguns problemas empíricos (restrição, encaixamento e transição) para o estudo da variação e mudança levantados por WLH (2006 [1968]).

#### 1.4.3 Principais questões

- a) Que grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos regem a variação na *concordância nominal de número* na fala dos habitantes do alto Solimões (Amazonas)?
- b) A variável dependente *concordância nominal de número* está em um possível processo de mudança em tempo aparente (*faixa etária*) ou é uma variável estável?
- c) Qual a relação entre a *concordância nominal de número* e os problemas empíricos para o estudo da variação e mudança levantados por WLH (2006 [1968])?

#### 1.4.4 Principais hipóteses

As principais hipóteses deste trabalho são as seguintes:

- a) Espera-se que tanto variáveis independentes linguísticas quanto extralinguísticas atuem de forma significativa na variação da *concordância nominal de número* (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; H. CARVALHO, 1997; R. CARVALHO, 1997; LOPES, 2001; CAMPOS e RODRIGUES, 2003; BAXTER, 2009; SANTOS, 2010; BRANDÃO, 2011). Acreditamos que as variáveis independentes *relação de anteposição e posposição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo e posição do núcleo no SN, marcas precedentes, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, contexto fonético-fonológico subsequente ao item*

*analisado, características dos itens lexicais, idade, sexo e escolaridade* se mostrem significativas na atuação do fenômeno em estudo;

b) Espera-se que a correlação entre a *faixa etária, sexo* e os grupos de fatores sociais não convencionais como as *redes sociais* e a *ocupação* deem alguma pista se a *concordância nominal de número* caminha na direção da mudança em tempo aparente (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; H. CARVALHO, 1997; LOPES, 2001, BAXTER, 2009) ou se é uma variável sociolinguística estável (SCHERRE, 1988; SANTOS, 2010) nas localidades investigadas;

c) Espera-se que mostremos a importância de se olhar para alguns fundamentos propostos por WLH (2006 [1968]) ao se investigar dados empíricos em variação e/ou mudança.

### 1.5 Síntese

Neste capítulo, discutimos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança que levamos em conta para investigar o fenômeno da variação na *concordância nominal de número*, assim como apresentamos um breve percurso metodológico da Dialetoлогия Pluridimensional que será importante nesta pesquisa ao mapearmos o fenômeno. Também apresentamos alguns trabalhos realizados no PB sobre o objeto aqui investigado a fim de entender quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos estão regendo a variação. E, por fim, apresentamos os objetivos, as principais questões e as principais hipóteses desta pesquisa.

No próximo capítulo, serão expostos os procedimentos metodológicos deste estudo: como foi realizada a pesquisa de campo, assim como a descrição e o levantamento de hipóteses específicas para cada variável independente controlada nesta pesquisa.

## CAPÍTULO 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos na primeira seção como a pesquisa de campo foi realizada e, na segunda seção, levantamos hipóteses para cada variável independente que controlamos a fim de entender o funcionamento da variável dependente *concordância nominal de número*.

### 2.1 A pesquisa de campo

Nesta seção, apresentaremos o perfil dos informantes considerados para a pesquisa, assim como o caráter das entrevistas realizadas, o tratamento do áudio, a transcrição, o suporte quantitativo e o perfil de cada localidade investigada. Lembramos que para esta pesquisa seguimos os axiomas metodológicos levantados por Labov (2008 [1972]) que apresentamos no capítulo 2: a alternância de estilo, a atenção, o vernáculo, a formalidade e os bons dados.

#### 2.1.1 Perfil dos informantes

Um dos axiomas levantados por Labov (2008 [1972]) tem a ver com os bons dados de fala. Para ele, a melhor maneira de obtê-los em quantidades suficientes é através de entrevistas individuais, ou melhor, através de observações sistemáticas. Foi o que fizemos nesta pesquisa, uma vez que não se tinha nas cidades investigadas nenhum banco de dados de fala já constituído.

O primeiro passo da pesquisa foi traçar o perfil dos informantes e, consequentemente, a quantidade de informantes que iríamos entrevistar. Levamos em conta no perfil social deles, *a priori*, *idade*, *sexo/gênero* e *escolaridade* o que determinou a quantidade de nossa amostra.

De acordo com Labov (2008 [1972]), o ideal de uma célula social<sup>29</sup> é que contenha, no mínimo, cinco informantes para cada combinação de fatores sociais a fim de garantir a representatividade da amostra. Assim, não se faz necessário uma quantidade maior de informantes para se realizar uma análise estatística, já que padrões de estratificação social e estilística emergem de amostras com cinco informantes por célula social.

---

<sup>29</sup> Agrupamento de fatores sociais que caracterizam os informantes.

Assim, para esta pesquisa, foram entrevistados doze informantes em quase todos os cinco municípios selecionados pertencentes à microrregião do alto Solimões (Fonte Boa, Jutaí, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá e Tonantins). Pelo fato de algumas células não terem sido preenchidas no município de Jutaí e Fonte Boa, ficaram 57 informantes, divididos em três faixas etárias: 18 a 35 anos, 36 a 55 anos, 56 em diante. Para cada faixa etária foi selecionado um homem e uma mulher. Ressaltamos que a divisão nessas três faixas segue a do ALAM (CRUZ, 2004) para que possamos constituir um banco de dados de fala do Amazonas com o mesmo perfil. Quanto ao nível de escolaridade, foram analisados dois níveis: quatro a oito anos de escolarização e nove a onze anos de escolarização. As células ficaram assim organizadas:

**Quadro 2-** Estratificação social dos informantes da microrregião do alto Solimões

	18 a 35 anos		36 a 55 anos		56 em diante	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
<b>4 a 8 anos de escolarização</b>	5	5	5	5	5	5
<b>9 a 11 anos e escolarização</b>	5	5	4	5	4	4

Outro requisito de estudos sociolinguísticos é o de que os informantes não tenham se afastado por mais de 10 anos do local a ser pesquisado, principalmente no período considerado de aquisição da linguagem (de 0 a 12 anos), o que é constatado pelas fichas sociais que foram elaboradas para a seleção dos informantes (cf. anexo, p. 232).

Como este tipo de pesquisa consiste em manter em sigilo a identidade do indivíduo entrevistado (cf. modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do CEP em anexo, p. 234), pois o que nos interessa é o perfil social (LABOV, 2008 [1972]), nossos informantes foram assim codificados:

**Quadro 3-** Legenda dos informantes por localidade

<b>Código</b>	<b>Perfil do informante</b>
001 AF	1ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher
001 BF	1ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, mulher
001 AM	1ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, homem
001 BM	1ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, homem
002 AF	2ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher
002 BF	2ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, mulher

002 AM	2ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher
002 BM	2ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, homem
003 AF	3ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher
003 BF	3ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, mulher
003 AM	3ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, homem
003 BM	3ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, homem

## 2.1.2 As entrevistas

A coleta das amostras de fala foi feita através de entrevistas conduzidas por esta pesquisadora<sup>30</sup>. Elas foram realizadas na casa dos informantes, praças, ruas, entre outros, conforme disponibilidade deles. Como foi pouco o tempo passado em cada localidade investigada, no primeiro contato já se fazia a entrevista<sup>31</sup>. Vale lembrar que na maioria dos municípios, contamos com a ajuda de algum membro da comunidade para localizar os informantes<sup>32</sup> e em algumas das entrevistas eles se fizeram presentes.

As entrevistas duraram em média de 30 minutos a 60 minutos com cada indivíduo e consistiu em fazer com que o informante falasse de algo que tinha conhecimento, estimulando-o a se preocupar em usar o *vernáculo* e não em *como* falar, ou seja, procurou-se apreender a naturalidade da fala, buscando superar o *paradoxo do observador*, já que como sabemos a presença do entrevistador e do gravador inibe, de certa forma, o informante de falar da mesma forma com quealaria com seus familiares, seus amigos etc.

Para isso elaborou-se um roteiro prévio com perguntas sobre história da cidade, lendas, família, entre outros, a fim de que o informante se envolvesse

---

<sup>30</sup> É importante lembrar que a coleta foi feita de acordo com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) de Manaus protocolado na Universidade Federal do Amazonas com CAAE nº 0214.0.115.00-10. A coleta foi realizada no segundo semestre de 2010 (cf. anexo, p. 233).

<sup>31</sup> O tempo em cada localidade era determinado pelo dia em que se tinha um meio de transporte para ir para outra cidade, no caso fluvial. Não há barcos ou lanchas todos os dias saindo dessas cidades. Para a realização dessa coleta, dispusemos de pouco tempo também.

<sup>32</sup> No município de São Paulo de Olivença com a ajuda de Francisco, ex-aluno do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas, *campi* de Benjamin Constant; no município de Tonantins com a ajuda de Daniel; no município de Jutai com a ajuda de padre Sidiomar e Irmã Augusta e em Fonte Boa com ajuda de Sebastiana dos Santos Carvalho, Fabiana Santos Martins e Francisco das Chagas Martins.

na conversa (cf. anexo, p. 211). Conforme o envolvimento do informante com determinado tema, a entrevista fluía mais ou menos “naturalmente” e, assim, ele se desviava da *forma* como estava falando. Assim, nem todos os informantes seguiram exatamente o mesmo roteiro preparado para a entrevista, ou melhor, a conversa<sup>33</sup>, pois um tema que era produtivo para determinado informante era improdutivo para outro, sendo importante, portanto, a sensibilidade do entrevistador na situação.

### 2.1.3 O tratamento do áudio, a transcrição e o suporte quantitativo

Para observação sistemática dos dados de fala, recomendada por Labov (2008 [1972]) numa pesquisa sociolinguística, utilizamos o gravador digital Panasonic RR-US571 e armazenamos as entrevistas também em meio digital para posteriormente disponibilizarmos todo o material coletado num banco de dados para a realização de outras pesquisas.

Para a seleção dos SNs, excluímos na transcrição grafemática<sup>34</sup> os casos de assimilação. Como sabemos, o /S/ em coda silábica pode ser realizado como uma alveolar surda/sonora [s, z], como alveopalatal surda/sonora [ʃ, ʒ], como aspirada [h] e como apagamento. Os SNs cujo /S/ era seguido por uma das duas primeiras realizações acima citadas, como, por exemplo, “un**S** Segundos”, “as palavra**S** Certa”, “quanta**S** Janelinhas” foram excluídos dos dados. Também foi excluída a locução “às vezes”.

Como já mencionado, as conversas com os informantes foram realizadas em ambientes variados, sendo assim algumas entrevistas ficaram entremeadas de ruídos indesejados (moto, animais, outras pessoas conversando etc.), por isso, além da transcrição de oitiva, foi também realizada a transcrição grafemática de alguns SNs que nos suscitaram dúvidas (se havia ou não presença do {-s} morfêmico) através de um programa de fonética acústica, o PRAAT.

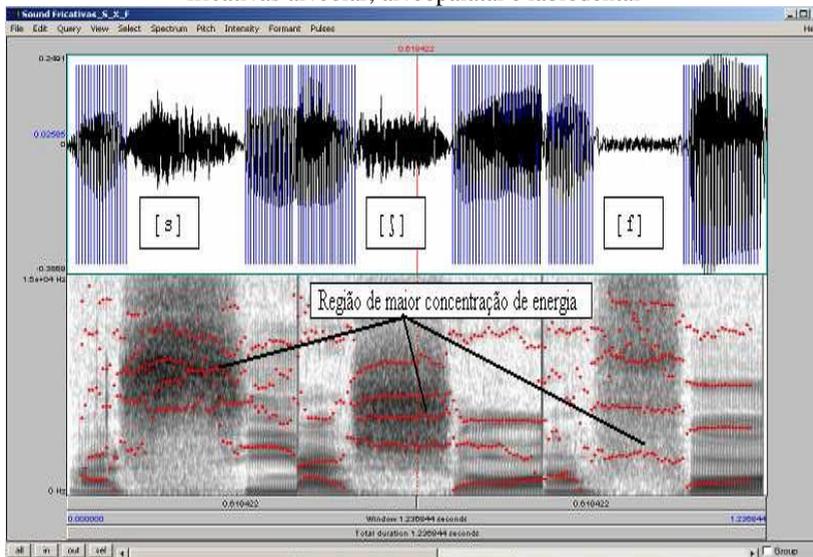
Identificamos acusticamente a presença do /S/ pós-vocálico, no nosso caso o morfêmico, pelo ruído de turbulência que caracteriza as fricativas. A diferença de uma alveolar surda/sonora entre a alveopalatal surda/sonora está na região de maior concentração de energia. Observamos na figura 1, uma relação decrescente da alveolar para a alveopalatal.

---

<sup>33</sup> Durante o andamento da seleção dos informantes, era dito a eles que se tratava de apenas uma “conversa” sobre sua cidade, o que acabava criando uma “situação mais informal” do que usar a terminologia “entrevista”.

<sup>34</sup> Para a transcrição grafemática foram utilizadas as Normas do NURC, contidas em Preti (1993). Cf. anexo, p. 236.

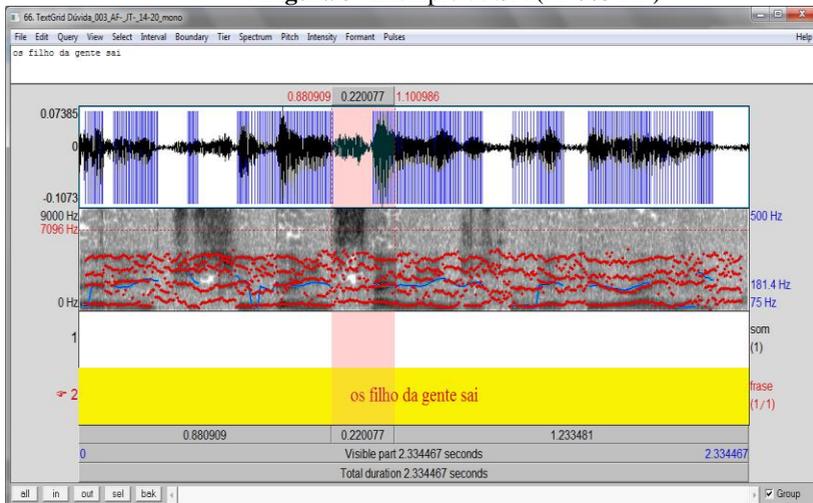
**Figura 2-** Forma de onda, espectrograma com indicação das regiões de maior concentração de frequências que correspondem as consoantes fricativas alveolar, alveopalatal e labiodental



Fonte: Manual de Fonética Acústica

Na figura 3, ilustramos um exemplo de SN de nossa amostra que foi submetido ao PRAAT:

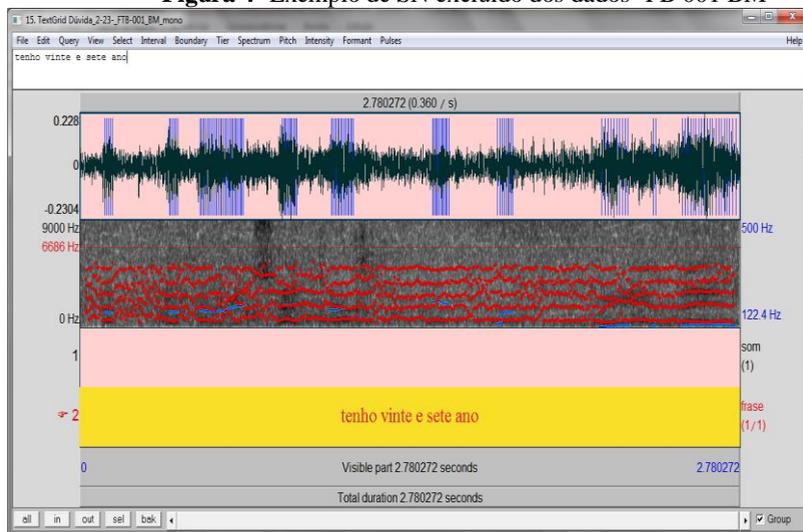
**Figura 3-** Exemplo de SN (JT 003 AF)



O dado representado na Figura 3 foi considerado na nossa análise, uma vez que, no primeiro elemento do SN, “os”, identificamos a presença da fricativa alveolar através do ruído que a caracteriza e pela concentração de energia, como ilustrado na Figura 2. No segundo elemento do SN, “filho”, identificamos a ausência de qualquer variante do /S/ pós-vocálico, pois como observamos na Figura 3 não há nenhum ruído que a caracterize.

Quando algumas entrevistas apresentavam muitos ruídos, não era possível perceber acusticamente se existia ou não um /S/ no SN em que estávamos em dúvida, conforme ilustramos na Figura 4.

**Figura 4-** Exemplo de SN excluído dos dados- FB 001 BM



Na Figura 4, referente ao SN “tenho vinte e sete ano”, não foi possível perceber acusticamente a presença ou ausência de alguma variante do /S/ pós-vocálico, uma vez que há muitos ruídos interferindo na entrevista. Assim, SNs desse tipo foram excluídos de nossa análise.

Após a transcrição de todos os SNs, foi realizada a devida revisão. Só depois os dados foram codificados e analisados pelo programa Goldvarb 2001, um aplicativo de análise multivariada para Windows, levando em consideração os fatores linguísticos e extralinguísticos que elucidaremos no final deste capítulo.

É importante lembrar, ainda, que na codificação dos dados, casos como “as mulhere”, “os mese”, “três reai”, “as apresentaçõe” foram consideradas como “presença de marcas informais de plural”, assim como na pesquisa de Scherre (1988).

#### 2.1.4 As localidades

Para realizar a coleta da nossa amostra de fala foi necessário se deslocar para cada localidade através da utilização de meio de transporte aéreo e, principalmente, fluvial. É importante ressaltar a dificuldade de acesso a essas áreas.

Optou-se por começar a pesquisa por São Paulo de Olivença para não se levar muito tempo para se chegar às outras localidades já que abaixo dela, seguindo o curso do rio<sup>35</sup>, ficam as outras cidades investigadas, e, assim, a viagem de barco de linha ou baleeira e/ou lancha tornava-se menos demorada e menos cansativa.

Na primeira cidade em que foi realizada a coleta de dados, São Paulo de Olivença, chegou-se de avião (saindo de Manaus) numa viagem que durou por volta de duas horas, permanecendo nela uns três dias até a saída da baleeira que seguia para a próxima cidade. Ressalta-se que encontrar os informantes e realizar as entrevistas não foi tão difícil nesse município, pois contei com a ajuda de moradores da localidade nessa tarefa. Uma dessas ajudas foi de um ex-aluno do curso de Letras da UFAM, *campi* Benjamin Constant, que me acompanhou em todas as entrevistas.

No segundo município investigado, Santo Antônio do Içá, a viagem foi realizada de baleeira e durou cerca de cinco horas. Foram necessários uns quatro dias de permanência nessa cidade até a saída de barco de linha para a próxima localidade. Nessa cidade foi mais difícil conseguir informantes, pois não contei com uma ajuda direta de moradores da cidade. Foi necessário bater de porta em porta, parar as pessoas nas ruas etc., a fim de verificar se se encaixavam ou não no perfil da pesquisa e se aceitavam participar. Vale ressaltar que quando se encontravam pessoas no perfil desejado, elas prontamente se dispunham em colaborar.

Na terceira localidade onde foi realizada a pesquisa, Tonantins, a viagem de barco de linha até ela durou por volta de três horas. Para a realização da pesquisa foram necessários uns três dias até o dia que

---

<sup>35</sup> Subindo o rio, ou seja, indo contra o curso do rio, as horas de viagem de barco de linha ou baleeira e/ou lancha quase duplicam.

passava uma baleeira e/ou lancha que seguia para a próxima cidade. Nessa localidade, contei em boa parte da coleta de dados com a ajuda de um morador da localidade que conheci durante a viagem. Ele se dispôs a ajudar após entender do que tratava a pesquisa. Encontrar os moradores que se encaixavam no perfil da pesquisa não foi difícil, pois a maioria morou na localidade a vida toda e os pais também eram de lá. Foi uma das cidades em que a pesquisa durou menos tempo.

Na quarta cidade investigada, Jutai, a viagem de baleeira durou em torno de sete horas, permanecendo nela uns três dias até a saída de barco de linha para o próximo município. Nessa localidade, contei com a ajuda de dois religiosos (padre e freira) da igreja católica para conseguir os informantes. Um deles me acompanhou em todas as entrevistas. Ressalta-se a dificuldade de encontrar informantes na localidade cujos pais fossem também de lá. Ainda, uma entrevista não pôde ser realizada, pois não conseguimos uma informante mulher com Ensino Médio completo ou incompleto. Segundo os informantes, há algum tempo atrás só havia até o Ensino Fundamental e só quem tinha condições financeiras ia até a capital do Estado, Manaus, para cursar o Ensino Médio.

Para chegar no último município, Fonte Boa, a viagem de barco durou por volta de nove horas. As entrevistas nessa última cidade foram realizadas em quatro dias, mais ou menos. Para encontrar os informantes, contei com a ajuda de moradores da cidade. Ressalta-se que nasci nessa cidade e a conhecia um pouco. Destaca-se, também, a dificuldade em encontrar moradores mais velhos cujos pais fossem também de lá (boa parte eram filhos de nordestinos). Ainda, não foi possível realizar duas entrevistas, pois não conseguimos encontrar dois homens mais velhos escolarizados.

Enfim, toda a viagem pelas cidades selecionadas da microrregião do alto Solimões durou, no total, cerca de 18 dias, e foi custeada pela pesquisadora. Destacamos que foi de suma importância conhecer de perto cada localidade selecionada nesta pesquisa, pois nos permitiu um melhor olhar para sua caracterização social.

A seguir, conheceremos um pouco melhor a realidade da microrregião investigada, a partir da apresentação do seu perfil sócio-histórico.

#### 2.1.4.1 Perfil sócio-histórico das cidades pertencentes à microrregião do alto Solimões (Amazonas)

Nesta seção, traçaremos um breve perfil sócio-histórico das cidades pertencentes à microrregião do alto Solimões no Amazonas aqui investigadas a fim de perceber como esse fator extralinguístico influenciará ou não a variável estudada: *concordância nominal de número*. Lembramos que das nove cidades pertencentes à microrregião citada apenas cinco foram selecionadas para análise, são elas: São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa. Vale ressaltar ainda que o perfil sócio-histórico de cada localidade foi feito a partir de um levantamento bibliográfico sobre a região<sup>36</sup> e também através das informações dadas pelos habitantes entrevistados, já que se tem poucos dados escritos sobre a história das localidades.

É importante, antes de falar sobre o perfil das comunidades investigadas, definir o que se entende por microrregião e o porquê de apenas cinco municípios terem sido selecionados para esta pesquisa.

##### 2.1.4.1.1 O Amazonas e sua divisão político-administrativa

O Estado do Amazonas fica situado na região Norte do Brasil, possui uma área de 1.559.161,682 Km<sup>2</sup> e 3.483.985 habitantes, de acordo com o Censo 2010<sup>37</sup>. Está dividido em 62 municípios que estão organizados em 13 microrregiões e 4 mesorregiões. De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, a microrregião consiste em um agrupamento de municípios limítrofes, definido por lei complementar estadual a fim de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas para o interesse comum. Encontramos, assim, o que segue: Microrregião do alto Solimões, Microrregião do Purus, Microrregiões de Boca do Acre, Microrregião de Coari, Microrregião de Itacoatiara, Microrregião de Japurá, Microrregião de Juruá, Microrregião do Madeira, Microrregião de Manaus, Microrregião de Parintins, Microrregião do Rio Negro, Microrregião de Rio Preto da Eva e Microrregião de Tefé. Já o termo mesorregião consiste em uma divisão em conjuntos

---

<sup>36</sup> Ressaltamos que são pouquíssimos os materiais específicos encontrados para cada localidade investigada. Para algumas cidades encontramos mais informações do que para outras.

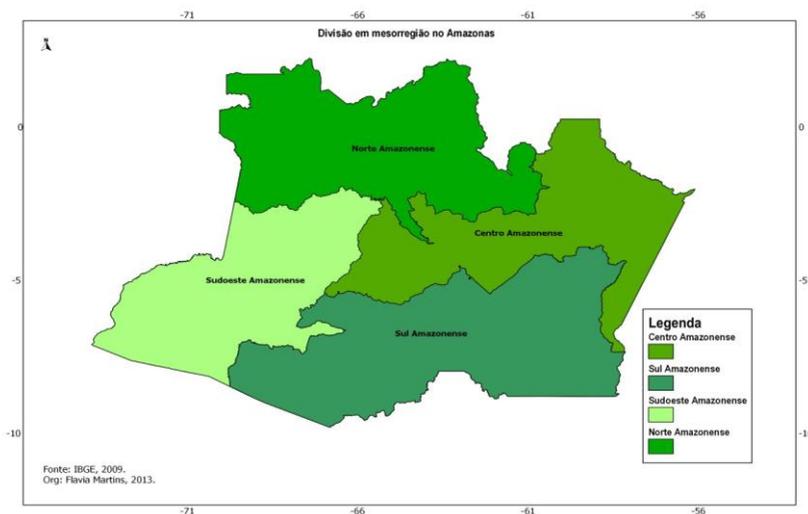
<sup>37</sup> [www.ibge.gov.br/estadosat](http://www.ibge.gov.br/estadosat). Acesso em: 13/04/12

de municípios contíguos, pertencentes à mesma Unidade da Federação, que apresentam formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares, como elemento de articulação espacial (LIMA, 2002, p. 5).

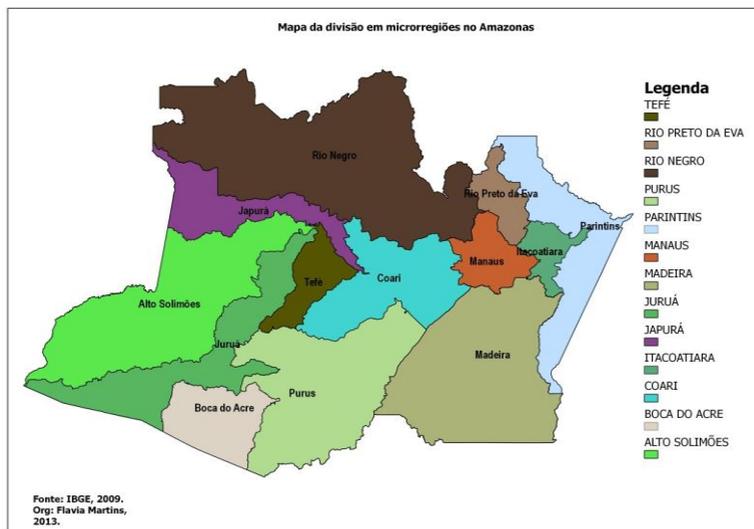
Assim temos: Mesorregião Norte Amazonense, Mesorregião do Centro Amazonense, Mesorregião do Sudoeste Amazonense e Mesorregião do Sul Amazonense. Cada uma dessas engloba duas ou mais microrregiões e não constituem uma entidade política e administrativa, uma vez que foram criadas pelo IBGE para fins estatísticos.

A seguir são mostrados os mapas que ilustram melhor a divisão em mesorregião e microrregião no Amazonas:

**Figura 5-** Mapa da divisão em mesorregiões no Amazonas



**Figura 6-** Mapa da divisão em microrregiões no Amazonas



Para esta pesquisa, decidiu-se estudar a microrregião do alto Solimões a fim de ampliar a rede de pontos investigados por Cruz (2004) no ALAM. Nesse trabalho foi investigado apenas um município representativo de cada microrregião pertencente ao Amazonas (na época, nove microrregiões), explorando fenômenos fonéticos-fonológicos e semânticos-lexicais. Para o alto Solimões, Cruz (2004) selecionou o município de Benjamin Constant. Além disso, optou-se por essa microrregião, nesta pesquisa, por já haver sido investigado o fenômeno em foco em uma das cidades pertencentes a ela (Benjamin Constant) e, assim, ampliar a área de investigação. Ainda, a seleção da referida microrregião também foi em função desta pesquisadora trabalhar em uma das localidades dessa área (Benjamin Constant).

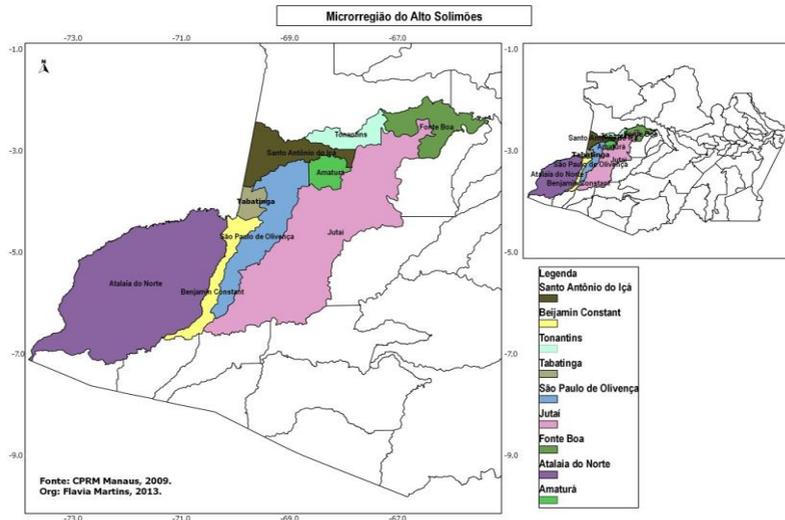
A microrregião do alto Solimões é constituída de nove municípios: São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Amaturá, Benjamin Constant, Tabatinga, Atalaia do Norte, Fonte Boa e Jutai. Pertence à Mesorregião do Sudoeste Amazonense e tem como microrregiões limítrofes Rio Negro e Juruá. Possui uma área de 213.281, 229 km<sup>2</sup>, uma população estimada em 224,09 hab e uma densidade de 1,05 hab/ km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

Para esta pesquisa, foram selecionados apenas cinco municípios, levando em consideração o que Ferreira e Cardoso (1994, p. 24) sugerem para a determinação da área dialetal a ser investigada: além da

situação geográfica, levou-se em consideração a história, as interferências externas que as localidades vêm sofrendo, o tipo de povoamento, a situação econômica, a relação com as demais cidades pesquisadas e a situação demográfica. Dessa forma, foram excluídas da pesquisa as cidades de Tabatinga, Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Amaturá. As três primeiras por serem cidades mais recentes e se situarem em região de fronteira (Brasil, Peru e Colômbia), além de apresentarem contato linguístico com diversas línguas indígenas, sofrendo, assim, influências diferentes das demais cidades, apesar de apresentarem uma densidade demográfica e um desenvolvimento econômico superior aos das demais. A última foi excluída por se tratar de uma cidade também recente, mas com uma densidade demográfica baixa. Ressaltamos que foram privilegiadas as cidades de povoamento mais antigas da região.

Em seguida é mostrado um mapa com as cidades que compõem a microrregião selecionada para esta pesquisa.

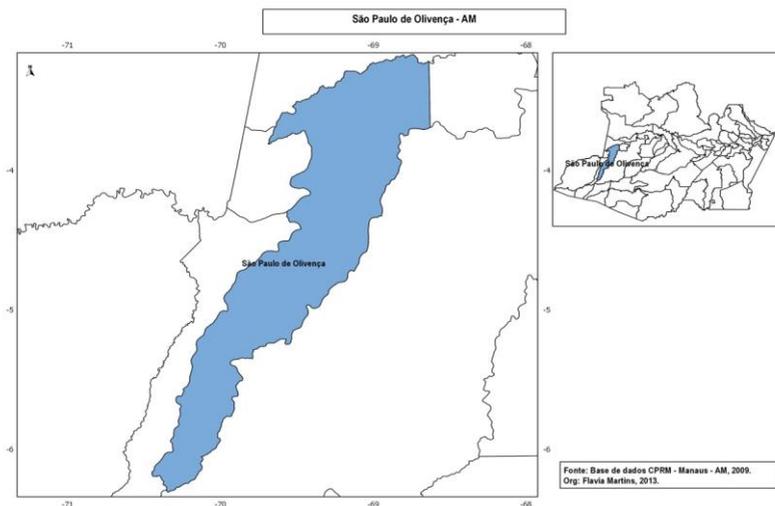
**Figura 7-** Mapa da microrregião do alto Solimões



A seguir, traçaremos, finalmente, um breve perfil sócio-histórico de cada cidade investigada nesta pesquisa.

## 2.1.4.1.2 São Paulo de Olivença

**Figura 8-** Mapa de São Paulo de Olivença



O município de São Paulo de Olivença (doravante SPO) possui atualmente uma população de 31.422 habitantes. Sua área territorial corresponde a 19.745, 93 km<sup>2</sup> e apresenta uma densidade demográfica de 1,59 hab/ km<sup>2</sup>. Distante de Manaus (capital do Estado) em linha reta 988 km e por via fluvial 1.235 km. O principal meio de transporte é o fluvial. Há aeroporto, mas só recebe voos duas vezes por semana, na quarta-feira e no domingo.

Segundo Migueis (2011), esse município foi fundado no século XVII com a denominação de São Paulo dos Cambebas pelos jesuítas. Está situado à margem esquerda do rio Solimões, habitado primitivamente pela etnia Cambeba, também conhecida como Omágua. Foi elevado à vila em 13 de maio de 1882, com a denominação de São Paulo de Olivença, pelo coronel Joaquim de Mello e Póvoas. Nome dado em homenagem à cidade portuguesa de Olivença. Foi elevado à categoria de cidade em 31 de março de 1938 pelo Decreto-Lei n.º 68. A festa de aniversário do município é comemorada no dia 13 de maio.

Quanto à presença da igreja, segundo Ferrarini (2013), SPO foi um sítio missionado pelo padre Samuel Fritz. A atividade religiosa passou a ser realizada pelos carmelitas quando a região foi dominada pelos portugueses. Criada em 1759, no tempo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, aplicador dos interesses pombalinos no Grão-Pará, é

uma das mais antigas paróquias do Amazonas. No período de 1850, a paróquia esteve longamente vacante. Foi atendida pelos franciscanos nas últimas décadas de 1800 e, a partir de 1900, começou a receber os capuchinhos vindos do Pará que, em 1906, estabeleceram uma casa em Manaus. Em 1906, no mês de setembro, Domenico e Martinho, freis capuchinhos, fixaram residência em SPO. Em 1913, foi criada uma escola pública onde os missionários davam aula. A partir desse ano, já começaram a reformar a igreja e a fundar uma escola. Em 1919, edificaram uma igreja. A fim de conseguir fundos, “Frei Giocondo percorreu toda a região com uma pequena orquestra e a estátua de São Paulo” (p. 140). Nessa viagem arrecadaram madeira, goma elástica, tabaco, farinha e animais. De Gonçalves Araújo, benfeitor de Manaus, ganhou bastante material. Para a bênção da Igreja foi escolhida a data da Assunção de Maria. Segundo Ferrarini (2013, p.140), “os índios se adornaram de colares e outras insígnias para o grande acontecimento”. Com a chegada do prefeito apostólico Frei Evangelista de Cefalonia deu-se a bênção da nova igreja. Em 1925, passou a ser a sede da Prefeitura Apostólica. Em 1960, a catedral foi inaugurada. Recebeu muitas benfeitorias da Prelazia, em destaque um “bem montado hospital” (p. 141). Os missionários também criaram o colégio Nossa Senhora d’Assunção. Em 1931, criaram a Banda de Música que abrihantava as festas.

Da jurisdição eclesiástica de SPO dependiam as vilas de Amaturá, Santa Rita e os autóctones que habitavam Belém do Solimões. Esta última localidade era um núcleo importante desde 1870 e de grande concentração do povo Tikuna.

É importante também falar sobre esse município sob a visão das pessoas entrevistadas nesta pesquisa a fim de tentarmos caracterizar melhor o perfil dessa localidade. Segundo os informantes, nesse município houve a presença de seringueiros e garimpeiros que ajudaram a construir a história da cidade. Pessoas da cidade e de fora da cidade se aventuravam nos rios à procura da almejada borracha, assim como do ouro, especificamente no Rio Jandiatuba:

**Quadro 4-** Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 001 AF

**I**<sup>38</sup>: cortava seringa... lá pelo rio Jandiatuba...

**E**<sup>39</sup>: onde é isso?

**I**: lá pra baixo...

<sup>38</sup> I: Informante

<sup>39</sup> E: Entrevistador

**E:** uhnuhn...

**I:** ( )... lá pra dentro... ele tirava seringa...

**E:** uhnuhn...

**I:** tirava leite de seringa, né?... fazia aquelas borrachona... e vendiam...

**E:** uhnuhn...

**I:** traziam de lá pra cá pra São Paulo naquele tempo pra vender...

A maioria dos informantes conta ainda que aconteciam muitas mortes nos rios por causa do ouro e essa extração acabou sendo proibida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (mais conhecido como IBAMA). Essa informação é ilustrada no trecho abaixo:

**Quadro 5-** Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 001 AF

**I:** aí... quando eu ‘tava lá... veio pessoal que era garimpeiro... disque tavam no ( )... vieram pra cá....

**E:** uhnuhn...

**I:** aí os garimpeiro tomaram de conta (pros)... pessoal... levaram o pessoal pra tirar ouro

**E:** uhnuhn....

**I:** no rio Jandiatuba...

**E:** ainda tem ouro aí será?

**I:** lá no Jandiatuba? com certeza... eu acho que sim... né?

**E:** mas o povo ainda vai?

**I:** ( ) agora não... ainda não ouvi comentário não desse povo...

**E:** uhnuhn

**I:** porque foi proibido... né?

**E:** ah é?... quem?

**I:** o IBAMA... federal... (o pessoal não deixaram eles levarem mais não)...

Dentre as pessoas que vieram de fora do Estado, algumas deixaram marcas na cultura dessa cidade, pois trouxeram a dança do Africano. Essa é uma tradição na cidade que já está na sua quarta geração<sup>40</sup>. A maioria dos entrevistados mostrou gostar muito dessa dança, pois traz bastante alegria à cidade, além, é claro, de resgatar o passado dela:

---

<sup>40</sup> Essa informação consta no Histórico da Dança do cordão Africano, registrado no cartório no dia 14 de agosto de 2007.

**Quadro 6-** Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 002 AM

**I:** tem as quadrilha... tem... a dança do cavalinho... africano... africano é a: a (personalidade) maior aqui...  
**E:** é?  
**I:** qualquer coisinha... o pessoal bate o africano o pessoal...  
**E:** junta p ver...  
**I:** ajunta pra ver...  
**E:** o senhor já brincou no africano?  
**I:** já...

Além dessa dança, os moradores costumam participar da festa do padroeiro, que se realiza no mês de junho e das outras festas de Santo que acontecem na cidade. Seguem uma tradição bem católica.

**Figura 9-** Foto da praça principal da cidade (Igreja São Paulo Apóstolo)



Fonte: Autoria própria

Algo que os informantes contam ainda em relação à origem da cidade é que os moradores são descendentes dos Cambebas (SPO 001 AM) e que um padre chamado Paulo ajudou na construção da cidade. Olivença seria um sobrenome de uma família portuguesa.

Os moradores contam ainda que a cidade evoluiu muito pouco em relação às outras cidades próximas que dela se originaram. Apesar desse pouco crescimento, os informantes mostram estar bem integrados a ela e a maioria afirma que não moraria em outra cidade, mesmo já tendo

conhecido outras como a capital do Estado: Manaus. Preferem sua cidade natal, uma vez que esta lhes oferece tranquilidade. Alguns dizem que só trocariam de cidade por causa da educação dos filhos, pois a cidade em que moram não oferece cursos superiores:

**Quadro 7-** Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 002 BF

**E:** o que a senhora mais gosta daqui?

**I:** eu acho...

**E:** da cidade...

**I:** da cidade? a tranquilidade...

**E:** a senhora trocaria São Paulo de Olivença por outra cidade?

**I:** bem... como já falei... eu trocaria em termo de educação...

**E:** uhnuhn...

**I:** sabe... por causa dos meus filho...

**E:** uhnuhn...

**I:** por causa deles...

**E:** uhnuhn...

**I:** mas... eh... assim... pela tranquilidade ficaria aqui mesmo...

**E:** uhnuhn

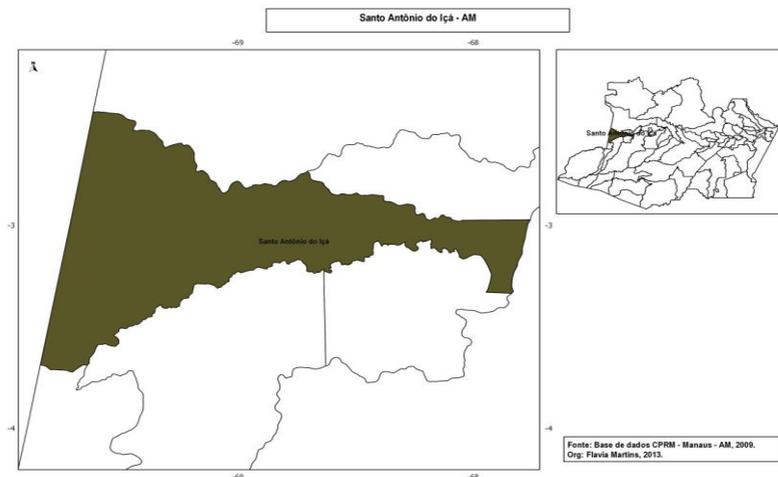
**I:** mas em termo de educação... por causa da/ do meus filho... mudaria de cidade...

Quanto à educação, como já é perceptível no Quadro 7, a cidade não oferece tantas oportunidades de ensino. Há na referida localidade, principalmente, ensino até o Ensino Médio. Há algum curso superior, no período de recesso escolar, oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mas sem muitas opções. A maior parte da população que quer ter opção de escolher um curso de graduação tem que se deslocar até o município de Benjamin Constant (cidade mais próxima onde existe um *campi* da UFAM), Tabatinga (cidade mais próxima onde há a UEA) ou Manaus (capital do Estado).

Enfim, é uma cidade do interior do Amazonas que como qualquer outra o lazer das pessoas é estar entre amigos e a família, pois a maioria se conhece e mantém contato. Os moradores vivem de atividades como agricultura, pesca e comércio.

### 2.1.4.1.3 Santo Antônio do Içá

**Figura 10-** Mapa de Santo Antônio do Içá



O município de Santo Antônio do Içá (doravante STO) possui atualmente uma população de 17.079 habitantes. Sua área territorial corresponde a 6.432,68 km<sup>2</sup> e apresenta uma densidade demográfica de 2,66 hab/ km<sup>2</sup>. Está situado à margem esquerda do rio Solimões e distante de Manaus em linha reta 888 km e por via fluvial 1.199 km. O principal meio de transporte é o fluvial, uma vez que o aeroporto ainda só recebe aviões de pequeno porte. Limita-se ao norte, com os municípios de Japurá e Tonantins; ao leste, com o município de Jutaiá; ao sul, com os municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença e Amaturá; a oeste, com a República da Colômbia.

Segundo Migueis (2011), em 1813 é fundado em lugar próximo a Tonantins o povoado de Boa Vista, atual cidade de STO. De acordo com Portela (2004), de 1911 até 1933, Tonantins e Boa Vista faziam parte do município SPO quando esse passou a ser autônomo ao ser desmembrado do município de Tefé. Em 1938, mais precisamente no dia 01 de dezembro, SPO em sua estrutura administrativa, contava com os distritos de Tonantins e Boa Vista. Em 19 de dezembro de 1955, esses distritos são desmembrados de SPO e o povoado de Boa Vista passa a ser autônomo e chamado de Santo Antônio do Içá pela Lei Estadual n.º 96. No dia 13 de março de 1956, o município de STO foi instalado com

o prefeito nomeado pelo governador do Estado do Amazonas. Em 04 de julho de 1968 é enquadrado como “Área de Segurança Nacional” pela Lei Federal n.º 5.449. Seu aniversário é comemorado em 19 de dezembro.

O nome do município, de acordo com Portela (2004), origina-se de seu padroeiro Santo Antônio de Lisboa e do rio Içá, afluente que deságua nas margens do município, o rio Solimões. Um outro dado importante diz respeito ao nome Içá que é de origem indígena (Omáguas) e tem a ver com a quantidade de formigas que existiam no povoado e que recebiam esse nome. Elas estão representadas no Brasão do município.

Reclus diz que o nome de Içá foi dado pelos Omáguas. Acredita-se que a denominação provenha dos antigos índios Içás, que povoaram as margens deste poderoso sulco potâmico, os quais por sua vez tiraram o nome de uns macacos de boca preta, que lhe infestavam as matas marginais (Enciclopédia dos Municípios Brasileiros IBGE *apud* PORTELA, 2004, p. 18).

Além da sede do município, segundo Portela (2004), STO possui também 01 distrito, chamado de Vila de Betânia e “43 comunidades rurais: 25 comunidades ribeirinhas e 18 indígenas das etnias Tikuna e Kokama” (p. 20). Alguns informantes entrevistados relatam a presença desses indígenas na região. Segundo um dos informantes,

**Quadro 8-** Trecho da entrevista realizada em STO da informante 001 BM

**I:** eu não sei como que é não... não sei se é kokama ou é... é tikuna... porque tem ali a comunidade da Betânia mesmo.. ali né... ali/ali sim é...

**E:** comunidade mesmo indígena...

**I:** é comunidade indígena...

Quanto à presença da igreja católica em STO, Portela (2004) informa que “a Paróquia de Santo Antônio de Lisboa teve origem com a construção da capela em madeira por Frei Ambrósio de Cifana” (p. 26) e com a ajuda dos moradores do pequeno povoado de Boa Vista. Em 1935, a capela foi benta pelo Monsenhor Evangelista da Cefalonia. Em 1940, o prefeito Apostólico Monsenhor Thomás de Marcelano edificou, ampliou e inaugurou essa capela.

Em 1951, Frei Diogo de Ferentilo foi designado para dar assistência religiosa ao povoado. Nesse mesmo ano, a partir do

desmembramento da Paróquia de São Pedro Apóstolo- Tonantins, Frei Diogo tomou posse como primeiro vigário, “momento em que é feita a leitura do documento de fundação da Paróquia de Santo Antônio de Lisboa, pelo Prefeito Apostólico Frei Venceslau de Spoleto” (p. 27). Frei Diogo permaneceu na paróquia até 1962, período em que a cidade já era um município autônomo.

O povoado recebia muitos Freis Capuchinhos. Em 1962, Frei Reinaldo Altieri de S. Salvo tomou posse da paróquia e começou a construir a Igreja em alvenaria que foi inaugurada em 1970, dia do santo padroeiro. Nesse período foi prelado Monsenhor Adalberto Marzi que serviu a região do alto Solimões. Outros Freis Capuchinhos também serviram a paróquia de Santo Antônio, como Frei Silvestre Scica, Frei Miguel Arcanjo, Frei Celso Caldas de Souza etc. A festa do padroeiro acontece todos os anos no período de 1º a 13 de junho, com a realização da trezena e outras atividades organizadas pelo povo.

O festejo do padroeiro da cidade é o que mais se destaca (festa de Santo Antônio), segundo os moradores entrevistados. Assim como as outras cidades já citadas, os moradores de Santo Antônio do Içá seguem uma tradição bem católica, como um dos informantes comenta a seguir:

**Quadro 9-** Trecho da entrevista realizada em STO da informante 001 BM

**E:** de eventos assim... festa da cidade..

**I:** ah festa da cidade já passo/... é só no/... em junho... da cidade mesmo né... que é o padroeiro daqui de... daqui de Santo Antônio...

**E:** Santo Antônio né?

**I:** é... ( )

**E:** participa da igreja... não?

**I:** participo...

**E:** católica?

**I:** católica... e aí... é doze dia de festa.. treze dia quer dizer... de festa

**E:** ( ) é... padroeiro... Santo Antônio... casamenteiro...

**I:** é nesse dia aí que eu... casei com minha mulher...

**E:** foi?

**I:** é... casei

**E:** ah... legal...

**I:** e... e é bom... é gostoso... vem gente de fora... vem de Amaturá... Tonantins... São Paulo... tudo pra cá...

**Figura 11-** Praça da cidade (Igreja de Santo Antônio)



Fonte: Autoria Própria

Sobre outros fatos históricos da cidade, segundo os moradores, a cidade viveu um período de coleta de seringa, pois a maioria dos informantes entrevistados conta que seus pais se aventuravam pelos rios do município a busca desse látex a fim de ajudar no sustento da família. Alguns contam ainda que vinham moradores de outras localidades próximas a busca da seringa também. A seguir, é ilustrado um trecho da entrevista realizada em STO sobre essa informação:

**Quadro 10-** Trecho da entrevista realizada em STO da informante 001 BM

**I:** papai cortava seringa... ( ) papai corta seringa também...

**E:** ah é? conta aí essa história da seringa...

**I:** seringa...

**E:** mas é aqui perto? ti/tinha seringal aqui perto?

**I:** NÃO... lá pra/ rumo do/ do... pra lá pro rumo do/ da comunidade...

**E:** mas aqui... na área de Santo Antônio do Içá?

**I:** é... faz/faz faz parte daqui... daqui pra lá mais ou menos é uns dois dias de... de viagem... lá onde nós...

**E:** vinha muita gente de fora? sabe dizer?

**I:** vinha vinha...

**E:** tipo... de onde que vinha gente?

**I:** de lá pra cá... vinha... lá do/do (Carnacá)... ( )... do Moinho.... São João da Liberdade... e assim... vinha baixando né?...  
**E:** vinha gente tipo... do Nordeste? Não?  
**I:** não não...  
**E:** só era o pessoal daqui da região?  
**I:** só da/da/daqui da...  
**E:** região...

Um outro informante diz,

**Quadro 11-** Trecho da entrevista realizada em STO da informante 002 AF

**I:** aí eu casei... aí quando comecei a ( ) ajudar meu pai a cortar seringal... levantava quatro hora da madrugada... duas hora da madrugada... arrumar tudo as coisa pra ir pra mata né...  
**E:** uhnuhn...  
**I:** aí a gente ia cortando... cantando... assoviando né... vendo aqueles pássaro no mato.. todo tipo de... assovio né... aquele era uma animação pra gente né... a alegria que a gente tinha era esse...

Segundo Portela (2004), quanto ao sistema econômico, o município tem como base no setor primário, o extrativismo, principalmente a extração de madeiras. Desenvolve também “o cultivo da mandioca, a pesca artesanal, a horticultura, a pecuária, a piscicultura, a criação de pequenos animais e o plantio de arroz, milho, feijão, banana e pupunha” (PORTELA, 2004, p. 21). No setor secundário, encontramos padarias, marcenarias, frigoríficos e olaria. No setor terciário, o município conta com mais de trinta e cinco estabelecimentos comerciais, uns atacadistas, outros varejistas. O município recebe recursos ICMS e FPM arrecadados pelos governos Estadual e Federal. As famílias com baixa renda recebem benefícios de Programas Sociais Federais (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Auxílio Gás).

Quanto ao lazer, os moradores relatam que as festas que acontecem na cidade atraem moradores de outros municípios próximos, como o festejo do Santo Padroeiro, já mencionado. Mas havia também outras festas na cidade como a festa do “BOI-BUMBÁ” à semelhança do que acontece em Parintins<sup>41</sup>. Segundo eles, essa festa durou pouco tempo:

<sup>41</sup> Cidade amazonense que se destaca por realizar a festa do BOI-BUMBÁ com a disputa dos bois caprichoso (representado pela cor azul) e garantido (representado pela cor vermelha).

**Quadro 12-** Trecho da entrevista realizada em STO da informante 002 BF

**E:** quais eram... quais eram os bois?

**I:** é... era o mesmo do... do caprichoso e garantido... mas aí terminou... acabou tudo

**E:** o pessoal não se interessou mais...

**I:** não...

**E:** a senhora assistiu? já alguma vez?

**I:** assisti... assisti uma vez...

**E:** ahn... como é que era? era bem... faziam aquelas alegorias?

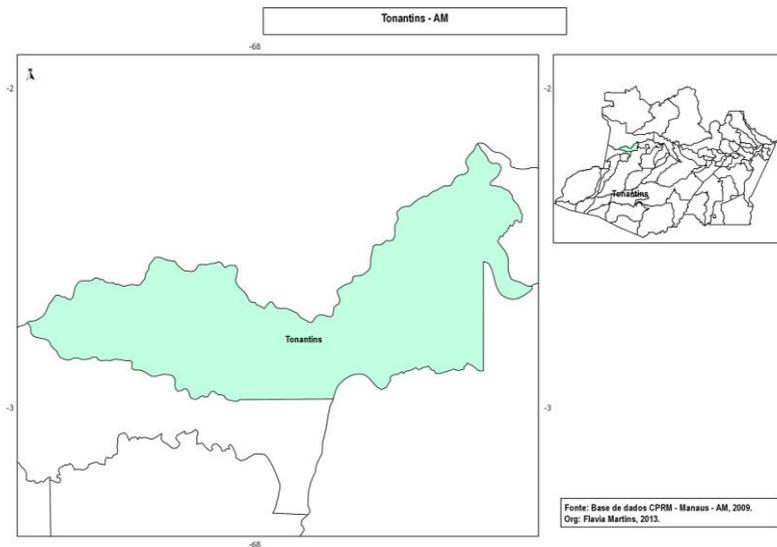
**I:** sim... foi bonito... apresentou... uns dois ano... bem bonito... mas... infelizmente acabou...

Uma outra festa de destaque na cidade era a Festa Tribal Cultural do Milho que, segundo Portela (2004), foi criada pela Lei Municipal nº 111, de 10 de junho de 2002. Acontecia com a participação de escolas e do povo içaense no período de três dias. Havia venda de artesanatos, comidas e bebidas típicas, sendo explorado bastante o Milho, nome dado à festa. Havia também concursos de danças, música, poesia, culinária e concurso da Rainha do Milho. Acontecia sempre na última semana do mês de outubro.

No que diz respeito à educação, a cidade só oferece escolas estaduais ou municipais até o Ensino Médio. Quem tem interesse em cursar uma graduação, assim como em SPO, tem que se deslocar para Benjamin Constant, Tabatinga ou Manaus. Ressalta-se que muitos que saem da cidade para estudar, raramente voltam.

Como vimos, é uma cidade que se caracteriza na sua formação pela presença de indígenas, pelo contato com moradores de cidades próximas e que aos poucos como os informantes relatam está perdendo suas tradições.

## 2.1.4.1.4 Tonantins

**Figura 12-** Mapa de Tonantins

O município de Tonantins (doravante TNT) possui atualmente uma população de 17.079 habitantes. Sua área territorial corresponde a 6.432,68 km<sup>2</sup> e apresenta uma densidade demográfica de 2,66 hab/ km<sup>2</sup>. O principal meio de transporte é o fluvial. Não há aeroporto.

Segundo Migueis (2011), a origem desse município está ligada aos municípios de Tefé e SPO. Em 1955, constitui distrito do novo município de STO pelo Decreto-Lei Estadual n.º 96. Passa a ser município autônomo somente a partir de 10 de dezembro de 1981 através da Emenda Constitucional n.º 12. Nessa mesma data é que os moradores comemoram o aniversário da cidade. Parte dessa informação também é relatada por um dos moradores entrevistados:

**Quadro 13-** Trecho da entrevista realizada em TNT do informante 003 BM

**I:** Tonantins foi fundado em mil novecentos e onze

**E:** mil novecentos e onze

**I:** eh São Paulo dali... dali... São Paulo de Olivença foi fundado em mil novecentos e oito... eu sei (porque isso) o professor... falava pra mim sabe?

**E:** eh:: Tonantins fazia parte de São Paulo de Olivença?

**I:** é... naquele tempo... naquele ano era...

**E:** ahnahn

**I:** era... que o prefeito de lá... era (Zenite Ramos)

**E:** uhn

**I:** é que... ele comandava tudo por aqui sabe?

**E:** uhnuhn

**I:** aí foi... desmembrado parece que foi pra Santo Antônio... aí com os tempo também o... que em oitenta e três

**E:** uhn

**I:** oitenta e dois por aí foi desmembrado aí já foi município de Tonantins

Nascimento (2006) conta com mais detalhes a formação da cidade de TNT. Segundo ele, o vilarejo de TNT outrora recebeu os nomes de Tonantins Velho e Vila Velha de Tonantins. Foi fundado pelo missionário carmelita Frei Matias Diniz por volta de 1728 que foi assassinado pelos índios que ali habitavam, os Caiuvicenas. Devido à morte desse missionário, esses índios fugiram para o alto rio Tonantins.

O vilarejo só veio ressurgir com o senhor de sobrenome Sampaio entre os anos de 1774 e 1775 que conseguiu reunir alguns índios Caiuvicenas, Passés e Tikunas. Ele exercia um cargo público semelhante a um delegado de polícia. Essa informação sobre a presença desses indígenas nas origens de Tonantins também é relatada pela informante 002 BF:

**Quadro 14-** Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 002 BF

**E:** tinha alguma comunidade indígena aqui?

**I:** tem...

**E:** tem ainda?

**I:** fica... longe também um pouco mas no município daqui...

**E:** é?... fica onde mais ou menos?... quantas horas daqui até lá?

**I:** pra lá é um pouco distante... distante mesmo... não sei nem quantas horas é... mas (um pouquinho distante)

**E:** falam português?

**I:** fala...

**E:** é... e fala a língua deles também né...

**I:** falam a língua deles também...

**E:** qual/ qual é a comunidade? qual/quais são os índios?

**I:** tem várias comunidades olha (que eu não 'to) nem lembrada...

**E:** mas são tikunas... são o quê?

**I:** são...

**E:** tikunas... são os tikunas... aí eles falam português e falam...

**I:** falam mas bem pouco

**E:** bem pouco português... aí eles vivem pra lá... vive alguém aqui/ vivem... indígenas aqui na cidade?

**I:** sempre eles vem pra cá...

**E:** mas moram moram ou só... de vez em quando aparecem?

**I:** não... eles só vêm de vez em quando...

Em 1813, José Antônio de Moraes construiu na comunidade do Paraná dos Painéis uma capela, em homenagem ao Divino Espírito Santo, dando início, assim, ao povoado. Em 1848, o Frei Pietro da Ceriana<sup>42</sup>, vindo de Belém (PA), foi em visita pastoral ao rio Solimões juntamente com os frades Edígio da Garresio e Fedeles da Jesi. Aos poucos, fundou uma capela dedicada a São Pedro Apóstolo. Nessa visita pastoral, a missão do rio Içá e do rio Tonantins ficou sob a responsabilidade do padre João Martins di Nino, que faleceu no ano seguinte. Em 1908, foi construída uma terceira capela dedicada a São Francisco das Chagas pelo comerciante Pompeu de Azevedo. Em 1910, a prefeitura Apostólica do alto Solimões foi desmembrada da Câmara Eclesiástica de Manaus e teve como prefeito apostólico Monsenhor Evangelista da Cefalonia.

O vilarejo de TNT, após 1908, só veio receber outra visita apostólica em 1911, com a visita do padre Frei Domingos da Gualdo Tadino. Em 1913, por ordem do prefeito apostólico, Frei Giocondo da Soliera ficou responsável pela pastoral da comunidade de TNT. Em 1914, ele abriu uma pequena escola que depois recebeu o nome de Escola São Francisco. E também restaurou a igreja de São Francisco das Chagas. Em 1916, por conta do trabalho bem realizado por Frei Giocondo, a residência da Prefeitura Apostólica foi transferida para o alto Solimões, até então era em Manaus.

A partir da administração mais de perto do vilarejo, observou-se a grande dificuldade que se tinha de chegar a TNT, uma vez que no verão “o leito do Rio Tonantins desce ao nível de corredeiras, impedindo assim que os barcos chegassem até ao porto da comunidade” (NASCIMENTO, 2006, p. 20). Por isso, em 1918, o Frei Giocondo resolveu “transferir” parte da população de Tonantins para a “embocadura do Rio Tonantins, formando o novo núcleo da comunidade, agora com o nome de Vila Nova de São Pedro de Tonantins” (NASCIMENTO, 2006, p. 20).

Em 1922, nesse novo núcleo, os frades capuchinhos construíram casa, uma igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, a escola de São Francisco, além de outras atividades. Em 1945, tiveram que se mudar para meio quilômetro acima do rio Tonantins, tendo em vista a erosão causada pelas águas do rio Solimões na área onde moravam. No novo

---

<sup>42</sup> Padre capuchinho da Úmbria, região da Itália (NASCIMENTO, 2006).

terreno ampliaram seus trabalhos e dedicaram-se ao cultivo de cana, banana, café e guaraná. Segundo Nascimento (2006, p. 20), esses frades “construíram uma bela igreja, uma escola que recebera o velho quadro de São Francisco que viera da escola velha, e foi chamada de Pré-Escola São Francisco, mais tarde Educandário São Francisco e hoje Colégio São Francisco”.

**Figura 13-** Praça da principal da cidade, Colégio São Francisco e Igreja de São Pedro Apóstolo



Fonte: Autoria própria

Além dos frades já citados, outros também se fizeram importantes na formação do município de TNT, como os freis italianos: Antonino (1922 a 1923), Diogo (1924), José de Leonessa (1925 a 1927), Lucas (1927), Ambrósio (1937 a 1945), Celestino Maria de Itu (1946 a 1947), Pio da Casacastalda (1947), Mateus (não há informação do tempo em que ficou na cidade), Ludovico de Leonessa (1948-1967) que construiu a atual igreja de São Pedro Apóstolo, Frei Francisco de Lábrea (1961 a 1975), Frei Silvestre Seica de Palata (1975 a 1980), padre Inácio (não há informação do tempo em que ficou na cidade) e padre Gervásio (não há informação do tempo em que ficou na cidade).

Após 1980, TNT ficou, mais ou menos, vinte e cinco anos sem a presença de padres, ficando os cultos religiosos dirigidos por leigos

como ministros da palavra e da comunhão. A partir de 2001, teve como pároco o padre Elias Augusto José.

A cidade TNT contou também com a presença de um contingente do 21 BC (Batalhão de Caçadores) vindo do Recife e Pernambuco. Esse batalhão permaneceu no lugarejo de 1933 a 1934 a fim de dar segurança à área, já que nessa época Peru e Colômbia, países próximos, estavam em conflito pela posse da cidade de Letícia, que fica localizada na fronteira seca com Tabatinga (AM). De 1934 a 1939, o povo contou com a presença do 26 BC, vindo de Belém (PA). Em 1939, esse batalhão seguiu para a fronteira Brasil/Colômbia, permanecendo em Tabatinga, dando origem ao atual Batalhão de Fronteiras do Solimões.

Além da sede do município, TNT apresenta, atualmente, mais de quarenta e duas comunidades ribeirinhas. Sua economia é baseada em atividades do setor primário, como o extrativismo que é de grande importância, principalmente no que diz respeito à madeira que é exportada pra Manaus; a exploração da borracha, como relatado por alguns dos informantes da nossa pesquisa:

**Quadro 15-** Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 001 AF e 002 AM

**1) 001 AF**

**I:** ele conta que desde assim... do entendido né? os pais dele levavam ele pra seringa.. ele conta quantas... quanto ele fazia na safra... ele conta muito essas história pra gente...

**E:** lembra de al/ lembra?... o que que ele conta assim detalhadamente algumas coisas?

**I:** ele conta assim... como que eles faziam... como que eles trabalhavam né... que eles carregavam é... ah é tão assim... ((risos))...

**E:** ((risos))

**I:** ele... eles iam... eles iam pro mato né?

**E:** uhnuhn...

**I:** aí passavam uma semana tirando... aí... não 'to lembrada quantos quilo que eles faziam numa semana... mas era muito...

**E:** uhnuhn...

**I:** aí... ao chegar em casa assim... ele só fazia entregar pra mu/ pra mulher dele pra minha vó...

**E:** uhnuhn...

**I:** ela que ia...

**E:** vender...

**I:** vender... fazer... fazer a seringa mesmo...

**E:** ah... defumar...

**I:** e defumar... isso fazer essa ( ) tudinho... ele só era pra tirar... ela que ia

trabalhar... (ele) só fazia entregar...

**E:** aí ganhava bem?

**I:** ganhava bem...

**E:** na época né?

**I:** uhnuhn... ele ganhava bem... ele falou...

**E:** mas era muito... trabalhoso né?

**I:** era muito trabalhoso... ahnahn... a fumaça ele falava que prejudicava muito eles né? o olho dele até hoje... ele tem o olho bem azulzinho... mas é BEM vermelho isso aqui dele... de tanto trabalhar nisso... a minha vó do mesmo jeito...

## 2) 002 AM

**I:** enganaram meu avô... dizendo que... aqui...

**E:** uhn...

**I:** o Amazonas... a seringueira dava dinheiro como folha... ele veio pra cá... e lá... ficou com a minha vó que era descendente de peruano... que era peruana né?

**E:** uhnuhn...

**I:** e lá deu nordestino e... peruano

a castanha do Brasil; a mandioca, principal produto da região, mas também tem o feijão, o arroz e o milho; o cupuaçu; a pecuária; a piscicultura; o estaleiro para construção de barcos e serraria. No setor terciário, o município conta com diversos estabelecimentos comerciais do ramo varejista.

Quanto à infraestrutura da cidade, hoje já tem atendimento da unidade SESP, mas antigamente qualquer doença era tratada por rezadeiras ou as pessoas tinham que se deslocar até Manaus ou Benjamin Constant. Hoje em dia também conta com mais escolas. No entanto, em relação aos demais municípios investigados, TNT é o que apresenta um menor número de escolas, assim como de professores graduados ministrando aulas. Há professores que com apenas o magistério dão aula tanto para o ensino básico quanto para o fundamental. Assim como em SPO e em STO, os moradores de TNT que querem cursar uma graduação tem que se deslocar para Benjamin Constant, Tabatinga ou Manaus.

Quanto ao folclore e lazer, os moradores contam com os festejos de, principalmente, São Pedro, São Francisco, Santo Antônio, São Cristóvão e Nossa Senhora Aparecida. Tudo acontece com o levantamento do mastro. Quando se perguntava nas entrevistas

realizadas para esta pesquisa sobre festas na cidade, os moradores relatavam, principalmente, sobre esses festejos:

**Quadro 16-** Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 001 BF e 002 AF

**1) 001 BF**

**E:** e outras festas?... festa da cidade... fazem aqui?... arraial?

**I:** tem... tem a festa junina aqui...

**E:** festa do... de São Pedro né...

**I:** ( ) uhnuhn

**E:** é animado aqui?

**I:** é... bastante animado... tem bastante marreteiro... fica bem movimentado...

**E:** tem novena... tem quadrilha... essas coisas?

**I:** tem... quadrilha... ( )

**2) 002 AF**

**E:** o que que tem de festejo aqui?

**I:** tem festejo de São Pedro... festejo de...de São Cristóvão que um dia desse terminou...

**E:** uhnuhn...

**I:** de São Cristóvão... tem festejo de... da Nossa Senhora de Fátima... Nossa Senhora Aparecida...

**E:** ah:: Nossa Senhora de Fátima..

**I:** é um monte de festejos...

Antigamente, existia uma dança chamada as pastorinhas que com o tempo deixou de ser apresentada, como relata uma das moradoras entrevistadas:

**Quadro 17-** Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 003 BF

**I:** era... a pastorinha do... que era a parte... católica... pastorinha... as bricadeira do mês de junho... as quadrilha

**E:** uhnuhn... como que é a pastorinha?

**I:** a pastorinha a gente... forma dois grupo...

**E:** uhn

**I:** tem:... o pastor...

**E:** ahnahn

**I:** pastor guia... depois tem a... uma mestra que ela é do partido ver/azul

**E:** ah

**I:** e a... contra-mestra do partido a/vermelho

**E:** ahn

**I:** aí tem um bloco de anjos que representa o... o cenáculo do... do senhor...

**E:** uhnuhn

**I:** aí os anjos cant(am)... a estrela canta... então apresenta quem vai...

apresentar o... o nascimento de Jesus... o pa/pastor sai.. apresenta também cantando... e as... os pastora 'tão tudo num quarto né? depois que elas sai cantando... nos grupo... aí vai apresentando... apresenta uma do azul... outra do vermelho... aí vai até o final.. da cigana

**E:** uhnunh

**I:** aí a cigana... faz o papel dela de... pedir dinheiro... de... ler a sorte... aí tudo no ( ) né?

**E:** uhnunh

**I:** então aí é uma brincadeira assim que... começa umas sete hora termina lá pras onze meia...

**E:** demora

**I:** demora muito... mas é muito bonito sabe? e muito alegre

**E:** a senhora brincou?

**I:** brinquei... muitas vezes

Os moradores contam, além dos festejos, para se divertir com balneários, como o Manaca, o Sonrisal, Balneário Ecológico Paraíso, as praias que surgem no verão<sup>43</sup> e com os igarapés do Genipatuba e Muría. Segundo Nascimento (2006, p. 72),

para quem gosta de viajar de barco, é bom visitar Tonantins no período do inverno, quando o rio está cheio, e poderá dar uma esticadinha até as comunidades de Mari-Mari, Lago Grande e São Pedro, reservas indígenas do Município. Poderá também conhecer o alto rio Tonantins e seus afluentes, com suas águas escuras e muito boas para a pesca do tucunaré, do Matrinchã, que aproveitam esse período para sair dos igarapés devido às chuvas.

---

<sup>43</sup> No Amazonas, quando acontece a vazante dos rios surgem as praias. No inverno, período de muita chuva, o rio enche e as águas cobrem as praias.

**Figura 14-** Porto de Tonantins

Fonte: Autoria própria

Antigamente, a cidade contava, nos finais de semana, com bailes, como informa uma das informantes entrevistadas em Tonantins:

**Quadro 18-** Trecho da entrevista realizada em TNT da informante 003 BF

**I:** dançavam falsa... dançavam xote... dançavam...TANgo

**E:** uhn...

**I:** e:::

**E:** até tango? ((risos))

**I:** eles tinha um negócio de um tango sabe lá... que... o xote também quando era uma festa... quando era uma dança de/de xote... e as damas eram.. eram (reclassificada)... não era qualquer uma que dançava... tinha uma senhora que dançava... aquela senhora ali que dançava bem... aí iam dançar pra... faziam uma apresentação daquele xote pro público ver... mas era na festa mesmo na sala né?... (desfeteira) também... um dizia verso pra um outro... outro dizia outro verso pra outro... dançando sabe... a (desfeteira) não sei se você já...

**E:** ahahn

**I:** já viu isso...

**E:** não

**I:** às vezes uns diz os verso... ( ) grava às vez machuca a pessoa né? num verso pesado

**E:** ah

**I:** e outros é somente pra brincadeira

**E:** ahnahn

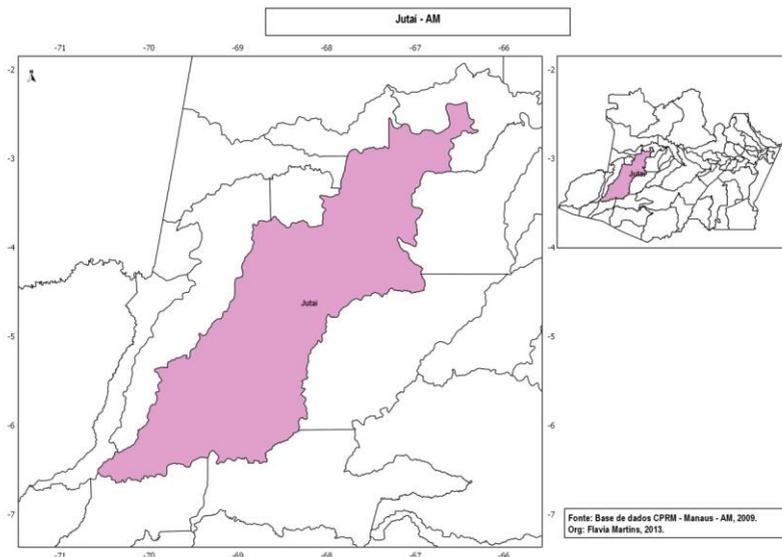
## I: dançavam

Uma última curiosidade a respeito de Tonantins é que em 1957 a moradora Terezinha Morango venceu o concurso Miss Brasil e ficou em segundo lugar no concurso Miss Universo disputado em Miami, nos Estados Unidos, motivo de alegria para os moradores mais antigos da cidade.

Como observamos, Tonantins é uma cidade do interior do Amazonas que se caracteriza pela presença de indígenas, por uma tradição, essencialmente, católica, pela presença de militares e de seringueiros, não muito diferente das outras cidades já mencionadas neste capítulo.

### 2.1.4.1.5 Jutai

**Figura 15-** Mapa de Jutai



O município de Jutai (doravante JT) possui atualmente uma população de 17.992 habitantes. Sua área territorial corresponde a 69.551,92 km<sup>2</sup> e apresenta uma densidade demográfica de 0,26 hab/km<sup>2</sup>. Está situado à margem direita do rio Jutai, afluente do rio Solimões, distante de Manaus em linha reta 750 km e por via fluvial 1.072 km. O principal meio de transporte é o fluvial. Não há aeroporto.

Segundo Migueis (2011), esse município foi ocupado por várias etnias indígenas, entre as quais os Katukina, Ariaceu e Arauã. E, ainda, conta-se com a presença deles na região, como relata um dos informantes entrevistados:

**Quadro 19-** Trecho da entrevista realizada em JT da informante 003 AF

**E:** a senhora conhece um pouco das comunidades indígenas daqui?  
**I:** conheço... essa/essa da/daí... eu conheço...  
**E:** qual?  
**I:** a do (Bugaio)...  
**E:** (Bugaio)... quantas horas daqui pra lá?  
**I:** maninha sempre eu vou assim eu acho que nós gasta umas dois hora assim de de/...  
**E:** de motor?  
**I:** de rabetinha...  
**E:** rabetinha  
**I:** ahn... acho que a gente gasta umas duas hora  
**E:** é uma comunidade só indígena?  
**I:** tudo indígena... só indígena...  
**Outra pessoa:** que/ que/ que comunidade assim?... que indígenas são?  
**I:** são tikuna  
**E:** tikuna?...  
**I:** uhn  
**E:** eles falam português... ou só falam a língua deles?  
**I:** não... eles falam português também...  
**E:** falam... português e a língua...  
**I:** eles a gente entende bem eles mas tem hora que eles ‘tão conversando só entre eles  
**Outra pessoa:** as crianças são alfabetizadas na língua tikuna...  
**I:** é  
**Outra pessoa:** o professor fala tikuna quando ele vem aqui  
**I:** é... porque são tikuna mesmo né?... eles  
**E:** tem outras comunidades aqui indígenas?  
**I:** tem... no (Bíá)  
**E:** qual é a... comunidade?  
**I:** lá é (catukina)  
**E:** (catukina)?  
**I:** mas só que eu não co/... antigamente... faz muito tempo que não vou pra lá... sempre a gente... eles trabalharam muito com meu marido que ele viajava né pra lá...  
  
**Trecho 3 (21:58)**  
**I:** ah tem o/o/os... Kulina...  
**E:** kulina?

**I:** é... já ouviu falar?... eles moram aqui no (batedor)... eu conheço a comunidade/... eu conheço lá mas eu nunca fui na comunidade deles...eles... eu conheço eles todinho...

Assim como TNT, sua história está ligada ao município de Tefé em fins do século XVIII com a consolidação do domínio português. Tefé foi desmembrado em 1981 dando origem ao município de Fonte Boa. Em 1955, parte do território de Fonte Boa é desmembrada dando origem ao município de JT pela Lei Estadual nº 96. O aniversário do município é comemorado em 19 de dezembro.

De acordo com Antônio Gomes Valente<sup>44</sup>, nascido e criado no referido município, através de indicações políticas do interior do Estado foi nomeado prefeito do recém-criado município o senhor Osvaldo José Arantes. No dia 01 de agosto de 1956, esse prefeito quando chegou na Foz do rio Jutai montou uma expedição saindo da Foz com a caravana composta por três embarcações. Os barcos, bem equipados, encostaram em uma terra chamada Boa Vista, à margem esquerda do rio Jutai, uma terra muito fértil. No dia 07 de agosto de 1956, Osvaldo e seus companheiros deram início ao desmatamento da área que com poucos dias já virara um povoado com ruas e uma casa que serviu como a primeira prefeitura do município.

Osvaldo achando necessário conhecer melhor a grande extensão do rio Jutai e manter contato com a população, novamente equipou seu barco levando farto material para distribuir entre os mais de 600 seringueiros que viviam na região. Pela maneira de ser, segundo Antônio Gomes Valente, esse prefeito conquistou logo a amizade da população.

Alguns dos moradores entrevistados fazem referência também a esse período da extração da borracha na região:

**Quadro 20-** Trecho da entrevista realizada em JT da informante 001 BF e 003 AM

**1) 001 BF**

**I:** quando tinha/era no tempo da borracha... tinha pessoas que sofriam muito né? porque... aqui não tinha lei... a lei que fazia(s) eram os coronéis que/que::...

**E:** chegou aqui a ter serin/seringal também?

<sup>44</sup> Cedeu-nos suas primeiras anotações do livro que está escrevendo sobre a história do município de Jutai.

**I:** teve era nesse tempo da borracha... aí não tinha lei não... aí... tinha muita coisa que... assim por exemplo... se um patrão... se a gen/ se nós... como se fo/... um empregado... aí eu fosse... desviasse alguma coisa... eles não mandavam prender o que eles faziam era matava a pessoa pelo fato de ter furtado né?

**E:** as pessoas... que ficavam no seringal... vinha gente de fora?... ou era aqui o pessoal mesmo da cidade?

**I:** vinha gente de fora pra cá... o seringal ele enricou muita gente mas também ele tirou muita vida... e quem muito enricou... hoje em dia quase não tem mais nada...

## 2) 003 AM

**I:** ... nessa época o povo da/... isso aqui era...era meio deserto...

**E:** uhnuhn

**I:** era pouco morador... o/a/era desenvolvido aí pra dentro do rio porque tinha a produção da borracha...

**E:** uhn:... fale aí dessa época...

**I:** pois é ((risos))

**E:** ( )

**I:** aí a produção era tudo... o povo mais era aí pra dentro desse rio... por causa que naquele tempo... a renda daqui era a borracha... por isso que eu lhe digo... esse município já produziu muito muito muito muito produto daqui... se a renda desse município fosse aplicada aqui dentro... do que já foi produzido aí... vamos dizer... não fosse que nem São Paulo mas era que nem uma cidade daquela do interior também... ela tinha condição né? ((risos))

## 3) 003 AM

**E:** tinha muita gente de outro Estado aqui?... ou era mais o pessoal da região mesmo assim... do Amazonas... que vinha pra cá pros seringais?

**I:** éh... a maior parte era do nordeste...

**E:** nordestino mesmo né?...aí o pessoal daqui também... trabalhava né?

**I:** também... mas a maior parte era nordestino...

**E:** pessoal que vinha de longe...

**I:** é... mas o pessoal daqui porque veja só... quando eles chegaram... começaram a constituir família... e vieram... acho que depois... de mi/ da guerra ( )de quarenta e cinco ( )

**E:** segunda guerra né?

**I:** é que eles vieram pra cá... ou antes... eu não me lembro... ou quer dizer eu não era nem nascido não sei

**E:** ahnahn

**I:** mas eles vieram pra cá e depois começaram a constituir família aqui... e

hoje quase todo mundo de Jutáí que é daqui de Jutáí mesmo

**E:** ahnahn

**I:** ele tem... sempre... uma::

**E:** parente ( )

**I:** parentesco com gente do nordeste

Devido à longa distância entre a sede do município e a capital do Estado, Manaus, Osvaldo teve que fazer várias viagens até Manaus para angariar recursos. Na sua ausência, ficava o Secretário Francisco Moura. Em 1957, Osvaldo foi traído e acabou sendo exonerado do cargo. No lugar desse primeiro prefeito, foi nomeado Cristóvão Pereira, que acabou não assumindo devido à reação de Moura e dos outros moradores da cidade. A partir disso, o município sofreu uma estagnação no seu desenvolvimento.

Moura governou Jutáí por mais de seis meses, no final de 1958. Em seguida foi nomeado prefeito o tenente José Accosa de Assunção que, como diz Antônio Gomes, “não se acostumou com o silêncio e a distância e afastou-se em definitivo”. Em janeiro de 1959, foi nomeado prefeito Afonso Borges que conseguiu cumprir o mandato até o fim.

No dia 13 de dezembro de 1959, foi realizada a primeira eleição para prefeito. Lançaram-se como candidatos Arnolfo Afonso e Osvaldo Arante. Vencendo o primeiro candidato, tomando posse na sede que ficava em Boa Vista. Ele governou JT por dois anos e depois se afastou, sendo sucedido por Osvaldo Barroso que era seu vice-prefeito.

Em 1963, aconteceu nova eleição sendo eleito como prefeito Laurindo Góes. Três anos depois, foi Elizeu Araújo Lasmar que transferiu a sede do município para a Foz do rio Jutáí. Em 1972, foi eleito prefeito Francisco Moura. Em 1976 foi eleito Alírio Afonso Lasmar pelo período de seis anos. Em 1982, voltou à prefeitura Francisco Moura.

Ainda sobre o perfil histórico de JT, os moradores entrevistados também relatam a presença de garimpo na região que atraía pessoas de outras regiões do Estado à busca do tão sonhado ouro:

#### **Quadro 21-** Trecho da entrevista realizada em JT da informante 002 BF

**I:** assim... eu achei que o tempo do garimpo... quando o garimpo ‘tava aqui

**E:** ( )

**I:** era ( ) muito violento aqui no Jutáí... muito...

**E:** é...

**I:** e a gente não tinha a mesma tranquilidade que a gente tem com/... sem o garimpo aqui... era muito... violento... muitas mortes... de noite as pessoas eram sempre muito ( ) na rua... eu lembro que eu fazia caminhada de

madrugada eu parei de fazer com medo... porque eu tinha assim... a gente encontrava com muita gente na rua de madrugada né?... gente diferente...

Outra pessoa: ( )

**I:** é

**E:** a senhora tinha quantos anos?

**I:** mais ou menos uns dez anos eu acho o garimpo (teve) por aqui

**E:** dez anos?

**I:** é deve 'tá com uns dez anos...

**E:** tinha muita gente de outra regiões (aí) do país...

**I:** é... muita gente diferente...

**E:** ficava onde esse garimpo ( )... pertinho ou? ( )

**I:** não... pra dentro do rio... só que o/o/o posto deles era aqui...eles ficavam muito aqui

**E:** ahanhn

**I:** ficava(m) muito aqui

**E:** hoje não... o pessoal não...

**I:** não... eles já foram embora... acho que eles ficaram uns três anos aqui só... aí depois eles foram embora

**E:** ninguém veio mais atrás de ouro aqui não

**I:** não ((risos))

**E:** aí trouxe a tranquilidade de novo pra cidade...

**I:** é... corria muito dinheiro né? mas em compensação o dinheiro não era fácil também... as/as/as angústias que se passava...

Quanto ao lazer na cidade, os moradores contam com a festa do padroeiro São José na qual há venda de comidas típicas, além de apresentação de quadrilhas.

No que diz respeito à educação, essa cidade não difere muito das localidades já citadas nesta seção. Há poucas escolas de ensino fundamental e médio, assim como há poucos professores graduados atuando no ensino. No recesso escolar, os professores do município e/ou do Estado já tiveram oportunidade de cursar Normal Superior, curso oferecido pela UEA. Aqueles moradores que querem ter a oportunidade de fazer um curso de graduação, geralmente, tentam vestibular para Tefé (UEA), Coari (UEA) ou Manaus.

**Figura 16-** Praça Principal da cidade (Igreja de São José)



Fonte: Autoria Própria

Antes acontecia também uma brincadeira chamada pastorinha que com o tempo deixou de ser apresentada, como relata uma das informantes entrevistadas:

**Quadro 22-** Trecho da entrevista realizada em JT da informante 003 AF

**I:** tinha muito era brincadeira assim quando era fim de ano... tinha a pastorinha...

**E:** como é que é a pastorinha?

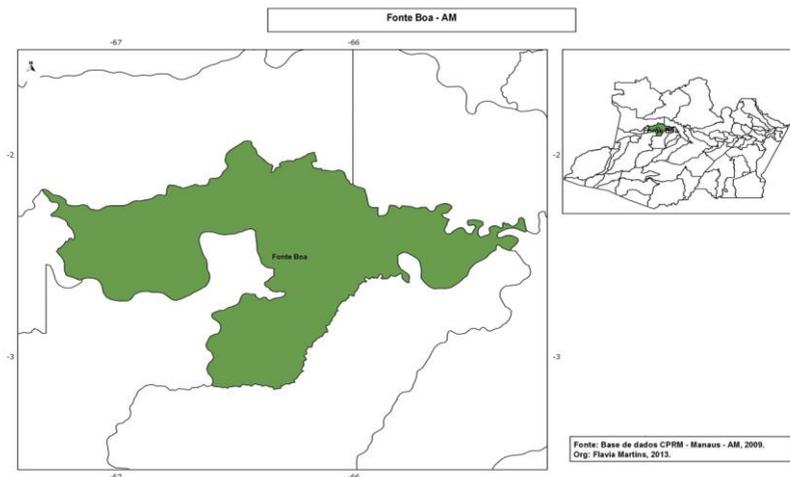
**I:** a pastorinha é uma brincadeira que/que... que mexe com a igreja também não sabe?

**E:** ahnahn... a senhora já brincou?

**I:** já... eu brincava era muito... era cantando bailando... ixi brinquei muito a pastorinha... sei tudinho

Como se verifica, JT é um município que assim como os outros já percorridos neste capítulo se caracteriza pela presença de indígenas, de nordestinos e pelo contato com moradores de cidades próximas, como a cidade de Fonte Boa.

## 2.1.4.1.6 Fonte Boa

**Figura 17-** Mapa de Fonte Boa

O município de Fonte Boa (doravante FB) possui atualmente uma população de 22.817 habitantes. Sua área territorial corresponde a 12.110,93 km<sup>2</sup> e apresenta uma densidade demográfica de 1,88 hab/km<sup>2</sup>. Está situado à margem direita do rio Solimões, distante de Manaus (capital do Estado) em linha reta 680 km e por via fluvial 1.033 Km. O principal meio de transporte é o fluvial. Há aeroporto, mas no momento está em reforma. Recebia voos somente duas vezes por semana, na quarta-feira e no domingo. O município comemora seu aniversário na semana de 29 a 31 de março.

Segundo Migueis (2011), nesse município viviam os indígenas da etnia Cambeba<sup>45</sup> que povoavam o alto Solimões. De acordo com Lisboa (1998, p. 158), “ao contrário do que se pensa, eram índios trabalhadores, místicos, politicamente bem organizados. De estatura alta e já ao primeiro contato com os missionários usavam roupas tecidas com algodão (planta abundante na região, na época)”. Segundo Lisboa (1998), esses índios juntamente com o padre Samuel Fritz, missionário da Companhia de Jesus responsável pela ocupação da Amazônia pela Espanha, fundaram a Missão de Nossa Senhora das Neves que deu origem à atual cidade de FB. Com o contato com o branco esses índios

<sup>45</sup> Também conhecidos como Omáguas, do tronco Tupi.

não poderiam sobreviver a “um violento massacre de per si cultural, depois biológicos como epidemias, etc.” (p. 158), conta Lisboa (1998).

Segundo Lisboa (1998), entre os anos de 1751 a 1759, FB passa a ser uma missão religiosa administrada pelos carmelitas que trabalhavam para o governo português, depois de acirradas disputas entre o governo Espanhol e Português devido ao novo Tratado de Tordesilhas. Os índios mostravam resistência ao governo português. Em 1759, a partir da rigorosa política de Marquês de Pombal foi elevada à categoria de lugar. Em 1858, a cidade de FB passa a ser reconhecida como freguesia, termo importante, tendo em vista que passa a ser considerada como colegiado, eleitora da atual cidade de Tefé.

Em 1891, no período áureo da borracha, segundo Lisboa (1998), é criado o município de FB pelo decreto nº 92, pois “as oligarquias locais, ou seja, o poder dos coronéis precisava ser forte e, com autonomia dos municípios, as administrações municipais aliadas ao poder dos governadores tornavam-se poderosas e prepotentes” (p. 49). Ressalta-se que esse período foi caracterizado pela presença de muitos nordestinos no Amazonas, inclusive em FB, que vinham em busca do tão desejado látex. Eles implantaram no município o sistema de servidão, tirando proveito da acomodação indígena. Com essa miscigenação, deu-se origem “a outro tipo humano chamado caboclo” (LISBOA, 1998, p. 159).

Em 1938, segundo Migueis (2011), a sede do município é elevada à categoria de cidade pelo Decreto-Lei Estadual nº. 68. Esse período também é marcado pela segunda leva de nordestinos para a Amazônia em busca da borracha (período da Segunda Guerra Mundial, 1939-1945), intensificando a miscigenação do povo de FB. Segundo um dos moradores entrevistados,

**Quadro 23-** Trecho da entrevista realizada em FB da informante 003 BF

**I:** meu pai cortou seringa... mas não foi na minha época não

**E:** é?

**I:** foi logo quando ele casou com minha mãe

**I:** ele trabalho com seringa né?... fazendo.. boRRACHA né?

Lisboa (1998) conta que nesse período também “nota-se a presença de estrangeiros, principalmente de Israel<sup>46</sup>, estes numerosos,

---

<sup>46</sup> Presença, provavelmente, de pessoas que formariam o Estado de Israel (libaneses etc.).

fixaram residência aqui, praticando o comércio e outras atividades” (p.161). Conta ainda que a presença dos negros foi

menos inexpressiva. Mas deu também sua contribuição. Sua presença nessa região é incerta, uma vez que a região amazônica cedo dispensou o trabalho escravo, onde pouco se praticava a agricultura, exceto algumas regiões. É cabível deduzir que tenham vindo para cá na guerra da cabanagem, onde grupos de caboclos, índios e outras raças invadiram o Amazonas na intenção de protestar contra a Coroa Portuguesa, em prol de um governo que atendesse as necessidades regionais (p. 162).

**Figura 18-** Vista aérea de Fonte Boa



Fonte: Alex Santos (Portal Fonte Boa)

Quanto à economia de FB é praticamente de subsistência e baseia-se no extrativismo vegetal e animal. Na produção vegetal, a cidade é um dos maiores produtores de madeira de lei. No pescado, conta com um grande número de lagos e com a ajuda do frigorífico conseguem exportar para Manaus e outros Estados. A pecuária é extensiva. Ainda, existem inúmeros estabelecimentos comerciais.

O município tem sete escolas, sendo somente uma de ensino médio. Recentemente, FB conta, no recesso escolar, com o curso de graduação Normal Superior, oferecido pela UEA, para pessoas que já atuam no ensino (básico, fundamental ou médio). Aqueles moradores que querem ter opção de escolher um curso de graduação, geralmente, deslocam-se até Tefé, Coari ou Manaus. Destaca-se que assim como em SPO, STO, TNT e JT, a maioria dos habitantes de FB que saem do município para estudar, raramente retornam.

Quanto ao lazer, FB conta com a festa da padroeira realizada na primeira semana de dezembro, Nossa Senhora de Guadalupe. Momento em que a cidade recebe muitas pessoas de outras cidades próximas. No município há ainda a Festa Junina na qual ocorrem diversas apresentações folclóricas. Nesse mesmo período também acontece a grande festa do BOI semelhante ao festival realizado em Parintins (AM). Em Fonte Boa a disputa é entre os bois Corajoso, representado pela cor azul, e Tira-Prosa<sup>47</sup>, representado pela cor vermelha, como comenta um dos informantes entrevistados:

**Quadro 24-** Trecho da entrevista realizada em FB da informante 001 BF

**I:** desde... oito anos eu brinco num... no corajoso né?

**E:** unhuhn

**I:** e... agora...a/eh::... brinquei de novo... (esse ano) e... meu filho também...

**E:** uhnuhn

**I:** (foi legal)

**E:** você desde oito anos de idade... tu... sempre brinca em que no boi?

**I:** éh... eu comecei brincando na tribo mirim... depois fui pra:::... pra::: tribo de luxo... e a comissão de frente

**E:** uhnuhn

**I:** e... há três anos eu fiquei só na marujada

Outra festa que movimenta FB acontece na última semana do mês de março quando se comemora seu aniversário. Há diversas atividades. E, recentemente, a cidade conta com a Festa do Pirarucu realizada em novembro.

Como vimos, FB caracteriza-se, semelhantemente às outras cidades investigadas nesta pesquisa, em especial, pela presença indígena, pela presença de missões religiosas e pela presença de nordestinos.

---

<sup>47</sup> A realização das entrevistas em FB coincidiu com a festa do BOI-BUMBÁ que acontecia nessa cidade.

Na seção a seguir, apresentaremos e levantaremos hipóteses para cada variável independente, linguística e extralinguística, que controlamos na codificação dos nossos dados de fala.

## 2.2 A Variável dependente e as variáveis independentes

Como elucidado no primeiro capítulo, no PB a *concordância nominal de número* pode ser realizada das seguintes formas:

- a) Com todas as marcas formais/informais de plural nos elementos flexionáveis do SN: “aS casaS todaS”;
- b) Com algumas marcas formais/informais de plural nos elementos linguísticos do SN: “aS casas todaØ”, “as casaØ todaØ”.

Os vários trabalhos já realizados no Brasil sobre esse fenômeno mostram que se trata de uma regra variável. Sendo assim, há fatores tanto linguísticos quanto extralinguísticos atuando sobre a regra de *concordância nominal de número*. Nesta pesquisa, pretendemos replicar algumas variáveis independentes controladas em outros trabalhos (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; H. CARVALHO, 1997; R. CARVALHO, 1997; LOPES, 2001; CAMPOS e RODRIGUES, 2002; BAXTER, 2009; VEIS RIBEIRO, RIBEIRO e LOREGIAN-PENKAL, 2009; SANTOS, 2010; F. MARTINS, 2010; BRANDÃO, 2011; SILVA, 2011; CASTRO E PEREIRA, 2012) a fim de observar se atuam da mesma maneira na fala dos informantes da microrregião do Amazonas aqui investigada. Ainda, pretende-se observar também a influência das variáveis *mobilidade* e *localismo* ligadas ao conceito de redes sociais (MILROY, 2004 [2002]) que ainda não foram observadas nesse fenômeno específico. Ressaltamos que Scherre (1988) sugere que se verifique melhor a influência de variáveis que ela denomina de não convencionais sobre esse fenômeno já que se mostraram relevantes os resultados das variáveis *ocupação*, *mídia* e *sensibilidade linguística* por ela analisados.

A seguir, apresentaremos os grupos de fatores (ou variáveis independentes) controlados nesta pesquisa.

### 2.2.1 Grupos de fatores linguísticos

Nesta pesquisa pretendemos observar a influência das variáveis linguísticas que já foram controladas em outros trabalhos como o de

Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997), R. Carvalho (1997), Lopes (2001), Campos e Rodrigues (2002), Baxter (2009), Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2009), Santos (2010), F. Martins (2010), Brandão (2011), Silva (2011) e Castro e Pereira (2012) na investigação da *concordância nominal de número* na perspectiva *atomística* que consiste na análise dos elementos do SN, a fim de observarmos se atuarão da mesma maneira nos dados de fala aqui investigados. São elas: *relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN, classe gramatical, posição linear, marcas precedentes, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, contexto fonético-fonológico subsequente e características lexicais dos substantivos e adjetivos* (diminutivo/ aumentativo/ normal).

A seguir, apresentaremos cada variável linguística levantando as respectivas hipóteses a partir dos resultados dos trabalhos elucidados no primeiro capítulo.

#### 2.2.1.1 Relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN, posição linear e classe gramatical

Os trabalhos realizados sobre a *concordância nominal de número* mostram que a correlação entre as variáveis *posição que o elemento ocupa no SN* (primeira, segunda, terceira, quarta etc.) e a *classe gramatical do elemento no SN* (substantivo, categoria substantivada, pronome, artigo) nos explica melhor o funcionamento do fenômeno, pois a análise deles de maneira isolada nos dá uma visão parcial do efeito de cada variável sobre a marcação de *concordância nominal de número* no SN.

Geralmente, os trabalhos que levaram em conta a variável *posição* de forma isolada mostram que elementos que ocupam a primeira posição no SN são mais marcados que os demais (“aS coisaØ todaØ”), levando a uma conclusão que Scherre (1998b, p. 92) considera de base funcionalista kiparskiana de que há uma tendência para “a informação semanticamente relevante ser retida na estrutura superficial, podendo, conseqüentemente, cancelarem-se informações redundantes”.

Os trabalhos, por sua vez, que levaram também em consideração a *classe gramatical* de forma isolada evidenciam que os elementos determinantes retêm mais marcas formais de plurais do que os substantivos.

Scherre (1988) em sua tese de doutoramento questionando os resultados de Guy (1981), que tomou posição por classe mostrando que elementos da primeira posição eram geralmente determinantes, os de segunda substantivos e os de terceira adjetivos, percebeu que a correlação entre as variáveis *posição* e *classe gramatical* era mais interessante já que no levantamento feito por ela não existia essa equivalência descrita por Guy (1981).

Scherre (1998b) tomando uma outra abordagem analítica verificou:

- 1) Que as classes gramaticais não nucleares que ocorrem na primeira posição são todas antepostas ao núcleo do SN;
- 2) Que as da segunda posição são predominantemente antepostas ao núcleo do SN;
- 3) E que as classes da terceira posição são predominantemente postpostas ao núcleo do SN.

Segundo Scherre (1998b, p. 100), “não importa exatamente nem a classe nem a posição linear, mas sim a distribuição da classe não nuclear em relação ao centro do SN”.

Os resultados estatísticos cruzando então as variáveis *posição linear* e *classe gramatical* revelaram que elementos não nucleares antepostos são mais marcados do que os elementos não nucleares pospostos. Ainda que os elementos nucleares não são marcados da mesma forma em todas as posições: os da terceira posição são mais marcados do que os de segunda. Scherre (1988) explica esse funcionamento pelo princípio da Iconicidade no que se refere à coesão sintagmática: nos elementos antepostos ao núcleo por aceitarem menos a inserção de elementos entre eles (são mais coesos, portanto) há uma tendência de reter mais a “presença de marcas formais/informais de plural”, ao passo que nos elementos pospostos ao núcleo por aceitarem mais a inserção de elementos entre eles (são menos coesos) marcam menos os itens lexicais com a “presença de marcas formais/informais de plural”. Dessa forma, segundo a pesquisadora, a análise da *concordância nominal de número* considerando essa variável mostra que quanto mais coesão mais marcas e quanto menos coesão menos marcas.

Fernandes (1996), H. Carvalho (1997), Lopes (2001)<sup>48</sup>, Baxter (2009)<sup>49</sup>, Santos (2010), Brandão (2011) e Silva (2011) ao replicarem essa variável encontraram os mesmos resultados nos dados de fala por eles investigados. Dessa forma, esperamos nesta pesquisa que a relação dos elementos não nucleares em relação ao núcleo do SN e dos elementos nucleares em relação à posição nos leve ao seguinte resultado: elementos não nucleares antepostos ao núcleo favorecem a “presença de marcas formais de plural”, enquanto elementos não nucleares pospostos a desfavorecem; núcleos na primeira posição favorecem a “presença de marcas explícitas de plural”, enquanto nas demais a desfavorecem.

Para essa variável os grupos de fatores desta pesquisa seguiram também os propostos por Scherre (1988), como ilustrado a seguir:

**Quadro 25-** Grupo de fatores da variável *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/ núcleo*

<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
Elementos não nucleares antepostos	ouvir <i>as</i> palavraØ de Deus (TNT 001 BM)
Elementos não nucleares pospostos	hospitais <i>lotado</i> Ø (TNT 001 BM)
Elementos nucleares	<i>as escola</i> Ø... (FTB 001 AM)

Também foi observada a variável *posição* de maneira isolada, como ilustrado no quadro que segue:

**Quadro 26-** Grupo de fatores da variável *posição linear ocupada no SN*

<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
Itens na primeira posição do SN	foram <i>meus</i> amigoØ... (FTB 003 AF)
Itens na segunda posição do SN	umas <i>médica</i> Ø também (FTB 003 AF)
Itens na terceira posição do SN	meus pais <i>verdadeiro</i> Ø... (JT 001 AF)
Itens na quarta posição do SN	aØ minhas duas <i>irmã</i> Ø que mora (JT 001 AF)
Itens em outras posições	os prefeitoØ mais adiant/ mais <i>interessado</i> Ø... (SPO 003 AF), proØ meus irmãoØ mais <i>velho</i> Ø do que eu

<sup>48</sup> Vale lembrar que Lopes (2001) replicou os grupos de fatores considerados por Scherre (1988) levando também em consideração o grau de adjacência dos elementos linguísticos em relação ao núcleo.

<sup>49</sup> Baxter (2009) tratou a variável posição relativa de acordo com o trabalho de Lopes (2001).

(STO 003 AM)
--------------

Ainda, observamos *classe gramatical* de maneira isolada a fim de comparar nossos resultados com as pesquisas anteriores que observaram também esse variável sem correção com a posição relativa e/ou linear. No Quadro 27, a seguir, exemplificamos essa variável:

**Quadro 27-** Grupo de fatores da variável *classe gramatical*

Fatores	Exemplos
Substantivo	mais de dois <i>ano</i> Ø... (FB 001 AF)
Artigo	<i>a</i> Ø minhas amigas da rua (JT 001 AF)
Pronome possessivo	só <i>meus</i> paiØ mesmo (FB 001 AF)
Categoria substantivada	aí os <i>outro</i> Ø que tinham ido (TNT 001 AF)
Adjetivo	meus pais <i>verdadeiro</i> Ø... (JT 001 AF)
Quantificador	coloca <i>todos</i> os temperoØ... (SPO 001 AF)
Pronome demonstrativo	<i>esses</i> negócioØ aí... (SPO 001 AF)
Pronome indefinido	<i>algumas</i> peças novas (STO 001 BF)

### 2.2.1.2 Marcas precedentes

Na análise da variação na *concordância nominal de número*, a variável *marcas precedentes* que consiste em observar os itens lexicais que precedem o item analisado no SN de mais de dois elementos já se mostrou relevante em vários trabalhos.

Quando analisada de forma isolada, como fez Braga (1977 *apud* SCHERRE, 1988), os resultados para essa variável mostraram a tendência da língua em eliminar informações redundantes, pois a presença de marca no elemento anterior ao analisado desfavorece a presença de marca nele (“*essa*S CASINHAØ linda”). Esse resultado caminha numa direção de interpretação funcionalista da língua no sentido kiparskiano. Vale ressaltar que Braga (1977 *apud* SCHERRE, 1988) codificou essa variável de forma binária: presença X ausência de flexão no elemento anterior ao segmento analisado.

Scherre (1988), por sua vez, ao considerar a codificação feita anteriormente por Poplack (1980a *apud* Scherre, 1998b), que analisou esse mesmo fenômeno no espanhol, considerou essa variável em correlação com a posição do elemento ocupada no SN e mostrou um resultado que vai de encontro à visão funcionalista da língua, uma vez que mostrou que a “presença de marcas formais/informais de plural” no elemento anterior ao de análise leva à presença de marcas, ao passo que a “ausência de marcas formais/informais de plural” no elemento anterior

ao analisado leva à ausência de marcas. Sendo assim, não se percebe nesse fenômeno a tendência de se eliminar informações redundantes e sim uma tendência de formas gramaticais ocorrerem juntas. Scherre (1988) explica esse resultado pelo princípio do Paralelismo. Esse resultado também foi encontrado, de maneira geral, nos trabalhos de Fernandes (1996), H. Carvalho (1997) e Lopes (2001).

Esperamos nesta pesquisa, ao correlacionar a variável *marcas precedentes à posição*, chegar aos mesmos resultados de Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997) e Lopes (2001) nos dados de fala aqui investigados no que se refere a SNs de três ou mais elementos: marcas levam a marcas e zeros levam a zeros.

Para esta pesquisa, codificamos nossos dados conforme proposto por Scherre (1988). Abaixo ilustramos a variável *marcas precedentes*:

**Quadro 28-** Grupo de fatores da variável *marcas precedentes*

<b>Posição</b>	<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
Segunda	Zero formal na primeira posição	doØ <i>meus</i> colegaØ quando (TNT 001 BM)
	Numerais na primeira posição	<b>vinte</b> anos... (TNT 002 AM)
	Presença de marca formal na primeira posição	daquela <b>S</b> <i>árvore</i> ... (FTB 003 BF)
	Presença de advérbio.	VÁRIOS remédio.
Terceira, quarta, quinta etc.	Presença de marcas formais a partir da primeira posição.	as primeiras <i>peessoas</i> eles moravam (JT 001 BF)
	Mistura de marca com marca precedente: entre a última marca formal e o segmento analisado não pode existir um zero em elemento que admite marca, embora se admita aí a existência de numerais ou modificadores.	com aØ minha <b>S</b> <i>amigas</i> ... (JT 001 AF), até do <b>S</b> <i>doze ano</i> Ø até (JT 001 AF)
	Mistura de marca sem marca precedente: entre a última marca formal e o elemento analisado tem de haver necessariamente um zero em elemento que admite marca, mesmo que mediado por um numeral ou modificadores.	uns bichinhoØ <i>preto</i> Ø... (FTB 003 BF), esses bairroØ <i>mais</i> ... <i>distante</i> Ø... (JT 001 BF)

### 2.2.1.3 Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais

A maioria dos trabalhos realizados sobre a *concordância nominal de número* tem evidenciado que o aumento de material fônico na oposição singular/ plural (**ovo/ ovos, igual/iguais, avião/ aviões, país/países, cor/cores**) favorece a “presença de marcas formais de plural” com algumas diferenças quando se correlaciona à escolaridade.

Segundo Scherre (1988), quando se correlaciona *processo de formação de plural à tonicidade dos itens regulares* há resultados mais explicativos sobre o aumento do material fônico na oposição singular/plural. Resultados semelhantes são encontrados por Fernandes (1996), H. Carvalho (1997), R. Carvalho (1997), Lopes (2001), F. Martins (2010), Brandão (2011) e Silva (2011).

Esperamos, portanto, nesta pesquisa que a variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais* atue nos dados de fala aqui investigados da mesma forma que nas amostras de outras regiões do Brasil: itens lexicais com formação de plural irregular por serem mais perceptíveis favorecem mais a “presença de marcas formais/informais de plural” nos elementos dos SNs, enquanto itens com formação de plural regular por serem menos perceptíveis a desfavorecem.

Para codificar essa variável, organizamos os dados conforme exemplificado no Quadro 29:

**Quadro 29-** Grupo de fatores da variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*

	<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
+ <b>Saliente</b>	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de –s	nesses <i>posto</i> ∅... (FBT 003 AF)
	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em –l, podendo ou não haver inserção de –s	três <i>policia</i> l∅... (TNT 001 BF)
	Plural nos itens terminados em –r, com inserção de –e ou –es	três <i>mulher</i> ∅...(FB 001 AM)
	Plural dos itens terminados em –s com inserção de –e ou –es	ele ‘tá uns quatro <i>meses</i> por aí... (STO 001 AF)
	Plural nos itens terminados em –ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando	as <i>apresentaçõe</i> ... mas não sei (STO 001 BF)

	a inserção do –s	
<b>- Saliente</b>	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos	pelos <i>igarapés</i> aí (JT 001 BM), a criação dos <i>meus</i> pais... (JT 001 BM)
	Regulares proparoxítonos	os <i>católico</i> Ø... (STO 002 BF)
	Regular paroxítono	as <i>criança</i> Ø... (SPO 002 AF)

### 2.2.1.4 Contexto Fonético-Fonológico Subsequente

A análise da *concordância nominal de número* observando a atuação do contexto *fonético-fonológico subsequente* ao item lexical em análise mostrou, de maneira geral, como vimos no Capítulo 1, que a *pausa* é um dos contextos favorecedores da “presença de marcas formais de plural” e, em seguida, a *consoante* (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; LOPES, 2001). Ressaltamos que nos resultados percentuais de F. Martins (2010) nos dados de fala de informantes do município de Benjamin Constant (Amazonas) há uma frequência maior das *vogais* favorecerem o uso da variante “presença de marcas formais de plural”. Na pesquisa de H. Carvalho (1997), R. Carvalho (1997) e Brandão (2011) essa variável não se mostrou relevante.

Controlamos também essa variável, observando qual o contexto seguinte ao elemento analisado favorece mais a “presença de marcas formais/informais de plural”: *vogal*, *pausa* ou *consoante*? Ainda, achamos importante, assim como fez Scherre (1988) e Guy (1981), verificar os traços das consoantes a fim de observar se exercem alguma influência no favorecimento ou não de “presença de marcas formais/informais de plural” já que os referidos pesquisadores evidenciaram que há uma tendência de consoantes com o traço [+surdo], [+velar] ou [-nasal] favorecerem o uso dessa variante.

Esperamos, como na maioria dos trabalhos, que a *pausa* favoreça mais a “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto a *consoante* e a *vogal* a desfavoreça. A seguir, ilustramos como codificamos essa variável:

**Quadro 30-** Grupo de fatores da variável *contexto fonético-fonológico subsequente*

Fatores	Exemplos
Pausa	com aqueles <i>caderno</i> Ø... (SPO 003 BF)
Vogal	agora <i>as</i> outra minha irmã

			não... (STO 001 AF)
Consoante	Bilabial surda	[p]	aØ <i>minhas</i> peças e... (STO 001 BF)
	Bilabial sonora	[b], [m]	antigamente era <i>aquelas</i> brincadeiraØ de... (SPO 001 AF); aí oØ <i>meus</i> pais... (STO 001 BM)
	Labiodental surda	[f]	vinte e três <i>professor</i> Ø formados... (TNT 001 BM)
	Labiodental sonora	[v]	peças <i>violenta</i> Ø né? (FTB 001 BF)
	Alveolar surda	[t]	são <i> muitos</i> taxistaØ aqui na cidade (STO 001 BF)
	Alveolar sonora	[l], [n], [d]	pega os ladrãoØ... (FTB 001 AM), <i>esses</i> negócioØ aí... (SPO 001 AF), deixou os <i>filho</i> Ø <i>dela</i> tudo pequeno (FTB 001 AF)
	Alveopalatal surda	[tʃ]	meus <i>outro</i> Ø <i>tio</i> Ø que tinha (TNT 001 AF)
	Alveopalatal sonora	[dʒ]	doze <i>hora</i> Ø <i>de</i> rabeta (TNT 002 BM)
	Velar surda	[k]	<i>outras</i> coisaØ não faz não (FTB 001 AF)
	Velar sonora	[g]	<i>nos</i> galhoØ dos (JT 001 AM)
	Glotal	[h]	ficou uns <i>dia</i> Ø roxo... (TNT 001 AF)

### 2.2.1.5 Características lexicais dos substantivos e adjetivos (diminutivo/aumentativo/normal)

A análise da *concordância nominal de número* observando características lexicais dos substantivos e adjetivos em outras pesquisas evidenciou que substantivos e adjetivos sem a presença de morfemas que indiquem diminutivo/ aumentativo favorecem mais marcas explícitas de plural do que os com a presença de morfemas que indiquem aumentativo e diminutivo (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; CAMPOS e RODRIGUES, 2002). O uso de formas com morfemas no diminutivo e aumentativo, segundo os pesquisadores, são características da situação informal de interlocução que, portanto, influenciam no uso de formas menos formais. Para Lopes (2001), no entanto, essa variável não se mostrou relevante.

Esperamos que nesta pesquisa também o uso de substantivos e adjetivos no diminutivo e aumentativo tendam a desfavorecer a “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto o uso de substantivos e adjetivos sem morfemas de diminutivo/aumentativo tendam a favorecer essa variante. No Quadro 31 ilustramos essa variável:

**Quadro 31-** Grupo de fatores da variável *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)*

Fatores	Exemplos
Diminutivo	os <i>meninozinho</i> Ø entram (SPO 002 AF)
Aumentativo	umas <i>barrigonas</i> de pano (SPO 001 AM)
Normal	vem os <i>macaco</i> Ø tal (SPO 001 AM)

## 2.2.2 Grupos de fatores extralinguísticos

Nesta pesquisa, controlamos os grupos de fatores (ou variáveis) sociais *idade*, *escolaridade*, *sexo* e *ocupação* sob a perspectiva de Labov (2006 [19]), assim como as variáveis sociais *mobilidade* e *localismo* ligadas ao conceito de redes sociais na perspectiva de Milroy (2004 [2002]). Ainda, controlamos a variável geográfica *diatopia* sob a perspectiva da Dialektologia Pluridimensional.

### 2.2.2.1 Idade

O controle da variável *idade* tem mostrado resultados relevantes sobre a variação na *concordância nominal de número*. De um lado, parece haver um padrão curvilíneo indicando uma variação estável (SCHERRE, 1988; F. MARTINS, 2010) e de outro um padrão linear indicando uma possível mudança em progresso em direção a um sistema sem a “presença de marcas formais/informais de plural”, principalmente quando correlacionado a outras variáveis (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; LOPES, 2001) ou em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural” (H. CARVALHO, 1997; BAXTER, 2009; VEIS RIBEIRO, RIBEIRO e LOREGIAN-PENKAL, 2009; BRANDÃO, 2011; SILVA, 2011).

Lembramos que Labov (2008 [1972]), por exemplo, ao estudar a centralização dos ditongos /ay/ > [əi] e /aw/ > [əu] em Martha’s Vineyard, Massachusetts, em 1962, também mostra um padrão curvilíneo com maior índice de centralização nas faixas de 31 a 45 anos. Segundo ele, esse resultado é melhor explicado quando se

correlaciona a outras variáveis sociais, como a *ocupação* dos moradores, assim como e o *lugar onde residem*.

Esperamos, nesta pesquisa, mostrar que a variável dependente *concordância nominal de número* constitui uma variação estável nos dados de fala aqui analisados, já que F. Martins (2010) ao analisar a fala de parte dos informantes da microrregião aqui investigada mostrou também uma frequência equilibrada da “presença de marcas formais/informais de plural” tanto nos informantes mais jovens quanto nos mais velhos, embora ela tenha trabalhado com informantes de apenas um nível de escolaridade: até a 4ª série.

### 2.2.2.2 Escolaridade

O controle da variável *escolaridade* tem evidenciado não só no fenômeno da *concordância nominal de número* que informantes com maior nível de escolaridade tendem ao uso de variantes de maior prestígio, no caso a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, por estarem por mais tempos expostos às regras da gramática normativa, mas também em outros fenômenos (fonético-fonológicos, sintáticos).

Esperamos, nesta pesquisa, que essa variável atue da mesma forma que atuou em outras pesquisas realizadas sobre a variável *concordância nominal de número* (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; H. CARVALHO, 1997; R. CARVALHO, 1997; LOPES (2001); CAMPOS e RODRIGUES, 2002; VEIS RIBEIRO, RIBEIRO e LOREGIAN-PENKAL; SANTOS, 2010; BRANDÃO, 2011; SILVA, 2011): que informantes com maior nível de escolaridade tendam ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”.

### 2.2.2.3 Sexo/gênero

O controle da variável *sexo/gênero* tem evidenciado pelo menos na organização social ocidental que as mulheres são mais sensíveis às variantes de maior prestígio social do que os homens. Labov (2008 [1972]: 282), por exemplo, ao observar o resultado do estudo sobre o marcador sociolinguístico estável {-ing} em Norwich, chega a seguinte conclusão: “[...] as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos”. Isso se explica pelo papel conservador que as mulheres exercem na sociedade ocidental. As pesquisas sobre *concordância nominal de número* não mostram algo diferente, mesmo que a diferença estatística dos resultados entre homens

e mulheres não seja tão significativa: as mulheres ainda assim tendem ao uso da variante “presença de marcas formais de plural”, por ser a forma prestigiada socialmente. Esse resultado foi encontrado pela maioria das pesquisas discutidas no primeiro capítulo que controlaram essa variável (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; CAMPOS e RODRIGUES, 2002; SANTOS, 2010; F. MARTINS, 2010).

Os resultados da pesquisa de R. Carvalho (1997), Baxter (2009) e Silva (2011), por sua vez, chamam a atenção, pois são os homens que tendem ao uso da variante considerada de prestígio. E para a pesquisa de H. Carvalho (1997), Lopes (2001) e Brandão (2011) essa variável não foi se mostrou relevante.

Esperamos que na nossa pesquisa, com dados de fala dos informantes da microrregião do alto Solimões, o resultado não seja diferente do encontrado por Flávia Martins (2010) em que as mulheres utilizaram com mais frequência a variante “presença de marcas formais de plural”, como atestado também pela maioria dos trabalhos discutidos no primeiro capítulo.

#### 2.2.2.4 Ocupação

A análise da variável *ocupação* no trabalho de Scherre (1988) evidenciou um resultado importante que buscamos também observar nesta pesquisa. Scherre (1988) mostrou que informantes inseridos no mercado de trabalho cuja ocupação exija o uso de formas de maior prestígio tendem ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Ainda, quando correlacionou à variável *sexo*, a autora mostrou que os homens são mais sensíveis a essa variável.

H. Carvalho (1997) a partir dos seus resultados que evidenciaram os informantes entre 26 a 48 anos (faixa etária intermediária) como os que menos favorecem o uso da variante de prestígio sugere que se correlacione essa variável à *ocupação* na qual os informantes estão envolvidos.

R. Carvalho (1997) explica o resultado da variável *sexo* correlacionando também à variável *ocupação* e mostrou que os homens tendem ao uso da variante de prestígio por apresentarem maior integração social ocupando profissões que “exigem” o uso dessa variante. Baxter (2009) encontra resultado semelhante ao de R. Carvalho (2009), pois mostra que a explicação para em seus dados os homens utilizarem mais a variante “presença de marcas formais/informais de plural” do que as mulheres está na *ocupação* em que os informantes estão envolvidos na sociedade.

Vale lembrar que Labov (2008 [1972]), conforme discutimos no primeiro capítulo, mostrou também a *ocupação* como uma variável atuante ao estudar a centralização dos ditongos /ay/ > [əi] e /aw/ > [əu] em Martha's Vineyard e a estratificação social do /R/ pós-vocálico em Nova York. No que se refere ao primeiro fenômeno, Labov (2008 [1972]) constatou que os informantes que mais centralizavam os ditongos eram aqueles que eram pescadores (descendentes de ingleses), mostrando uma atitude de pertencimento à ilha já que adotavam a pronúncia conservadora. No que se refere ao segundo fenômeno mencionado, a variante de prestígio do /R/ pós-vocálico, não apagamento, foi mais utilizada por aqueles informantes cuja *ocupação* exigia o uso de variantes de prestígio, no caso os da loja *Sacks Fifth Avenue*, considerada de classe alta.

Esperamos, nesta pesquisa, que os informantes cuja *ocupação* no mercado de trabalho “exija” o uso de formas socialmente prestigiadas tendam ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”.

Para a codificação dessa variável, organizamos as ocupações em que os informantes estavam envolvidos em três grupos, assim como fez Scherre (1988): (i) ocupação considerada de cotação *alta*; (ii) cotação *média* e (iii) cotação *baixa*. Na nossa amostra, levamos em consideração, como critérios para a determinação de cada grupo, a *ocupação* do informante em relação à microrregião onde reside, não necessariamente, apenas a *escolaridade* de cada um. Por exemplo, o vereador de alguma das cidades investigadas pode não ter um alto grau de escolaridade, mas, em relação aos demais membros, é considerado alguém com uma *ocupação* de prestígio. No Quadro 32, exemplificamos melhor cada grupo, conforme as ocupações encontradas em nossa amostra:

**Quadro 32-** Grupo de fatores da variável *ocupação*

<b>Fatores</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Alta</b>	Estudante, professor, professor aposentado, funcionário público, gestor, funcionário público saúde, agente de saúde, auxiliar de contabilidade, vereador, auxiliar administrativo.
<b>Média</b>	Comerciante, autônomo, entregador, moto-táxi, fazendeiro, atendente.
<b>Baixa</b>	Agricultor, carregador, dona de casa, auxiliar de serviços gerais, pescador, manicure, cozinheiro, aposentado.

### 2.2.2.5 Diatopia

Sabemos, desde os estudos dialetológicos tradicionais e sociolinguísticos, que a heterogeneidade da língua decorre das diferenças de *idade*, de *escolaridade*, de *ocupação*, de *sexo*, de *espaços geográficos*, entre outros. Este último fator tem sido bastante explorado em estudos dialetológicos que tem como método por excelência a Geolinguística já que procuram mapear a ocorrência de determinado fenômeno linguístico. O fator diatópico, segundo Preti (1993), é o que ocorre no plano horizontal da língua, sendo o responsável pelos regionalismos, provenientes de falares locais.

Nesta pesquisa, conforme descrito na metodologia, investigamos cinco localidades da microrregião do alto Solimões e esperamos encontrar pouca diferença no uso do fenômeno aqui investigado já que cada uma delas apresenta um perfil sócio-histórico bem parecido, recebendo, dessa forma, influências externas semelhantes.

### 2.2.2.6 Redes sociais

Uma análise da relação estabelecida entre os indivíduos também tem-se mostrado importante num trabalho sociolinguístico (MILROY, 2004 [2002], BATISTI et. al., 2004 [2002], MONGUILHOTT, 2009) tanto quanto uma análise da *estratificação social* deles. Nesta pesquisa, observamos a possível influência da variável *mobilidade* e da variável *localismo*. Quanto à primeira, esperamos que os informantes com alto grau de deslocamento do seu lugar de origem tendam a adotar valores sociais e linguísticos externos, enquanto que os que apresentarem menor grau de deslocamento tendam a adotar os valores linguísticos e sociais do local de origem (MILROY, 2004 [2002], BATISTI et al., 2004 [2002]). Quanto ao *localismo*, esperamos que os informantes que apresentem um maior sentimento de pertencimento ao seu local de origem tendam a adotar os valores linguísticos e sociais dele, enquanto aqueles que não gostam do seu lugar de origem, desejando morar em outra localidade, tendam a adotar valores linguísticos e sociais de um grupo externo de referência.

Para isso transcrevemos grafematicamente trechos que nos indicaram tanto o grau de deslocamento dos informantes quanto o grau de pertencimento/ integração ao local em que moram. Os dados foram levantados de acordo com os seguintes critérios:

Quanto à *mobilidade*, essa variável foi definida da seguinte maneira: os informantes considerados de *pouca mobilidade* são aqueles

que saíram da cidade para viagens ao médico ou visitas aos parentes e amigos; os considerados de *média mobilidade* são aqueles que moraram de um ano a dois anos em outra cidade; os de *muita mobilidade* são aqueles que moraram mais de dois anos em outra cidade ou comunidade ribeirinha pertencente a seu município. No quadro a seguir, são mostrados alguns exemplos de trechos de entrevistas que ilustram o grau de deslocamento dos informantes entrevistados:

**Quadro 33** – Exemplos do grau *mobilidade* dos informantes pertencente à microrregião do alto Solimões

<b>Mobilidade</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Pouca</b>	“nasci em Fonte Boa nunca me/me afastei daqui pra canto nenhum” (003 AM)
<b>Média</b>	“nasci... me criei... passei minha infância toda aqui... passei/tive que passar um tempo em Manaus...do... <i>passei um ano...</i> ” (SPO 001 BM)
<b>Muita</b>	“( ) <i>passei quatro ano lá em Manaus...</i> ” (STO 003 BF)

Quanto ao *localismo*, essa variável foi assim definida: foram considerados *bem-integrados* os informantes que gostam de morar na cidade, participam das atividades e não se manifestaram favoráveis à saída da cidade ou se manifestaram sair apenas por causa da educação dos filhos; foram considerados *mais ou menos integrados* os informantes que participam das atividades na cidade, mas gostariam de residir em outra cidade, ou se gostam de residir na cidade, mas não gostam das atividades que a cidade oferece; foram considerados *pouco integrados* aqueles informantes que não gostam de morar na cidade e nem participam das atividades na cidade. No Quadro 34 ilustramos alguns trechos de entrevistas que revelam sentimento de pertencimento dos informantes às cidades em que residem<sup>50</sup>:

**Quadro 34** – Exemplos do sentimento de pertencimento (*localismo*) dos informantes da microrregião do alto Solimões

<b>Localismo</b>	<b>Exemplos</b>
<b>Bem integrado</b>	<b>E:</b> o senhor gosta daqui de Jutai? <b>I:</b> gosto... eu não...eu... eu... pra morar mesmo em outro canto eu não consigo sair daqui não (JT 001 AM)
<b>Mais ou</b>	<b>E:</b> o senhor gosta daqui da cidade?

<sup>50</sup> Nos anexos, p. 238, podemos verificar com mais detalhes as informações de *mobilidade* e *localismo* dos informantes entrevistados em cada cidade pertencente à microrregião do alto Solimões.

<b>menos integrado</b>	<b>I:</b> olha... aqui da cidade eu gosto... mas... a gente muita parte... só numa parte só a gente se enjoa né? (STO 003 AM)
<b>Pouco integrado</b>	<b>E:</b> o que você gos/ não gosta de... de Tonantins? você falou que moraria em Manaus não queria mais voltar pra cá... <b>I:</b> ((risos)) não assim... ( ) lá por causa que lá... é tudo em mais em conta... ao contrário daqui... que a gente... é mais dificultoso a gente encontrar... começando assim pelo alimento.. pela... aqui é mais caro...lá é mais em conta... mais barato... (TNT 001 AF)

### 2.3 Síntese

Neste capítulo, pudemos conhecer o passo-a-passo metodológico para a realização da pesquisa de campo, desde a estratificação social dos informantes entrevistados até o conhecimento das localidades investigadas. Também foi possível discorrermos sobre as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que controlamos na codificação dos dados da nossa amostra levantando hipóteses que, no próximo capítulo, observaremos se foram ou não atestadas através dos resultados de nossas rodadas estatísticas.

## CAPÍTULO 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo é apresentada a discussão referente aos resultados da análise estatística da variável dependente aqui em estudo na microrregião do alto Solimões, a *concordância nominal de número*.

Este capítulo está dividido em duas seções:

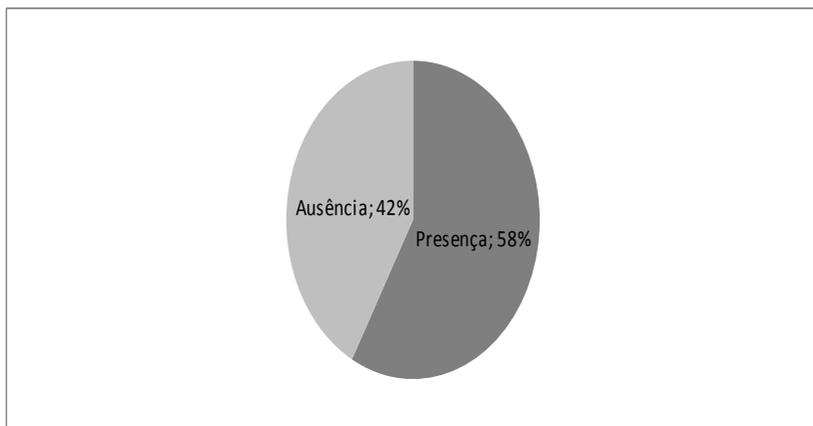
Na primeira seção, discutimos os resultados gerais da rodada feita com todos os municípios investigados (SPO, STO, TNT, FB e JT), a fim de verificarmos quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos atuam sobre o fenômeno em estudo.

Na segunda seção, discutimos as variáveis que atuaram de forma significativa em cada localidade investigada, a fim de observarmos se atuam da mesma maneira.

### 3.1 A Variação na concordância nominal de número no alto Solimões

Nesta pesquisa foram transcritos um total de 4.458 SNs plurais dos cinco municípios investigados, resultando, após a devida categorização de cada elemento do SN, em um total de 7.270 dados submetidos ao programa estatístico Goldvarb 2001. Desses dados, 4.264 foram da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 58% dos dados, e 3.006 foram da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 42% dos dados, conforme ilustrado no Gráfico 1:

**Gráfico 1:** Distribuição da variável dependente *concordância nominal de número* na microrregião do alto Solimões (Amazonas)



Como percebemos, os informantes entrevistados dessa microrregião utilizam com maior frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, embora a diferença entre as variantes em uso não seja tão significativa. Ressaltamos que o uso da variante mais frequente é bem baixo em relação às outras cidades onde esse fenômeno já foi estudado no Brasil, pelo menos nas áreas urbanas. A microrregião aqui em estudo comporta-se de maneira semelhante à região não urbana estudada por Baxter (2009) na Bahia, a comunidade de Helvécia, e também à cidade estudada por Santos (2010) em Minas Gerais, Pedro Leopoldo.

Como atestado por pesquisas realizadas no Brasil (cf. Capítulo 1), a variação na *concordância nominal de número* é ordenada, pois há grupos de fatores linguísticos (como *posição relativa*, *saliência fônica*, *marcas precedentes* etc) e extralinguísticos (como *idade*, *sexo*, *escolaridade*, *ocupação* etc.) influenciando no uso de uma ou outra variante dessa variável. Nesta pesquisa, observamos também que há fatores atuando para o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, adotada como aplicação da regra na análise estatística utilizada.

Os resultados, considerando as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas nesta pesquisa *posição em relação ao núcleo/núcleo*, *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, *posição linear ocupada no SN*, *marcas precedentes*, *contexto fonético-fonológico subsequente*, *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)*, *idade*, *escolaridade*, *sexo/gênero*, *mobilidade*, *localismo*, *diatopia* e *ocupação*<sup>51</sup>, mostraram que todas as variáveis controladas atuam de maneira significativa sobre a variação existente na *concordância nominal de número* na microrregião do alto Solimões.

A seguir, primeiramente, apresentaremos e discutiremos os resultados referentes às variáveis linguísticas que atuam sobre o fenômeno em investigação e, depois, os resultados referentes às variáveis extralinguísticas.

Ressaltamos que para análise dos dados selecionamos a rodada estatística sem a variável independente *classe gramatical*, uma vez que nas rodadas em que ela aparecia os resultados percentuais e os pesos relativos não apresentavam tanta regularidade. Lembramos que nos estudos discutidos nesta pesquisa, essa variável ou não era selecionada pelo programa estatístico ou parecia apresentar sobreposição com a variável *posição relativa ou posição linear*, como nos resultados de Scherre (1988), já que a *posição relativa*, por exemplo, leva em conta, de certa forma, a *classe gramatical* dos itens em análise, se nuclear ou não, se antepostos ou postostos ao núcleo.

---

### 3.1.1 As variáveis independentes linguísticas

A análise da variável dependente, *concordância nominal de número*, nos municípios pertencentes à microrregião do alto Solimões mostrou que todas as variáveis linguísticas, consideradas na rodada estatística, atuam de maneira significativa na fala dos informantes entrevistados.

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados estatísticos para cada variável independente na seguinte ordem de seleção estatística: *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo*, *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, *marcas precedentes*, *contexto fonético-fonológico subsequente* e *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)* e *posição linear ocupada no SN*.

#### 3.1.1.1 Posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo e posição linear

No que diz respeito à variável *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo*, levantamos a hipótese, a partir de alguns trabalhos realizados no Brasil sobre a *concordância nominal de número*, de que elementos não nucleares antepostos ao núcleo favorecessem a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto elementos não nucleares pospostos a desfavorecessem, assim como núcleos na primeira posição favorecessem a “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto nas demais a desfavorecessem (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; H. CARVALHO, 1997; LOPES, 2001; BAXTER, 2009; SANTOS, 2010; BRANDÃO, 2011; SILVA, 2011). Nos nossos dados, encontramos o seguinte resultado:

**Tabela 1-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo*

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Elementos não nucleares antepostos: ouvir <i>as</i> palavraØ de Deus (TNT 001 BM)	2900/3022	95%	0,78
Elementos não nucleares pospostos:	42/156	26%	0,31

hospitais <i>lotado</i> Ø (TNT 001 BM)			
Elementos nucleares: as <i>escola</i> Ø... (FTB 001 AM)	1322/4092	32%	0,28
Significância: 0,048			
Input: 0,723			

Como observamos, nossa hipótese é atestada, uma vez que na nossa amostra de fala também os elementos antepostos ao núcleo favorecem a aplicação da regra (0,78), enquanto os elementos pospostos ao núcleo, assim como o núcleo a desfavorecem (0,31 e 0,28, respectivamente). Lembramos que nas pesquisas que levaram em conta essa variável, geralmente, ela foi selecionada em primeiro lugar, assim como foi nesta pesquisa.

É importante ressaltar que os núcleos comportam-se de maneira diferente, conforme a posição ocupada no SN, assim como foi observado na descrição dessa variável no segundo capítulo. Podemos observar isso melhor através do cruzamento entre as variáveis *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo* e *posição linear*, a seguir:

**Tabela 2-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo e posição linear*

<b>Posição Relativa/ Posição linear</b>	<b>Primeira</b>	<b>Segunda</b>	<b>Terceira</b>	<b>Demais</b>
Elementos não nucleares antepostos: ouvir <i>as</i> palavraØ de Deus (TNT 001 BM)	96% 2733/2836	91% 163/179	57% 4/7	— 0/0
Elementos não nucleares pospostos: hospitais <i>lotado</i> Ø (TNT 001 BM)	— 0/0	45% 15/33	24% 27/112	0% 0/100
Núcleo: as <i>escola</i> Ø... (FTB 001 AM)	96% 44/46	30% 1107/3678	31% 108/347	29% 6/21

Como se observa na Tabela 2, os núcleos na primeira posição apresentam com mais frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural” (96%), enquanto os núcleos em outras posições apresentam com frequência semelhante a “ausência de marcas formais/informais de plural” (segunda: 30%; terceira: 31%; demais:

29%), atestando também a hipótese que levantamos. Percebemos, nesse cruzamento, que quanto mais à direita o elemento linguístico estiver no SN, sendo núcleo ou não, há um desfavorecimento no uso da aplicação da regra.

Se analisarmos a variável *posição* de maneira isolada, assim como fizeram Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997), R. Carvalho (1997), Campos e Rodrigues (2002), Santos (2010) e F. Martins (2010), podemos atestar o caráter funcional da língua, o de que se retêm a informação relevante no primeiro elemento, evitando, assim a redundância, pois como observamos a seguir,

**Tabela 3-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *posição linear*

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R
Primeira posição: foram <i>meus</i> amigoØ... (FTB 003 AF)	2778/2882	96%	0,79
Segunda posição: umas <i>médica</i> Ø também (FTB 003 AF)	1335/3890	34%	0,28
Terceira posição: meus pais <i>verdadeiro</i> Ø... (JT 001 AF)	145/466	31%	0,28
Demais: os prefeitoØ mais adiant/ mais <i>interessado</i> Ø... (SPO 003 AF), proØ meus irmãoØ mais <i>velho</i> Ø do que eu (STO 003 AM)	6/32	18%	0,20

Significância:  
0,048

*Input: 0,723*

nos nossos dados é também a primeira posição que favorece a aplicação da regra, enquanto as outras posições a desfavorecem. Portanto, percebemos que quanto mais à direita o elemento linguístico estiver no SN, menos ele apresenta a variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Ressaltamos que essa variável foi selecionada em sétimo lugar.

Para a maioria dos trabalhos que olhou a variável *posição linear* apenas de maneira isolada, como os de R. Carvalho (1997), Campos e Rodrigues (2002), Santos (2010) e F. Martins (2010), ela se mostra relevante para a interpretação do fenômeno. No entanto, na pesquisa de H. Carvalho (1997), essa variável não se revelou relevante, assim como nos estudos de Scherre (1988) e Fernandes (1996), cujos resultados evidenciam que olhar essa variável conforme a *posição que os*

*elementos linguísticos ocupam em relação ao núcleo* nos dá um melhor entendimento sobre o fenômeno.

Scherre (1988) que propôs essa nova maneira de olhar a variável *posição linear*, explica isso tendo em vista o grau de coesão dos elementos linguísticos dentro dos SNs. Segundo a pesquisadora, “os únicos constituintes que aceitam elementos entre eles, modificadores ou não, são os substantivos e seus elementos pospostos [...]” (SCHERRE, 1998b, p. 102), estabelecendo, portanto, relações menos coesas entre si e, conseqüentemente, inserindo menos a “presença de marcas formais/informais de plural”, ao passo que a relação entre substantivos e elementos antepostos aceita menos a inserção de elementos entre eles, estabelecendo, assim, uma relação mais coesa e, por isso, marcando “formalmente esta inseparabilidade através de mais inserção de plural” (SCHERRE, 1998b, p. 102).

Nos nossos dados, embora não verificado estatisticamente, podemos visualizar alguns exemplos que ilustram o que Scherre (1988) levanta como hipótese. Lembramos que são poucos os SNs em nossa amostra que apresentam mais de três elementos, principalmente, depois do núcleo.

**Quadro 35** – Exemplos de SNs produzidos por informantes da microrregião do alto Solimões

os prefeitoØ <i>mais adiant/ mais interessado</i> Ø... (SPO 003 AF) proØ meus irmãoØ <i>mais velho</i> Ø do que eu (STO 003 AM)
--

Uma outra explicação dada para a atuação da variável *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo* é a proposta por Lopes (2001), como vimos na breve descrição de sua pesquisa no Capítulo 1. Segundo a pesquisadora, essa variável deve ser olhada também, conforme o grau de adjacência dos elementos antepostos em relação ao núcleo, se mais à esquerda imediatamente seguidos do núcleo ou à esquerda não seguidos imediatamente do núcleo (*os garotos, os bons garotos*). Ela constata que os da esquerda adjacentes ao núcleo retêm mais a “presença de marcas formais de plural” do que os da esquerda, não adjacente ao núcleo. Isso é explicado pela teoria dos 4M que explicita que os elementos não nucleares imediatamente adjacentes ao núcleo por serem *morfemas gramaticais precoces*, ou melhor, por serem elementos que são gerados juntamente como os *morfemas de conteúdo* (o núcleo do SN), no nível funcional, tendem a não serem apagados, enquanto os demais não seguidos imediatamente do núcleo

por serem *morfemas adquiridos posteriormente*, apresentam menor probabilidade da “presença de marcas formais de plural”, já que atendem apenas a estrutura sintática. Baxter (2009) também chega a essa mesma conclusão ao analisar a fala dos informantes de Helvécia (BA). Nos nossos dados, não pudemos verificar essa hipótese, uma vez que na codificação dos SNs não levamos em conta o grau de adjacência dos elementos antepostos ao núcleo. Mas podemos verificar alguns exemplos da nossa amostra que numa futura pesquisa ao recodificar os dados podem ou não atestar essa hipótese levantada por Lopes (2001).

**Quadro 36** – Exemplos de SNs produzidos por informantes da microrregião do alto Solimões

doØ meus colegaØ quando (TNT 001 BM)
doØ nossos filhoØ... (TNT 002 AM)
os peixeØ pra comer (STO 001 BF)
aØ minhas peças e... (STO 001 BF)

Observamos também que olhar a *posição que o elemento ocupa em relação ao núcleo* é mais explicativo do que olhar a *classe gramatical* de maneira isolada. Estudos anteriores ao de Scherre (1988) evidenciaram que elementos determinantes retêm mais a “presença de marcas formais de plural”, do que os substantivos e adjetivos. O que vemos na verdade, assim como Scherre (1988) e demais pesquisadores tratados nesta pesquisa, é que independentemente da *classe gramatical* do elemento analisado o que explica o funcionamento da *concordância nominal de número* é olhar a relação das classes antepostas ou pospostas ao núcleo: determinantes na primeira posição à esquerda do núcleo são mais marcados na primeira posição do que nas demais e as outras classes gramaticais pospostas ao núcleo são menos marcadas que os antepostos, também conforme a posição. Enfim, o que importa não é a *classe* nem a *posição*, mas a distribuição das classes não nucleares em relação ao núcleo do SN.

Na nossa análise quando se colocava a variável *classe gramatical* nas rodadas aconteciam muitos enviesamentos de dados, por se sobrepor, provavelmente, à variável *posição relativa*, por isso, levamos em consideração na discussão dos nossos resultados a rodada que fizemos sem essa variável.

Ao analisarmos a variável *posição dos elementos não nucleares em relação ao núcleo/núcleo*, nosso objetivo foi testar os resultados que já se haviam encontrado em relação à *concordância nominal de número* em alguns trabalhos anteriores realizados no PB, assim como efetuar

comparações à luz das conclusões já encontradas para essa variável. Assim, pudemos ratificar na nossa amostra a hipótese levantada por Scherre em 1988, assim como os resultados que demais pesquisadores que levaram em consideração essa variável atestaram, já que se mostrou uma variável independente significativa para atuação do fenômeno. Observamos, dessa forma, a regularidade que constitui o sistema linguístico.

### 3.1.1.2 Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais

No que se refere à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, nossa hipótese era a de que itens lexicais com formação de plural irregular por apresentarem a oposição singular/plural mais perceptível favorecessem mais a “presença de marcas formais de plural” nos elementos dos SNs, enquanto itens com formação de plural regular por apresentarem a oposição singular/ plural menos perceptível a desfavorecessem (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; H. CARVALHO, 1997; R. CARVALHO, 1997; LOPES, 2001; F. MARTINS, 2010; BRANDÃO, 2011; SILVA, 2011). Na nossa amostra, os seguintes resultados foram encontrados:

**Tabela 4-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*

	<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
+ Saliente	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l, podendo ou não haver inserção de -s: três <i>policia</i> Ø... (TNT 001 BF)	57/74	77%	0,90
	Plural nos itens terminados em -ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do -s: as <i>apresentaçõe</i> ... mas não sei (STO 001 BF)	45/60	75%	0,86
	Plural dos itens terminados em -s com inserção de -e ou -es: ele ‘tá uns quatro <i>meses</i> por aí... (STO 001 AF)	71/95	74%	0,86
	Plural nos itens terminados em -r,	95/134	70%	0,85

	com inserção de –e ou –es: três <i>mulherØ...</i> (FB 001 AM)			
	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de –s: nesses <i>postoØ...</i> (FBT 003 AF)	20/36	55%	0,75
- Saliente	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: pelos <i>igarapés</i> aí (JT 001 BM), a criação dos <i>meus</i> pais... (JT 001 BM)	381/525	72%	0,62
	Regular paroxítono: as <i>criançaØ...</i> (SPO 002 AF)	1952/4558	42%	0,44
	Regulares proparoxítonos: os <i>católicoØ...</i> (STO 002 BF)	18/72	25%	0,37

Significância: 0,048

Input: 0,723

Como observamos na Tabela 4, nossa hipótese é atestada, pois, de maneira geral, nossos resultados mostram que itens com formação de plural irregular são os que mais favorecem a aplicação da regra, enquanto os de formação regular a desfavorecem. Assim, podemos observar também o que Scherre (1988) chama de Princípio da Saliência que explica que formas mais salientes por serem mais perceptíveis tendem a ser mais marcadas.

Nossos resultados divergem dos de Scherre (1988) e Fernandes (1996) no que diz respeito ao fator mais atuante na aplicação da regra. Para essas pesquisadoras, o fator *plural duplo* foi o mais relevante, enquanto nesta pesquisa o fator *plural com alternância vocálica nos itens terminados em –l* foi o mais atuante sobre a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, semelhante ao resultado de Lopes (2001). Esse resultado também difere da pesquisa de H. Carvalho (1997) que mostrou o fator *nomes terminados em –s* como o mais relevante.

Ainda, nossos resultados diferem dos de H. Carvalho (1997), Scherre (1988) e Lopes (2001) quanto ao fator menos atuante sobre a variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Para as referidas pesquisadoras, o fator *regular paroxítono* foi o menos relevante, enquanto nesta pesquisa foi o *regular proparoxítono*, convergindo, assim, para os resultados encontrados por Fernandes (1997).

No estudo de R. Carvalho (1997), realizado com informantes da cidade de Rio Branco (AC), chama atenção o fato de quando correlacionada a variável *processos morfofonológicos de formação de*

*plural e tonicidade dos itens lexicais* à variável *escolaridade* há uma diferença nos resultados dos analfabetos e dos escolarizados. Para os primeiros, o fator mais atuante para a o uso da variante “presença de marcas formais de plural” é a formação regular de plural, enquanto para os escolarizados é a formação irregular de plural.

Assim, a fim de entender se essa variável atua ou não da mesma forma para os menos escolarizados e para os mais escolarizados cruzamos com a variável *escolaridade*, como ilustrado na Tabela 5:

**Tabela 5-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais e escolaridade*

	<b>Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</b>	<b>4 a 8 anos de escolarização</b>	<b>9 a 11 anos de escolarização</b>
+ Saliente	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l, podendo ou não haver inserção de -s: três <i>policia</i> Ø... (TNT 001 BF)	70%	89%
	Plural nos itens terminados em -ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do -s: as <i>apresentaçõe</i> ... mas não sei (STO 001 BF)	57%	85%
	Plural dos itens terminados em -s com inserção de -e ou -es: ele ‘tá uns quatro <i>meses</i> por aí... (STO 001 AF)	74%	77%
	Plural nos itens terminados em -r, com inserção de -e ou -es: três <i>mulher</i> Ø... (FB 001 AM)	58%	79%
	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de -s: nesses <i>posto</i> Ø... (FBT 003 AF)	36%	86%
- Saliente	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: pelos <i>igarapés</i> aí (JT 001 BM), a criação dos <i>meus</i> pais... (JT 001 BM)	88%	91%
	Regular paroxítono: as	38%	48%

	<i>criança</i> Ø... (SPO 002 AF)		
	Regulares proparoxítonos: os	17%	32%
	<i>católico</i> Ø... (STO 002 BF)		

Comparando, primeiramente, os resultados, de forma geral, entre formas irregulares e formas regulares de formação de plural, observamos que tanto para os menos escolarizados quanto para os mais escolarizados há uma frequência de uso maior da variante “presença de marcas formais/informais de plural” nos itens de formação irregular de plural, portanto, itens considerados mais salientes.

Observando os resultados comparando a frequência de uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” para cada fator, para os menos escolarizados o *plural nos itens terminados em -s*, entre as formas irregulares de formação de plural, é o que mais influencia para o uso dessa variante, correspondendo a 74% dos dados, resultado que vai ao encontro do de H. Carvalho (1997). Em seguida, temos a seguinte hierarquia de atuação dos fatores sobre a aplicação da regra: *nomes terminados em -l* (70%), *nomes terminados em -r* (58%), *nomes terminados em -ão* (57%). O fator de uso menos frequente dessa variante, dentre as formas irregulares, é o *plural duplo*, correspondendo a 36% dos dados.

Para os mais escolarizados, observamos que é diferente a hierarquia dos fatores que mais influenciam para o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Para esses informantes, são os *itens terminados em -l*, correspondendo a 89% dos dados, e, em seguida, o *plural duplo*, correspondendo a 86% dos dados, *os nomes terminados em -ão* (85%), *os nomes terminados em -r* (79%), *nomes terminados em -s* (77%), os contextos linguísticos mais favoráveis à “presença de marcas formais/informal de plural”.

Observamos, assim, que enquanto para os menos escolarizados os *itens terminados em -s* são os que mais influenciam para o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, para os mais escolarizados esse contexto é o que menos influencia.

Aqui vale ressaltar, embora sem nenhuma base estatística, que, geralmente, em nossos dados para os *itens terminados em -s*, alguns informantes faziam com frequência o plural com o que consideramos de marca informal, como em “quase quatro *mese lá*” (ST 001 BM), “mais de três veze o:::” (STO 002 AM).

Em relação às formas regulares, a hierarquia dos fatores é a mesma para os dois grupos de informantes, diferenciando-se, portanto, do resultado de R. Carvalho (1997).

A análise dessa variável teve como objetivo verificar os resultados já encontrados em alguns trabalhos realizados no Brasil sobre a variável dependente aqui em estudo, assim como compará-los. Como vimos nos nossos resultados, essa variável também se mostra relevante nos dados de fala dos informantes da microrregião do alto Solimões. Ela atua da mesma forma que na fala de informantes de outras regiões do país, uma vez que itens de formação irregular favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto os de formação regular a desfavorecem. A única divergência que encontramos tem a ver com a hierarquia dos fatores atuantes sobre a aplicação da regra.

### 3.1.1.3 Marcas precedentes

No que se refere à variável *marcas precedentes*, nossa hipótese era de que, assim como encontrado nos trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1997), H. Carvalho (1997) e Lopes (2001), em SNs de três ou mais elementos: marcas levassem a marcas e zeros levassem a zeros. Encontramos os seguintes resultados para nossa amostra:

**Tabela 6-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *marcas precedentes*

Posição	Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
Segunda	Zero formal na primeira posição: doØ <i>meus</i> colegaØ quando (TNT 001 BM)	107/108	99%	0,97
	Numerais na primeira posição: vinte <i>anos...</i> (TNT 002 AM)	465/1162	40%	0,58
Terceira, quarta, etc.	Presença de marcas formais a partir da primeira posição: as primeiras <i>peessoas</i> eles moravam (JT 001 BF)	41/103	39%	0,53
	Mistura de marca com marca precedente: com aØ <i>minhaS amigas...</i> (JT 001 AF), até doS <i>doze anoØ</i> até (JT 001 AF)	97/298	32%	0,50
Segunda	Presença de “vários”: VÁRIOS	25/72	34%	0,50

	remédio.			
	Presença de marca formal na primeira posição: daquelaS <i>árvore...</i> (FTB 003 BF)	740/2551	29%	0,43
Terceira, quarta, etc.	Mistura de marca sem marca precedente: uns bichinhoØ <i>preto</i> Ø... (FTB 003 BF), esses bairroØ mais... <i>distante</i> Ø... (JT 001 BF)	11/94	11%	0,14

Significância: 0,048

Input: 0,723

Como observamos, nossa hipótese é atestada, uma vez que nos nossos dados em SNs de três ou mais elementos a “presença de marca formal/informal de plural” anterior ao elemento em análise leva a “presença de marca formal/informal de plural” (aS primeiraS *pessoa*S, aØ minhaS *amiga*S), enquanto a “ausência de marca formal/informal de plural” anterior ao elemento em análise leva a “ausência de marca formal/informal de plural” (unS bichinhoØ *preto*Ø). Mas observamos que o favorecimento da aplicação da regra para o fator *presença de marca formal a partir da primeira posição* é muito próximo ao ponto neutro, diferenciando dos resultados de Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997) que mostram um maior favorecimento. E para o fator *mistura de marca com marca precedente* fica no ponto neutro, diferenciando-se também dos resultados de Scherre (1988), Fernandes (1996) e H. Carvalho (1997) que evidenciam um maior favorecimento. Lembramos que essa variável foi selecionada em terceiro lugar em nossa rodada estatística.

Nossos resultados aproximam-se um pouco dos resultados de Baxter (2009) que investigou a comunidade de Helvécia em Salvador, pois ele mostra que há um desfavorecimento da “presença de marcas formais de plural” na terceira posição tanto pelo fator *mistura de marcas com marca formal precedente* (aS meninaS bonitaØ) quanto pelo fator *mistura de marca com zero formal precedente* (aS meninaØ bonitaØ).

Como vimos no Capítulo 1, Scherre (1988) mostra que os resultados da variável *marcas precedentes* não atestam a visão funcionalista da língua a qual mostra a tendência de se eliminar informação redundante. A autora prefere explicar os resultados dessa variável em função do Processamento com Paralelismo, princípio que subjaz a tendência de formas semelhantes na língua se agruparem.

Algo que chamou a atenção na codificação de nossos dados é que em SNs de três ou mais elementos, geralmente, a configuração sintagmática é a seguinte: determinante + pronome possessivo + substantivo (“as minhas amigas”). Assim, se olharmos esse sintagma na interface com a fonética-fonologia poderemos analisar também sua constituição pelo que Câmara Jr. (2011) define como vocábulo fonológico. Para esse linguista, esse tipo de vocábulo é definido pelo acento, cujo grupo de força é 3. Ainda, segundo ele, as sílabas pretônicas são menos débeis que as postônicas. Assim, para Câmara Jr (2011 [1970]), em cada vocábulo temos:

... (1) + 3 + (0) + (0) + (0)

As reticências indicam um número indefinido de sílabas pretônicas e os parênteses a possibilidade de ausência de sílaba átona (nos monossílabos tônicos).

Considerando que a fala é um *continuum*, segundo Câmara Jr (2011 [1970], p. 63), “numa sequência de vocábulos sem pausa [...] as sílabas tônicas que precedem o último vocábulo baixam a uma intensidade 2”, como em /graNd<sup>1</sup>mor/ grande amor.

As chamadas partículas átonas, para Câmara Jr, não têm *status* de vocábulo fonológico. Segundo ele,

se proclíticas, isto é, associadas a um vocábulo seguinte, elas valem como sílabas pretônicas desse vocábulo, com marca acentual 1; e, se enclíticas, isto é, associadas a um vocábulo precedente, nada mais são que a sílaba postônica última desse vocábulo com uma falta de intensidade 0” (CÂMARA Jr, 2011 [1970], p. 63).

As sílabas pretônicas só atingem grau de força 2 por dois motivos: a) “por motivo de uma pausa inesperada no teor da fala, principalmente quando o falante pára subitamente para pensar um pouco no que vai dizer” (p. 64); b) “por motivação expressiva [...] no intento de dar especial relevo à partícula” (p. 64).

Resumindo, para Câmara Jr o acento de grau 2 ou 3 é marca nítida do vocábulo fonológico. Ainda o acento é livre no sentido de que a sua posição depende da estrutura fonêmica do vocábulo (p. 65).

Observando os SNs que consideramos de três elementos a partir da *classe gramatical*, sob a perspectiva da fonética-fonologia, podemos dizer que naqueles constituídos por determinante + possessivo + substantivo, a *princípio* temos dois vocábulos fonológicos (sem

considerar as pausas na fala e a motivação expressiva) e, assim, esses sintagmas acabam se comportando como aqueles que consideramos de dois elementos, pois as partículas enclíticas passam a ser olhadas como fazendo parte do vocábulo seguinte. Abaixo ilustramos alguns exemplos dos nossos dados:

**Quadro 37-** Exemplos SNs de três ou mais elementos produzidos por informantes da microrregião do alto Solimões

<b>Exemplos</b>	<b>Perfil do informante</b>
doØ meus <i>parente</i> Ø mesmo	001 AF Fonte Boa
aØ minhas <i>irmã</i> Ø daqui ligavam	001 AF Jutai
oØ meus <i>filho</i> Ø pede	003 AF São Paulo de Olivença
aØ minhas <i>irmã</i> Ø também...	001 AM Santo Antônio do Içá
doØ meus <i>colega</i> Ø quando	001 BM Tonantins

Nos nossos resultados referentes ao segundo elemento do SN, observamos que a “ausência de marca formal/informal de plural” no primeiro elemento leva a “presença de marca formal/informal de plural” no segundo elemento (doØ *meuS* colegaØ) e que a “presença de marca formal/informal” no primeiro elemento leva a “ausência de marca formal/informal” no segundo elemento (daquelaS *árvore*Ø).

Assim, considerando o conceito de vocábulo fonológico nos SNs com a configuração sintagmática já mencionada, podemos também chegar à mesma conclusão que os resultados da análise de elementos na segunda posição: “a presença de marca formal/informal de plural” no elemento antecedente leva à ausência de marca no elemento subsequente:

“doØ meuS *parente*Ø mesmo (FB 001 AF)

1        2        3

Assim, a hipótese funcionalista kiparskiana parece explicar melhor esse fenômeno: retém-se a informação de plural no primeiro elemento (no caso, primeiro vocábulo fonológico), evitando, dessa forma, informação redundante nos demais elementos.

Ainda, nos nossos resultados, observamos os numerais favorecendo a “presença de marca formal/informal de plural” no elemento seguinte, convergindo para os resultados de Scherre (1988), Fernandes (1997), H. Carvalho (1997) e Lopes (2001). Verifica-se, então, que a presença de marca semântica de plural (“ausência de marca

formal/informal de plural”, portanto) influencia a “presença de marca formal/informal de plural” no elemento seguinte.

Ao analisarmos a variável *marcas precedentes*, conforme proposto por Scherre (1988), também tivemos como objetivo testar os resultados encontrados por outros trabalhos que a levaram em consideração, assim como fazer uma comparação. Ratificamos, pois, nossa hipótese para os SNs que possuem três ou mais elementos, pois também na fala dos informantes de nossa pesquisa, “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, embora com um baixo favorecimento nos fatores *presença de marcas formais a partir da primeira posição* (as primeiras *peças* eles moravam: 0,53) e *mistura de marca com marca precedente* (com aØ *minhaS amigas*: 0,50), comparado a outros estudos.

### 3.1.1.4 Contexto fonético-fonológico subsequente

No que diz respeito à variável *contexto fonético-fonológico subsequente*, nossa hipótese era a de que a *pausa* favorecesse mais a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto a *consoante* e a *vogal* a desfavorecessem, assim como foi encontrado por Scherre (1988), Fernandes (1996) e Lopes (2001). Na análise dos nossos dados, encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 7-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *contexto fonético-fonológico subsequente*

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>Vogal:</b> agora <i>as</i> outra minha irmã não... (STO 001 AF)	753/1134	66%	0,59
<b>Pausa:</b> com aqueles <i>cadernoØ</i> ... (SPO 003 BF)	689/1911	36%	0,55
<b>Consoante:</b> aØ <i>minhas peças</i> e... (STO 001 BF).	2822/4225	66%	0,45

Significância: 0,048

Input: 0,723

Como percebemos, não atestamos nossa hipótese, pois para os informantes das cidades investigadas pertencentes à microrregião do alto Solimões a *vogal* é que favorece o uso da aplicação da regra (0,59), e, em seguida, a *pausa* (0,55). E como fator desfavorecedor, temos a

*consoante* (0,45). Esse resultado, no entanto, é semelhante ao de F. Martins (2010) ao realizar essa mesma pesquisa com moradores da cidade de Benjamin Constant que também faz parte dessa microrregião<sup>52</sup>.

Lembramos que a não atuação da *vogal* sobre o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” nos dados de fala de outras pesquisas, como de Scherre (1988) e Fernandes (1996), era explicado pelo efeito da dissimilação, a haplologia sintática, principalmente nos itens terminados em /S/. Para elas, o que acontecia era uma tendência de se eliminar sílabas iguais ou semelhantes, como em “quantaz vez eu” (SCHERRE, 1988, p. 251). No entanto, nos nossos resultados não atestamos essa hipótese. O que parece haver é uma tendência à busca do padrão silábico (CV), por isso quando o contexto seguinte ao {-s} morfêmico é uma *vogal* há uma tendência a mantê-lo, havendo, pelo contrário, um processo de assimilação (“se atrepava naquelaS Árvores, TNT 001 AF).

Achamos importante olhar as *consoantes*, assim como fizeram Guy (1981), Scherre (1988) e Lopes (2001) quanto ao traço de sonoridade. Para eles, as *consoantes surdas* favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto as *sonoras* a desfavorecem. Em nosso *corpus* encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 8-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *contexto fonético-fonológico subsequente*

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>Vogal:</b> agora <i>as</i> outra minha irmã não... (STO 001 AF)	753/1134	66%	0,58
<b>Consoante surda:</b> aØ <i>minhas</i> peças e... (STO 001 BF)	1889/2417	78%	0,55
<b>Pausa:</b> com aqueles <i>caderno</i> Ø... (SPO 003 BF)	689/1911	36%	0,53
<b>Consoante sonora:</b> nos galhoØ dos (JT 001 AM)	933/1808	51%	0,34

Significância: 0,048

*Input:* 0,723

<sup>52</sup> Lembramos que F. Martins (2010) não trabalhou com peso relativo.

Como observamos, mesmo assim ainda a *vogal* continua favorecendo o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, mas agora temos em seguida a *consoante surda* e, por último, a *pausa*. Por sua vez, a *consoante sonora* desfavorece o uso dessa variante. Quanto ao traço de sonoridade, nossos resultados atestam os de Guy (1981), Scherre (1988) e Lopes (2001), pois as *consoantes* com o traço [+surdo] é que favorecem a aplicação da regra.

Comparando os resultados percentuais e os pesos relativos das Tabelas 7 e 8, verificamos que há um certo “enviesamento”, já que a hierarquia dos condicionamentos é diferente da frequência para alguns fatores, principalmente no que diz respeito à *consoante* e à *pausa*. Dessa forma, achamos relevante olhar mais detalhadamente outra característica fonético-articulatória, ponto de articulação, das *consoantes*, pois parece que não é só traço de sonoridade que atua na aplicação da regra. Vejamos nossos resultados:

**Tabela 9-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *contexto fonético-fonológico subsequente*

Fatores			Aplicação/ Total	%	P.R.
Consoante	Alveopalatal surda: meus <i>outro</i> ∅ tio∅ que tinha (TNT 001 AF)	[tʃ]	40/48	83%	0,75
	Labiodental surda: vinte e três <i>professor</i> ∅ formados... (TNT 001 BM)	[f]	355/382	92%	0,68
	Glotal: ficou uns <i>dia</i> ∅ roxo... (TNT 001 AF)	[h]	45/50	90%	0,59
Vogal: agora <i>as</i> outra minha irmã não... (STO 001 AF)			753/1134	66%	0,58
Consoante	Bilabial surda: <i>a</i> ∅ <i>minhas</i> peças e... (STO 001 BF)	[p]	587/699	83%	0,57
Pausa: com aqueles <i>caderno</i> ∅... (SPO 003 BF)			689/1911	36%	0,54
Consoante	Velar surda: <i>outras</i> coisa∅ não faz não (FTB 001 AF)	[k]	725/968	74%	0,54
	Labiodental sonora: pessoas <i>violenta</i> ∅ né?	[v]	60/86	69%	0,49

(FTB 001 BF)				
<b>Velar sonora:</b> <i>nos galhoØ dos (JT 001 AM)</i>	[g]	36/51	70%	0,42
<b>Alveolar sonora:</b> <i>pega os ladrãoØ... (FTB 001 AM), esses negócioØ aí... (SPO 001 AF), deixou os filhoØ dela tudo pequeno (FTB 001 AF)</i>	[l], [n], [d]	376/894	42%	0,41
<b>Alveolar surda:</b> <i>são muitos taxistaØ aqui na cidade (STO 001 BF)</i>	[t]	137/270	50%	0,40
<b>Alveopalatal sonora:</b> <i>doze horaØ de rabeta (TNT 002 BM)</i>	[dʒ]	59/200	29%	0,36
<b>Bilabial sonora:</b> <i>antigamente era aquelas brincadeiraØ de... (SPO 001 AF); aí oØ meus pais... (STO 001 BM)</i>	[b], [m]	402/577	69%	0,16

Significância: 0,048

Input: 0,723

Verificamos que *consoantes* com ponto de articulação próximo a uma das possíveis pronúncias do /S/ (alveolar surda [s] e sonora [z]) desfavorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, e isso acontece, provavelmente, pelo processo de assimilação do ponto de articulação. E as que se diferenciam muito articulatoriamente das possibilidades de pronúncias do /S/ em coda silábica a favorecem, principalmente, se possuem o traço [+surdo]: labiodental (0,68), glotal (0,49), bilabial (0,57) e velar (0,54). É importante lembrar que se acontece ou não assimilação do ponto de articulação é algo que não podemos dizer com certa precisão, uma vez que cada localidade investigada caracteriza-se pelo uso de uma ou outra variante fonética do /S/ pós-vocálico. Pela oitiva, determinadas cidades parecem caracterizar-se pelo uso da variante alveolar surda/sonora e outras pelo uso da variante alveopalatal surda/sonora. Destaca-se pela “análise” perceptual, por exemplo, quando a variante fonética do /S/ era

a alveopalatal sonora, diante da consoante africada [dz] que também é alveopalatal sonora, a variante “presença de marcas formais/informais de plural” não era usada, como constatamos pelo peso relativo exposto na Tabela 9. Nesse caso é nítido o processo de assimilação do ponto de articulação.

Talvez a explicação da diferença encontrada nos resultados percentuais e no peso relativo das variantes da variável *concordância nominal de número* seja por conta das características fonético-articulatórias do uso do /S/ em coda silábica em cada localidade. Isso poderá ser constatado ou não a partir da realização desse tipo de estudo nas cidades investigadas nesta pesquisa que ainda não são caracterizadas foneticamente.

O objetivo de analisarmos a variável *contexto fonético-fonológico subsequente* era o de observar se ela atua na nossa amostra da mesma forma que atuou em outros dados de fala apresentados no Capítulo 1. Nossa rodada estatística mostrou que é uma variável importante na variação da *concordância nominal de número*, foi selecionada em sexto lugar, porém não atestamos nossa hipótese quanto ao fator mais atuante para o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, pois foi a *vogal*, ao invés da *pausa*, que mais condicionou a utilização dessa variante na fala dos informantes entrevistados na microrregião do alto Solimões.

### 3.1.1.5 Características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)

No que se refere à variável *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)*, nossa hipótese era a de que o uso de substantivos e adjetivos com morfemas derivacionais no diminutivo e no aumentativo tendessem a não favorecer a “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto essas classes gramaticais sem esses morfemas a favorecessem, conforme encontrado por Scherre (1988), Fernandes (1996) e Campos e Rodrigues (2002). Vejamos o que encontramos no nosso *corpus*:

**Tabela 10-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)*

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
Aumentativo: umas <i>barrigonas</i> de pano (SPO 001 AM)	2/5	40%	0,68

Normal: vem os <i>macaco</i> Ø tal (SPO 001 AM)	1432/4251	33%	0,50
Diminutivo: os <i>meninozinho</i> Ø entram (SPO 002 AF)	11/74	14%	0,32
Significância: 0,048 <i>Input: 0,723</i>			

Como observamos, atestamos em parte nossa hipótese, pois substantivos e adjetivos com morfemas indicando diminutivo desfavorecem a aplicação da regra (0,32). No entanto, os substantivos e adjetivos com morfemas indicando aumentativo a favorecem (0,68). Para Scherre (1988), Fernandes (1996) e Campos e Rodrigues (2002), essas formas são consideradas menos formais e, portanto, apareceriam em situação de fala “informal”, como no caso de entrevistas de narrativas pessoais. Consequentemente, esperava-se que tanto o aumentativo quanto o diminutivo desfavorecessem a “presença de marcas formais/informais de plural”. Nos nossos resultados, essas formas aparecem muito pouco em relação à quantidade de dados codificados. E, talvez, as formas no aumentativo (cinco ocorrências apenas) acabam sendo mais perceptíveis para os informantes que, consequentemente, utilizam mais a “presença de marcas formais/informais de plural”.

Se observarmos essa variável correlacionada à escolaridade, encontramos o seguinte resultado:

**Tabela 11-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos) e escolaridade*

<b>Características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)/ escolaridade</b>	<b>4 a 8 anos de escolaridade</b>	<b>9 a 11 anos de escolaridade</b>
Aumentativo: umas <i>barrigonas</i> de pano (SPO 001 AM)	25%	100%
	1/4	1/1
Normal: vem os <i>macaco</i> Ø tal (SPO 001 AM)	27%	42%
	614/2314	818/1937
Diminutivo: os <i>meninozinho</i> Ø entram (SPO 002 AF)	15%	15%
	7/48	4/26

Para os menos escolarizados, nos substantivos e nos adjetivos na sua forma “normal” é mais frequente o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (27%), enquanto nos substantivos e adjetivos com morfemas indicando aumentativo e diminutivo é menos frequente (25% e 15%, respectivamente), corroborando os resultados encontrados por Scherre (1998), Fernandes (1996) e Campos Rodrigues (2002). Já para os mais escolarizados, há um uso categórico dos substantivos e adjetivos no aumentativo (100%), o que nos leva a pensar realmente que para esses informantes essa forma é mais perceptível, por isso usam mais a “presença de marcas formais/informais de plural”.

A análise da variável *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)* teve como objetivo verificar os resultados encontrados em outras pesquisas sobre o PB que levaram em conta essa variável. Como vimos, ela se mostrou atuante nos dados de fala investigados neste estudo, porém não atestamos em parte nossa hipótese, pois foram os *substantivos e adjetivos* com morfemas indicando o aumentativo que favoreceram o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, o que não era esperado, já que os resultados de estudos anteriores mostraram que essa forma é característica de situações mais “informais” de fala e, portanto, não favoreceria o uso dessa variante, utilizada numa situação mais “formal”.

### 3.1.2 As variáveis independentes extralinguísticas

A análise da variável dependente, *concordância nominal de número*, nos municípios pertencentes à microrregião do alto Solimões mostrou que todas as variáveis extralinguísticas, controladas nesta pesquisa, atuam de maneira significativa na fala dos informantes entrevistados.

A seguir, apresentamos e discutimos os resultados estatísticos para cada variável independente na seguinte ordem de seleção estatística: *escolaridade, diatopia, mobilidade, idade, localismo, ocupação e sexo/gênero*.

#### 3.1.2.1 Escolaridade

Em relação à variável *escolaridade*, nossa hipótese era a de que informantes com maior nível de escolaridade tendessem ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, assim como foi mostrado nos estudos de Scherre (1988), Fernandes (1996), H. Carvalho (1997), R. Carvalho (1997), Lopes (2001), Campos e

Rodrigues (2002), Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkal (2009), Santos (2010), Brandão (2011) e Silva (2011). Vejamos na Tabela 12 o que encontramos nos nossos resultados:

**Tabela 12-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *escolaridade*

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R</b>
9 a 11 anos	2124/3315	64%	0,57
4 a 8 anos	2140/3955	54%	0,43

Significância: 0,048

*Input*: 0,723

Como observamos, atestamos nossa hipótese, uma vez que são os informantes com maior nível de escolaridade que favorecem o uso da variante “presença de marca formais/informais de plural” (0,57), enquanto os menos escolarizados a desfavorecem (0,43). Assim, atesta-se o que vários estudos sociolinguísticos têm mostrado em relação não só à variação na *concordância nominal de número*, mas em relação a outros níveis de análise linguística, que quanto mais tempo os falantes são expostos às regras da gramática normativa, mais tendem a usar as formas consideradas de maior “prestígio” na língua. Ressaltamos que essa variável foi selecionada em quarto lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa.

Para atestar esse *status* de prestígio da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correlacionamos a variável *escolaridade* ao *sexo/gênero*, conforme observamos na Tabela 13:

**Tabela 13-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *escolaridade* e *sexo/gênero*

<b>Escolaridade/ sexo</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Homens</b>
9 a 11 anos	66%	59%
	1290/1958	805/1357
4 a 8 anos	54%	53%
	1123/2089	989/1866

Os resultados percentuais revelam que as mulheres são mais sensíveis à variável *escolaridade* do que os homens, pois enquanto para elas a diferença de frequência de um nível para outro é maior (12%), para eles é menor (6%). Assim, atesta-se o *status* de prestígio da

variante “presença de marcas formais/informais de plural”, já que são os mais escolarizados e, sobretudo, as mulheres com maior nível de escolaridade que a utilizam mais, o que será melhor explorado quando elucidarmos os resultados da variável *sexo/gênero* de maneira isolada.

Também achamos necessário correlacionarmos a variável *escolaridade* à *ocupação*, já que nos resultados de Scherre (1988) essa correlação se mostrou importante:

**Tabela 14-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *escolaridade e ocupação*

<b>Escolaridade/ Ocupação</b>	<b>Alta</b>	<b>Média</b>	<b>Baixa</b>
9 a 11 anos	62%	67%	62%
	1266/2044	521/772	308/499
4 a 8 anos	65%	56%	51%
	169/262	653/1166	1290/2527

O que observamos é que o efeito da *escolaridade* sobre a *ocupação* dos informantes entrevistados é mais visível para aqueles com menor nível de escolaridade, uma vez que conforme aumenta a cotação no mercado ocupacional, maior é o uso da variante de prestígio. Para os mais escolarizados não observamos tanto sua influência sobre a *ocupação*, a frequência é quase a mesma para os três níveis de ocupação codificados nesta pesquisa.

A análise da variável *escolaridade* teve como objetivo atestar ou não os resultados já encontrados para essa variável nas pesquisas referidas no primeiro capítulo. Como vimos, atestamos nossa hipótese, tendo em vista que essa variável também se mostrou atuante na fala dos moradores entrevistados da microrregião do alto Solimões, assim como revelou que quanto maior o nível de escolaridade dos informantes, mais eles utilizam a variante privilegiada nas escolas, a “presença de marcas formais/informais de plural”.

### 3.1.2.2 Diatopia

No que se refere à variável *diatopia*, nossa hipótese era a de encontrar semelhanças no uso da variável *concordância nominal de número*, já que cada uma das localidades investigadas apresenta um

perfil sócio-histórico parecido, recebendo, dessa forma, influências externas semelhantes. Nos nossos dados encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 15-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *diatopia*

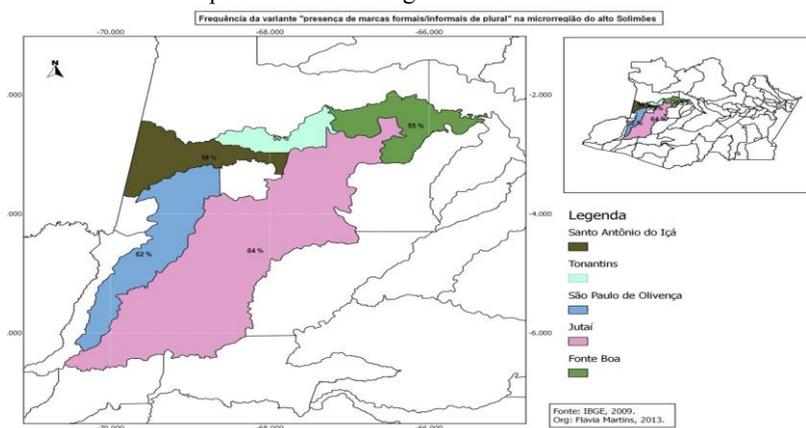
Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
São Paulo de Olivença	1191/1910	62%	0,57
Jutaí	781/1211	64%	0,54
Santo Antônio do Içá	895/1520	58%	0,51
Fonte Boa	754/1356	55%	0,42
Tonantins	643/1273	50%	0,41

Significância: 0,048

Input: 0,723

Como observamos, a cidade de São Paulo de Olivença, Jutaí e Santo Antônio do Içá favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,57, 0,54 e 0,51, respectivamente), enquanto Fonte Boa e Tonantins a desfavorecem (0,42 e 0,41, respectivamente). Lembramos que essa variável foi selecionada em quinto lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa. A seguir, apresentamos um mapa ilustrando a distribuição no espaço da aplicação da regra:

**Figura 19-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural” na microrregião do alto Solimões



Chama a atenção nesses resultados que o favorecimento do uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” nas cidades investigadas não é tão alto. Isso pode ser explicado por se tratarem de cidades que, em comparação com a capital Manaus (AM)-que é uma cidade mais desenvolvida (há faculdades, livrarias, Shoppings etc.), “exigindo”, dessa forma, o uso de variantes mais prestigiadas socialmente, podem ser consideradas menos urbanas, já que são menos desenvolvidas, por exemplo, no máximo, algumas cidades apresentavam há alguns anos atrás nível de escolaridade até o Ensino Médio, não têm livrarias, Shoppings etc. E também podem ser consideradas mais isoladas, já que as pessoas não apresentam tanto grau de deslocamento para outras cidades, principalmente a capital cujo meio de acesso é quase exclusivamente através de barcos<sup>53</sup>, não sofrendo, dessa forma, tantas influências externas.

Comparando o resultado entre as cidades em estudo, as que favorecem o uso da variante mais prestigiada (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá e Jutai) já apresentam alguns cursos de nível superior que são realizados, geralmente, em período de recesso escolar (Normal Superior, oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas) ou cursos técnicos (Enfermagem, oferecido por instituições particulares). Dessa forma, recebem em suas cidades pessoas que vêm, por exemplo, da capital do Estado para ministrar esses cursos, sendo, assim, mais suscetíveis a influências externas.

Tonantins que apresenta um desfavorecimento da aplicação da regra, dentre essas cidades investigadas, é que parece estar bem no início de desenvolvimento, apresenta poucas escolas e o mercado de trabalho não exige tanto o uso de formas de prestígio, já que a maioria dos entrevistados vive da agricultura, pesca etc. Uma outra característica dessa cidade é seu isolamento. Os informantes entrevistados saem muito pouco de lá para outras cidades, mesmo que próximas, e, também, não existe tanto fluxo de pessoas de outras cidades, recebendo, assim, poucas influências externas. A maioria dos entrevistados, no máximo, sai para as comunidades ribeirinhas pertencentes à cidade que se caracterizam por serem bem pequenas e isoladas, o único acesso é através de barcos (canoas, principalmente).

---

<sup>53</sup> Vale destacar que são viagens bem longas e cansativas. Por exemplo, de São Paulo de Olivença até Manaus, descendo o rio, a viagem dura, mais ou menos, uns três dias. De Manaus para São Paulo de Olivença, subindo o rio, uns cinco dias. De Fonte Boa até Manaus, descendo o rio, uns dois dias. De Manaus até Fonte Boa, subindo o rio, mais ou menos, uns três dias.

Fonte Boa que também apresenta um desfavorecimento da variante considerada de prestígio caracteriza-se, diferentemente de Tonantins, por ter mais escolas e ser um pouco mais desenvolvida. Em período de recesso escolar, já recebeu curso superior oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas, Normal Superior, e cursos técnicos (Tecnólogo em pesca, por exemplo, ofertada por Instituições particulares). Apresenta, assim, pelo menos em período de férias fluxo de pessoas de outras cidades, no caso, Manaus (Amazonas). A explicação para o baixo uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” talvez se dê pela *ocupação* dos entrevistados. Dos dez entrevistados, apenas três ocupavam profissão de cotação *alta* (professora aposentada, agente de saúde, funcionário público) e os demais de cotação *média* (motoqueiro, fazendeiro, comerciante) e *baixa* (dona de casa, manicure, cozinheira, aposentado). Ao olharmos, ainda, mais detalhadamente a variável *localismo* neste capítulo, observaremos que 100% dos entrevistados são considerados bem integrados à cidade, e, provavelmente, por isso, não são sujeitos tanto às influências externas das pessoas que lá aparecem esporadicamente ou das cidades que já conheceram ou moraram.

Ao analisarmos a variável *diatopia* tivemos como objetivo observar como ela influencia no uso das variantes da variável *concordância nominal de número* e como essas variantes estão distribuídas no espaço. Atestamos que é uma variável atuante na fala dos informantes entrevistados nesta pesquisa, assim como observamos que as cidades investigadas se comportam de maneira semelhante quanto ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, pois todas apresentam um baixo uso dessa variante em comparação a outras cidades já investigadas no PB. Os resultados das localidades que apresentam um desfavorecimento mais significativo podem ser explicados pelos seus perfis sócio-históricos, assim como pela influência de outras variáveis sociais. Assim, confirma-se o que estudos geolinguísticos vêm observando que cada localidade dependendo da influência externa a que está sujeita caracteriza-se pelo uso de uma ou outra variante linguística.

### 3.1.2.3 Mobilidade

No que se refere à *mobilidade*, nossa hipótese era a de que os informantes com alto grau de deslocamento do seu lugar de origem tendessem a adotar valores sociais e linguísticos externos (quanto ao uso da variável *concordância nominal de número* pode ser tanto a “presença

de marcas formais/informais de plural” quanto a “ausência de marcas formais/informais de plural”), enquanto os que apresentam menor grau de deslocamento tendessem a adotar os valores linguísticos e sociais do local de origem (MILROY, 2004 [2002], BATISTI et al., 2004 [2002]), no caso a “presença de marcas formais/informais de plural”. Na nossa amostra, encontramos os resultados que seguem na Tabela 16:

**Tabela 16-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *mobilidade*

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
Pouca	807/1182	68%	0,60
Informação não evidente	538/924	58%	0,59
Média	578/987	58%	0,46
Muita	2341/4177	56%	0,45

Significância: 0,048

Input: 0,723

Como observamos, atestamos nossa hipótese, tendo em vista que os informantes com *pouco grau de deslocamento* são os que favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,59), adotando, portanto, a variante linguística da *concordância nominal de número* mais utilizada nessa região (“presença de marcas formais/informais de plural: 58%), em relação aos de *média* e *muita mobilidade* que a desfavorecem (0,46 e 0,45, respectivamente), os quais pelo alto grau de deslocamento, provavelmente, adotam valores linguísticos externos. Ressaltamos que essa variável foi selecionada em oitavo lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa.

Lembramos que informantes considerados de *média* e *muita mobilidade* caracterizam-se na nossa amostra, a grande maioria, por terem morado muito tempo em comunidades ribeirinhas pertencentes às cidades investigadas da microrregião do alto Solimões. Essas comunidades caracterizam-se por serem bem isoladas, pouco habitadas e bem pouco desenvolvidas. São áreas consideradas rurais e a maioria não tem escola ou quando tem apresentam até o quinto ano do ensino fundamental. E esse, por exemplo, foi o motivo de a maioria das pessoas ter se mudado dessas zonas rurais para as zonas urbanas, conforme observamos no trecho a seguir.

**Quadro 38-** Trecho da entrevista realizada em SPO da informante 003 AF

**I:** eu tinha quinze ano quando me casei...

**E:** unhuhn

**I:** aí foi morar num... rio... rio não né... num igarapé que chamam (Camatiã) que até hoje existe lá...

**E:** é?

**I:** é... lá eu morava com... com... com os pais dele... o nome do lu/do sítio era Porto ( )

**E:** uhnuhn

**I:**... onde eu fiquei com ele a/... que eu te/... aí fui construindo meus filho... fui tendo meus filho... o primeiro foi Antônio... o segundo foi Roney...o terceiro... a terceira foi a Marília... o quatro foi o Rossilane...

**E:** quatro filhos?

**I:** quatros filho quando eu vim de lá pra cá...

**E:** ahnahn

**I:** uhn... aí eles já estavam tudo grandinho... uns com sete... com oito... outros com dez... outros com onze ano... e lá não tinha professora...

**E:** uhnuhn

**I:** aí... eu falei pro meu marido... meu marido trabalhava... eu vivia mais pro meus filho em casa... aí meu marido trabalhava aí eu disse um dia pra ele... o nome dele é (Rosalvo) né... só que ele é um pouco doente...

**E:** uhnuhn

**I:** não dá pra falar assim... muitas coisa...

**E:** uhnuhn

**I:** aí eu disse pra ele... Rosalvo eu achava melhor nós ir embora daqui...

**E:** uhnuhn...

**I:** pra... meno pra cidade de São Paulo de Olivença... (antes) era uma cidade parada né

**E:** uhnuhn...

**I:** eu disse... mas eu acho que lá dá pra botar os menino pra estudar...

**E:** uhnuhn

**I:** aí ele disse “é mesmo”... aí ele... procurou um lugar... aí encontrou uma senhora vendendo esse terreno... aí comprou... uma casinha de palha aqui...

**E:** ahnahn

**I:** aí nós viemo(s) morar pra cá... trazer nossos filho...

Por se tratarem de áreas em que não se “exige” o uso de variantes prestigiadas socialmente, devem, provavelmente, adotar a variante “ausência de marcas formais/informais de plural” e, assim nossos resultados refletem esses valores externos. Vale lembrar que alguns dos informantes de *média* ou *muita mobilidade* residiram em Manaus também, mas foram muito poucos, uma vez que sair de sua cidade para a capital do Amazonas é um processo lento e de difícil acesso. A maioria dos que vão para Manaus acaba retornando a sua cidade e a

valorizam ainda mais, como vemos nos trechos a seguir e que será melhor explorado quando falarmos da variável *localismo*.

**Quadro 39-** Trechos das entrevistas realizadas em JT com os informantes 001 BM e 002 BF

**1) 001 BM**

**I:** eu morei... é:: em dois mil e sete e dois mil e oito em Manaus... dois anos... aí voltei agora no ano passado... é::... dois mil e nove...

**E:** uhhun

**I:** e 'to esse ano de novo aqui...

**E:** gostou de Manaus lá?

**I:** gostei... gostei passei dois anos lá... mas... eu não consegui assim... viver lá que nem eu vivi/ que nem eu vivo aqui né?...

**E:** uhnuhn

**I:** aqui tem mais paz assim... mais harmonia assim... lá não... lá você... só vale o que tem... e você tem que ralar muito pra... pra ter alguma coisa lá né?... não é aquela vida de paz assim... tranquila... você chega em casa vai dormir tranquilo que nem aqui né?... lá não... é trancado... é todo tempo com medo assim nervoso de ser assaltado... você vai... você sai você não sabe se volta com vida... é uma vida assim... é boa pelo...por um lado é boa mas por outro é muito arriscado né?

**2) 002 BF**

**E:** a senhora ficou quanto tempo em Manaus?

**I:** três anos...

**E:** três? tempo do ensino médio mesmo?

**I:** foi

**E:** gostou de lá?

**I:** gostei em parte... mas ((risos)) eu prefiro o interior... acostumada no interior...

**E:** a senhora foi em que ano lá ( )?

**I:** oitenta e dois

**E:** oitenta e dois? a senhora já foi agora em Manaus depois... desse tempo todo?

**I:** já

**E:** mudou muita coisa?

**I:** mudou... 'tá muito mais agitado... muito mais quente... muito mais

**E:** bagunçado ((risos))

**I:** é verdade

**E:** a senhora gosta mais daqui mesmo?

**I:** gosto

**E:** trocaria Jutai por outra cidade?

**I:** não

O objetivo de analisarmos a variável *mobilidade* era o de mostrar a importância de se olhar para variáveis sociais não clássicas a fim de atestar ou não se características mais peculiares dos indivíduos entrevistados influenciam no uso de uma ou outra variante. Através dos nossos resultados atestamos que essa variável é atuante sobre o fenômeno em estudo, assim como foi na pesquisa de Milroy (2004 [2002]), Batisti et al. (2004 [2002]) e Monguilhott (2009). Dessa forma, não é só o *tipo social* do informante (*idade, escolaridade, sexo/gênero*) que explica o uso de uma ou outra variante, mas também características dele em relação à cidade a que pertencem: indivíduos que apresentam uma *maior mobilidade* tendem ao uso de padrões linguísticos externos a sua localidade e indivíduos que apresentam *pouca mobilidade* tendem a valorizar o uso de variantes linguísticas da cidade a que pertencem.

#### 3.1.2.4 Idade

No que se refere à *idade*, nossa hipótese era a de que a *concordância nominal de número* constituísse uma variação estável nos dados de fala analisados nesta pesquisa, já que F. Martins (2010) ao analisar a fala de parte dos informantes da microrregião aqui investigada mostrou uma frequência equilibrada de “presença de marcas formais/informais de plural” tanto na fala dos informantes mais jovens quanto na dos mais velhos. A análise estatística de nossos dados mostrou os seguintes resultados:

**Tabela 17-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *idade*

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
18 a 35 anos	1281/2069	61%	0,55
36 a 55 anos	1399/2362	59%	0,50
mais de 56	1583/2838	55%	0,45

Significância: 0,048  
 Input: 0,723

Como observamos, não atestamos nossa hipótese, pois o que percebemos é que são os jovens (18 a 35 anos) os mais favorecidos da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,55), enquanto os mais velhos (mais de 56) a desfavorecem (0,45). Assim, constatamos uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural”, como foi encontrado por H. Carvalho (1997) ao analisar a fala de moradores

de João Pessoa (PB); por Baxter (2009) ao analisar a fala de moradores de um comunidade não urbana (Helmécia/BA); Veis Ribeiro, Ribeiro e Loregian-Penkak (2009) ao analisar a fala de moradores de algumas cidades do Paraná; por Brandão (2011) ao analisar a fala de moradores de Nova Iguaçu (RJ) e Silva (2011) ao analisar a fala de moradores de Vitória (ES). Vale lembrar que essa variável foi selecionada em nono lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa.

A fim de verificar melhor essa hipótese, correlacionamos a variável *idade* à variável *sexo/gênero*. Os resultados podem ser verificados na Tabela 18:

**Tabela 18-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *idade* e *sexo/gênero*

<b>Idade/ Sexo/gênero</b>	<b>Mulher</b>	<b>Homem</b>
18 a 35 anos	60%	62%
	540/898	726/1171
36 a 55 anos	63%	52%
	830/1310	548/1052
mais de 56	57%	52%
	1043/1839	519/999

Ao observar os resultados dessa correlação, embora a diferença de percentual não seja tão significativa, entre ambos os *sexos/gênero*, para os homens são os mais jovens (18 a 35 anos) que usam com mais frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural” em relação aos demais e para as mulheres é a segunda faixa etária (36 a 55 anos) que utiliza com mais frequência a variante considerada de prestígio em relação à primeira (18 a 35 anos) e à terceira faixa etária (mais de 56 anos). Observamos, assim, para os homens um padrão linear com um processo de aquisição da variante de prestígio, já para as mulheres um padrão curvilíneo. Os estudos mostram que numa possível mudança em progresso são as mulheres que, geralmente, lideram essa mudança quando a variante é considerada de prestígio. Nos nossos resultados, porém, não podemos ver esse indício de mudança quando correlacionamos à variável *idade* ao *sexo/gênero*.

A análise da variável *idade* teve como objetivo verificar as hipóteses levantadas nas pesquisas realizadas sobre o PB quanto à

*concordância nominal de número*. Para algumas pesquisas, ela se mostra uma variável atuante (depois das variáveis sociais *escolaridade* e *sexo/gênero*), enquanto para outras nem é selecionada pelo programa estatístico. Para aquelas que se mostrou relevante encontra-se ou um padrão curvilíneo indicando uma variação estável (SCHERRE, 1988; F. MARTINS, 2010) ou um padrão linear indicando uma possível mudança em progresso em direção a um sistema sem a “presença de marcas formais/informais de plural”, principalmente quando correlacionado a outras variáveis (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; LOPES, 2001) ou em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural” (H. CARVALHO, 1997; BAXTER, 2009; VEIS RIBEIRO, RIBEIRO e LOREGIAN-PENKAL, 2009; BRANDÃO, 2011; SILVA, 2011). Na fala dos moradores da microrregião aqui em estudo essa variável se mostrou relevante e parece haver um padrão linear indicando uma possível mudança em direção a um sistema com a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, quando se olha essa variável isoladamente. Ao correlacionarmos à variável *sexo/gênero*, já não encontramos esse mesmo padrão. Nas próximas discussões de variáveis sociais, voltaremos a discutir o efeito da *idade* na variação da *concordância nominal de número*.

### 3.1.2.5 Localismo

No que se refere à variável *localismo*, nossa hipótese era a de que os informantes que apresentam um maior sentimento de pertencimento ao seu local de origem tendessem a adotar os valores linguísticos e sociais dele, enquanto aqueles que não gostam do seu lugar de origem, desejando morar em outra localidade, tendessem a adotar valores linguísticos e sociais de um grupo externo de referência. Na nossa amostra, os resultados encontrados foram os que seguem na Tabela 19.

**Tabela 19-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *localismo*

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R</b>
Bem integrado	3531/5902	59%	0,51
Pouco integrado	186/311	59%	0,51
Mais ou menos integrado	547/1057	51%	0,39

Significância:

0,048

*Input*: 0,723

Como observamos atestamos em parte nossa hipótese, uma vez que os informantes com um maior sentimento de pertencimento à cidade em que residem favorecem relativamente o uso da variante linguística do local de origem, “presença de marcas formais/infomais de plural” (0,51). No entanto, observamos também que os informantes considerados *pouco integrados* à cidade em que residem favorecem também o uso da variante do seu local de origem (0,51), enquanto os considerados *mais ou menos integrados* a desfavorecem (0,39). Podemos pensar que alguns dos informantes, considerados *pouco integrados* apresentem maior mobilidade e assim valorizem variantes externas que no caso também é a variante de maior prestígio social, como observamos na correlação entre *localismo* e *mobilidade*. Ressaltamos que a variável *localismo* foi selecionada em décimo lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa.

**Tabela 20-** Frequência da variante “presença de marcas formais/infomais de plural”, segundo as variáveis *localismo* e *mobilidade*

<b>Localismo/ Mobilidade</b>	<b>Pouca</b>	<b>Média</b>	<b>Muita</b>	<b>Sem informação</b>
Bem integrado	68%	59%	57%	62%
	704/1039	530/893	2025/3528	272/442
Mais ou menos integrado	72%	-----	46%	52%
	103/143	0/0	262/565	182/349
Pouco integrado	-----	51%	64%	63%
	0/0	48/94	54/84	84/133

Como observamos, os informantes *pouco integrados* são aqueles que já saíram por mais de dois anos de sua cidade de origem e talvez por isso estejam mais sujeitos a influências externas. Ressalta-se que apenas três informantes se mostraram *pouco integrados*, manifestando, assim, a vontade de sair de suas cidades para morarem em Manaus ou outras cidades em busca de melhores condições de vida ou não mostraram nenhum interesse em participar de atividades existentes na localidade. Podemos observar isso nos trechos a seguir:

**Quadro 40-** Trechos das entrevistas realizadas na microrregião do alto Solimões (Amazonas)

**1) TNT 001 AF**

**E:** o que você gos/ não gosta de... de Tonantins? você falou que moraria em Manaus não queria mais voltar pra cá...

**I:** ((risos)) não assim... ( ) lá por causa que lá... é tudo em mais em conta... ao contrário daqui... que a gente... é mais dificultoso a gente encontrar... começando assim pelo alimento.. pela... aqui é mais caro...lá é mais em conta... mais barato...

**E:** uhnuhn...

**I:** foi isso assim que eu achei...

**E:** é mais acessível... ‘tá mais acessível as coisas...

**2) STO 003 BM**

**E:** o senhor falou que já conheceu outros municípios né? o se/ senhor trocaria Santo Antônio do Içá por outro município?

**I:** olha pra viver... pra viver... que eu passei mais tempo ali em Manacapuru

**E:** Manacapuru?... conheceu...

**I:** eu treinei lá pra ser operador de... comunicação...

**E:** uhnuhn

**I:** e eu achei bom lá...

**E:** uhnuhn...

**I:** primeiro que na/ tem um acesso a... Manaus... o que não tiver lá você pega um... ônibusinho... um carro... pega a estrada vai pro Cacau Pirera atravessa e já... ali em Manacapuru...

**3) TNT 001 BM**

**I:** aqui não cidade...eu não saio pra nenhum lugar não... fico só em casa mesmo estudando...

**E:** uhnuhn...

**I:** pra festa eu também não vou...

**E:** uhnuhn...

**I:** e... às vezes que eu... de noite né? ( ) que saio pra frente... sábado e domingo que saio...

**E:** uhnuhn...

**I:** pra vim pra igreja só né?... pra festa não ando mais não...

Os *mais ou menos integrados*, por sua vez, são os que apresentam *pouca mobilidade*, valorizando, assim, o uso da variante de seu local de origem e também são os que apresentam *muita mobilidade* apresentando baixa frequência da variante. Vale ressaltar, mais uma vez, que na nossa amostra, boa parte daqueles que consideramos de *muita mobilidade* são os que saíram das comunidades ribeirinhas para morar na “zona urbana”, portanto, devem fazer uso da variante valorizada nessas áreas

que, provavelmente, deve ser “a ausência de marcas formais/informais de plural”.

Ao analisarmos a variável *localismo* também tivemos como foco observar a importância de se olhar para características mais peculiares dos indivíduos entrevistados, além da *idade*, *escolaridade* e *sexo/gênero*. Através da nossa análise, percebemos que é uma variável atuante na fala dos informantes entrevistados na microrregião do alto Solimões, assim como foi nos trabalhos de Milroy (2004 [2002]) e Monguilhott (2009). Nossos resultados evidenciaram que o sentimento de pertencimento ao local de origem influencia no uso de uma ou outra variante da variável *concordância nominal de número*.

### 3.1.2.6 Ocupação

No que se refere à variável *ocupação*, nossa hipótese era a de que os informantes que no mercado de trabalho estivessem envolvidos em *ocupação* que “exija” o uso de formas socialmente prestigiadas tendessem ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, assim como foi atestado por Scherre (1988), R. Carvalho (1997) e Baxter (2009). Na Tabela 21, a seguir, vejamos o que encontramos a partir da análise estatística de nossos dados:

**Tabela 21-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *ocupação*

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
<b>Alta:</b> Estudante, professor, professor aposentado, funcionário público, gestor, funcionário público saúde, agente de saúde, auxiliar de contabilidade, vereador, auxiliar administrativo.	1612/2553	63%	0,55
<b>Média:</b> Comerciante, autônomo, entregador, moto-táxi, fazendeiro, atendente.	1029/1691	60%	0,53
<b>Baixa:</b> Agricultor, carregador, dona de casa, auxiliar de serviços gerais, pescador, manicure, cozinheiro, aposentado.	1623/3026	53%	0,43

Significância: 0,048

Input: 0,723

Como observamos, atestamos nossa hipótese, pois os informantes cuja *ocupação* no mercado de trabalho “exige” formas linguísticas prestigiadas socialmente são os favorecedores da aplicação da regra (alta: 0,55; média: 0,53), enquanto os informantes que estão envolvidos em ocupações que não “exijam” o uso da variante prestigiada socialmente desfavorecem a aplicação da regra (0,43). Lembramos que essa variável foi selecionada em décimo primeiro lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa.

Scherre (1988), R. Carvalho (1997) e Baxter (2009) correlacionaram essa variável à *sexo/gênero* e mostraram resultados interessantes. Resolvemos também fazer essa correlação em nossa pesquisa, como segue na Tabela 22:

**Tabela 22-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *ocupação* e *sexo/gênero*

Ocupação/ Sexo	Mulher	Homem
<b>Alta:</b> Estudante, professor, professor aposentado, funcionário público, gestor, funcionário público saúde, agente de saúde, auxiliar de contabilidade, vereador, auxiliar administrativo.	65% 823/1271	59% 612/1035
<b>Média:</b> Comerciante, autônomo, entregador, moto-táxi, fazendeiro, atendente.	65% 456/698	58% 718/1240
<b>Baixa:</b> Agricultor, carregador, dona de casa, auxiliar de serviços gerais, pescador, manicure, cozinheiro, aposentado.	55% 1134/2078	49% 464/948

Diferentemente dos resultados encontrados pelos autores mencionados anteriormente, as mulheres mostram-se mais sensíveis à variável *ocupação*, uma vez que, principalmente, as informantes entrevistadas que estão envolvidas em profissões que “exigem”, de certa forma, maior uso de variantes de prestígio, utilizam com mais frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, em relação aos homens.

Na pesquisa de R. Carvalho (1997) e Baxter (1997), por exemplo, a explicação para os homens utilizarem mais a variante “presença de marcas formais/informais de plural” é dada em função da *ocupação* em que estão envolvidos, no caso as ocupações que envolvem maior integração social e, conseqüentemente, maior uso de variantes valorizadas socialmente.

No nosso caso, as mulheres mostraram fazer maior uso da aplicação da regra e apresentaram mais sensibilidade que os homens em relação à variável *ocupação*. Assim, nas localidades investigadas nesta pesquisa, as mulheres apresentam o mesmo tipo de integração social que os homens, não são, por exemplo, somente donas de casa.

H. Carvalho (1997) mostra que em relação à *idade* os falantes de faixa etária intermediária são os que menos usaram a variante “presença de marcas formais/informais de plural”, assim como F. Martins (2010). Por isso, correlacionamos também a variável *ocupação* à variável *idade*, como sugerido por H. Carvalho (1997), embora na nossa amostra não tenhamos encontrado esse mesmo resultado, como podemos observar na Tabela 23:

**Tabela 23-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *ocupação* e *idade*

<b>Idade/ Sexo</b>	<b>18 a 35 anos</b>	<b>36 a 55 anos</b>	<b>Mais de 56 anos</b>
<b>Alta:</b> Estudante, professor, professor aposentado, funcionário público, gestor, funcionário público saúde, agente de saúde, auxiliar de contabilidade, vereador, auxiliar administrativo.	75% 376/504	57% 386/674	61% 692/1128
<b>Média:</b> Comerciante, autônomo, entregador, moto-táxi, fazendeiro, atendente.	64% 527/822	62% 499/800	51% 161/316
<b>Baixa:</b> Agricultor, carregador, dona de casa, auxiliar de serviços gerais, pescador, manicure, cozinheiro, aposentado.	51% 378/743	58% 514/888	52% 730/1394

Observamos que, no que se refere à *ocupação* de cotação *alta*, são os informantes da primeira faixa etária (18 a 35 anos) os que usam com mais frequência a variante de prestígio (75%), em seguida os de terceira faixa etária (mais de 56 anos, 61%) e de segunda faixa etária (36 a 55 anos, 57%). No que se refere à *ocupação* de cotação *média*, também os da primeira faixa etária usam com mais frequência a variante de prestígio (64%), em seguida os de segunda (62%) e terceira (51%). E no que se refere à *ocupação* de cotação *baixa*, encontramos, porém, os

de segunda faixa etária usando com mais frequência a variante de prestígio (58%), em seguida os de terceira (52%) e primeira (51%).

A partir dessa correlação, encontramos para a variável *idade* dois processos: um padrão curvilíneo indicando variação estável para informantes cuja ocupação não exige o uso de formas de prestígio e um padrão linear indicando uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural” para informantes cuja ocupação exige o uso de formas de prestígio. Atestamos, assim, o efeito da *ocupação* dos informantes sobre a *idade*.

Ao analisarmos a variável *ocupação* tivemos como objetivo investigar o efeito de variáveis sociais consideradas por Scherre (1988) não clássicas. Vimos nesta pesquisa que essa variável se mostrou importante na fala dos moradores entrevistados na microrregião do alto Solimões (Amazonas), atestando nossa hipótese de que informantes cuja ocupação exija o uso de formas mais privilegiadas socialmente tendam a usar variantes de prestígio. Confirma-se, então, a importância de não só olhar as variáveis clássicas (*idade*, *sexo/gênero*, *escolaridade*) num estudo sociolinguístico, mas também outras variáveis que detalham mais o *tipo social* do informante.

### 3.1.2.7 Sexo/gênero

No que se refere à variável *sexo/gênero*, nossa hipótese era a de que as mulheres tendessem ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Essa hipótese leva em consideração os resultados encontrados por F. Martins (2010) ao investigar um dos municípios pertencentes à microrregião do alto Solimões no Amazonas (Benjamin Constant). Tal resultado também foi encontrado por Scherre (1988), Fernandes (1996), Campos e Rodrigues (2002) e Santos (2010).

**Tabela 24-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo a variável *sexo/gênero*

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
Mulher	2442/4047	60%	0,52
Homem	1822/3223	56%	0,47

Significância: 0,048  
Input: 0,723

Como verificamos, atestamos nossa hipótese, uma vez que nos nossos dados são as mulheres que favorecem o uso da variante

“presença de marcas formais/informais de plural” (0,52), enquanto os homens a desfavorecem (0,47), embora de maneira não tão significativa, assim como foi encontrado nos trabalhos mencionados no parágrafo anterior. Assim, atestamos também a tendência, pelo menos, na organização social ocidental de as mulheres serem mais sensíveis às normas de prestígio pelo papel conservador que ocupam na sociedade (PAIVA, 2008). Vale lembrar que essa variável foi selecionada em penúltimo lugar dentre as variáveis controladas nesta pesquisa.

Para observar melhor essa sensibilidade das mulheres às normas de prestígio, correlacionamos a variável *sexo/gênero* à variável *escolaridade*, a fim de atestarmos essa tendência:

**Tabela 25-** Frequência da variante “presença de marcas formais de plural”, segundo as variáveis *sexo* e *escolaridade*

<b>Sexo/ Escolaridade</b>	<b>4 a 8 anos de escolaridade</b>	<b>9 a 11 anos de escolaridade</b>
Mulher	54% 1123/2089	66% 1290/1958
Homem	53% 989/1866	59% 805/1357

Como observamos nos resultados percentuais da Tabela 25, quanto maior o nível de escolaridade, maior a sensibilidade linguística das mulheres para o uso da variante de prestígio: a diferença percentual entre mulher e homem nesse caso chega a 7%, enquanto no nível de escolaridade mais baixo a diferença é de apenas 1%.

Correlacionamos também a variável *sexo/gênero* à *ocupação* a fim de observarmos também o caráter de prestígio da variante que é mais utilizada pelas mulheres, como segue na Tabela 26:

**Tabela 26-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, segundo as variáveis *sexo/gênero* e *ocupação*

<b>Sexo/ Ocupação</b>	<b>Alta</b>	<b>Média</b>	<b>Baixa</b>
Mulheres	65% 823/1271	65% 456/698	55% 1134/2078
Homens	59%	58%	49%

	612/1035	718/1240	464/948
--	----------	----------	---------

Para Scherre (1988), a variável *ocupação* se mostrou mais atuante para os homens do que para as mulheres. Nos nossos resultados, porém, observamos que ela é mais atuante para as mulheres, revelando que elas são mais sensíveis às ocupações que exigem o uso de normas de prestígio social em relação aos homens.

Ao analisarmos a variável *sexo/gênero* tivemos como objetivo atestar ou não os resultados encontrados em outros trabalhos, assim como compará-los. Ratificamos a hipótese levantada de que as mulheres tendem ao uso da variante de prestígio, assim como foi encontrado nos trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1996), Campos e Rodrigues (2002), Santos (2010) e F. Martins (2010). Lembramos que na pesquisa de R. Carvalho (1997), Baxter (2009) e Silva (2011) foram os homens que utilizaram mais essa variante, resultado que é explicado pelos dois primeiros autores pelo efeito do mercado ocupacional.

### 3.1.3 Reflexões sobre os resultados da análise da *concordância nominal de número* na microrregião do alto Solimões

Uma das preocupações dos sociolinguistas, segundo Guy (2000), como vimos no Capítulo 1 quando tratamos brevemente de comunidade de fala, é buscar padrões de distribuições de diferenças que caracterizam uma comunidade de fala de outra. Assim, esses pesquisadores buscam entender como os efeitos das restrições variáveis se encaixam nesse processo e se a partir dos pesos relativos podem-se discernir padrões significativos ou interpretáveis.

A respeito da análise da *concordância nominal de número* na microrregião do alto Solimões realizada nessa primeira seção do Capítulo 3, os resultados nos mostram que a regra de funcionamento dessa variável não difere muito da de outros *corpora* do PB, principalmente no que diz respeito às variáveis independentes linguísticas.

Observamos que os informantes da microrregião investigada apresentam os mesmos efeitos internos restritivos para essa variável, pois os grupos de fatores a *posição em relação ao núcleo/núcleo*, *marcas precedentes*, *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais* e *contexto fonético-fonológico subsequente* mostraram-se relevantes para entendermos o fenômeno variável, assim como se mostraram nos resultados de fala do Rio de

Janeiro (SCHERRE, 1988), de Florianópolis (FERNANDES, 1996), de Chapecó (FERNANDES, 1996), de Panambi (FERNANDES, 1996), de Irati (FERNANDES, 1996), de João Pessoa (H. CARVALHO, 1997), de Rio Branco (R. CARVALHO, 1997), de Salvador (LOPES, 2001), de Helvécia (BAXTER, 2009), de Pedro Leopoldo (SANTOS, 2010), de Vitória (SILVA, 2011), de Nova Iguaçu (BRANDÃO, 2011). O que diverge de uma localidade para outra tem a ver com hierarquia de fatores atuantes para algumas variáveis. Encontramos, principalmente, para as variáveis *posição em relação ao núcleo/núcleo* e *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais* (de maneira geral) alta coerência sobre os efeitos dos fatores, pois temos sempre *elementos não nucleares antepostos* favorecendo o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” e *núcleos* e *elementos não nucleares pospostos* a desfavorecendo, e *itens de formação irregular de plural* favorecendo a aplicação da regra e de *formação regular* desfavorecendo. Observamos, assim, que a microrregião do alto Solimões compartilha sistematicamente as mesmas restrições linguísticas sobre a variação aqui investigada, não parecendo, assim, se tratar de uma “comunidade de fala” distinta e sim fazendo parte de uma “comunidade de fala” maior que constitui o PB. Para Guy (2000),

As comunidades estariam encaixadas umas dentro das outras como bonecas russas, e os falantes compartilhariam o maior número de características com seus vizinhos imediatos, seguidos por compatriotas regionais e nacionais, terminando com um mínimo de características compartilhadas com outros falantes da mesma língua onde quer que se encontrassem no globo terrestre. Outras comunidades, porém, podem estar interligadas: subcomunidades definidas por vizinhança e redes comunicativas pessoais, por classe social, etnia, religião, ocupação, etc., uniriam falantes a várias comunidades sobrepostas e cruzadas (p. 21- 22).

Para as variáveis independentes extralinguísticas, os informantes da microrregião do alto Solimões parecem compartilhar também dos mesmos traços que regem a variação na *concordância nominal de número* em outras localidades do Brasil, principalmente no que diz respeito às variáveis sociais consideradas clássicas (*idade, sexo/gênero,*

*escolaridade*). Quanto à *idade*, olhada de maneira isolada, nossa amostra compartilha o mesmo efeito restritivo encontrado nos dados de fala de João Pessoa (H. CARVALHO, 1997), de Helvécia (BAXTER, 2009), do Paraná (VEIS RIBEIRO, RIBEIRO E LOREGIAN-PENKAL, 2009), de Nova Iguaçu (BRANDÃO, 2011) e Vitória (SILVA, 2011), pois constatamos também uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural”. Quanto ao *sexo/gênero*, observamos nossos informantes compartilhando a mesma regra de funcionamento, como na maioria dos trabalhos discutidos no Capítulo 1, pois encontramos as mulheres tendendo ao uso da variante de prestígio. Nosso resultado somente diverge dos resultados de R. Carvalho (1997), Baxter (2009) e Silva (2011) que evidenciaram os homens tendendo ao uso dessa variante. Quanto à *escolaridade*, observamos também a mesma regra de funcionamento para a *concordância nominal de número* que foi encontrada em outras localidades no Brasil, pois constatamos os informantes mais escolarizados tendendo ao uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” e os menos escolarizados ao uso da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”. No que se refere às variáveis sociais não clássicas, como *mobilidade*, *localismo* e *ocupação*, nossos resultados não diferem muito de outros trabalhos que levaram essas variáveis em consideração no estudo de outros fenômenos. Enfim, a análise das variáveis independentes extralinguísticas também nos mostra que a microrregião do alto Solimões não parece se tratar de uma “comunidade de fala” distinta já que compartilha os mesmos efeitos restritivos de uma “comunidade de fala” maior que podemos considerar que é o Brasil.

Na próxima seção, faremos uma análise para cada localidade pertencente à microrregião do alto Solimões a fim de observarmos se são as mesmas variáveis que atuam de maneira significativa na variação da *concordância nominal de número* em cada uma delas ou se elas se diferenciam por um efeito ou outro restritivo, constituindo, assim, “comunidades de fala” distintas.

### **3.2 Variação na concordância nominal de número por localidade**

Nesta seção, apresentaremos e discutiremos os resultados de rodadas estatísticas realizadas para cada município investigado nesta pesquisa, a fim de verificarmos se são as mesmas variáveis que atuam em cada localidade no uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”. Antes da discussão dos resultados de cada cidade,

apresentamos, a seguir, um quadro comparativo, breves resultados, com a ordem de seleção estatística:

**Quadro 41-** Comparação da ordem de seleção estatística das variáveis controladas entre os municípios da microrregião do alto Solimões

<b>São Paulo de Olivença</b>	<b>Jutaí</b>
<p><b>Variáveis por ordem de seleção</b></p> <p>1) Posição em relação ao núcleo/núcleo            2) Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais            3) Ocupação            4) Mobilidade            5) Escolaridade            6) Marcas precedentes            7) Contexto fonético-fonológico subsequente</p> <p>Nº oc.: 1191/1910 = 62%            Significância: 0,000            Input: 0,689</p>	<p><b>Variáveis por ordem de seleção</b></p> <p>1) Posição em relação ao núcleo/núcleo            2) Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais            3) Ocupação            4) Marcas precedentes            5) Sexo/gênero            6) Mobilidade            7) Contexto fonético-fonológico subsequente            8) Idade</p> <p>Nº oc.: 781/1211= 64%            Significância: 0,028            Input: 0,764</p>
<p><b>Santo Antônio do Içá</b></p> <p><b>Variáveis por ordem de seleção</b></p> <p>1) Posição linear            2) Mobilidade            3) Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais            4) Posição em relação ao núcleo/núcleo            5) Idade            6) Localismo            7) Marcas precedentes            8) Contexto fonético-fonológicos subsequente            9) Ocupação</p> <p>Nº oc.: 895/1520= 58%            Significância: 0,047            Input: 0,734</p>	<p><b>Fonte Boa</b></p> <p><b>Variáveis por ordem de seleção</b></p> <p>1) Posição em relação ao núcleo/núcleo            2) Marcas precedentes            3) Escolaridade            4) Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais            5) Sexo/gênero            6) Contexto fonético-fonológico subsequente</p> <p>Nº oc.: 754/1356= 55%            Significância: 0,003            Input: 0,529</p>

**Tonantins**  
**Variáveis por ordem de seleção**

- 1) Posição em relação ao núcleo/núcleo
- 2) Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais
- 3) Ocupação
- 4) Marcas precedentes
- 5) Localismo
- 6) Mobilidade
- 7) Idade
- 8) Sexo/gênero

Nº oc.: 643/1273= 50%

Significância: 0,028

Input: 0,764

Apresentaremos e discutiremos, nas próximas seções, os resultados na seguinte ordem de seleção da rodada geral: São Paulo de Olivença, Jutai, Santo Antônio do Içá, Fonte Boa e Tonantins.

### 3.2.1 São Paulo de Olivença

A partir dos SNs coletados das entrevistas do município de São Paulo de Olivença foram analisados 1.910 dados. Desses dados, o resultado geral da análise evidenciou 1.191 da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 62% dos dados, e 719 da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo 38% dos dados. Dentre os municípios investigados foi o que apresentou maior tendência ao uso da aplicação da regra (0,57).

Quanto à análise estatística dos fatores que podem estar condicionando ou não a variação nessa cidade, considerando a rodada sem a variável *classe gramatical*, assim como feito na análise geral, as seguintes variáveis mostraram atuar sobre a aplicação da regra, por ordem de seleção: *posição em relação ao núcleo/núcleo, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, ocupação, mobilidade, escolaridade, marcas precedentes, contexto fonético/fonológico subsequente*.

No que se refere às variáveis independentes linguísticas, encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 27-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de SPO, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes

	<b>Grupo de Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R</b>
<b>1- Posição em relação ao núcleo/núcleo</b>				
Elementos não nucleares antepostos: <i>esses negócio</i> Ø <i>aí...</i> (SPO 001 AF)		796/829	96%	0,87
Elementos nucleares: <i>as festa</i> Ø <i>mês</i> (SPO 001 AM)		384/1044	36%	0,18
Elementos não nucleares pospostos: <i>os olhos vermelho</i> Ø... (SPO 001 AM)		11/38	28%	0,17
<b>2- Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</b>				
+ saliente	Plural nos itens terminados em -r, com inserção de -e ou -es: <i>as particulare</i> né? (SPO 001 BM)	34/40	85%	0,94
	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l, podendo ou não haver inserção de -s: <i>muchos casais</i> ... (SPO 001 BF)	11/14	78%	0,92
	Plural dos itens terminados em -s com inserção de -e ou -es: <i>antes os rapazes</i> ... (SPO 001 AF)	14/16	87%	0,91
	Plural nos itens terminados em -ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do -s: <i>são essas questão</i> Ø... (SPO 001 BF)	14/18	77%	0,79
	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de -s: <i>pelos nossos avô</i> Ø... (SPO 001 BM)	9/20	45%	0,60
- saliente	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: <i>dos igarapé</i> Ø... (SPO 001 BF), <i>meus pais eram pobre</i> (SPO 002 AF)	89/93	95%	0,88
	Regular paroxítono: <i>as criança</i> Ø... (SPO 002 AF)	573/1222	46%	0,42
	Regulares proparoxítonos: <i>as música</i> Ø (SPO 001 AF)	5/22	22%	0,28
<b>Posição</b>	<b>3- Marcas precedentes</b>			
Segunda	Zero formal na primeira posição:		100	----

	daØ <i>minhas tia</i> Ø... (SPO 001 BF)		%	
	Numerais na primeira posição: tenho três <i>filhos</i> Ø... (SPO 001 BF)	107/220	48%	0,63
Terceira, quarta, etc.	Mistura de marca com marca precedente: e outroØ meuS <i>irmão</i> Ø... (SPO 001 BF), 'tá com unS três <i>dias</i> que (SPO 001 BF)	24/56	42%	0,60
	Presença de marcas formais a partir da primeira posição: essaS coisaS <i>todinhas</i> Ø... (SPO 001 BF)	10/26	38%	0,57
Segunda	Presença do quantificador "vários": vários <i>caminho</i> Ø que vão (SPO 001 BF).	11/23	47%	0,55
	Presença de marca formal na primeira posição: meus <i>familiares</i> moram (SPO 002 BF)	238/739	32%	0,46
Terceira, quarta etc.	Mistura de marca sem marca precedente: as festaØ <i>típica</i> Ø tem a (SPO 002 BM)	2/19	10%	0,08
<b>4- Contexto Fonético-Fonológico subsequente</b>				
	Vogal: uns <i>metros</i> ai (SPO 003 BF)	203/280	72%	0,66
	Pausa: com aqueles <i>caderno</i> Ø... (SPO 003 BF)	202/533	37%	0,49
	Consoante: os <i>menino</i> Ø de hoje... (SPO 002 BM)	786/1098	71%	0,45

Como observamos, os resultados da Tabela 27 não diferem muito dos resultados gerais percorridos na seção anterior.

No que se refere à variável *posição em relação ao núcleo/núcleo*, selecionada em primeiro lugar, também encontramos os *elementos não nucleares antepostos ao núcleo* favorecendo a aplicação da regra (0,87) e o *núcleo* e os *elementos não nucleares pospostos* a ele a desfavorecendo (0,18 e 0,17, respectivamente), atestando, mais uma vez, a hipótese de que *elementos antepostos ao núcleo* favorecem mais a aplicação da regra do que os pospostos.

No que diz respeito à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, selecionada em segundo lugar, observamos também que itens lexicais que apresentam maior quantidade de material fônico na oposição singular/plural favorecem o uso da variante "presença de marcas formais/informais de plural", enquanto os que apresentam menor quantidade a desfavorecem. O que difere da análise geral é a hierarquia dos fatores atuantes dentre

os considerados mais salientes: como fator mais atuante para SPO, por exemplo, temos os itens *terminados em -r*, enquanto na análise geral são os *terminados em -l*.

Quanto à variável *marcas precedentes*, selecionada em sexto lugar, encontramos também, para SNs com mais de três elementos, a “presença de marcas formais/informais de plural” antecedente ao elemento em análise, favorecendo a “presença de marcas formais/informais de plural” e a “ausência de marcas formais/informais de plural” antecedente ao elemento em análise, desfavorecendo a “presença de marcas formais/informais de plural”.

No que se refere ao *contexto fonético-fonológico subsequente*, atestamos em parte os mesmos resultados da análise geral, pois para SPO somente a *vogal* favorece a “presença de marcas formais/informais de plural” (0,66), enquanto tanto para *pausa* quanto para *consoante* há um desfavorecimento do uso dessa variante (0,49 e 0,45, respectivamente). Encontramos aqui também uma hierarquia diferente quando comparamos as frequências e os pesos relativos da *pausa* e da *consoante*.

Na análise geral, observamos que todas as variáveis independentes linguísticas controladas nesta pesquisa mostraram-se relevantes na atuação do fenômeno em estudo, porém para SPO duas delas não se mostraram atuantes que foram: *posição linear* e *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)*.

No que diz respeito às variáveis independentes extralinguísticas atuantes sobre o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, encontramos os resultados que seguem na Tabela 28:

**Tabela 28-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de SPO, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
<b>1- Ocupação</b>			
Alta: auxiliar administrativo, professora aposentada, recepcionista.	238/317	75%	0,75
Baixa: dona de casa, aposentado.	382/657	58%	0,54
Média: comerciante, entregador.	571/937	60%	0,38
<b>2- Mobilidade</b>			
Média	285/429	66%	0,77
Pouca	376/565	66%	0,49
Muita	530/917	57%	0,36

3- Escolaridade			
9 a 11 anos	388/550	70%	0,67
4 a 8 anos	803/1361	59%	0,42

Como observamos, das variáveis independentes extralinguísticas controladas apenas três se mostraram atuantes sobre o fenômeno em estudo no município de SPO e os resultados são semelhantes aos encontrados na análise geral.

Quanto à variável *ocupação*, selecionada em terceiro lugar, observamos também os informantes cuja ocupação é considerada de cotação *alta* favorecendo a aplicação da regra (0,75), porém observamos o de cotação *baixa* favorecendo também (0,55) e o de cotação *média* desfavorecendo (0,38). Olhando outras variáveis sociais que possam explicar esse resultado, percebemos que dos seis informantes de cotação *baixa* a maioria são mulheres (cinco) e como observamos nos dados gerais elas tendem ao uso da variante de maior prestígio e dos três de cotação *média* dois são homens que, por sua vez, não tendem ao uso dessa variante.

Com respeito à variável *mobilidade*, selecionada em quarto lugar, encontramos em SPO resultados diferentes da análise geral. Nesse município, são os informantes de *média mobilidade* que favorecem a variante em uso mais frequente na localidade, “presença de marcas formais/informais de plural” (0,77), enquanto os de *pouca e muita* a desfavorecem (0,49 e 0,36, respectivamente). Lembramos que essa mobilidade pode se referir a influências externas da capital do Estado, das cidades pertencentes a mesma microrregião ou das comunidades ribeirinhas pertencentes a esse município.

Quanto à *escolaridade*, selecionada em quinto lugar, os resultados mostram, assim como na análise geral que informantes com maior nível de escolaridade favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,67), enquanto os com menor nível de escolaridade desfavorecem (0,42).

Como vimos na análise das variáveis independentes extralinguísticas no município de SPO, não se mostraram relevantes duas variáveis clássicas (*idade* e *sexo/gênero*) e uma que leva em conta características mais peculiares dos indivíduos (*localismo*). Observamos ainda que para esse município variáveis sociais que levam em consideração uma análise mais micro são atuantes sobre o fenômeno em estudo (*ocupação* e *mobilidade*).

### 3.2.2 Jutai

A partir dos SNs coletados das entrevistas da cidade de Jutai foram analisados 1.211 dados. Desses dados, o resultado geral da análise evidenciou 781 da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 64% dos dados, e 430 da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 36% dos dados. Dentre as cidades investigadas, foi selecionada em segundo lugar no que se refere à tendência ao uso da aplicação da regra (0,54).

Com respeito à análise estatística dos fatores que podem estar condicionando ou não a variação nessa cidade, considerando a rodada sem a variável *classe gramatical*, assim como feito na análise geral, e também sem a variável *localismo*, as seguintes variáveis mostraram atuar sobre a aplicação da regra, por ordem de seleção: *posição em relação ao núcleo/núcleo, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, ocupação, marcas precedentes, sexo/gênero, mobilidade, contexto fonético-fonológico subsequente e idade*. Quanto à variável *localismo*, houve *knock-out*, uma vez que 100% dos informantes se mostraram *bem integrados* à localidade a que pertencem.

No que se refere às variáveis independentes linguísticas, temos os seguintes resultados:

**Tabela 29-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de JT, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes

Fatores		Aplicação/ Total	%	P.R
<b>1- Posição em relação ao núcleo/núcleo</b>				
Elementos não nucleares antepostos: <i>uns</i> dois dias antes (JT 003 AF)		500/ 517	96%	0,88
Elementos nucleares: essas <i>coisa</i> ∅ num sabe irmã? (JT 003 AF)		277/ 670	41%	0,19
Elementos não nucleares pospostos: essas escola∅ <i>estaduais</i> aí (JT 003 AM)		4/ 25	16%	0,02
<b>2- Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</b>				
+ saliente	Plural nos itens terminados em –ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do –s: fora as <i>orações</i> que ela faz (JT 002 BM)	11/12	91%	0,97

	Plural dos itens terminados em –s com inserção de –e ou –es: bem uns três <i>meses</i> pra lá (JT 002 AF)	18/21	85%	0,91
	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em –l, podendo ou não haver inserção de –s: os nossos <i>lençóis</i> e <i>tolhas</i> ... (JT 002 BM)	9/13	69%	0,91
	Plural nos itens terminados em –r, com inserção de –e ou –es: três <i>mulherØ</i> e (JT 001 BM)	15/27	55%	0,63
	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de –s	00/00	-----	----
- saliente	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: pelos <i>igarapés</i> aí (JT 001 BM), a criação dos <i>meus</i> pais... (JT 001 BM)	65/84	77%	0,81
	Regulares proparoxítonos: esses concursoØ <i>público</i> ... (JT 001 AM)	4/10	40%	0,46
	Regular paroxítono: essas <i>criançaØ</i> a juventude (JT 001 BM)	368/742	49%	0,41
<b>3- Marcas precedentes</b>				
Segunda	Zero formal na primeira posição: doØ <i>meus</i> tioØ... (JT 002 BM)		100%	— —
	Numerais na primeira posição: tem que ser três <i>meze</i> ensaindo... (JT 003 AF)	103/183	56%	0,69
Terceira, quarta etc.	Mistura de marca com marca precedente: com aØ <i>minhaS amigas</i> ... (JT 001 AF), até doØ <i>doze anoØ</i> até (JT 001 AF)	28/64	43%	0,58
	Presença de marcas formais a partir da primeira posição: as primeiras <i>pessoas</i> eles moravam (JT 001 BF)	8/20	40%	0,53
Segunda	Presença do quantificador “vários”: são vários <i>filhoØ</i> ... (JT 002 BM)	4/13	30%	0,44
Terceira, quarta etc.	Mistura de marca sem marca precedente: nas horaØ <i>vagaØ</i> ... (JT 003 BM), esses <i>bairroØ</i> mais... <i>distanteØ</i> ... (JT 001 BF)	3/15	20%	0,43
Segunda	Presença de marca formal na primeira posição: essas <i>coisaØ</i> de (JT 003 BM)	143/410	34%	0,39
<b>4- Contexto Fonético-Fonológico subsequente</b>				

Vogal: as <i>eleição...</i> geral... (JT 003 BM)	147/205	71%	0,63
Pausa: treze irmãoØ... (JT 003 BM)	134/289	46%	0,58
Consoante: as <i>franciscaØ</i> tinha (JT 003 AM)	500/718	69%	0,43

Os resultados da Tabela 29 mostram que as variáveis independentes linguísticas que atuam sobre a variação na *concordância nominal de número* em JT são, necessariamente, as mesmas que atuaram na análise geral e em SPO.

Quanto à variável *posição em relação ao núcleo/núcleo*, selecionada em primeiro lugar, os resultados atestam os já encontrados nas análises anteriores, uma vez que *elementos não nucleares antepostos* favorecem a aplicação da regra (0,88), enquanto *elementos nucleares* e *não nucleares pospostos* a desfavorecem (0,19 e 0,02, respectivamente).

No que diz respeito à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, selecionada em segundo lugar, atestamos também, de maneira geral, os resultados encontrados nas demais análises, pois em JT também elementos cuja quantidade de material fônico na oposição singular/plural é maior são favorecedores da aplicação da regra, enquanto os de material fônico menor são desfavorecedores. As divergências em relação aos resultados já discutidos neste capítulo têm a ver com a hierarquia dos fatores atuantes tanto para os itens considerados mais salientes quanto para os menos salientes. Quanto aos mais salientes, em JT o fator mais atuante são os *itens terminados em -ão* (diferentemente da análise geral e de SPO) e o menos atuante é o *plural duplo* (igual a análise geral e SPO). Em relação aos menos salientes, em comparação à análise geral, temos uma diferença apenas quanto ao fator menos atuante: para JT são os *regulares paroxítonos* e na análise geral são os *regulares proparoxítonos*.

No que se refere à variável *marcas precedentes*, selecionada em quarto lugar, encontramos resultados semelhantes apenas ao da análise geral, uma vez que em SNs de três ou mais elementos os fatores *mistura de marca com marca precedente* e *presença de marcas a partir da primeira posição* favorecem a aplicação da regra (0,58 e 0,53, respectivamente), enquanto o fator *mistura de marca sem marca precedente* a desfavorece (0,43). Resultado que atesta a hipótese levantada por Scherre (1988) de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”. Lembramos que em SPO atestamos em parte isso, pois

nesse município o fator *presença de marcas a partir da primeira posição* desfavorece a aplicação da regra.

Quanto à variável *contexto fonético-fonológico subsequente*, selecionada em sétimo lugar, encontramos resultados semelhantes ao da análise geral e de SPO, uma vez que a *vogal* favorece a aplicação da regra (0,63), enquanto a *pausa* e a *consoante* a desfavorecem (0,58 e 0,43, respectivamente).

Como observamos, as variáveis independentes linguísticas controladas na rodada estatística realizada para o município de JT se mostraram atuantes na aplicação da regra. Apenas as variáveis *posição linear* e *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)* não foram selecionadas.

No que se refere às variáveis independentes extralinguísticas, temos os seguintes resultados:

**Tabela 30-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de JT, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>1- Ocupação</b>			
Média: Comerciante, atendente.	244/343	71%	0,62
Alta: Estudante, auxiliar de contabilidade, vereador.	328/493	66%	0,62
Baixa: Carregador, auxiliar de serviços gerais, aposentado.	209/376	55%	0,24
<b>2- Sexo/gênero</b>			
Mulher	404/ 582	69%	0,59
Homem	377/630	59%	0,41
<b>3- Mobilidade</b>			
Informação não evidente	111/200	55%	0,70
Pouca	144/214	67%	0,69
Média	93/140	66%	0,62
Muita	433/658	65%	0,34
<b>4- Idade</b>			
36 a 55 anos	301/434	69%	0,67
18 a 35 anos	324/485	66%	0,42
mais de 56	156/293	53%	0,36

Na Tabela 30, percebemos que a maioria das variáveis independentes extralinguísticas controladas nesta pesquisa se mostra relevante para entendermos o funcionamento do fenômeno em estudo.

As que foram selecionadas para o município de Jutai são quase as mesmas que foram selecionadas em SPO. Lembramos que na análise geral, todas foram selecionadas.

No que se refere à variável *ocupação*, selecionada em terceiro lugar, encontramos resultados semelhantes ao da análise geral, uma vez que são os informantes cuja ocupação no mercado de trabalho é considerada de cotação *alta* ou *média* que favorecem a aplicação da regra (0,62, ambas), enquanto os de cotação *baixa* a desfavorece (0,24).

No que diz respeito à variável *sexo/gênero*, selecionada em quinto lugar, os resultados de JT são os mesmos encontrados na análise geral, tendo em vista que são as mulheres que tendem ao uso da variante de prestígio (0,59), enquanto os homens não (0,41). Em SPO essa variável não foi selecionada.

Quanto à variável *mobilidade*, selecionada em sexto lugar, encontramos resultados semelhantes ao da análise geral, uma vez que são os informantes considerados de *pouca mobilidade* que tendem ao favorecimento da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,69), variante mais utilizada nessa localidade. Também os informantes de *média mobilidade* tendem a aplicação da regra (0,62), porém os de *muita* não (0,34), mostrando, assim, sujeitos a influências externas que, provavelmente, podem ser das comunidades ribeirinhas que pertencem à cidade de Jutai.

No que diz respeito à variável *idade*, selecionada em último lugar, verificamos resultado divergente da análise geral. Encontramos um padrão curvilinear indicando uma variação sociolinguística estável, pois em JT os informantes da segunda faixa etária (36 a 55 anos) favorecem a aplicação da regra, enquanto os de primeira (18 a 35 anos) e terceira (mais de 56 anos) a desfavorecem (0, 42 e 0,36, respectivamente). Em SPO essa variável não foi selecionada.

Como observamos, fatores sociais se mostram importantes no município de JT no fenômeno em estudo, tanto os que se referem a uma análise micro quanto os que se referem a uma análise macro. Das variáveis controladas, apenas *localismo* e *escolaridade* não se mostraram relevantes. Mais uma vez, nos chama atenção a variável *escolaridade* não ter sido selecionada já que ela tem se mostrado importante na atuação desse fenômeno em estudos sobre a *concordância nominal de número* em outras cidades no Brasil. Em SPO, como vimos, ela também não foi selecionada.

### 3.2.3 Santo Antônio do Içá

A partir dos SNs coletados das entrevistas da cidade de Santo Antônio do Içá foram analisados 1.520 dados. Desses dados, o resultado geral da análise evidenciou 895 da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 58% dos dados, e 625 da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo 42% dos dados. Dentre os municípios investigados foi selecionado em terceiro lugar quanto ao uso da aplicação da regra (0,51).

Quanto à análise estatística dos fatores que podem estar condicionando ou não a variação nessa cidade, considerando a rodada sem a variável *classe gramatical*, assim como feito na análise geral, as seguintes variáveis mostraram atuar sobre a aplicação da regra, por ordem de seleção: *posição linear, mobilidade, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, posição em relação ao núcleo/núcleo, idade, localismo, marcas precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente, ocupação.*

No que se refere às variáveis independentes linguísticas, encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 31-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de STO, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes

Fatores		Aplicação/ Total	%	P.R
<b>1- Posição Linear</b>				
Primeira posição: e <i>as música</i> ∅? (STO 002 AF)		590/610	96%	0,87
Segunda posição: as <i>menina</i> ∅... (STO 001 AF)		274/813	33%	0,22
Demais: meus outros mais <i>novos</i> que moram (STO 001 BF)		2/10	20%	0,22
Terceira posição: a∅ <i>minhas irmã</i> ∅ foi... (STO 001 AF)		29/88	32%	0,19
<b>2- Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</b>				
+ saliente	Plural dos itens terminados em –s com inserção de –e ou –es: ele ‘tá uns quatro <i>meses</i> por aí... (STO 001 AF)	21/24	87%	0,95
	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em –l, podendo ou não haver inserção de –s: com cem	14/17	82%	0,94

	<i>reais a gente vai até</i> (STO 001 AF)			
	Plural nos itens terminados em -r, com inserção de -e ou -es: quatro <i>mulherØ</i> e (STO 001 BM)	17/21	80%	0,90
	Plural nos itens terminados em -ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do -s: as <i>apresentaçõe...</i> mas não sei (STO 001 BF)	12/15	80%	0,88
	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de -s: meus outros mais <i>novos</i> que moram aqui (STO 001 BF), os <i>poços...</i> (STO 003 BM)	3/4	75%	0,75
- saliente	Regular paroxítono: os <i>trabalhoØ</i> também (STO 001 BM)	402/935	43%	0,46
	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: pegar aqueles tracajáØ (STO 001 AM), ajudar <i>meus paiØ...</i> (STO 002 AF)	68/117	58%	0,43
	Regulares proparoxítonos: os <i>católicoØ...</i> (STO 002 BF)	1/13	7%	0,04

### 3- Posição em relação ao núcleo/núcleo

	Elementos não nucleares antepostos: vendia <i>as coisaØ né?</i> (STO 001 BF)	601/626	96%	0,79
	Elementos não nucleares pospostos: algumas peças <i>novas...</i> (STO 001 BF)	11/33	33%	0,37
	Elementos nucleares: os <i>trabalhoØ</i> também (STO 001 BM)	283/862	32%	0,27

### 4- Marcas precedentes

Segunda	Zero formal na primeira posição: aØ <i>minhas peças e...</i> (STO 001 BF)	16/17	94%	0,93
Terceira, quarta etc.	Mistura de marca com marca precedente: aí oØ <i>meus pais...</i> (STO 001 BM)	20/59	33%	0,63
Segunda	Numerais na primeira posição: quatro <i>anoØ...</i> (STO 002 AF)	86/239	35%	0,57
	Presença de marca formal na primeira posição: os <i>artigos...</i> (STO 001 BF)			0,45
	Presença do quantificador “vários”: vários <i>melancieiroØ...</i> (STO 002 BM)	4/14	28%	0,40
Terceira,	Presença de marcas formais a partir	9/21	42%	0,37

quarta etc.	da primeira posição: algumas peças <i>novas...</i> (STO 001 BF)			
	Mistura de marca sem marca precedente: comprar as galinhaØ <i>caipira</i> Ø né... (STO 001 AF)	2/18	11%	0,15
<b>5- Contexto Fonético-Fonológico subsequente</b>				
Pausa: onze <i>horas...</i> (STO 001 AF)		143/379	37%	0,59
Vogal: agora <i>as</i> outra minha irmã não... (STO 001 AF)		150/229	65%	0,49
Consoante: aØ <i>minhas</i> peças e... (STO 001 BF)		602/913	65%	0,46

Como observamos, os resultados das variáveis independentes linguísticas selecionadas no município de STO são semelhantes aos resultados encontrados na análise geral, assim como os encontrados para SPO e JT.

Quanto à variável *posição linear*, selecionada em primeiro lugar, verificamos que elementos que ocupam a primeira posição no SN tendem a favorecer o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,87), enquanto os que ocupam a segunda (0,22), terceira (0,19) e demais posições (0,22) a desfavorecem. Lembramos que olhar essa variável de maneira isolada não explica muito sua atuação sobre o fenômeno em estudo. Não importa só a posição ocupada no SN, mas a *posição em relação ao núcleo*: se antepostos ou pospostos a ele. E como vimos, para a variável *posição em relação ao núcleo/núcleo*, selecionada em quarto lugar, em STO *elementos não nucleares antepostos ao núcleo* favorecem a aplicação da regra (0,79), enquanto os *não nucleares pospostos* e o *núcleo* a desfavorecem (0,37 e 0,27, respectivamente).

No que se refere à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, observamos que assim como na análise geral, na análise de SPO e JT também itens cuja oposição singular/plural apresenta uma maior quantidade de material fônico favorecem a aplicação da regra, enquanto os que apresentam menor quantidade a desfavorecem. Os resultados divergem dos já discutidos no que se refere à hierarquia dos fatores atuantes. Para STO, como fator mais atuante, dentre os mais salientes, temos os *itens terminados em -s* (0,96), em seguida: *itens terminados em -l* (0,95), *itens terminados em -r* (0,92), *itens terminados em -ão* (0,89), *plural duplo* (0,75). Dentre os menos salientes, diferentemente da análise geral e de SPO que apresentam a seguinte hierarquia: *nomes regulares oxítonos* e *monossílabos tônicos* favorecendo a aplicação da regra e

*regulares paroxítonos* e *regulares proparoxítonos* desfavorecendo, para STO encontramos os *regulares paroxítonos*, *regulares oxítonos* e *monossílabos tônicos* e *regulares proparoxítonos* desfavorecendo (0,46, 0,43 e 0,04, respectivamente). Difere também de JT que apresenta a seguinte hierarquia de fatores atuantes: *nomes regulares oxítonos* e *monossílabos tônicos*, *regulares proparoxítonos* e *regulares paroxítonos*.

No que diz respeito à variável *marcas precedentes*, selecionada em sétimo lugar, encontramos alguns resultados que convergem para os da análise geral, os de SPO e os de JT no que se refere a SNs de três elementos, pois também temos o fator *mistura de marca com marca precedente* favorecendo a aplicação da regra e o fator *mistura de marca sem marca precedente* desfavorecendo. No entanto, há divergência quanto aos resultados já discutidos para essa variável quanto ao SN de três elementos cujo fator é *presença de marcas formais a partir da primeira posição*, pois enquanto nas outras análises era um fator favorecedor da aplicação da regra, para STO não é.

Quanto à variável *contexto fonético-fonológico* subsequente, os resultados de STO divergem dos da análise geral, dos de SPO e dos de JT, pois agora encontramos a *pausa* como um fator favorecedor da aplicação da regra (0,59), enquanto a *vogal* (0,49) e a *consoante* (0,46) como fatores desfavorecedores. Resultados que convergem para os de outros trabalhos realizados sobre o PB, como os de Scherre (1988), Fernandes (1996) e Lopes (2001). Ainda, nesse município encontramos uma hierarquia diferente quanto aos dados percentuais e aos pesos relativos. Isso também pode ser explicado em função das características fonético-articulatórias das consoantes.

Como vimos, a maioria das variáveis independentes linguísticas atuou de maneira significativa sobre o fenômeno em estudo em STO, assim como foi na análise geral, em SPO e JT. Apenas a variável *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)* não foi selecionada, assim como em SPO.

No que se refere às variáveis independentes extralinguísticas, encontramos os seguintes resultados:

**Tabela 32-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de STO, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
1- Mobilidade			

Pouca	183/226	80%	0,95
Informação não evidente	297/479	62%	0,44
Média	152/324	46%	0,45
Muita	263/492	53%	0,29
<b>2- Idade</b>			
mais de 56	383/595	64%	0,73
18 a 35 anos	231/403	57%	0,41
36 a 55 anos	281/523	53%	0,28
<b>3- Localismo</b>			
Bem integrado	650/1130	57%	0,59
Pouco integrado	84/134	62%	0,26
Mais ou menos integrado	161/257	62%	0,24
<b>4- Ocupação</b>			
Alta: professor aposentado, funcionário público, gestor.	249/398	62%	0,64
Média: autônomo.	166/263	63%	0,50
Baixa: carregador, dona de casa, pedreiro, agricultor.	480/860	55%	0,43

Na Tabela 32, verificamos que a maioria das variáveis extralinguísticas controladas foi significativa para o fenômeno em estudo em STO, principalmente aqueles que levam em consideração características mais peculiares dos indivíduos, assim como foi na análise de SPO e JT.

No que se refere à variável *mobilidade*, selecionada em segundo lugar, os resultados convergem para o da análise geral e o de JT, já que observamos os informantes de *pouca mobilidade* favorecendo o uso da variante utilizada com mais frequência na localidade, a “presença de marcas formais/informais de plural” (0,95), enquanto os de *média* (0,45) e *muita* (0,29) a desfavorecem. Lembramos mais uma vez que os informantes que se afastaram de sua cidade por mais de dois anos são aqueles que também moraram em comunidades ribeirinhas, talvez por isso tendam ao uso da variante utilizada com maior frequência nessas áreas.

No que se refere à variável *idade*, selecionada em quinto lugar, observamos um padrão diferente do que encontramos na análise geral e semelhante ao de JT. Enquanto na microrregião do alto Solimões encontramos um padrão linear indicando uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural”, na cidade de STO encontramos um padrão

curvilínea indicando uma variação sociolinguística estável: os mais velhos (mais de 56 anos) favorecem a aplicação da regra (0,73), enquanto os informantes de 18 a 35 anos e 36 a 55 anos a desfavorecem (0,41 e 0,28, respectivamente). Lembramos que para SPO essa variável não foi selecionada.

No que diz respeito à variável *localismo*, selecionada em sexto lugar, os resultados de STO convergem para os da análise geral, pois também encontramos os informantes considerados *bem integrados* à cidade como favorecedores da aplicação da regra (0,59), valorizando, assim, a variante linguística utilizada com mais frequência na localidade, enquanto os considerados *pouco* e *mais ou menos integrados* como desfavorecedores (0,26 e 0,24, respectivamente). Para SPO essa variável não foi selecionada. E em JT houve *knock-out*, tendo em vista que 100% dos informantes se mostraram *bem integrados* à localidade a que pertencem.

No que tange à variável *ocupação*, selecionada em último lugar, nossos resultados convergem para os da análise geral e de JT, uma vez que também atestamos informantes cuja ocupação é considerada de cotação *alta* ou *média*, favorecendo o uso da variante de prestígio (0,64 e 0,50, respectivamente), enquanto os que são considerados de cotação *baixa* desfavorecendo (0,46). Para SPO encontramos os de cotação *baixa*, por sua vez, favorecendo a variante de prestígio e os de *média* desfavorecendo.

Para STO, como observamos, das variáveis independentes extralinguísticas controladas apenas as variáveis *sexo/gênero* e *escolaridade* não foram selecionadas como estatisticamente relevantes. Chama atenção o fato de a variável *escolaridade* não ter sido selecionada, já que ela tem se mostrado uma variável social importante para entendermos a variação na *concordância nominal de número*. Os resultados das variáveis selecionadas assemelham-se, em grande medida, aos discutidos na análise geral e na análise de SPO.

### 3.2.4 Fonte Boa

A partir dos SNs coletados das entrevistas da cidade de Fonte Boa foram analisados 1.356 dados. Dessas ocorrências, o resultado geral da análise evidenciou 754 da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 55% dos dados, e 602 da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 45% dos dados. Dentre os municípios investigados

apresentou um desfavorecimento quanto ao uso da aplicação da regra (0,42), sendo selecionada em quarto lugar.

Quanto à análise estatística dos fatores que podem estar condicionando ou não a variação nessa cidade, considerando a rodada sem a variável *classe gramatical*, assim como foi feito na análise geral, e também sem as variáveis *mobilidade*, *ocupação* e *localismo*, as seguintes variáveis mostraram atuar sobre a aplicação da regra, por ordem de seleção: *posição em relação ao núcleo/núcleo*, *marcas precedentes*, *escolaridade*, *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, *sexo/gênero* e *contexto fonético-fonológico subsequente*. Foi necessário retirar a variável *mobilidade* por parecer sobrepor-se à variável *escolaridade*, já que a inserção dela na rodada provocava a inversão dos pesos relativos da variável *escolaridade*. Também foi necessário retirar da rodada a *ocupação* por parecer sobrepor-se à variável *idade*, pois também provocava inversão dos valores dessa última variável. Quanto à variável *localismo*, houve *knock-out*, uma vez que 100% dos informantes se mostraram *bem integrados* à localidade a que pertencem, assim como aconteceu em JT.

No que se refere às variáveis independentes linguísticas, temos os seguintes resultados:

**Tabela 33-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de FB, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes

Fatores		Aplicação/ Total	%	P.R
<b>1- Posição em relação ao núcleo/núcleo</b>				
Elementos não nucleares antepostos: <i>os irmãoØ...</i> (FB 001 AF)		530/557	95%	0,88
Elementos não nucleares pospostos: <i>aqueles botoØ vermelhoØ...</i> (FB 001 AM)		12/39	30%	0,39
Elementos nucleares: <i>as escolaØ...</i> (FTB 001 AM)		212/761	27%	0,18
<b>2- Marcas precedentes</b>				
Segunda	Zero formal na primeira posição: <i>proØ nossos filhoØ né?</i> (FB 002 BF)	29/29	100 %	----- -
Terceira, quarta etc.	Presença de marcas formais a partir da primeira posição: <i>as primeiras casaØ</i> daqui de Fonte Boa (FB 002 BF)	11/20	55%	0,71
Segunda	Numerais na primeira posição:	88/239	36%	0,64

	uns quinze <i>anoØ</i> daí eu fui (FB 001 AM)			
Segunda	Presença do quantificador “vários”: vários <i>assaltoØ</i> né? (FB 002 BF)	4/8	50%	0,63
Terceira, quarta etc.	Mistura de marca com marca precedente: praØ outras <i>pessoaØ</i> que (FB 003 AM)	18/77	23%	0,43
Segunda	Presença de marca formal na primeira posição: daquelaS <i>árvore...</i> (FTB 003 BF)	104/439	23%	0,44
Terceira, quarta etc.	Mistura de marca sem marca precedente: uns bichinhoØ <i>pretoØ...</i> (FTB 003 BF).	2/23	8%	0,10
<b>3- Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</b>				
+ saliente	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em -l, podendo ou não haver inserção de -s: chegou a cinco <i>reais</i> né? (FB 002 BF)	10/12	83%	0,92
	Plural dos itens terminados em -s com inserção de -e ou -es: nove <i>mêsØ...</i> (FB 003 BF)	12/15	80%	0,92
	Plural nos itens terminados em -r, com inserção de -e ou -es: três <i>mulherØ...</i> (FB 001 AM)	12/18	66%	0,81
	Plural nos itens terminados em -ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do -s: as quatro operações de conta (FB 003 BF)	7/13	53%	0,80
	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de -s: nesses <i>postoØ...</i> (FBT 003 AF)	3/6	50%	0,71
- saliente	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: os <i>açaíØ</i> tinham apanhado (FB 003 AF), <i>meus</i> avós aí... (FB 002 BF)	93/133	69%	0,60
	Regular paroxítono: que os <i>barcoØ</i> passa por aqui (FB 003 AM)	340/851	39%	0,45

	Regulares proparoxítonos: os <i>médico</i> ∅ entram no mato (003 AF)	4/14	28%	0,31
<b>4- Contexto Fonético-Fonológico subsequente</b>				
	Vogal: os <i>filho</i> ∅ agora... o pai fala (FB 001 AF)	131/201	65%	0,61
	Pausa: as <i>coisa</i> ∅... (FB 001 AF)	111/355	31%	0,56
	Consoante: meus <i>pai</i> ∅... (FB 003 AM)	512/801	63%	0,44

Como verificamos na Tabela 33, os resultados das variáveis independentes linguísticas selecionadas são semelhantes aos encontrados na análise geral e nas análises de SPO, STO e JT.

Quanto à variável *posição em relação ao núcleo/núcleo*, selecionada em primeiro lugar, atestamos, mais uma vez, os resultados já discutidos neste capítulo, tendo em vista que também em FB os *elementos não nucleares antepostos ao núcleo* favorecem a aplicação da regra (0,88), enquanto os *elementos não nucleares pospostos* e o *núcleo* a desfavorecem (0,39 e 0,18, respectivamente).

Quanto à variável *marcas precedentes*, selecionada em segundo lugar, observamos que dentre os SNs com três ou mais elementos somente o fator *presença de marca formal a partir da primeira posição* favorece a aplicação da regra (0,71), enquanto os fatores *mistura de marca com marca precedente* (0,43) e *mistura de marca sem marca precedente* (0,10) a desfavorecem. Esses resultados divergem em parte das análises aqui já discutidas.

Quanto à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, selecionada em quarto lugar, atestamos também os resultados encontrados, de maneira geral, nas outras análises discutidas neste capítulo (geral, SPO, STO e JT), uma vez que itens com formação de plural irregular favorecem a aplicação da regra, enquanto os de formação regular a desfavorecem. Mais uma vez, o que diverge dos resultados já discutidos tem a ver com a hierarquia de atuação dos fatores tanto para os itens considerados mais salientes quanto para os menos salientes. Quanto aos mais salientes, o fator mais atuante corresponde ao da análise geral, pois são os *itens terminados em -l* que mais favorecem a aplicação da regra, diferentemente do resultado de SPO, STO, TNT e JT. Em FB, o *plural duplo* continua sendo o menos favorecedor da aplicação da regra, igual a maioria dos resultados aqui discutidos (análise geral, SPO, STO e JT). Quanto aos menos salientes, temos uma hierarquia igual ao da análise geral e de SPO

(regular oxítono e monossílabo tônico, regular paroxítono e regular proparoxítono) e divergente das demais análises.

Quanto à variável *contexto fonético-fonológico subsequente*, selecionada em último lugar, encontramos para FB resultados semelhantes ao da maioria dos aqui já discutidos, pois observamos a *vogal* e a *pausa* favorecendo a aplicação da regra (0,61 e 0,56, respectivamente) e a *consoante* desfavorecendo (0,44).

Como vimos, variáveis independentes linguísticas se mostram importantes para entender o funcionamento da regra de *concordância nominal de número* no município de FB, assim como se mostraram relevantes na microrregião, em SPO, em STO e em JT.

No que se refere às variáveis independentes extralinguísticas, temos os seguintes resultados:

**Tabela 34-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de FB, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes

<b>Fatores</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R.</b>
<b>1- Escolaridade</b>			
9 a 11 anos	428/681	62%	0,66
4 a 8 anos	326/676	48%	0,33
<b>2- Sexo/gênero</b>			
Homem	238/412	57%	0,64
Mulher	516/945	54%	0,43

Em relação às variáveis independentes extralinguísticas foram levadas em consideração na rodada apenas *idade*, *sexo/gênero* e *escolaridade*. Dentre essas, apenas a *idade* não foi selecionada.

Quanto à *escolaridade*, selecionada em terceiro lugar, atestamos que informantes com maior tempo de exposição à escola tendem ao uso da variante de prestígio (0,66), “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto os informantes expostos por menos tempo tendem a não usá-la (0,33). Ressaltamos que quando se colocava a variável *mobilidade* na rodada estatística acontecia inversão dos valores em peso relativo da *escolaridade*, mostrando os informantes menos escolarizados como favorecedores da regra, enquanto os mais escolarizados como mais favorecedores.

Quanto ao *sexo/gênero*, selecionada em quinto lugar, observamos que em FB são os homens (0,64) que favorecem o uso da variante de prestígio em relação às mulheres (0,43). Resultado que diverge dos

resultados em que essa variável foi selecionada (análise geral e JT), mas converge para os resultados encontrados na pesquisa de R. Carvalho (1997) realizada com informantes de Rio Branco (AC), na pesquisa de Baxter (2009) realizada com informantes de Helvécia (BA) e na pesquisa de Silva (2011) realizada com informantes da cidade de Vitória (ES). Para os dois primeiros autores, esse resultado é explicado em função do efeito da *ocupação* dos informantes, pois os homens de sua pesquisa apresentavam um maior grau de integração social, sendo mais expostos, assim, a variantes de prestígio social do que as mulheres. A fim de atestarmos ou não essa explicação, resolvemos também correlacionar a variável *sexo/gênero* à variável *ocupação*, como segue na Tabela 35:

**Tabela 35-** Frequência da variante “presença de marcas formais/informais de plural” em FB, segundo as variáveis *sexo/gênero* e *ocupação*

<b>Sexo/Ocupação</b>	<b>Alta</b>	<b>Média</b>	<b>Baixa</b>
Homem	89%	47%	----
Mulher	58%	----	55%

Em FB, observamos que os homens são mais sensíveis à variável *ocupação*, assim como foi constatado por Scherre (1988) ao fazer essa correlação. Confirmamos, assim, também a explicação dada por R. Carvalho (1997) e Baxter (2009) de que talvez os homens por ocuparem cargos de maior integração social tendam ao uso de variantes de prestígio. Nos nossos resultados, dos 4 informantes homens entrevistados em FB, 3 correspondiam ao que consideramos de cotação *média* (motoqueiro, comerciante e fazendeiro) e 1 de cotação *alta* (funcionário público da saúde). Das 6 informantes mulheres entrevistadas, 2 apenas eram de cotação *alta* (agente de saúde e professora aposentada) e as demais de cotação *baixa* (dona de casa, manicure, cozinheira e aposentada).

Como verificamos na análise das variáveis independentes extralinguísticas, as variáveis sociais clássicas *escolaridade* e *sexo/gênero* se mostraram relevantes para entendermos a regra de *concordância nominal de número* no município de FB.

### 3.2.5 Tonantins

A partir dos SNs coletados das entrevistas da cidade de Tonantins foram analisados 1.273 dados. Desses dados, o resultado geral da análise

evidenciou 643 da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 50% dos dados, e 630 da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 50% dos dados. Dentre os municípios investigados foi o que se mostrou menos favorecedor do uso da aplicação da regra, sendo selecionado em último lugar (0,41).

Quanto à análise estatística dos fatores que podem estar condicionando ou não a variação nessa cidade, considerando a rodada sem a variável *classe gramatical*, assim como feito na análise geral, as seguintes variáveis mostraram atuar sobre a aplicação da regra, por ordem de seleção: *posição em relação ao núcleo/núcleo, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, ocupação, marcas precedentes, localismo, mobilidade, idade e sexo/gênero*.

No que se refere às variáveis independentes linguísticas selecionadas, encontramos os resultados seguintes:

**Tabela 36-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de TNT, segundo as variáveis independentes linguísticas atuantes

Fatores		Aplicação/ Total	%	P.R
<b>1- Posição em relação ao núcleo/núcleo</b>				
Elementos não nucleares antepostos: ouvir <i>as</i> palavraØ de Deus (TNT 001 BM)		473/493	95%	0,94
Elementos nucleares: os <i>pai</i> Ø dele levava ele (TNT 001 AF)		166/760	21%	0,14
Elementos não nucleares pospostos: hospitais <i>lotado</i> Ø (TNT 001 BM)		4/21	19%	0,14
<b>2- Processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais</b>				
+ Saliente	Plural duplo com alternância vocálica podendo ou não haver inserção de –s: meus <i>avós</i> ... contavam (TNT 003 AF), esses <i>novos</i> ele têm uma cautela (TNT 001 AF)	5/6	83%	0,98
	Plural com alternância vocálica nos itens terminados em –l, podendo	13/18	72%	0,91

	ou não haver inserção de –s: três <i>policia</i> Ø... (TNT 001 BF)			
	Plural nos itens terminados em –ão, que ao realizarem plural, sofrem alteração silábica quando a inserção do –s: da mão dos <i>ladrão</i> Ø né? (TNT 001 BF)	½	50%	0,89
	Plural nos itens terminados em –r, com inserção de –e ou –es: com os outroØ <i>moradore</i> Ø daqui (TNT 002 AM)	17/29	58%	0,86
	Plural dos itens terminados em –s com inserção de –e ou –es: seis <i>mês</i> Ø... (TNT 002 AM)	6/19	31%	0,51
- Saliente	Regulares proparoxítonos: os <i>católico</i> Ø não (TNT 002 AM)	4/13	30%	0,69
	Nomes regulares oxítonos e monossílabos tônicos: os <i>pajé</i> Ø... (TNT 003 BM), que foram <i>meus</i> professores eu... (TNT 002 BM)	326/373	87%	0,57
	Regular paroxítono: fazendo as <i>coisas</i> pra eles (TNT 002 BF)	271/814	33%	0,44
<b>Posição</b>	<b>3- Marcas precedentes</b>			
Segunda	Zero formal na primeira posição: doØ <i>meus</i> colegaØ quando (TNT 001 BM)	----	100%	-----
	Numerais na primeira posição: vinte <i>anos</i> ... (TNT 002 AM)	81/283	28%	0,63
Terceira, quarta, etc.	Mistura de marca com marca precedente: doØ <i>meus</i> colegaØ quando (TNT 001 BM)	7/42	16%	0,53
Segunda	Presença de marca formal na primeira posição: aquelas <i>rodinha</i> Ø de (TNT 002 AF)	87/423	20%	0,43

Terceira, quarta, etc.	Presença de marcas formais a partir da primeira posição: as outras <i>árvores</i> embaixo (TNT 001 AF)	3/16	18%	0,35
Segunda	Presença do quantificados “vários”:	2/14	14%	0,27
Terceira, quarta, etc.	Mistura de marca sem marca precedente: botam as criançaØ <i>internada</i> Ø... (TNT 001 BF)	2/19	10%	0,26

Os resultados expostos na Tabela 36 revelam semelhanças com respeito aos resultados encontrados na análise geral, em SPO, em JT, em STO e em FB. Comparando esses resultados às quatro cidades já analisadas isoladamente, observamos que para TNT foi um número menor de variáveis independentes linguísticas que atuaram sobre o fenômeno (apenas três das variáveis controladas).

No que se refere à variável *posição em relação ao núcleo/núcleo*, selecionada em primeiro lugar, nossos resultados convergem para os das análises já discutidas neste capítulo (geral, SPO, JT, STO e FB), tendo em vista que observamos os *elementos não nucleares antepostos* favorecendo a aplicação da regra (0,94), enquanto observamos os *elementos nucleares e não nucleares pospostos* desfavorecendo (0,14 para ambos).

No que tange à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, selecionada em segundo lugar, encontramos resultados que, de maneira geral, convergem para os resultados já discutidos neste capítulo (geral, SPO, JT, STO e FB), já que em TNT também itens com formação de plural irregular favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto os de formação regular desfavorecem. Encontramos divergências em relação à hierarquia dos fatores tanto para os considerados mais salientes quanto para os considerados menos salientes. Para os mais salientes, em TNT o fator mais favorecedor é o *plural duplo* que foi o fator menos atuante na análise geral, em SPO, em JT, em STO e em FB. Para os menos salientes, observamos para TNT os *regulares proparoxítonos* favorecendo (0,72), enquanto os *regulares oxítonos e monossílabos tônicos* e *regulares paroxítonos* e desfavorecendo (0,57 e 0,44, respectivamente), hierarquia divergente das demais análises.

Quanto à variável *marcas precedentes*, selecionada em quarto lugar, os resultados encontrados são semelhantes, principalmente, aos de STO, uma vez que em SNs de três ou mais elementos encontramos o fator *mistura de marca com marca precedente* favorecendo a aplicação da regra (0,53) e os fatores *mistura de marca sem marca precedente* e *presença de marcas formais a partir de primeira posição* desfavorecendo (0,26 e 0,35, respectivamente). Atestamos, enfim, em parte a hipótese levantada por Scherre (1988) de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”.

A análise das variáveis independentes linguísticas em TNT mostra que elas são importantes para o fenômeno em estudo. Das controladas não se mostraram significativas *posição linear*, *contexto fonético-fonológico subsequente* e *características dos itens lexicais (substantivos e adjetivos)*.

No que se refere às variáveis independentes extralinguísticas, nossos resultados foram os seguintes:

**Tabela 37-** Frequência e probabilidade da variante “presença de marcas formais/informais de plural” no município de TNT, segundo as variáveis independentes extralinguísticas atuantes

Fatores	Aplicação/ Total	%	P.R.
<b>1- Ocupação</b>			
Média: Comerciante.	61/87	70%	0,88
Baixa: Agricultor, dona de casa, auxiliar de serviços gerais, pescador.	329/698	47%	0,46
Alta: Professor, professor aposentado.	253/489	51%	0,45
<b>2- Localismo</b>			
Pouco integrado	102/178	57%	0,76
Bem integrado	268/538	49%	0,46
Mais ou menos integrado	273/558	48%	0,44
<b>3- Mobilidade</b>			
Pouca	-----		
Informação não evidente	110/199	55%	0,81
Muita	485/981	49%	0,45
Média	48/94	51%	0,25
<b>4- Idade</b>			
36 a 55 anos	234/437	53%	0,61
18 a 35 anos	169/327	51%	0,49
mais de 56	239/509	46%	0,40
<b>5- Sexo/gênero</b>			
Mulher	347/687	50%	0,59

Homem	296/587	50%	0,42
-------	---------	-----	------

Os resultados expostos na Tabela 37 mostram que a maioria das variáveis independentes extralinguísticas controladas foi relevante para atuação do fenômeno em estudo.

Quanto à variável *ocupação*, selecionada em terceiro lugar, os resultados divergem dos já discutidos neste capítulo, pois em TNT a ocupação cuja cotação é *alta* não favoreceu a aplicação da regra (0,45) o que não era esperado. A ocupação que favoreceu foi a de cotação *média* (0,88). Chama a atenção que os informantes considerados de profissões de cotação *alta* eram professores ativos e/ou aposentados (dois informantes). Talvez esse resultado seja explicado pela atuação de outras variáveis sociais como *sexo/gênero* e *idade*: um homem de 36 a 55 anos (professor do primeiro ao quinto ano) e uma mulher com mais de 56 anos (professora aposentada).

No que diz respeito à variável *localismo*, selecionada em quinto lugar, nossos resultados convergem para os resultados da análise geral e de STO. Em SPO essa variável não foi selecionada e em FB e em JT houve *knock-out* já que 100% dos moradores consideravam-se *bem integrados*. Observamos que informantes considerados *pouco integrados* (apenas dois) à localidade em que residem tendem a não usar a variante utilizada com mais frequência nessa localidade, a “ausência de marcas formais/informais de plural” (P.R 0,41). Ressalta-se que os valores externos a essa localidade talvez sejam a variante “presença de marcas formais/informais de plural”: uma das informantes manifesta a vontade de morar em Manaus e outro de morar em Tabatinga (cidade que pode ser considerada mais desenvolvida da microrregião do alto Solimões, uma vez que oferece cursos técnicos e de nível superior). Os informantes considerados *bem integrados*, por sua vez, favorecem o uso da variante linguística utilizada na localidade. Lembramos que das localidades investigadas, TNT é a que apresenta a frequência mais baixa do uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (50%;).

No que se refere à variável *mobilidade*, selecionada em sexto lugar, encontramos resultados parecidos com os discutidos neste capítulo. Verificamos os informantes de *média* e *muita* mobilidade desfavorecendo a aplicação da regra. Ressaltamos, mais uma vez, que a maioria desses informantes morou algum tempo nas comunidades ribeirinhas pertencentes à cidade de TNT e, talvez, a variante “ausência

de marcas formais/informais de plural” é a variante que caracteriza essas áreas que são consideradas menos urbanas.

Quanto à variável *idade*, selecionada em sétimo lugar, constatamos o mesmo padrão curvilíneo encontrado em STO e em JT, mas com diferenças nas faixas etárias que favorecem a aplicação da regra. Em TNT, temos os de faixa intermediária (36 a 55 anos) favorecendo a aplicação da regra (0,61) e os de primeira e segunda faixa etária desfavorecendo (0,49 e 0,40, respectivamente). Ressaltamos que em FB e SP essa variável não foi selecionada.

No que tange ao *sexo/gênero*, variável selecionada em último lugar, observamos, conforme foi encontrado nas análises geral e de JT, a tendência das mulheres a utilizarem a variante de prestígio (0,59), enquanto os homens a não utilizarem (0,42). Em SPO e STO essa variável não foi selecionada. E em FB são os homens que favorecem a aplicação da regra.

A análise das variáveis independentes extralinguísticas em TNT mostrou que elas são importantes para entender o funcionamento do fenômeno em estudo. O que nos chama a atenção é que a variável *escolaridade* também não foi selecionada, assim como em SPO, JT e STO, variável que tem se mostrado uma das mais importantes nos estudos sobre a variação da *concordância nominal de número* no PB.

### 3.2.6 Reflexões sobre os resultados da análise da *concordância nominal de número* por localidade

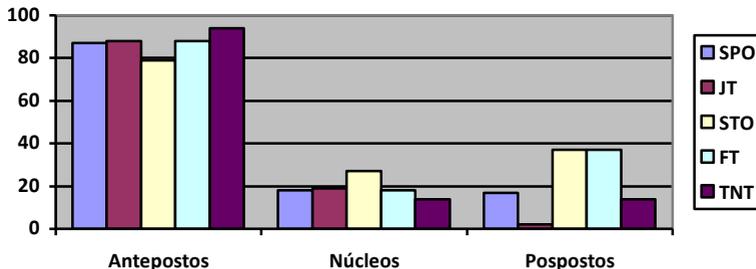
Como observamos no Capítulo 1 ao tratarmos do conceito de comunidade de fala, para Guy (2000) uma das implicações desse modelo tem a ver com os graus de semelhanças e diferenças linguísticas que envolvem o uso de traços linguísticos pelos membros da comunidade, bem como “distribuições concentradas, cruzadas ou sobrepostas de traços linguísticos compartilhados por falantes” (p. 21). Dessa forma, uma das preocupações dos sociolinguistas é entender como os efeitos variáveis se encaixam nesse processo, bem como discernir padrões significativos e interpretáveis dos pesos relativos dos fatores para diferentes restrições em processos variáveis.

A respeito da análise da variação na *concordância nominal de número* em cada localidade investigada na nossa amostra, os resultados nos revelam que elas compartilham alguns efeitos restritivos, principalmente no que diz respeito à seleção de variáveis independentes linguísticas, mas acabam se diferenciando quanto à seleção, em parte, de variáveis independentes extralinguísticas.

No que se refere às variáveis independentes linguísticas, observamos que as cinco localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões selecionam como atuantes sobre o fenômeno em estudo as variáveis *posição em relação ao núcleo/núcleo*, *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais e marcas precedentes*.

A variável *posição em relação ao núcleo/núcleo* apresenta o mesmo efeito restritivo nas cinco localidades, assim como apresentou em outras regiões do Brasil em que essa variável foi controlada. Observamos que a regra de funcionamento da *concordância nominal de número* é condicionada da seguinte forma por essa variável: *elementos não nucleares antepostos ao núcleo* favorecem a aplicação da regra, enquanto *núcleos e elementos não nucleares pospostos* a desfavorecem. Essa variável foi selecionada em primeiro lugar em quatro das cinco localidades investigadas (SPO, TNT, JT e FB). No Gráfico 2, a seguir, podemos comparar, de maneira geral, essa tendência.

**Gráfico 2-** Efeito da variável *posição em relação ao núcleo/ núcleo* em SPO, JT, STO, FB e TNT

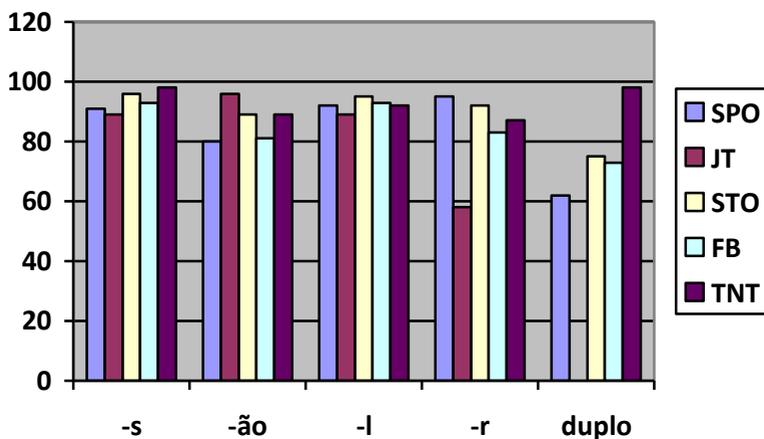


Observamos ainda que as cidades de STO e FB diferenciam-se das demais (SPO, JT e TN) por apresentarem o fator *elementos não nucleares pospostos* com pesos relativos maiores em relação ao *núcleo*. Lembramos que isso pode ser explicado ao correlacionar essa variável à variável *posição linear* como fizemos na análise geral. Essa correlação mostra que núcleos comportam-se de maneira diferente conforme a posição ocupada no SN.

A variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais* também apresenta o mesmo efeito restritivo quando se olha de forma geral os itens: quando os elementos apresentam um maior material fônico na oposição singular e plural há um

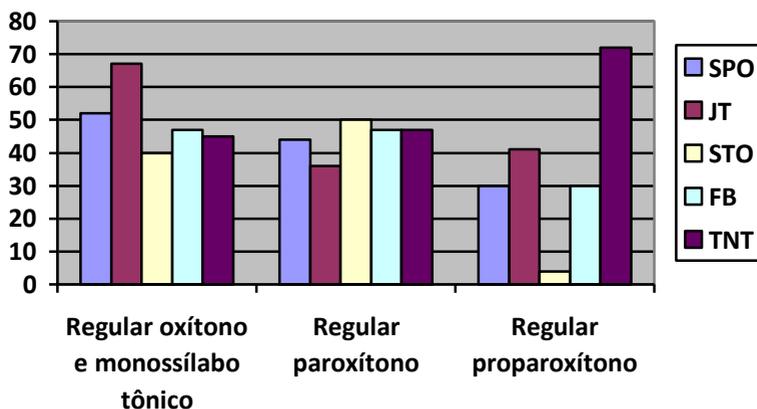
favorecimento no uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural” e quando apresentam um menor material fônico há um desfavorecimento no uso dessa variante, assim como foi encontrado em dados de fala de outras regiões do Brasil que levaram essa variável em consideração. As localidades investigadas diferenciam-se quanto à hierarquia dos fatores atuantes tanto para os itens considerados mais salientes quanto para os menos salientes, conforme verificamos com mais detalhes nos gráficos 3 e 4, a seguir.

**Gráfico 3-** Efeito da variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais* (formas irregulares) em SPO, JT, STO, FB e TNT



No Gráfico 3, observamos JT se diferenciando bastante das demais localidades quanto ao efeito do fator *itens terminados em -r*. Constatamos também TNT se diferenciando das demais cidades quanto ao fato *plural duplo*. SPO, STO e FB, por sua vez, comportam-se de maneira semelhante.

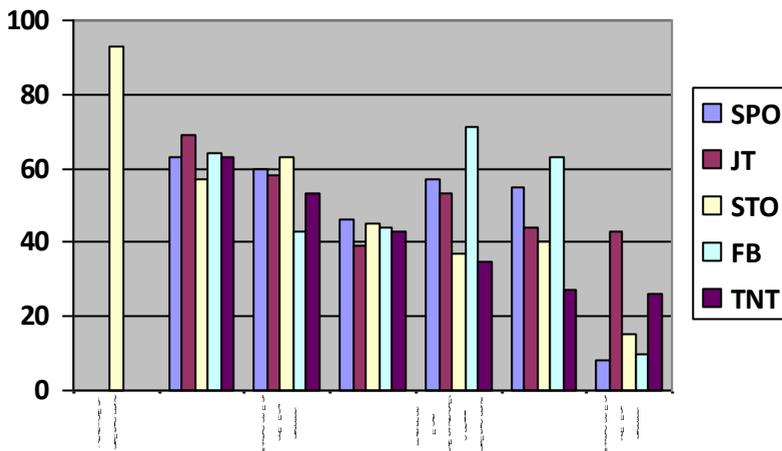
**Gráfico 4-** Efeito da variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais* (formas regulares) em SPO, JT, STO, FB e TNT



No Gráfico 4, verificamos TNT diferenciando-se das demais cidades quanto ao efeito do fator *regular proparoxítone*, pois enquanto para a maioria é um fator que desfavorece o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, para a referida cidade é um fator que mais favorece.

A variável *marcas precedentes* é sempre selecionada nas localidades investigadas, mas atua de maneira diferente em cada uma delas. Para umas, atestamos a hipótese levantada por Scherre (1988), de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” quando se controla SNs com três ou mais elementos. Observamos isso apenas no município de JT. Para as outras localidades, atestamos em parte essa hipótese, uma vez que para umas o fator “presença de marca a partir da primeira posição” é favorecedor da aplicação da regra (JT), mas para a maioria não (STO, TNT, SPO, FB). No Gráfico 5 podemos visualizar melhor a comparação dos resultados entre as localidades investigadas.

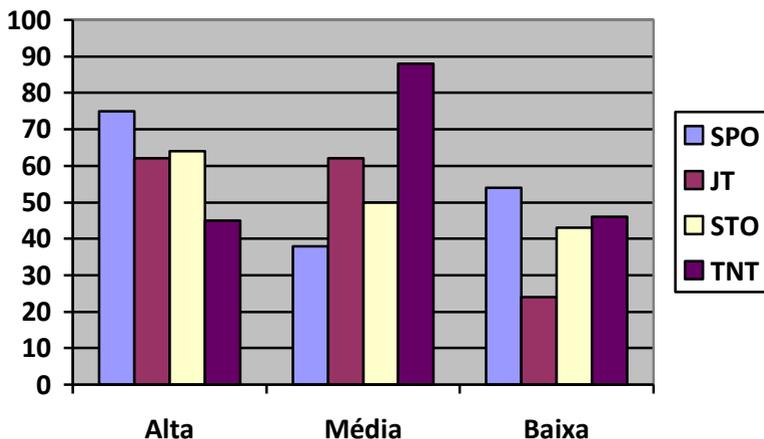
**Gráfico 5-** Efeito da variável *marcas precedentes* em SPO, JT, STO, FB e TNT



No que se refere às variáveis extralinguísticas, a maioria das localidades apresenta em comum na regra de funcionamento da *concordância nominal de número* a seleção das variáveis *ocupação* (JT, STO, TNT e SPO), *mobilidade* (JT, STO, TNT e SPO), *idade* (JT, STO e TNT) e *sexo/gênero* (TNT, JT e FB).

Quanto à *ocupação* a maioria dos municípios em que essa variável foi selecionada mostra que ela condiciona da seguinte maneira a variação na *concordância nominal de número*: a ocupação cuja cotação é *alta* e/ou *média* favorece o uso da variante de prestígio, “presença de marcas formais/informais de plural” e a ocupação cuja cotação é *baixa* a desfavorece. Lembramos que em FB foi necessário retirar da rodada a variável *ocupação* por parecer sobrepor-se à variável *idade*. No Gráfico 6 visualizamos melhor o resultado comparativo dessa variável entre SPO, JT, STO e TNT.

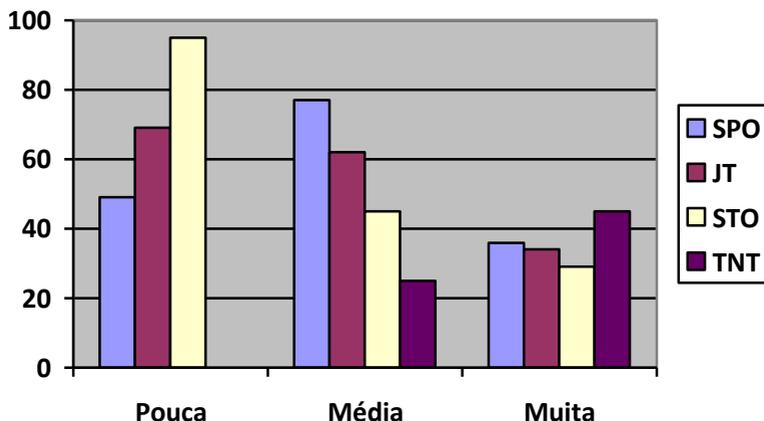
**Gráfico 6-** Efeito da variável *ocupação* em SPO, JT, STO e TNT



No Gráfico 6 ainda podemos observar que TNT diferencia-se das demais por apresentar o fator cotação *alta* como desfavorecedor da aplicação da regra, o que não era esperado. SPO também se diferencia das outras cidades por apresentar o fator cotação *baixa* como favorecedor da aplicação da regra, o que também não era esperado. JT e STO, por sua vez, comportam-se de maneira semelhante.

Quanto à *mobilidade*, encontramos, geralmente, nas localidades em que essa variável foi selecionada informantes considerados de *pouca mobilidade* favorecendo o uso da variante utilizada na localidade, enquanto os de *muita mobilidade* a desfavorecendo, comportamento semelhante ao das pesquisas que levam em consideração o controle de *redes sociais*. Ressaltamos que em FB foi necessário retirar a variável *mobilidade* por parecer sobrepor-se à variável *escolaridade*. O Gráfico 7, a seguir, ilustra com mais clareza essa tendência.

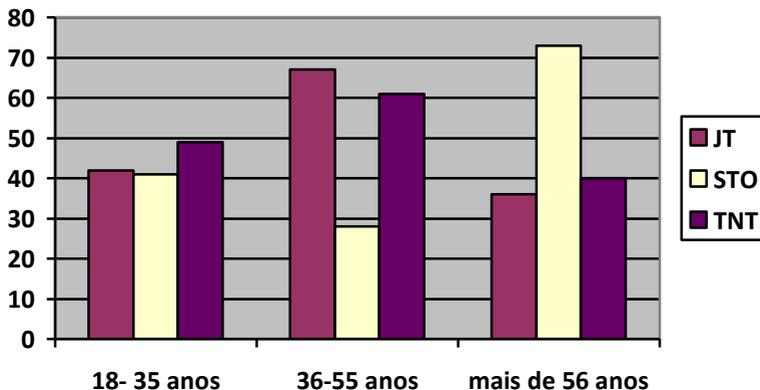
**Gráfico 7-** Efeito da variável *mobilidade* em SPO, JT, STO e TNT



No Gráfico 7, observamos os municípios de JT e STO comportando-se de maneira semelhante. SPO e TNT, no entanto, apresentam características diferentes em relação às demais. Lembramos que cada município caracteriza-se pelo uso de uma ou outra variante da nossa regra variável e também quanto aos fatores da variável *mobilidade*, já que para uns, por exemplo, *muita mobilidade* significa ter morado em comunidades ribeirinhas e para outros ter tido acesso a cidades mais desenvolvidas como Manaus e Tabatinga.

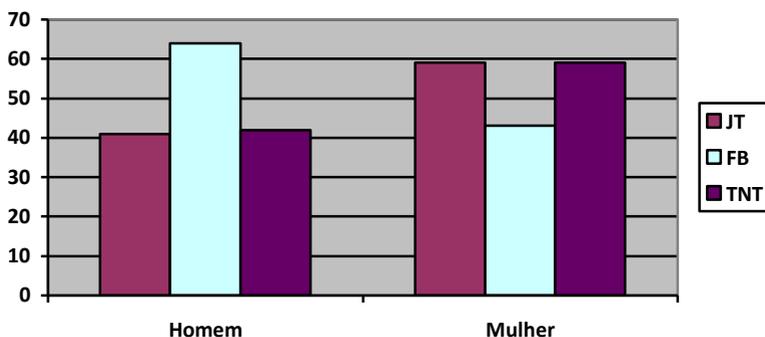
Quanto à *idade*, encontramos, nas localidades em que foi selecionada, um padrão curvilíneo indicando variação estável, uma vez que informantes de 18 a 35 anos e 36 a 55 anos utilizam com a mesma frequência a mesma variante (favorecendo ou desfavorecendo a aplicação da regra), enquanto os informantes de 36 a 55 anos são os que mais favorecem a aplicação da regra ou mais a desfavorecem. Lembramos que em SPO e FB essa variável não se mostrou relevante. O Gráfico 8 ilustra melhor esses resultados.

**Gráfico 8-** Efeito da variável *idade* em JT, STO e TNT



Verificamos no Gráfico 8 que JT e TNT apresentam padrões de comportamento semelhantes em relação à variável *idade*, tendo em vista que para essas cidades são os informantes da segunda faixa etária (36 a 55 anos) os que mais favorecem a aplicação da regra, enquanto para STO são os que menos favorecem. Esses resultados podem ser explicados pelo efeito de outras variáveis sociais (*ocupação, sexo/gênero* etc.).

Quanto à variável *sexo/gênero*, para os municípios de JT e TNT encontramos as mulheres favorecendo o uso da regra, resultado convergente para a maioria dos estudos aqui discutidos sobre a *concordância nominal de número*. Em FB, porém, encontramos os homens favorecendo o uso da variante de prestígio, semelhante aos resultados de R. Carvalho (1997), Baxter (2009) e Silva (2011). Em SPO e STO essa variável não foi selecionada. No Gráfico 9, a seguir, podemos visualizar melhor a comparação dos resultados entre JT, FB e TNT.

Gráfico 9- Efeito da variável *sexo/gênero* em JT, FB e TNT

A variável *localismo* se mostrou relevante somente para TNT<sup>54</sup> e a variável *escolaridade* somente para SPO e FB. Em nossa pesquisa, chama atenção que, para a maioria das cidades investigadas (STO, TNT e JT), a variável *escolaridade* não se mostrou relevante para o entendimento da regra de funcionamento da *concordância nominal de número*, diferenciando-se do resultado de outras pesquisas realizados no Brasil que, geralmente, dentre as variáveis extralinguísticas, é selecionada em primeiro lugar. Em nossa pesquisa, as variáveis que se mostraram mais relevantes estão relacionadas a análises mais micro, como a *ocupação* e a *mobilidade*, que pouco são investigadas ainda num estudo sociolinguístico.

Enfim, observamos que as cinco localidades compartilham coerentemente condicionamentos no uso da *concordância nominal de número*. No que diz respeito às variáveis independentes linguísticas, o que acaba diferenciando uma de outra é a hierarquia de fatores atuantes. Mas, lembramos, que para a variável *posição em relação ao núcleo/núcleo* a hierarquia é relativamente a mesma para todas as cidades. No que se refere às variáveis extralinguísticas, também há mais efeitos restritivos semelhantes do que diferentes nessas cidades, diferenciando-se uma de outra também quanto à hierarquia de fatores para algumas variáveis. Por exemplo, a maioria das cidades (SPO, STO, TNT e JT) assemelha-se pela seleção das variáveis *ocupação* e *mobilidade*, mostrando, assim, a importância de se olhar num trabalho sociolinguístico para características mais específicas dos indivíduos; FB

<sup>54</sup> Em JT e FB houve *knock-out*.

diferencia-se das demais em que essa variável foi selecionada por mostrar os homens como favorecedores da regra; SPO e FB por selecionarem a *escolaridade* como um fator atuante; JT e TNT, por sua vez, assemelham-se bastante em relação às demais cidades por apresentarem um maior compartilhamento de efeitos restritivos (*ocupação, mobilidade, idade, sexo/gênero*), assim como pela não seleção estatística da mesma variável (*escolaridade*). Por trabalharmos com apenas um fenômeno variável não podemos afirmar que se tratam de “comunidades de fala” distintas, mas parecem fazer parte de uma “comunidade de fala” maior que podemos chamar de PB, já que os informantes das cinco localidades investigadas nesta pesquisa apresentam, de certa forma, regras de funcionamento da *concordância nominal de número* semelhantes aos de outros trabalhos discutidos no Capítulo 1, principalmente quanto aos condicionamentos linguísticos.

Enfim, a partir das observações dos efeitos restritivos e dos pesos relativos para cada restrição da regra de *concordância nominal de número* nas localidades investigadas, conseguimos, em certa medida, perceber padrões significativos que determinam os graus de semelhanças e diferenças linguísticas entre elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto nesta pesquisa, investigamos, de maneira geral, a fala dos moradores da microrregião do alto Solimões no que diz respeito à variação na *concordância nominal de número*. Para isso tivemos que nos deslocar a cada cidade selecionada (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutaí e Fonte Boa) a fim de realizar entrevistas com os moradores dessas localidades. A partir de uma observação sistemática, pudemos conhecer qual variante (“presença de marcas formais/informais de plural” ou “ausência de marcas formais/informais de plural”) do nosso objeto de estudo é mais usada na microrregião estudada.

Especificamente, pudemos entender quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos regem essa variação, pois ela não acontece de maneira aleatória como observado em outros dados de fala do PB e atestado na nossa pesquisa; ainda, discutimos se a variação na *concordância nominal de número* está em um possível processo de mudança em tempo aparente, através da correlação da *faixa etária* com outras variáveis independentes sociais, ou se é uma variação estável; e, por fim, constatamos a importância de se olhar numa pesquisa sociolinguística para os problemas da restrição, do encaixamento e da transição, propostos por WLH (2006 [1968]).

Nossos resultados ficaram subdivididos em duas partes: uma que trata de uma análise geral da *concordância nominal de número* na microrregião do alto Solimões e outra que trata de uma análise para cada localidade investigada.

Quanto aos resultados gerais, os informantes da microrregião do alto Solimões utilizam com mais frequência a variante “presença de marcas formais/informais de plural” (58%). Ressaltamos, no entanto, que essa frequência é bem baixa em relação às outras regiões urbanas do Brasil em que esse fenômeno foi estudado. Assemelha-se aos resultados de Baxter (2009) e Santos (2010).

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, observamos que todas as variáveis controladas nesta pesquisa atuam de maneira significativa na fala dos moradores entrevistados na microrregião do alto Solimões, atestando, assim, nossa hipótese: *posição em relação ao núcleo/núcleo, posição linear, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, marcas precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente e características dos itens lexicais*.

O resultado da variável *posição em relação ao núcleo/núcleo* evidencia que *elementos nucleares antepostos ao núcleo* favorecem a

aplicação da regra, enquanto *núcleos* e *elementos não nucleares pospostos* a desfavorecem. Ao correlacionarmos com a variável *posição linear*, percebemos que os núcleos, por exemplo, comportam-se de maneira diferente quanto à posição que ocupam no SN: os de primeira favorecem mais a aplicação da regra do que as demais posições.

No que se refere à variável *processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais*, os resultados mostraram que itens com formação de plural irregular favorecem a aplicação da regra, enquanto itens com formação regular a desfavorecem.

Quanto à variável *marcas precedentes*, foi evidenciado que em SNs de três ou mais elementos a “presença de marca formal/informal de plural” anterior ao elemento em análise leva à presença de marca, enquanto a “ausência de marca formal/informal de plural” anterior ao elemento em análise leva à ausência de marca. Mas observamos que o favorecimento da aplicação da regra para o fator *presença de marca formal a partir da primeira posição* é muito próximo ao ponto neutro. E para o fator *mistura de marca com marca precedente* os resultados também ficaram próximos ao ponto neutro.

Quanto à variável *contexto fonético-fonológico subsequente*, observamos a *vogal* favorecendo a aplicação da regra, enquanto a *pausa* e a *consoante* a desfavorecendo.

Quanto às *características dos itens lexicais*, observamos que substantivos e adjetivos com morfemas indicando diminutivo desfavorecem a aplicação da regra. No entanto, os substantivos e adjetivos com morfemas indicando aumentativo a favorecem.

Como observamos, a microrregião investigada apresenta efeitos linguísticos restritivos semelhantes aos de outras pesquisas realizadas sobre esse fenômeno no PB que discutimos nesta pesquisa, mostrando, assim, que a variação é inerente ao sistema linguístico.

Quanto aos fatores extralinguísticos, também todas as variáveis controladas se mostraram estatisticamente relevantes ao fenômeno em estudo: *escolaridade*, *sexo/gênero*, *idade*, *ocupação*, *diatopia*, *mobilidade* e *localismo*, o que atesta nossa hipótese, de que fatores sociais e geográficos influenciam no uso de uma ou outra variante da *concordância nominal de número*.

Em relação à *escolaridade*, observamos que são os informantes com maior nível de escolaridade que favorecem o uso da variante “presença de marca formais/informais de plural”, enquanto os menos escolarizados a desfavorecem. Assim, confirma-se o que vários estudos sociolinguísticos têm mostrado em relação não só à variação na

*concordância nominal de número*, mas em relação a outros níveis de análise linguística, que quanto mais tempo os falantes são expostos às regras da gramática normativa, mais tendem a usar as formas consideradas de maior “prestígio” na língua.

Em relação ao *sexo/gênero*, nos nossos dados são as mulheres que favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto os homens a desfavorecem, embora de maneira não tão significativa, assim como foi encontrado na maioria dos trabalhos que controlaram essa variável. Assim, atestamos também a tendência, pelo menos, na organização social ocidental de as mulheres serem mais sensíveis às normas de prestígio pelo papel conservador que ocupam na sociedade (PAIVA, 2008).

Em relação à *idade*, o que percebemos é que são os jovens (18 a 35 anos) os mais favorecedores da variante “presença de marcas formais/informais de plural” (0,55), enquanto os mais velhos (mais de 56) a desfavorecem (0,45). Assim, constatamos uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com a “presença de marcas formais/informais de plural”. Como chama a atenção Labov (2003), uma forma mais clara de se observar a mudança em tempo aparente é fazendo uma correlação com outras variáveis sociais. Ao correlacionar, por exemplo, essa variável ao *sexo/gênero*, nos nossos resultados, porém, não conseguimos constatar esse indício de mudança. Ao correlacionarmos à *ocupação*, encontramos para a variável *idade* dois processos: um padrão curvilíneo indicando variação estável para informantes cuja ocupação não exige o uso de formas de prestígio e um padrão linear indicando uma possível mudança em progresso em direção a um sistema com “presença de marcas formais/informais de plural” para informantes cuja ocupação exige o uso de formas de prestígio.

No que se refere à *ocupação*, observamos que os informantes cuja *ocupação* no mercado de trabalho “exige” formas linguísticas prestigiadas socialmente são os favorecedores da aplicação da regra, enquanto os informantes que estão envolvidos em ocupações que não “exijam” o uso da variante prestigiada socialmente desfavorecem a aplicação da regra.

Quanto à *diatopia*, observamos que a cidade de SPO, JT e STO favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, enquanto FB e TNT a desfavorecem.

No que se refere à *mobilidade*, verificamos que os informantes com *pouco* grau de deslocamento são os que favorecem o uso da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, adotando, portanto, a variante linguística da *concordância nominal de número*

mais utilizada nessa região (“presença de marcas formais/informais de plural: 58%), em relação aos de *média* e *muita* mobilidade que a desfavorecem, os quais pelo alto grau de deslocamento, provavelmente, adotam valores linguísticos externos.

Quanto ao *localismo*, verificamos que os informantes com um maior sentimento de pertencimento à cidade em que residem favorecem relativamente o uso da variante linguística do local de origem, “presença de marcas formais/informais de plural”. No entanto, observamos também que os informantes considerados *pouco integrados* à cidade em que residem favorecem também o uso da variante de seu local de origem, enquanto os considerados *mais ou menos integrados* a desfavorecem (0,39). Podemos pensar que alguns dos informantes, considerados *pouco integrados* apresentam maior mobilidade e assim valorizam variantes externas que no caso também é a variante de maior prestígio social, como observamos na correlação entre *localismo* e *mobilidade*.

Os resultados de todas as variáveis analisadas nos permite dizer que a região aqui investigada não se diferencia muito das outras cidades do Brasil em que a *concordância nominal de número* foi investigada, pois, essencialmente, na nossa amostra – mesmo que tenha mostrado valores percentuais e de peso relativo baixos de concordância – os informantes compartilham os mesmos efeitos restritivos nesse processo de variação. Ressaltamos, ainda, a importância de olhar para variáveis sociais mais micro, como *mobilidade* e *localismo*, já nos mostraram resultantes interessantes na regra de funcionamento do objeto em estudo.

Além de observarmos a microrregião do alto Solimões de maneira geral nesta pesquisa, pudemos também analisar cada localidade pertencente a essa microrregião. E evidenciamos a partir da observação dos efeitos restritivos e pesos relativos dos fatores em cada cidade (SPO, JT, STO, FB e TNT) que os resultados apresentam mais semelhanças do que diferenças, principalmente quanto às variáveis independentes linguísticas. No que diz respeito a essas variáveis, todas as cidades apresentaram praticamente o mesmo efeito restritivo sobre o uso da *concordância nominal de número (posição em relação ao núcleo/núcleo, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais e marcas precedentes)*, diferenciando-se apenas quanto à hierarquia dos fatores atuantes para algumas variáveis. Em relação às variáveis independentes extralinguísticas, por exemplo, a maioria das localidades selecionou como estatisticamente relevante as variáveis *ocupação* e *mobilidade* (SPO, STO, TNT e JT), mostrando,

assim, a importância de se olhar para esse tipo de variável numa pesquisa sociolinguística; JT e TNT dentre as cidades investigadas são as que compartilham mais efeitos restritivos (*mobilidade, ocupação, idade e sexo/gênero*); FB e SPO são as únicas cidades que selecionam *escolaridade*, o que chama nossa atenção já que tem sido uma variável importante para entendermos a regra de funcionamento do fenômeno em estudo em outras localidades no Brasil. O que observamos para essa microrregião é que variáveis que levam em consideração características mais específicas dos indivíduos (*ocupação e mobilidade*) são as que mais explicam o objeto em investigação do que variáveis que levam em consideração o *tipo social (idade, sexo/gênero e escolaridade)* do informante, já que elas não são selecionadas em todas as localidades.

Esperamos, enfim, com a investigação da *concordância nominal de número* à luz da Teoria da Variação e Mudança na microrregião do alto Solimões ter contribuído, em certa medida, para o conhecimento das áreas dialetais brasileiras através do registro sistematizado do falar amazonense e, especificamente, para entendermos em que contextos linguísticos e extralinguísticos restritivos os informantes preferem usar uma ou outra variante da *concordância nominal de número*.

## BIBLIOGRAFIA

BATTISTI, Elisa; FILHO, Adalberto Ayjara Dornelles; LUCAS, João Ignácio Pires; BOVO, Nínive Magdiel Peter. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem- ReVel*. vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

BAXTER, Alan. A concordância de número. In: LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Revista Veredas*. Atemática, 164-178, 1/2011.

BRITO, Roseanny de Melo. *Atlas dos falares do baixo Amazonas- AFBAM*. Manaus: UFAM, dissertação de mestrado, 2010.

CÂMARA Jr , Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 43 ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].

CAMPOS, Maria Sandra. *O alicamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do Português falado em Borba no Amazonas*. Niterói: UFF, Tese de doutorado em Linguística, 2009.

CAMPOS, Odette G. L. de Souza; RODRIGUES, Ângela C. S. Flexão Nominal: indicação de pluralidade no sintagma nominal. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do português falado*. Volume II: níveis de análise linguística. 4ª ed. Campinas (SP): editora da UNICAMP, 2002, p. 101-102.

CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994

CARVALHO, Hebe. *Concordância nominal: uma análise variacionista*. João Pessoa: UFPB, maio de 1997.

CARVALHO, Raimunda Coelho de. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. Campinas: UNICAMP, mestrado em Linguística, 1997.

CASTRO, Flávio Marcelo Bueno de; PEREIRA, Vinícius Carvalho. A concordância nominal na norma culta em Cuiabá. *Revistas LetrasMil*. v. 1, n. 3, p. 40-48, julho, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 2008.

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 13 abr 2012.

CORRÊA, Hydelvídea Cavalcante de Oliveira. *O falar do caboclo amazonense*. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

CRUZ, M. L. de C.. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. 2 sem. 2004.

DIAS, Daniele de Oliveira. *Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/ em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas*: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2007.

FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na região sul*. Florianópolis: UFSC, dissertação de mestrado, 1996.

FERRARINI, Sebastião Antônio. *Encontro de Civilizações: o alto Solimões e as origens de Tabatinga*. Manaus: Valer, 2013.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil: metodologia do trabalho dialetal, inquérito linguístico e atlas dialetológicos, regionalismos léxicos*. São Paulo: Contexto, 1994.

GUY, Gregory. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. *Organon*. Vol 28/29. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Linguistic variation Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. University of Pennsylvania. Tese de doutoramento, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

Disponível em: <[www.ibge.gov.br/estadosat](http://www.ibge.gov.br/estadosat)>. Acesso em: 10 de abr 2012.

\_\_\_\_\_. Disponível em:

<[http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira\\_IBGE.pdf](http://www.ipeadata.gov.br/doc/DivisaoTerritorialBrasileira_IBGE.pdf)>. Acesso em: 13 abr 2012.

\_\_\_\_\_. Disponível em:

<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=13&dados=0>>. Acesso em: 13 abr 2012.

LISBOA, Humberto. *Fonte Boa chão de heróis e fanáticos*. Fonte Boa: Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, 1998.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. *Principios del cambio lingüístico*. Volumen 1: factores internos. Version Española de Pedro Martín Butragueño. España: Gráficas Condor, S. A, 1994.

LIMA, Maria Helena Palmer (org.). *Divisão territorial brasileira*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de geociências. Departamento de Geografia. Departamento de estruturas territoriais, 2002.

LOPES, Norma. *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Salvador: UFBA, 2001.

MAIA, Edson Galvão. *Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.

\_\_\_\_\_. *Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas*. Manaus: UFAM, trabalho monográfico do curso de especialização em Linguística, 2009.

\_\_\_\_\_. *Realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*. Vol. 1. Manaus: UFAM, mestrado em Letras, 2012.

MARTINS, Flávia Santos. *A pronúncia do –S pós-vocálico nos municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parintins e Tefé*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2007.

\_\_\_\_\_. *A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé*. Manaus: UFAM, Relatório de Pesquisa de iniciação científica (PIBIC), 2006.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem da concordância nominal de número na fala dos habitantes do município amazonense de Benjamin Constant. *Revistas Working papers em Linguística*, n. esp., p. 45-56, Florianópolis, 2010.

MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/ senhor no município de Tefé*- Estado do Amazonas. Brasília: UNB, mestrado em Linguística, 2010.

MICRORREGIÕES DO AMAZONAS. Disponível em: [www.citybrazil.com.br/microrregião](http://www.citybrazil.com.br/microrregião). Acesso em: 10 abr 12.

MIGUEIS, Roberto. *Geografia do Amazonas*. Manaus: Valer, 2011.

MILROY, Lesley. Social Networks. In: Chambers, J. R.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. Oxford: Blackwell, 2004 [2002].

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. Florianópolis: UFSC, doutorado em Linguística, 2009.

MOTA, Jacyra Andrade & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Comunicação apresentada, em primeira versão, no IV Congresso Internacional da ABRALIN (Brasília, 17 a 19 de fevereiro de 2005), integrante da mesa-redonda *Os estudos dialetais brasileiros: percursos historiográficos*.

NARO, Anthony J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (org). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

---

\_\_\_\_\_. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NASCIMENTO, Alberto Francisco. *Tonantins: sua história e sua gente*. Manaus: Silva Ltda, 2006.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PORTELA, Suzana Maria da Costa. *História e Vida de Santo Antônio do Içá*. Manaus: Belvedere Ltda, 2004.

PRETI, Dino. (org.). *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH, 1993.

QUARA, Hariele Regina Guimarães. *As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)*. Manaus: UFAM, mestrado em Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Comportamento fonético-fonológico do –S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas*. Manaus: UFAM, Relatório de pesquisa e iniciação científica (PIBIC), 2007.

SANTOS, Lília Soares Miranda. *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo-MG: uma abordagem variacionista*. Belo Horizonte: UFMG. Dissertação de mestrado, 2010.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988. Em dois volumes, com 555p. mimeo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo Linguístico. *Revista de estudos da linguagem*. v 7, n 2, p. 29-59, jul/dez, 1998a.

\_\_\_\_\_. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP): Norma e variação do português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, dez, 1994.

\_\_\_\_\_. Concordância nominal e funcionalismo. *Revista Alfa*. n 41, 181-206, 1997.

\_\_\_\_\_. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998b.

\_\_\_\_\_. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998c.

\_\_\_\_\_. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFINO, Giovanni (org). *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística* (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Centro di Studi Filologic e Linguistic Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5: 509-523, 1998.

SILVA, Janaína Biancardi da. *A concordância nominal na fala capixaba*. I congresso nacional de estudos linguísticos, Vitória- ES, 18 a 21 de outubro de 2011.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira. *Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves*. Manaus: UFAM, Dissertação de mestrado, 2010.

- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). IN: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995, Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.
- TORRES, Francinery Gonçalves Lima. A realização das variantes palatais /ʎ/ e /j/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do médio Solimões). Manaus: UFAM, mestrado em Sociedade e Cultura, 2010.
- VEIS RIBEIRO, Vanessa; Ribeiro; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. O fator faixa etária e a concordância nominal na linguagem falada na cidade de Irati, PR. *Revista Analecta*, v.10, n.1, p.69-83, 2009.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: parábola editorial, 2006 [1968].

**ANEXOS**

## **Roteiro para Entrevista- Alto Solimões**

- **Conversa prévia (ficha social):** nome, idade, escolaridade, quanto tempo mora na cidade, etc.

- **Perguntas:**

- 1) Gosta da cidade em que mora? Por quê? É um bom lugar para se criar os filhos?
- 2) Caso trocasse esta cidade por uma outra, qual seria?
- 3) Conhece alguma coisa sobre a história da cidade? Relate. Conhece alguma lenda da cidade?
- 4) O que mais gosta na cidade?
- 5) Qual o padroeiro da cidade?
- 6) Que eventos são promovidos na cidade? Qual mais gosta?
- 7) Conte algum fato interessante que aconteceu na cidade.
- 8) Lembra da casa onde morava na infância? Tinha irmãos? Que tipo de brincadeira era costume naquela época?
- 9) Já passou por algum perigo de morte? Ou alguém da família? Alguma doença?
- 10) Aconteceram muitas mudanças na sua cidade?
- 11) Relate um fato interessante/ intrigante acontecido ocorrido na escola.
- 12) Conhece muitos casos de namoro/ ficção entre seus/ teus colegas? Relate alguns interessantes. E você/ tu já namorou/ ficou com algum colega?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UFAM



## PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº 0214.0.115.000-10, intitulado: **“VARIÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA FALA DOS HABITANTES DO ALTO SOLIMÕES”**, tendo como pesquisadora responsável: Flávia Santos Martins.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus (EEM) da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 11 de agosto 2010.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Plínio José Cavalcante Monteiro'.

Prof.MSc. Plínio José Cavalcante Monteiro  
Coordenador CEP/UFAM



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaria de convidá-lo(a) para participar do Projeto de Pesquisa intitulado **“Variação na Concordância Nominal de Número na Fala dos Habitantes do Alto Solimões”**, que será realizado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), investigando o modo de falar dos habitantes do Alto Solimões. Esta pesquisa será realizada nos municípios de Atalaia do Norte, Amaturá, Benjamin Constant, Fonte Boa, Jutai, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Tonantins. Eu, **Flávia Santos Martins**, sou a responsável pelo projeto e sou orientada por duas professoras: a prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Izete Lehmkuhl Coelho, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luíza de Carvalho Cruz Cardoso, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido(a) porque reside no município selecionado para a pesquisa e porque se encaixa nos critérios do projeto.

Se você autorizar esta entrevista, a gravação será utilizada para análise de sua fala e contribuirá muito para meu trabalho.

Se depois de autorizar a entrevista, você não quiser que sua gravação seja usada, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da gravação, independente do motivo e sem prejuízo do atendimento que está recebendo. Você não terá nenhuma despesa e também não ganhará nada. A sua participação é importante para o melhor conhecimento do falar da região do Alto Solimões.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em segredo.

Caso necessite de mais informações sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato a qualquer momento, dirigindo-se ao Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas, localizado à Avenida Gen. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Coroado I (Campus Universitário), ou pelos telefones (92) [3647-4389](tel:3647-4389), [3647-4377](tel:3647-4377).

Consentimento Pós-Infomação:

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, fui informado (a) sobre os objetivos do pesquisador e sobre a

importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar  
Caso não saiba assinar

\_\_\_\_\_/ \_\_\_\_ - \_\_\_\_ - \_\_\_\_  
Pesquisador Data

\_\_\_\_\_/ \_\_\_\_ - \_\_\_\_ - \_\_\_\_  
Orientadora

## NORMAS PARA A TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível da renda... ( ) nível de renda nacional.
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro...
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático.	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[Ligando as Linhas	A. na [ casa de sua irmã ] B. [ sexta- feira? A. fizeram [ lá B.

		cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barREira entre nós”...

## Obs.:

- 1) Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc);
- 2) Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está: tá? Você está brava?);
- 3) Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados;
- 4) Números: por extenso;
- 5) Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa);
- 6) Não se anota o cadenciamento da frase;
- 7) Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::.... (alongamento e pausa);
- 8) Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa, conforme referido na introdução.

### Localismo e mobilidade em SPO

Informante	Profissão	Localismo			Mobilidade		
		B	M	P	Muita	Média	Pouca
001 AF	Dona de casa	X			X		
001 BF	Dona de casa		X		X		
001 AM	Autônomo	X				X	
001 BM	Entregador	X				X	
002 AF	Dona de casa	X					X
002 BF	Autônoma	X					X
002 AM	Auxiliar administrativo	X					X
002 BM	Recepcionista		X				X
003 AF	Aposentada	X			X		
003 BF	Professora aposentada	X			X		
003 AM	Autônomo		X		X		
003 BM	Aposentado	X					X

### Localismo e mobilidade em STO

Informante	Profissão	Localismo			Mobilidade		
		B	M	P	Muita	Média	Pouca
001 AF	Autônoma	X			X		
001 BF	Autônoma		X				X
001 AM	Carregador	X				X	
001 BM	Pedreiro	X			X		
002 AF	Aposentada	X			X		
002 BF	Dona de casa	X					X
002 AM	Agricultor	X				X	
002 BM	Gestor de uma escola municipal	X					X
003 AF	Aposentada	X					X
003 BF	Professora aposentada	X			X		
003 AM	Agricultor		X		X		
003 BM	Funcionário público			X		X	

## Localismo e mobilidade em TNT

Informante	Profissão	Localismo			Mobilidade		
		B	M	P	Muita	Média	Pouca
001 AF	Dona de casa			X		X	
001 BF	Dona de casa	X			X		
001 AM	Pescador	X			X		
001 BM	Auxiliar de serviços gerais			X	X		
002 AF	Auxiliar de serviços gerais	X			X		
002 BF	Comerciante	X			X		
002 AM	Agricultor	X			X		
002 BM	Professor		X		X		
003 AF	Auxiliar de serviços gerais		X		X		
003 BF	Professora aposentada		X		—	—	—
003 AM	Agricultor	X			X		
003 BM	Agricultor	X			X		

## Localismo e mobilidade em JT

Informante	Profissão	Localismo			Mobilidade		
		B	M	P	Muita	Média	Pouca
001 AF	Estudante	X			X		
001 BF	Assistente de contabilidade	X					X
001 AM	Carregador	X					X
001 BM	Estudante	X				X	
002 AF	Auxiliar de serviços gerais	X			X		
002 BF	Comerciante	X			X		
002 AM	Atendente (drogaria)	X			X		
002 BM	Recepcionista/Dono (hotel)	X			X		
003 AF	Aposentada	X			-----	-----	----
003 BF	-----	---	---	---	-----	-----	----
		---	---	---			
		-		-			
003 AM	Aposentado (seringa)	X			-----	-----	----
003 BM	Vereador	X			X		

### Localismo e mobilidade em FB

Informante	Profissão	Localismo			Mobilidade		
		B	M	P	Muita	Média	Pouca
001 AF	Dona de casa	X			-----	-----	----
001 BF	Manicure/ pedicure	X					X
001 AM	Moto-táxi	X			X		
001 BM	Funcionário público (FUNASA)	X			X		
002 AF	Cozinheira (colégio)	X			X		
002 BF	Agente de saúde	X			X		
002 AM	Comerciante	X			X		
002 BM	-----	--	---	-	-----	-----	----
003 AF	Aposentada	X			X		
003 BF	Professora aposentada	X			X		
003 AM	Fazendeiro	X					X
003 BM	-----	--	---	-	-----	-----	----